

REVISTA DO GEL



Grupo de Estudos Linguísticos
do Estado de São Paulo

Grupo de Estudos Linguísticos
do Estado de São Paulo

REVISTA DO GEL

ISSN 1984-591X

Revista do GEL	São Paulo	v. 19	n. 3	301 p.	Dezembro 2022
----------------	-----------	-------	------	--------	---------------

DIRETORIA DO GEL / 2021-2023 (USP)

Presidente: Prof. Dr. Marcelo Módolo

Vice-Presidente: Prof. Dr. Alexander Yao Cobbinah

Secretária: Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira

Tesoureira: Profa. Dra. Marcella Cherchiglia Aquino

REVISTA DO GEL

revistadogel@gel.org.br | <https://revistas.gel.org.br/rg>

COMISSÃO EDITORIAL EXECUTIVA

Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto, Prof. Dr. Eduardo Penhavel, Prof. Dr. Oto Araújo Vale,
Profa. Dra. Lúcia Regiane Lopes-Damasio e Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira

EDITOR RESPONSÁVEL

Prof. Dr. Marcelo Módolo

PROJETO GRÁFICO

Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann

REVISÃO, NORMATIZAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, EDIÇÃO E ARTE



CONSELHO EDITORIAL

Antônio Alcir Bernárdez Pécora (UNICAMP), Carlos Subirats Rüggeberg (Universitat de Barcelona), Danilo Marcondes Souza Filho (PUC/RJ), Evani Viotti (USP), Helena Nagamine Brandão (USP), Ieda Maria Alves (USP), Jacques Fontanille (Université de Limoges), José Borges Neto (UFPR), Kanavilil Rajagopalan (UNICAMP), Marco Antonio de Oliveira (PUC/MG), Maria Célia de Moraes Leonel (UNESP/FCLAr), Filomena Gonçalves (Universidade de Évora), Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP), Marta Luján (The University of Texas), Mirta Maria Groppi Asplanato de Varalla (USP), Otto Zwartjes (University of Amsterdam), Pierre Swiggers Katholieke (Universiteit Leuven), Raquel Santana dos Santos (USP), Renata Coelho Marchezan (UNESP/FCLAr) e Wilmar da Rocha D'Angelis (UNICAMP).

Catálogo na Publicação elaborada por

Gildenir Carolino Santos (CRB-8ª/5447)

Revista do GEL. – v.1, n.1 (2004-). – São Paulo, SP: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 2002-
1 recurso digital : il.

Periodicidade quadrimestral desde volume 13, 2016 (atual).

Periodicidade semestral até volume 12, 2015.

Periodicidade anual até 2006.

e-ISSN 1984-591X (online).

Publicada no formato impresso ed. especial n. 0, 2002.

Disponível online a partir do volume 1, 2004.

Título abreviado: Rev. GEL

Preservada digitalmente no LOCKSS.

Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

1. Linguística (Teoria e análise) – Periódicos. 2. Linguística aplicada – Periódicos. 3. Literatura – Periódicos. I. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo.

20-018

CDD: 410.05

CDU: 81 (05)

SUMÁRIO / CONTENTS

APRESENTAÇÃO	6
Marcelo Módolo	
MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVAS FUNCIONALISTAS	7
Cibele Naidhig de Souza, Edson Rosa Francisco de Souza e Michel Gustavo Fontes	
NOMINATA DE PARECERISTAS	20
A MICROCONSTRUÇÃO INTENSIFICADORA [COM FORÇA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL	28
<i>THE INTENSIFYING MICROCONSTRUCTION [COM FORÇA] IN PORTUGUESE: AN ANALYSIS BASED ON A CONSTRUCTIONAL PERSPECTIVE</i>	
Letícia de Almeida Barbosa e Edson Rosa Francisco de Souza	
ESQUEMATICIDADE E PRODUTIVIDADE NA RECONFIGURAÇÃO DA REDE DE CONECTORES CONDICIONAIS	58
<i>SCHEMATICITY AND PRODUCTIVITY IN THE RECONFIGURATION OF THE CONDITIONAL CONNECTOR NETWORK</i>	
Táisa Peres de Oliveira e de Camila Gabriele da Cruz Clemente	
EMERGÊNCIA DO CONECTOR <i>FORA QUE</i> NO PORTUGUÊS	85
<i>EMERGENCE OF THE CONNECTOR [FORA QUE] IN PORTUGUESE</i>	
Monclar Guimarães Lopes	
FUNCIONALISMO E MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL: A FORMAÇÃO DE MARCADORES DISCURSIVOS EM PORTUGUÊS	110
<i>FUNCTIONALISM AND LINGUISTIC CHANGE IN A CONSTRUCTIONAL PERSPECTIVE: THE FORMATION OF DISCOURSE MARKERS IN PORTUGUESE</i>	
Mariangela Rios de Oliveira	
EMERGÊNCIA E CONVENCIONALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO $V_{LEVE (DAR, FAZER)} + SN$	136
<i>EMERGENCE AND CONVENTIONALIZATION OF THE CONSTRUCTION $V_{LIGHT (GIVE, FAZER)} + NP$</i>	
Maria Angélica Furtado da Cunha	

DEU TUDO CERTO: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DAS MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA [DAR AA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	161
<i>'DEU TUDO CERTO': A DIACHRONIC ANALYSIS OF THE MICROCONSTRUCTIONS FROM THE SUBESQUEME [DAR AA] IN BRAZILIAN PORTUGUESE</i>	
Raissa Romeiro Cumán e Priscilla Mouta Marques	
GENTE COMO A GENTE: UMA ANÁLISE BASEADA NO USO DA FORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO [A GENTE]	176
<i>GENTE COMO A GENTE: A USAGE-BASED ANALYSIS OF THE FORMATION OF THE CONSTRUCTION [A GENTE]</i>	
Maria Maura Cezario e Bruna Soares	
DESCRIÇÃO DIACRÔNICA DA EXPRESSÃO PRONOMINAL DO ARGUMENTO-SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	203
<i>DIACHRONIC DESCRIPTION ON THE PRONOMINAL EXPRESSION OF SUBJECT IN BRAZILIAN PORTUGUESE</i>	
Alessandra Regina Guerra	
UMA INVESTIGAÇÃO DIACRÔNICA DE 'A PESAR DE' NO ESPANHOL PENINSULAR À LUZ DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL	231
<i>A DIACHRONIC INVESTIGATION OF "A PESAR DE" IN PENINSULAR SPANISH WITHIN FUNCTIONAL-DISOURSE GRAMMAR</i>	
Beatriz Goaveia Garcia Parra-Araujo, Sandra Denise Gasparini-Bastos e Letícia de Souza Fernandes	
OS VÁRIOS USOS DE MESMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX	249
<i>THE VARIOUS USAGES OF MESMO IN BRAZILIAN PORTUGUESE OF 18TH, 19TH AND 20TH CENTURIES.</i>	
Erotilde Goreti Pezatti e Ana Caroline Teixeira Peres	
ESTÁ/TÁ NA FALA POPULAR DE SALVADOR: REDUÇÃO FONÉTICA, VARIAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO	272
<i>ESTÁ/TÁ IN THE POPULAR SPEECH OF SALVADOR: PHONETIC REDUCTION, VARIATION AND GRAMMATICALIZATION</i>	
Viviane Marcelina da Silva e Cristina dos Santos Carvalho	
ÍNDICE DE ASSUNTOS	297
SUBJECT INDEX	300
ÍNDICE DE AUTORES	302

APRESENTAÇÃO

“Mudança linguística em perspectivas funcionalistas” é o quarto número temático da *Revista do GEL*, desde a sua criação, em 2002.

Como já salientou alhures o Professor Matheus Nogueira Schwartzmann, o primeiro número temático, publicado em dezembro de 2017, inaugurou um projeto de promoção e divulgação de conhecimento científico que buscou articular *expertises* de brasileiros e estrangeiros em torno de pesquisas das áreas de Linguística e Letras. Com a publicação deste quarto volume, o projeto vai consolidando-se e ganhando contornos mais definidos.

Este volume, organizado de início pelos editores convidados Cibele Naidhig de Souza (UFPR), Edson Rosa Francisco de Souza (Unesp), Evelien Keizer (Universidade de Viena) e Michel Gustavo Fontes (UFMS), cumpre uma importante tarefa, reunindo onze trabalhos que tratam a mudança linguística de uma perspectiva funcional, por meio de três grandes pontos de vista: (i) a abordagem construcional, (ii) a abordagem diacrônica assentada nos princípios teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional e (iii) a abordagem clássica da gramaticalização. Os trabalhos são parte das 59 submissões de artigos que tivemos em 2022, com 43 aprovações e envolvimento de 106 pareceristas.

Este conjunto de textos é contribuição inegável para os estudos sobre mudança linguística, o que deixa evidente a preeminência da pesquisa brasileira na área e o papel essencial das parcerias com centros de pesquisa estrangeiros para a sua consolidação.

Novamente agradeço à Letraria e a seus colaboradores, ao auxiliar editorial Milton Bortoleto, aos editores convidados deste volume temático “Mudança linguística em perspectivas funcionalistas”, a todos os autores e pareceristas, cujos ânimo e contínua resistência têm dado prosseguimento a este importante projeto científico.

Excelente leitura!

Marcelo Módolo,
Editor da Revista do GEL.

MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVAS FUNCIONALISTAS

Um ponto bastante consensual entre os estudiosos da linguagem é o de que qualquer sistema linguístico está sujeito à variação e à mudança. A dinamicidade e a maleabilidade das línguas, cuja constituição (semântico-pragmática e estrutural) pode se alterar e modificar continuamente com o passar do tempo, são características reveladoras de sua realidade heterogênea, alicerce para inúmeras investigações em Linguística que se afastam de posições homogeneizantes e estatizantes acerca dos fatos linguísticos.

Ao longo da história dos estudos linguísticos, a mudança tem recebido diferentes tratamentos. A linguística histórico-comparatista, desenvolvida praticamente ao longo da segunda metade do século XIX sob orientação naturalista, buscava reconstruir o passado das línguas indo-europeias e concebia, influenciada pelo pensamento evolucionista e determinista da época, a mudança linguística como um processo de degeneração, que leva à passagem de um estágio mais complexo e rico a um estágio mais marcadamente simplório e pobre, culminando no desgaste dos sistemas linguísticos. O apogeu da Linguística enquanto ciência, com Saussure, fortalece uma perspectiva mais relativista de língua e desvia a mudança linguística de uma concepção degenerativa; entretanto, o estruturalismo saussuriano, amparado na noção de plenitude formal das línguas, prioriza uma linguística sincrônica e, ao considerar que a configuração formal das línguas se mantém de modo organizado e sistemático independentemente das mudanças sofridas, relega à linguística diacrônica a plasticidade das línguas. É nos movimentos pós-estruturalistas que se renova o interesse pelos estudos linguísticos de orientação histórico-diacrônica, voltados, essencialmente, para a compreensão da mudança linguística e de seus processos condicionantes.

Nota-se, então, que esse macro-objeto linguístico não foge àquilo que o pai da linguística moderna assume como condição de definição de nossa área de pesquisa: “outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. [...] Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012, p. 39). É assim que a mudança pode ser abordada sob diferentes enfoques linguísticos, e cada qual fornecerá fatos e objetos linguísticos diversos para a descrição e a análise linguística.

Entre tais orientações, na atualidade, destacam-se duas mais centrais: a formalista, que, em linhas gerais, busca, sob influência do inatismo linguístico, descrever a mudança

enquanto processo de alteração e fixação de novos parâmetros internos à competência gramatical dos falantes; e a funcionalista, que, sob orientação sócio-interacional, concebe a mudança como sucessão de etapas em que se verifica uma gradual reconfiguração estrutural e semântico-pragmática dos sistemas gramaticais, a partir de condicionamentos atrelados ao uso linguístico.

Os artigos que compõem este volume temático da *Revista do GEL* desenvolvem-se alinhados a esse segundo abrigo teórico e, como tal, dedicam-se à compreensão dos processos multiníveis subjacentes ao desenvolvimento e à organização da estrutura gramatical de uma língua e à percepção dos limites e das fronteiras (muitas vezes difusos e pouco precisos) entre as categorias com que operam os usuários de uma língua na interação verbal.

O funcionalismo em Linguística, bem longe de ser um campo homogêneo de investigação, tem, na verdade, reunido um conjunto bastante diverso de correntes teóricas que, embora se diferenciem quanto ao modo como concebem a organização gramatical de uma língua, compartilham de uma série de princípios, sendo central a compreensão da instrumentalidade dos fatos gramaticais frente às demandas sócio-cognitivas e interativas inerentes ao uso da língua. E essa heterogeneidade teórico-epistemológica tão própria ao funcionalismo implica também abordagens diversificadas acerca da mudança linguística, como bem revelam os textos que compõem este volume, apresentados e disponibilizados para a leitura da comunidade acadêmica.

Os onze artigos aqui reunidos estão assentados em três grandes perspectivas em voga para o tratamento funcional da mudança linguística: (i) a abordagem construcional, com apoio em autores como Bybee (2016), Traugott e Trousdale (2021) e Hilpert (2021); (ii) a abordagem diacrônica assentada nos princípios teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008); e, por fim, (iii) a abordagem clássica da gramaticalização, fundamentada essencialmente em Hopper e Traugott (2003 [1993]).

Articulada ao que se costuma tratar como Modelos Baseados no Uso (BARLOW; KEMMER, 2000), perspectiva que reúne um conjunto variado de teorias assentadas na articulação entre pressupostos funcionalistas e cognitivistas, a abordagem construcional da mudança linguística parte de uma visão de gramática como rede de construções organizada hierarquicamente em diferentes níveis de abstração e de generalização e estuda a mudança linguística mapeando alterações nos planos da forma e/ou do significado de uma construção. Assim, sob influência da ideia do connexionismo entre redes, Traugott e Trousdale (2021) distinguem dois tipos de mudança: a **mudança construcional** envolve

modificações numa única dimensão de uma construção existente no sistema linguístico, afetando ou sua forma ou seu significado; já a **construcionalização** faz emergir uma nova construção na língua, isto é, dá lugar a um novo pareamento convencional e simbólico de forma e significado, criando, então, um novo nó numa rede, a partir do remanejamento de construções de outra(s) rede(s).

O primeiro artigo dessa linha é o de Leticia de Almeida Barbosa e Edson Rosa Francisco de Souza, intitulado “A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional”. Nele, investiga-se, com base em dados dos séculos XIII a XX, a formação da microconstrução intensificadora [com força], que modifica predicados verbais e/ou adjetivais. A análise descreve quatro valores associados à microconstrução [com força], o que permite caracterizar essa combinação sequencial entre a preposição *com* e o substantivo *força* em termos de diferentes graus de composicionalidade: enquanto valores como *instrumento* e *predicativo* representam contextos em que se nota maior grau de composicionalidade da construção, o valor *modo* figura como contexto em que se nota grau intermediário de composicionalidade, com encadeamento maior entre os constituintes que integram a construção e com certo grau de opacidade no significado total da construção; o valor *intensificação*, por fim, é altamente composicional, já que as partes da construção não mais contribuem individualmente para o seu significado global. A conclusão do estudo é a de que a emergência da microconstrução intensificadora [com força] envolve um processo de reconfiguração da estrutura morfossintática da construção e de perda gradual de composicionalidade, o que pode ser interpretado como caso de construcionalização gramatical.

O artigo “Esquemática e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais”, de autoria de Taísa Peres de Oliveira e de Camila Gabriele da Cruz Clemente, alinha-se também à abordagem construcional da mudança elaborada por Traugott e Trousdale (2021). A investigação focaliza alterações que afetam a organização da rede de conectores condicionais do português, mais especificamente do subesquema $[V_{\text{Não-Fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}'}$ a que se conectam microconstruções como $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}'}$, $[\text{considerando que}]_{\text{Cond}'}$, $[\text{dado que}]_{\text{Cond}}$ e $[\text{posto que}]_{\text{Cond}}$. Com base em dados diacrônicos do português, as análises revelam que as mudanças de produtividade das microconstruções afetam o subesquema sob estudo, e isso pode ser sistematicamente descrito em duas direções: (i) à medida que as microconstruções vão se tornando mais produtivas, mais ativo e saliente fica o subesquema, que pode passar a atrair diferentes tipos de construções para seu interior e, assim, a formar novos nós no nível das microconstruções; (ii) o aumento de produtividade da microconstrução $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ coloca-a como mais acessível aos usuários da língua, enquanto exemplar mais prototípico do subesquema, o que acarreta

na baixa produtividade das microconstruções [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond'} que também podem ser acionadas para instanciar outras relações, como causa e concessão.

Ainda sob orientação da abordagem construcional da mudança, encontram-se cinco artigos vinculados ao que se tem denominado de Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), aparato que, articulando princípios construcionistas a pressupostos caros ao funcionalismo de vertente norte-americana, concebe a estrutura gramatical como emergente e regularizada conforme o usuário da língua experiencia seu uso em práticas comunicativas situadas em contextos de interação verbal (cf. CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016); assim, a gramática de uma língua, moldada pela experiência sócio-cognitivo-cultural de seus usuários via processos cognitivos de domínio geral, organiza-se a partir de uma rede em que se interligam padrões regulares definidos em termos de pareamentos convencionalizados de forma e de significado, as *construções* (GOLDBERG, 1995, 2006).

O artigo de Monclar Guimarães Lopes, intitulado “Emergência do conector *fora que* no português”, é um dos representantes dessa abordagem teórica. Com base em dados diacrônicos do português, recortados entre os séculos XIX, XX e XXI, a atenção se volta para a emergência da microconstrução [fora que] enquanto conector aditivo. A investigação descreve cinco diferentes padrões combinatórios entre os constituintes *fora* e *que*, os quais podem ser ordenados conforme seu grau de composicionalidade: dos mais composicionais, em que *fora* e *que* contribuem individualmente para o significado do todo (estão, aí, os padrões [fora]_{adv}[que]_{pronomes relativo}, [fora]_{adv}[que]_{conjunção explicativa}, [fora]_{adv}[que]_{correlator comparativo}, [fora]_{adv}[que]_{conjunção integrante}), até os menos composicionais, em que se nota neanálise da combinação e a formação de um *chunk* procedural (no caso, [fora que]_{conector}). A conclusão central do estudo é a de que a formação da microconstrução aditiva [fora que] representa um caso de construcionalização gramatical e se dá via analogização, em que o esquema [Xque]_{conect'} altamente produtivo no português, recruta o elemento *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão.

É de autoria de Mariangela Rios de Oliveira o artigo “Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português”, que, com base na FLCU, explora a proposta de Traugott e Trausdale (2013) de construcionalização investigando a emergência, em um recorte diacrônico do português (do século XV ao XXI), de marcadores discursivos (MD) integrantes do esquema [VLoc]_{MD}. A análise dos dados se apoia no *cline* contextual proposto por Diewald e Smirnova (2012) e descreve diferentes contextos de uso de variadas combinações entre base verbal (V) e pronome locativo (Loc). Essa descrição permite traçar uma trajetória de mudança permeada por neanálises que, na condição de mudanças pré-construcionais, conduzem

à construcionalização do esquema [VLoc]_{MD}. Esse processo, marcado por momentos de opacidade múltipla, via mecanismos de metaforização e de metonimização, e de crescente intersubjetivização, é sequenciado por mudanças pós-construcionais, como a integração paradigmática (ou paradigmaticização), com a fixação do esquema [VLoc]_{MD'} que passa a ser a base analógica para a formação de outros MDs.

No terceiro artigo dessa linha, “Emergência e convencionalização da construção V_{LEVE (DAR, FAZER)} + SN”, Maria Angélica Furtado da Cunha investiga, com base em dados do português do século XVII ao XXI, a emergência e a convencionalização da construção [V_{LEVE} + SN]. São examinadas, especificamente, ocorrências dos verbos leves *dar* e *fazer* empregados em uma configuração triargumental, em que se nota um obscurecimento dos significados básicos e prototípicos associados aos verbos plenos *dar* e *fazer* (*transferir* e *executar*, respectivamente). Considerando, centralmente, propriedades formais e funcionais dos SNs que coocorrem com os verbos leves, são identificados, em sincronias mais remotas, alguns padrões estruturais que apresentam maior versatilidade morfossintática e, assim, não podem ser considerados unidades simples; é a partir do século XVII que se notam regularização e convencionalização da combinação [verbo leve *dar/fazer* + SN] como *chunk*, evidenciadas, principalmente, pela ordenação mais fixa do SN em relação ao verbo leve, pela ausência de determinante junto ao núcleo nominal, pela ausência de material interveniente entre os constituintes do bloco e pelo desgaste do significado do verbo leve.

O quarto artigo desenvolvido com apoio na LFCU, intitulado “Deu tudo certo: uma análise diacrônica das microconstruções do subesquema [dar AA] no português brasileiro”, é de autoria de Raissa Romeiro Cumán e Priscilla Mouta Marques. A pesquisa procede com uma análise diacrônica das microconstruções [dar certo], [dar errado], [dar ruim] e [dar bom], todas conectadas ao subesquema [dar AA], em que se combinam o verbo leve *dar* e Adjetivos Adverbiais (AA). A partir de dados do português dos séculos XIII a XXI, a investigação caracteriza os micropassos de mudança que afetam a microconstrução base desse subesquema (no caso, [dar certo]) e o modo como se licenciam, nesse subesquema, as outras microconstruções sob estudo ([dar errado], [dar ruim] e [dar bom]). Os resultados apresentados apontam que [dar certo] é a primeira a se construcionalizar no português brasileiro, a partir de construções menos composicionais, como [dar por certo] e [dar como certo], e que as demais só foram encontradas a partir do século XX, sendo [dar errado] no século XX, e [dar ruim] e [dar bom], no século XXI. As autoras propõem também uma rede para o subesquema [DAR AA]_{resultativa'} prevendo elos com a rede da construção de modificação verbal com adjetivo adverbial e com a dos verbos leves.

O quinto e último artigo filiado ao quadro teórico-metodológico da LFCU, de autoria de Maria Maura Cezario e Bruna Soares, intitula-se “Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]”. Nele, é focalizada a formação histórica da microconstrução [a gente] sancionada pelo esquema [(X) N_{COLET SG} (Y)]. A pesquisa revela que esse esquema licencia vários usos de construções nominais, mas apenas um deles, [a gente], desgarrou-se e passou para outro nó, o dos pronomes pessoais. Ao mapear, num recorte temporal que abriga dados do português dos séculos XIV a XX, propriedades da construção nominal abstrata dos coletivos de pessoas [(X) N_{COLET SG} (Y)], especificamente a esquematicidade de seu *slots* (principalmente de X e de Y) e seu papel informacional (em termos de referentes novos, velhos e inferíveis), a investigação caracteriza os micropassos de mudança que levam à construcionalização gramatical de [a gente] como pronome pessoal. Tais micropassos podem ser descritos em termos de restrições no preenchimento dos *slots*, com obrigatoriedade de X ocupado pelo determinante ‘a’ e desaparecimento de Y, e em termos de mudança no papel informativo da construção, que passa a estar mais acentuadamente a serviço de retomadas no discurso e de inclusão da primeira pessoa.

Fora ao escopo de modelos construcionistas, estão três artigos que examinam a mudança linguística sob o viés teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), cuja característica fundante é a concepção estratificada de língua e de gramática, enquanto sistemas hierarquicamente organizados e ordenados em níveis e camadas. Embora, em algumas passagens de Hengeveld e Mackenzie (2008), reconheça-se o desenvolvimento de formas gramaticais a partir de elementos estocados no léxico, a GDF não nasce como modelo próprio para o tratamento da mudança linguística, firmando-se, sobretudo, como uma teoria tipológico-funcional da estrutura linguística. A partir daí, e apropriando-se da arquitetura modular e estratificada do modelo da GDF, Hengeveld (2017) sistematiza, apoiado na contribuição de trabalhos variados, o desenho de uma *abordagem hierárquica da gramaticalização*, em que se nota um claro diálogo entre os pressupostos teórico-metodológicos da GDF e os princípios da gramaticalização, em sua concepção mais clássica (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; HEINE; KUTEVA, 2007; BRINTON; TRAUGOTT, 2005). Assim, esses três artigos que integram este volume se somam ao esforço de estudos que buscam contribuir para a constante formulação e consolidação de um modelo hierárquico da gramaticalização.¹

¹ Citamos, para exemplificação, alguns trabalhos, como Keizer (2007, 2008, 2013, 2016), Souza (2009, 2010a, 2010b, 2011, 2012), Hengeveld (2011, 2017), Casseb-Galvão (2011), Silva-Surer (2014), Olbertz (2016), Dall’Aglio-Hattner e Hengeveld (2016), Fontes (2016, 2018), García Castillero (2017), Giomi (2017), Olbertz e Honselaar (2017), Tena Dávalos (2017), Villerius (2017).

Alessandra Regina Guerra, no artigo “Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro”, analisa, a partir de dados extraídos de peças teatrais brasileiras produzidas entre a primeira metade do século XIX e o início do século XXI, a opção por expressar (ou não) o argumento-sujeito em forma pronominal. A autora busca, então, uma articulação entre a abordagem diacrônica da GDF e alguns princípios funcionalistas que fundamentam a descrição de processos de mudança linguística, centrando atenção na propriedade da transparência linguística, conforme definida no interior do quadro teórico da GDF (LEUFKENS, 2015). Os dados quantitativos apresentados no trabalho corroboram a tendência de aumento do índice de expressão pronominal do argumento-sujeito na história do PB e apontam, além disso, para uma articulação entre o fenômeno sob estudo e a questão da transparência linguística ao projetar que a evolução diacrônica do grau de transparência do PB pode sofrer influência, dentre outros fatores, da interação entre tendências relativas à realização pronominal do argumento-sujeito e às mudanças que afetam o sistema pronominal, principalmente no que tange aos pronomes *tu/você* e *nós/a gente*.

Outro estudo pautado nas premissas teóricas da GDF é o de Beatriz Goaveia Garcia Parra-Araujo, Sandra Denise Gasparini-Bastos e Letícia de Souza Fernandes, intitulado “Uma investigação diacrônica de ‘*a pesar de*’ no espanhol peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional”, em que se descreve, com base em dados diacrônicos do espanhol peninsular, a trajetória de gramaticalização do juntor concessivo ‘*a pesar de*’. Seguindo a abordagem hierárquica da gramaticalização, a investigação demonstra crescente abstratização e pragmatização dos usos concessivos do juntor a partir do mapeamento das relações de escopo por ele contraídas, entendendo, junto a Hengeveld (2017), escopo em termos de camadas e níveis da formulação da GDF. O resultado central é o desenho de um *cline* que revela uma evolução gradativa das camadas de atuação do juntor, que, do Conteúdo Proposicional, no Nível Representacional, passa a escopar camadas mais altas, do Nível Interpessoal, como o Ato Discursivo e o Movimento. Tal resultado dá clara evidência do que Hengeveld (2017) define como “mudança de conteúdo”, em que um item ou construção, em gramaticalização, tende a desenvolver relações de escopo hierarquicamente superiores, partindo das camadas mais inferiores do Nível Representacional e atingindo as camadas mais superiores do Nível Interpessoal.

Encerrando o rol de pesquisas que utilizam o modelo da GDF está o artigo de Erotilde Goreti Pezatti e Ana Caroline Teixeira Peres, intitulado “Os vários usos de ‘mesmo’ no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX”, em que se caracteriza a multifuncionalidade do item ‘mesmo’, no português brasileiro, tendo em vista os níveis e as camadas que organizam a GDF. A proposta consiste em verificar, na história

recente do português (com dados dos séculos XVIII, XIX e XX), a persistência ou não da multifuncionalidade desse item. O trabalho, então, descreve cinco diferentes usos de 'mesmo' (operador de ênfase, função pragmática Contraste, operador de identidade idêntica, núcleo anafórico e modificador de propriedade configuracional) e aponta que esses usos já existiam desde o século XVIII, mantendo-se no decorrer dos séculos XIX e XX. Os resultados, em termos qualitativos, não chegam a constatar quaisquer alterações significativas que afetam os usos de 'mesmo' ou sua forma de codificação, dentro do período recortado, mas, apoiados em uma análise quantitativa, revelam que alguns usos estão em decréscimo e outros em ascendência, conforme as necessidades comunicativas dos usuários da língua, o que indicia o progresso de um processo de gramaticalização.

O artigo "*Está/tá na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização*", de Viviane Marcelina da Silva e Cristina dos Santos Carvalho, encerra este volume trazendo a abordagem mais clássica da gramaticalização, visão que reavivou o interesse dos funcionalistas por fenômenos diacrônicos e pelas investigações em linguística histórica. Neste artigo, é analisado, com base em dados da fala popular soteropolitana (extraídos de entrevistas do acervo do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador), o emprego do verbo *estar* no presente do indicativo, com foco específico sobre suas realizações fonológicas plena (*está*) e reduzida (*tá*). A investigação descreve cinco diferentes usos do verbo *estar* e, sob enfoque sociofuncionalista (combinando as perspectivas da variação linguística e da mudança por gramaticalização), propõe um *continuum* de gramaticalização, que parte de verbo (verbo pleno > verbo de ligação > verbo auxiliar), para advérbio de afirmação/concordância, até marcador discursivo. A partir desse *cline*, a investigação revela que pode haver variação entre forma plena (*está*) e reduzida (*tá*) nos usos verbais (pleno, de ligação e/ou auxiliar), enquanto, em usos mais gramaticalizados (como advérbio de afirmação/concordância e marcador discursivo), não se atesta essa variação, já que, para essas funções mais gramaticais, *está* se especializando a forma reduzida *tá* (HOPPER, 1991).

Os 11 artigos aqui reunidos contemplam uma gama de fenômenos linguísticos que atestam a maleabilidade da gramática de uma língua, em constante transformação em seu percurso histórico e contínuo de constituição. Por mais variados que sejam os enfoques teórico-metodológicos assumidos por esses diferentes artigos, pode-se prever um eixo que os perpassa, conectando todos eles em torno à preocupação em compreender a mudança linguística a partir de determinações advindas do uso que se faz do sistema linguístico continuamente por ela afetado, figurando aí, de modo majoritário, a necessidade de renovação expressiva na manutenção do canal de interlocução.

E isso tem sido a marca registrada do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (GESF), do qual são membros os organizadores deste volume e no interior do qual se sedimentou a ideia de organização deste volume. O GESF, sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, sob liderança de Taísa Peres de Oliveira e Sebastião Carlos Leite Gonçalves, abriga, entre seus membros, pesquisadores de diferentes subáreas da Linguística e de diferentes filiações teóricas, como o funcionalismo linguístico, com representação principal do funcionalismo holandês e dos Modelos Baseados no Uso, e a Sociolinguística; sua unicidade se assenta, essencialmente, em sua preocupação em estudar a língua em uso, isto é, enquanto instrumento de comunicação e, sobretudo, de interação social, o que implica assumir uma abordagem dos fenômenos linguísticos tendo em vista sua funcionalidade em contextos reais de uso.

O esforço em reunir esses artigos num volume que tão bem resume e representa os trabalhos da linguística funcional brasileira acerca da mudança não seria possível sem a inestimável contribuição dos autores e dos pareceristas, para os quais direcionamos aqui nossos mais sinceros agradecimentos. Agradecemos, também, à contribuição de Marcelo Módolo e Milton Bortoleto, pela generosidade e por todas as orientações oferecidas durante o trabalho de organização deste volume, e de Evelien Keizer, professora da Universidade de Viena, que muito gentilmente auxiliou na confecção, na consolidação e na divulgação da proposta deste volume.

Desejamos, por fim, que a leitura dos textos reunidos neste volume instigue ainda mais o desenvolvimento científico no campo da linguagem e suscite novas perguntas de pesquisa e novos caminhos de análise sobre a mudança linguística.

Boa leitura!

Cibele Naidhig de Souza²

Edson Rosa Francisco de Souza³

Michel Gustavo Fontes⁴

2 Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil; cibelenasouza@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-2363-3551>

3 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; edsrosa@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0003-1303-1394>

4 Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; michelgfontes@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2376-8648>

Referências

- BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha e Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez Editora, 2016.
- BYBEE, J.; PERKIS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: Tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CASSEB-GALVÃO, V. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 2, n. 13, p. 305-355, 2011.
- CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013. p. 13-39.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; HENGEVELD, K. The grammaticalization of modal verbs in Brazilian Portuguese: a synchronic approach. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 15, p. 1-14, 2016.
- DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: The fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, K.; BREBAN, T.; BREMS, L.; MORTELMANS, T. (ed.). **Grammaticalization and Language change: new reflection**. Amsterdam: Benjamins, 2012. p. 111-133.
- FONTES, M. G. Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo. **Revista do GEL**, v. 15, p. 10-37, 2018.

FONTES, M. G. **A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional: uma proposta de implementação.** 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de São José do Rio Preto, 2016.

GARCÍA CASTILLERO, C. Grammaticalization of the conditional form in Old Irish. *In*: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

GIOMI, R. The interaction of components in a Functional Discourse Grammar account of grammaticalization. *In*: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the Nature of Generalization in Language.** Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. **A Construction Grammar Approach to Argument Structure.** Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The gênesis of grammar: a reconstruction.** New York: Oxford University Press, 2007.

HENGEVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. *In*: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

HENGEVELD, K. The grammaticalization of tense and aspect. *In*: NARROG, H.; HEINE, B. **The Oxford Handbook of Grammaticalization.** New York: Oxford University Press, 2011. p. 577-591.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

HILPERT, M. **Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar.** Brill, 2021.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (org.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

KEIZER, E. Idiomatic expressions in Functional Discourse Grammar. **Linguistics**, v. 54, n. 5, p. 981-1016, 2016.

KEIZER, E. The *X is (is)* construction: an FDG account. *In*: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (ed.). **Casebook in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 213-248.

KEIZER, E. English prepositions in Functional Discourse Grammar. **Functions of Language**, v. 15, n. 2, p. 216-256, 2008.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. **Alfa**, São Paulo, n. 51, v. 2, p. 35-56, 2007.

LEUFKENS, S. **Transparency in language**: a typological study. Utrecht: LOT, 2015.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

SILVA-SURER, T. M. **Trajetórias de mudança dos predicados *acabar, acontecer e começar* sob perspectiva discursivo-funcional**. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.

SOUZA, E. R. F. Um estudo discursivo-funcional de ‘*assim*’, ‘*já*’ e ‘*aí*’ no Português falado do noroeste paulista. *In*: SOUZA, E. R. F. (org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012. vol. 2, p. 67-92.

SOUZA, E. R. F. Gramaticalização de ‘*aí*’ no português falado do interior paulista. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 40, p. 92-107, 2011.

SOUZA, E. R. F. Os usos de 'assim' no português falado do noroeste paulista sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 39, p. 73-88, 2010a.

SOUZA, E. R. F. O percurso de gramaticalização dos itens linguísticos 'assim', 'já' e 'aí' no português falado do interior paulista: uma abordagem discursivo-funcional. **Sínteses** (UNICAMP. Online), v. 15, p. 348-375, 2010b.

SOUZA, E. R. F. **Gramaticalização dos itens linguísticos *assim, já e aí* no português brasileiro**: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

OLBERTZ, H. Lexical auxiliaries in Spanish: How and why? **Linguistics**, v. 54, n. 5, p. 947-979, 2016.

OLBERTZ, H.; HONSELAAR, W. The grammaticalization of Dutch moeten: modal and post-modal meanings. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

TENA DÁVALOS, J. The end of a cycle: Grammaticalization of the future tense in Mexican Spanish. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

VILLERIUS, S. Modality and aspect marking in Surinamese Javanese: Grammaticalization and contact-induced change. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha e Taísa Peres de Oliveira. São Paulo: Vozes, 2021.

NOMINATA DE PARECERISTAS

Adail Ubirajara Sobral

Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

Alessandro Jocelito Beccari

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil

Alexandre Marcelo Bueno

Universidade de Franca (UNIFRAN), Franca, São Paulo, Brasil

Alice Vieira

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Aline Ponciano dos Santos Silvestre

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Amanda Muniz da Silva

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Andre Vinicius Lopes Coneglian

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Angel H. Corbera Mori

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil

Antonio Carlos Silva de Carvalho

Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), São Paulo, São Paulo, Brasil

Ataliba Teixeira de Castilho

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil

Beatriz Daruj Gil

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Benivaldo José de Araújo Júnior

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Beth Brait

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Bruno Oliveira Maroneze

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

Camilo Ros Silva

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Caroline Carnielli Biazolli

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil

César Nardelli Cambraia

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Cíntia da Costa Alcântara

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

Claudio Aquati

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Cleide Antonia Rapucci

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil

Clóvis Luiz Alonso Júnior

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Cristiane Lazzarotto-Volcao

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Cristina Martins Fargetti

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Araraquara, São Paulo, Brasil

Deise Cristina de Moraes Pinto

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Dennis da Silva Castanheira

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Diego Leite de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Edair Maria Görski

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Eduardo Penhavel

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Edvaldo Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Erica Reviglio Iliovitz

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Ernani Terra

Sem vínculo institucional

Fernanda Vieira da Rocha Silveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Fernando da Silva Cordeiro

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil

Filipe Mantovani Ferreira

Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Salto, São Paulo, Brasil

Flavia Bezera de Menezes Hirata-Vale

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil

Flávio Brandão Silva

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil

Geovana Soncin

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Gustavo Ximenes Cunha

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Heloisa Mara Mendes

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Ivo Costa Rosario

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Izabel Larissa Lucena Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Redenção, Ceará, Brasil

João Marcos Mateus Kogawa

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, São Paulo, Brasil

Joceli Catarina Stassi-Sé

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil

José Borges Neto

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil

José Sueli de Magalhães

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Juliana Soledade

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil

Jussara Abraçado

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Lachlan Mackenzie

Vrije Universiteit Amsterdam, Amsterdam, Holanda

Lafayette Batista Melo

Instituto Federal da Paraíba (IFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil

Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

Leosmar Aparecido da Silva

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil

Liliane Santos

Université de Lille, CNRS, Lille, France

Lúcia Regiane Lopes-Damasio

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil

Luciane de Paula

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil

Luciani Ester Tenani

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Luiz Carlos Souza Bezerra

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil

Luiz Francisco Dias

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, Pernambuco, Brasil

Márcia Teixeira Nogueira

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil

Marcos Rogério Cintra

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Minas Gerais, Brasil

Maria Alice Tavares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Maria Carlota Rosa

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Maria Filomena Gonçalves

Universidade de Évora, Évora, Portugal

Maria Irma Hadler Coudry

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil

Mariana Luz Pessoa de Barros

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo

Mariangela Rios de Oliveira

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Marilza de Oliveira

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Marize Mattos Dall-Aglio Hattner

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Michel Gustavo Fontes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil

Moisés Olímpio-Ferreira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Nilza Barroso Dias

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Odair Luiz Nadin da Silva

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Araraquara, São Paulo, Brasil

Olga Ferreira Coelho Sansone

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Paulo Henrique Pereira Silva de Felipe

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Brasil

Paulo Roberto Gonçalves Segundo

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil.

Paulo Sérgio de Vasconcellos

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil

Peter Bakker

Aarhus University, Aarhus, Dinamarca

Plínio Almeida Barbosa

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil

Prof. Dr. Nival Almeida Simões Neto

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil

Profa. Dra. Mircia Hermenegildo Salomão Conchalo

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

Raquel Salek Fiad

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil

Raquel Meister Ko Freitag

Universidade Federal do Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil

Ricardo Cavaliere

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Riccardo Giomi

University of Liège, Liège, Bélgica

Rita de Cassia Dalla Tardin

Faculdade Saberes, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Roana Rodrigues

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil

Roberto Gomes Camacho

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Rosane de Andrade Berlinck

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Araraquara, São Paulo, Brasil

Ruth de Oliveira

University of Cape Town, Cape Town, África do Sul

Sandra Aparecida Ferreira

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil

Sandra Denise Gasparini Bastos

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Sandra Mari Kaneko Marques

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Araraquara, São Paulo, Brasil

Sandro Marcio Drumond Alves Marengo

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil

Sheila Vieira de Camargo Grillo

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Shelton Lima de Souza

Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil

Sirio Possenti

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil

Solange de Carvalho Fortilli

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil

Suzana Ferreira Paulino

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil

Talita Storti Garcia

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Thissiane Fioreto

Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso, Brasil

Thomas Finbow

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Valéria Faria Cardoso

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Alto Araguaia, Mato Grosso, Brasil

Violeta Virginia Rodrigues

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Zilda Aquino

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

A MICROCONSTRUÇÃO INTENSIFICADORA [COM FORÇA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

Edson Rosa Francisco de SOUZA¹

Letícia de Almeida BARBOSA²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3448>

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar, com base nos estudos cognitivos-funcionais de Bybee (2016) e na abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013), a microconstrução intensificadora [com força], instanciada pelo subesquema construcional $[[X] \text{ prep } N]_{\text{intensif}}$ no português brasileiro, que modifica tanto predicados verbais, como em [correr com força], quanto predicados adjetivais, como em [feio com força]. Para a análise dos dados, utilizamos as subamostras *Histórico/Gênero* e *Web/Dialetos* do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), referentes aos séculos XIII-XXI. Em linhas gerais, verificamos que, ao longo da história e do processo de formação da microconstrução [com força] no português brasileiro, ela passou por mudanças morfossintáticas e semânticas que foram responsáveis pela veiculação de quatro valores semânticos distintos de funcionalidade: *modo*, *instrumento*, *predicativo* e *intensidade*, tendo a intensificação se originado a partir dos valores de modo e instrumento. Com base na análise dos dados do *corpus*, foi possível notar que o surgimento da expressão [com força] enquanto expressão intensificadora se dá a partir do século XIX.

Palavras-chave: Funcionalismo. Abordagem construcional. Intensificação. Esquematicidade. Composicionalidade. Produtividade.

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; edson.rosa@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0003-1303-1394>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; leticiaalmeidabarboza@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9386-8199>

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

THE INTENSIFYING MICROCONSTRUCTION [COM FORÇA] IN PORTUGUESE: AN ANALYSIS BASED ON A CONSTRUCTIONAL PERSPECTIVE

Abstract: The aim of this article is to analyze, based on the cognitive-functional studies of Bybee (2016) and the constructional approach of Traugott and Trousdale (2013), the intensifying microconstruction [*com força*], instantiated by the constructional subschema [[X] prep N]intensif in Brazilian Portuguese, which modifies both verbal predicates, as in [*correr com força*], and adjectival predicates, as in [*feio com força*]. For analysis we used the *History/Gender* and *Web/Dialects* subsamples from the Portuguese Corpus (DAVIES; FERREIRA, 2006) between the 13th and 21st centuries. As a result, we found that, throughout the history and the formation process of the microconstruction [*com força*] in Brazilian Portuguese, it underwent morphosyntactic and semantic changes that were responsible for conveying four distinct semantic values of functionality in the language: manner, instrument, predicative and intensity, with the intensification originating from the manner and instrument values. Based on the analyzes of the corpus data, it was possible to note that the emergence of the expression [*com força*] as an intensifying expression takes place from the 19th century onwards.

Keywords: Functionalism. Constructional approach. Intensifying constructions. Schematicity. Compositionality. Productivity.

Introdução

No nosso cotidiano, como afirma Costa (2010, p. 62), as experiências e as ações que o indivíduo vivencia nas mais diferentes instâncias da comunicação são sempre únicas, ou seja, elas se diferenciam por diversos motivos, e um deles diz respeito à intensidade com que ocorrem, podendo variar entre pouco ou muito intenso.

A intensificação contribui para o acréscimo, substituição, reparação e contraste de informações (SCALDELAI-SALLES; SOUZA, 2020, p. 56) e também para a estruturação do pensamento estratégico e persuasivo. Ela é definida por Silva (2006, p. 146) como:

[...]o processo semântico-discursivo pelo qual se atribui intensidade, em termos graduais [...], a uma dada noção conceitual, em geral, de acepção mais abstrata. Em outras palavras, é uma operação cognitiva (motivada e emergente pela interação verbal) por meio da qual se imprime reforço, em escala ascendente ou descendente, à ideia de um determinado conteúdo, estendendo-se sua concepção para além do nível de significação considerado normal ou básico.

Considerando, pois, essa primeira incursão pelo domínio da intensificação, o nosso objetivo neste artigo é descrever e analisar a história da microconstrução intensificadora [com força] no português brasileiro, instanciada pelo subesquema construcional [[X]prepN], levando-se em consideração a sua composicionalidade (a microconstrução pode veicular modo e intensidade) e a sua relação hierárquica e esquemática com outros (sub)esquemas em termos de atração e produtividade.

Para cumprir esse objetivo, este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente, discorreremos sobre os princípios teóricos da abordagem construcional e sua relevância para análise das construções intensificadoras, em seguida apresentamos o funcionamento da microconstrução [com força] e sua relação com a expressão de intensidade no português brasileiro. Na sequência, apresentamos a análise e a discussão dos dados, e, por fim, listamos as conclusões e as referências bibliográficas.

Fundamentação teórica

A abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013) define a língua como uma rede de construções (resultado de diferentes pareamentos de forma e significado) que se organizam de forma hierárquica e estabelecem diferentes tipos de vinculação ou ligação (elos de herança e elos relacionais). Nesse contexto, sempre que uma nova construção emerge na língua ou cai em desuso, a rede construcional é reconfigurada de modo a abarcar as novas mudanças implementadas, ou seja, quando uma nova construção surge na língua, cria-se um novo nó construcional que é acoplado à rede existente. A reconfiguração da rede construcional é, portanto, motivada por mudanças linguísticas que se iniciam, quase sempre, no contexto de uso individual do falante e se expandem para outros contextos de uso de outros membros da comunidade linguística.

Para a abordagem construcional, que mobiliza pressupostos teóricos da linguística cognitiva, a mudança linguística não ocorre de forma aleatória e sem direção, mas sim de maneira regular e gradual (BYBEE, 2016), uma vez que esse processo está atrelado a uma realidade humana, social e cultural, o que a torna inerente à língua. Em outras palavras, para essa perspectiva teórica, a língua constitui um “sistema adaptativo complexo” (BYBEE, 2016, p. 18), que está sempre se adaptando, se moldando e se adequando às necessidades comunicativas dos participantes no momento de interação.

Além de entender a língua como sistema dinâmico e adaptativo, a proposta de análise de Bybee, que é incluída no modelo da abordagem construcional de Traugott e Trousdale, reconhece que a estrutura linguística é derivada a partir da aplicação de processos cognitivos de domínio geral tais como: categorização, *chunking*, memória

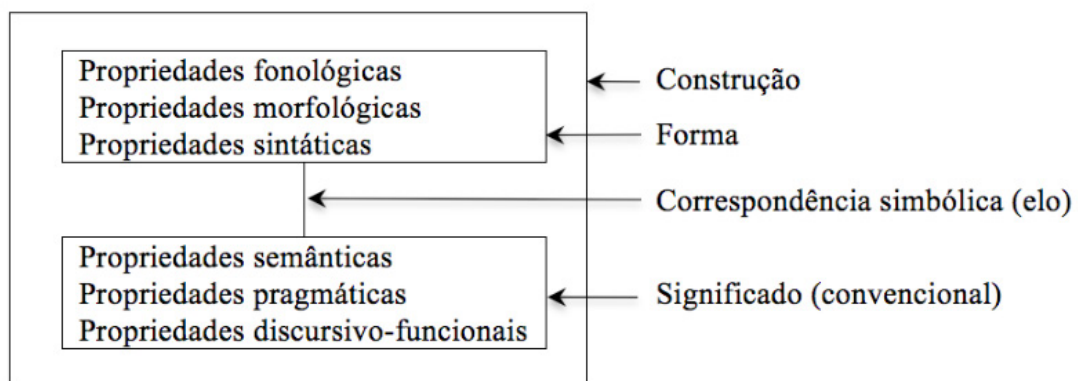
- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

enriquecida, analogia e associação transmodal. Para a autora, os processos de domínio geral são “aqueles que se podem mostrar operantes em outras áreas da cognição humana que não a da linguagem” (BYBEE, 2016, p. 18). Conforme a autora, esses processos estão sempre presentes nos usos efetivos que fazemos da língua e é o uso repetitivo desses processos que afeta a representação cognitiva da linguagem, e, conseqüentemente, o modo como ela se manifesta.

No âmbito da abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013), a gramática é, então, vista como um conjunto de pareamentos simbólicos de forma e significado, que se organizam em famílias de construções. Dito de outra forma, para a abordagem construcional, em especial para Croft e Cruse (2004) e Traugott e Trousdale (2013), a língua é concebida como um inventário de construções, cujas relações são definidas a partir de suas especificidades e suas funcionalidades na língua. Assim, a unidade de análise nesse modelo teórico passa a ser a construção, oriunda da Gramática de Construções, e é reconhecida por Croft (2001) como um elo de correspondência simbólica entre propriedades formais e propriedades do significado.

Conforme se verifica na figura 1, reproduzida a seguir a partir de Croft (2001), ambas as dimensões (atinentes à forma e ao significado) motivam os usos linguísticos e essas são motivadas também por tais usos, configurando, assim, um outro tipo de correlação (função ↔ forma), em que ambos se influenciam e reforçam a importância do contexto de uso/forma para a compreensão do processo de emergência de novas construções em uma língua, como bem destaca Oliveira (2015, p. 24).

Figura 1. Modelo de estrutura simbólica da construção



Fonte: Croft (2001, p. 18)

Com base na figura 1, entende-se que a língua se desenvolve por meio da relação entre as propriedades da forma e as propriedades do significado. Para Croft (2001), os

traços formais (sintáticos, morfológicos e fonológicos) ligam-se aos traços do significado (semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais) por meio de um elo convencional, isto é, por meio de uma relação arbitrária. Dessa forma, para caracterizar um dado pareamento como uma construção, é preciso observar se o significado das partes que a compõem é ou não resultado das propriedades que a configuram. Para isso, devemos considerar os princípios de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, observados em Traugott e Trousdale (2013).

Para Traugott e Trousdale (2013), o grau de esquematicidade de uma construção pode ser observado a partir da formulação de um *continuum*, pois, segundo os autores, ela pode manifestar diferentes níveis de abstratização e especificidade. Assim, é possível encontrar construções menos esquemáticas, quando são preenchidas por material fônico, intermediárias, quando há um *slot* a ser preenchido, como o padrão *X-mente*, e mais esquemáticas, compondo-se apenas de *slots* vazios, como o padrão SVO do português.

A produtividade, por sua vez, refere-se, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 17), ao poder de atração do esquema construcional, ou seja, à frequência com que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas, e também ao modo como esses esquemas adquirem restrições. Desse modo, quanto maior o poder de atração de novos membros para um dado esquema construcional, maior é o seu grau de produtividade na língua. Por outro lado, quanto menor for o poder de atração de novos integrantes para uma construção esquemática, menor é o seu grau de produtividade.

Quanto à composicionalidade, Traugott e Trousdale (2013) afirmam que ela está intimamente ligada ao grau de transparência e opacidade entre forma e significado, isto é, uma construção é classificada como menos composicional quando o significado da construção é resultado do todo e não da soma das partes que a compõem, como em *bater as botas*, que, em português, faz referência ao ato de morrer/falecer. Construções consideradas mais composicionais preservam os significados da base, uma vez que a soma das partes não expressa um significado diferente dos sentidos que as compõem.

Ao compreender a língua como um inventário de construções interligadas em rede, nota-se a atuação de processos cognitivos de domínio geral por trás do uso linguístico. Bybee (2016) considera que alguns desses processos atuam em diferentes domínios cognitivos, proporcionando ao falante estabelecer variadas relações de conhecimentos já armazenados com novas instâncias, apreendidas por meio do uso. O processo de *categorização*, por exemplo, diz respeito, segundo Bybee (2016), à capacidade que o indivíduo tem para agrupar itens semelhantes em torno de um exemplar que possui todos os traços de determinada categoria. Já o *chunking* constitui um processo de domínio geral

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

que permite a combinação de unidades sequenciais, formando unidades mais complexas, como as expressões idiomáticas, que, por serem utilizadas juntas com alta frequência, são acessadas como uma única unidade na língua.

A memória enriquecida, por sua vez, consiste, segundo Bybee (2016), no armazenamento de características linguísticas decorrentes da experiência humana. Nota-se, nesse caso, a possibilidade de correlacioná-la ao processo de categorização, pois à medida que ocorre o agrupamento de itens semelhantes, novas construções são mapeadas a partir de representações já existentes no inventário da língua.

Diferentemente da concepção de analogia postulada em Bybee (2016), o conceito de *analogização* pode, conforme Traugott e Trousdale (2013), ser compreendido como um processo pelo qual novos usos são criados com base em outros já existentes na língua. Tal percurso é propiciado pela extensão metafórica, como ocorre no caso das construções intensificadoras, que leva itens linguísticos provenientes de um dado domínio conceptual a codificarem outros domínios mais abstratos, resultando, possivelmente, em aumento de produtividade de determinada construção.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a função primária da metáfora é proporcionar uma compreensão parcial de um tipo de experiência em termos de outro. Aplicada à linguagem, entendemos a extensão metafórica como o surgimento de construções mais abstratas a partir de um campo conceptual mais concreto, via analogização.

Por último, mas não menos importante, observamos o processo de *associação transmodal*, que constitui outro mecanismo de domínio geral que permite o estabelecimento de elo simbólico de associação entre forma e significado, uma vez que experiências coocorrentes tendem a se manter relacionadas, cognitivamente, por meio de diferentes associações.

Para a abordagem construcional, a mudança linguística pode ocorrer, segundo Traugott e Trousdale (2013), de duas maneiras distintas: *mudança construcional* e *construcionalização*. A mudança construcional é um processo que afeta a estrutura interna de uma construção, que pode ser a forma ou o significado separadamente. Esse tipo de mudança não resulta na criação de uma nova construção (um nó na rede), pois o que ocorre é apenas a alteração das subpartes de uma determinada construção.

Já a construcionalização é definida por Traugott e Trousdale (2013, p. 22, tradução nossa³) como:

[...] a criação de um novo pareamento de forma-significado (combinação de signos). Ela forma novos tipos de nós, que passam a ter novas sintaxe ou morfologia e um novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada por mudanças nos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos, o que implica gradualidade, ou seja, novas microconstruções podem ser graduais ou instantâneas.

Importa destacar que a construcionalização envolve dois tipos de mudança: a construcionalização gramatical e a construcionalização lexical. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 147, tradução nossa⁴), a construcionalização gramatical pode ser definida como:

[...] o desenvolvimento, por meio de uma série de pequenas mudanças de um novo pareamento de forma-significado de um determinado signo, cuja função é procedural. Um signo gramatical sugere como o falante conceitua relações entre os referentes na(s) cláusula(s) e como o destinatário deve interpretá-la(s). Nos casos de construcionalização gramatical, verifica-se a perda de significado lexical, entretanto as fontes também podem ser não-lexicais [...]

Traugott e Trousdale (2013, p. 193) definem a construcionalização lexical como:

- a) o resultado da construcionalização lexical é pleno de conteúdo, ao passo que o da construcionalização gramatical é de natureza procedural e indicial.
- b) A construcionalização lexical normalmente não envolve expansão sintática,

3 No original: "the creation of formnew-meaningnew (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may [...] gradually [or] instantaneous."

4 No original: "Grammatical constructionalization is the development through a series of small-step changes of a formnew-meaningnew sign that is (mostly) procedural in function. A grammatical sign cues how the speaker conceptualizes relationships between referents within the clause(s), and how the addressee is to interpret the clause(s). In many cases grammatical constructionalization involves loss of lexical meaning but the sources may also be non-lexical [...]"

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

no que diz respeito a tornar-se disponível em novos contextos sintáticos ou a ser usada com novas funções sintáticas⁵.

Os casos de construcionalização gramatical envolvem construções que emergem na língua para exercer funções gramaticais, tais como a conexão de orações, a expressão de tempo, aspecto e modo, intensidade, dentre outras. Em termos de produtividade, esquematicidade e composicionalidade, o que se observa é que a construcionalização gramatical envolve aumento de produtividade (construções gramaticais tendem a ser mais frequentes) e esquematicidade (tendem a ser tornar mais abstratas e a atrair outros membros menos centrais para o esquema construcional) e uma relativa redução no nível de composicionalidade, uma vez que há construções que podem ser totalmente composicionais (transparentes), ou seja, o significado é resultado da soma de cada subparte que compõe a construção, e outras que são mais ou menos composicionais.

A construcionalização lexical, por outro lado, em especial a que diz respeito à construcionalização lexical de construções complexas, envolve o decréscimo do grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Isso se deve ao fato de que os esquemas lexicais, como é o caso das construções idiomáticas do tipo “Maria vai com as outras”, são altamente fechados, não apresentando *slots* para serem preenchidos por outros elementos, por isso são pouco produtivos e pouco esquemáticos.

Ao observarmos as construções intensificadoras no português brasileiro, podemos verificar que elas podem ser tanto de natureza mais gramatical, tais como as que são instanciadas pelos subesquemas construcionais [[X] prep N], [Prep N [X]] e [[X] prep V], como de natureza lexical, por exemplo, aquelas que são mais cristalizadas ou idiomáticas (*até cachorro beber água em pé, só o pó da rabiola, a dar com pau*, etc.). Isso significa que as construções intensificadoras, por exibirem diferentes graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, são graduais (COSTA, 2010) e bastante dinâmicas.

Neste artigo, dentre os recursos possíveis para a expressão de intensidade no português, optamos por analisar e descrever a microconstrução intensificadora [com força], a fim de evidenciar a sua emergência na língua, uma vez que tanto usos intensificadores prototípicos, como *muito*, *bastante* e *demais* quanto os usos inovadores, como *pra caramba* (SCALDELA-SALLES; SOUZA, 2020), são bastante frequentes e produtivos na comunicação entre os falantes.

5 No original: “a) The output of lexical constructionalization is contentful, that of grammatical constructionalization is procedural and indexical. b) Lexical constructionalization typically does not involve syntactic expansion, with respect either to becoming available in new syntactic contexts, or to being used with new syntactic functions.”

As construções intensificadoras no português brasileiro: o caso de [com força]

Os estudos sobre as construções intensificadoras em perspectiva construcional vêm crescendo consideravelmente nos últimos anos, tais como: Silva (2006), Silva, Souza e Andrade (2009), Berlanda (2013), Grandi (2017), Buntinx e Van Goethem (2018), Scaldelai (2016, 2017, 2020), Scaldelai-Salles e Souza (2020) e Mota e Vieira (2020). Em geral, esses estudos mostram que, além das construções intensificadoras prototípicas, como *bastante*, *muito*, dentre outras, as línguas dispõem de outras construções, muitas delas definidas como inovadoras pelos autores, para marcar o grau intensificador. Scaldelai-Salles e Souza (2020) analisam, por exemplo, as microconstruções intensificadoras [*pra caramba*], [*pra caralho*], [*pra burro*], [à beça], e muitas outras instanciadas pelo (sub) esquema construcional [[X] prep N] do português, à luz dos pressupostos teóricos da Abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013). Os autores mostram que essas microconstruções, classificadas como construções intensificadoras hiperbólicas, são muito frequentes no português e circulam por vários gêneros textuais. Mota e Vieira (2020), por sua vez, analisam a composicionalidade e a produtividade da configuração formal-funcional do subesquema [X cor de SN] no português, vinculado à construção intensificadora [Xcor de Y], que instancia microconstruções como [*roxo/verde de raiva*] e [*vermelho de vergonha*]. Esses padrões construcionais evidenciam que o esquema abstrato de intensificação abarca um grande número de subesquemas de intensificação no português brasileiro.

Além das microconstruções intensificadoras estudadas pelos autores citados acima, identificamos no português um novo tipo construcional, aqui nomeado como a microconstrução intensificadora [com força], como visto em (1):

- (1) O tráfico de animais silvestres está presente **com força** junto com o comércio de muita coisa furtada, roubada e pirateada. (19:aprenda.bio.br)

Como se pode observar, a expressão [com força] em (1) atua como uma estratégia de intensificação, já que a função dessa microconstrução é explicitar que o tráfico de animais silvestres está muito atrelado a outros tipos de contrabandos, ou seja, o objetivo do falante é intensificar o que se sabe nesse caso sobre esse tipo de acontecimento. Entendemos que, em (1), o escopo da microconstrução [com força] incide sobre o estado-de-coisas como um todo [o tráfico de animais silvestres está presente...], uma vez que o enunciado em questão traz uma informação nova para o contexto de comunicação.

Entretanto, essa mesma expressão pode figurar em outros contextos de comunicação exercendo uma função mais composicional, como se vê em (2) e (3):

- (2) O corpo já falou demais. O senador toca com a ponta da bota lustrosa no corcunda que abre o olho vermelho, por um instante procura situar-se. – Traga o chá! O corcunda arrasta-se, batendo **com força** os pés nas tábuas do assoalho. Com os cotocos, o senador movimenta a cadeira de um lado para o outro, como se fosse uma rede. (19:Fic:Br:Louzeiro:Devotos).
- (3) Assustava-se o viúvo, agarrando-se ao passado por temor de seu futuro, quando escutou o chamarem, um chamado inoportuno – como interrompiam uma vida de surpresas? Ainda faltava tanto, tanta coisa a viver, tanto a evocar. Levantou-se aborrecido, abriu a porta **com força**, deparou com Rita Bento, olho inchado, veste escura, tímida, avisando ao pai a chegada das visitas, muita gente o esperava: – Ficamos preocupados com o senhor aí dentro, a tarde passou inteira. (19:Fic:Br:Abreu:Santa).

Apesar de a expressão [com força] exemplificada em (2) e (3) ser instanciada por um mesmo (sub)esquema construcional, a saber [[X] prep N], a sua composição semântica é diferente, pois, nessas ocorrências, o valor semântico de [com força] está ligado ao domínio mais concreto de força, que é responsável pela leitura de advérbio de modo, ou seja, nesses casos, a expressão [com fora] atua como advérbio de modo (e não como expressão adverbial de intensidade), especificando o modo como o corcunda bateu os pés nas tábuas do assoalho, como em (2), e o modo como a porta foi aberta, como em (3).

Diferentemente do que se observa em (1), em que a função da estrutura [com força] é de intensificação, em (2) e (3) a sua configuração semântica é mais composicional, pois o seu valor semântico ainda está ligado ao domínio cognitivo de força (+ concreto).

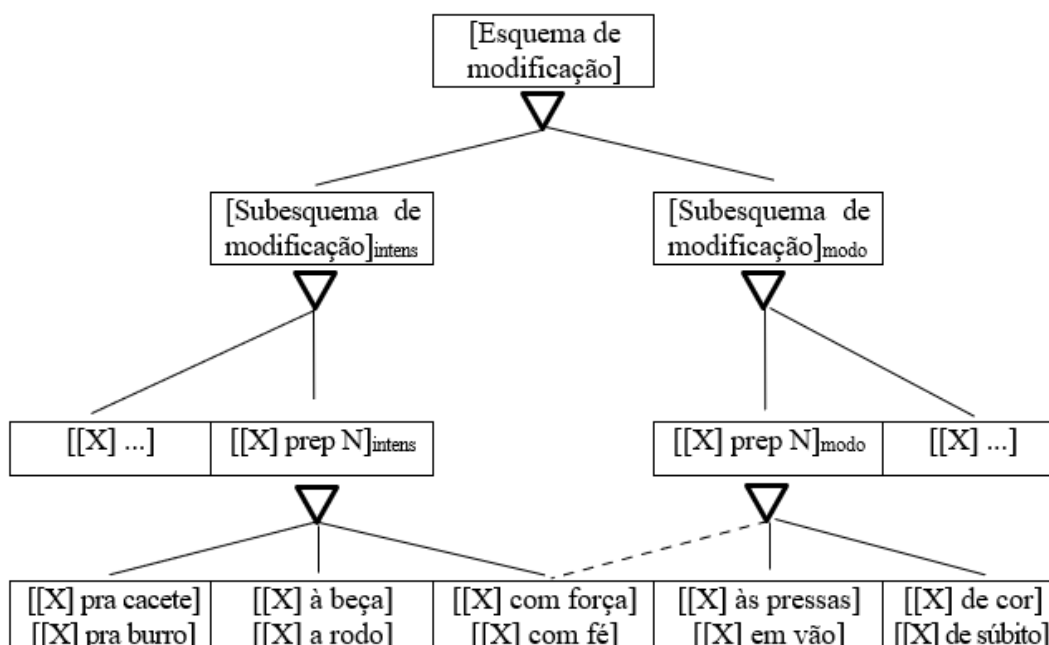
Diante do exposto, a hipótese deste artigo é a de que essa microconstrução [com força] emerge na língua como um novo pareamento de forma e significado com valor de intensidade correspondente ao das construções intensificadoras já investigadas no português, que são instanciadas pelo esquema construcional [[X] prep N]_{intensif*}.

Acreditamos que o licenciamento dessa expressão como uma microconstrução intensificadora no português decorre da perda de composicionalidade dos elementos “com” e “força”, que denotam força/modo/instrumentalidade em um uso mais composicional, em direção à ideia de intensidade.

A implementação dessa nova construção ocorre a partir do processo de metaforização do valor de modo ligado ao domínio mais concreto de força para um domínio mais abstrato de intensidade. Isso significa que a microconstrução [com força] de natureza intensificadora mantém um elo familiar com a microconstrução [com força]

de modo, já que ambas compartilham traços formais e são instanciadas por um mesmo esquema construcional, como se vê abaixo:

Figura 2. Rede conceitual das relações de modo e intensidade no português brasileiro



Fonte: Elaboração própria

A figura 2 mostra que o subesquema construcional de intensidade, em especial o de natureza não prototípica, mantém uma relação periférica (de não-prototipia) com o subesquema construcional de modo, justamente porque os subesquemas que instanciam as microconstruções de intensidade e de modo estão ligados a um esquema mais genérico de modificação. Além disso, o esquema construcional [[X] prep N] instancia um mesmo tipo de microconstrução, a saber [com força], que, a depender do contexto de uso, pode exercer a função de intensificação ou marcar o modo como alguma coisa é feita ou ocorre em uma dada situação de comunicação.

O surgimento desse novo uso na língua revela o que Croft (2001), Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2013) chamam de *chunking* (encadeamento), uma vez que se trata de uma combinação de termos linguísticos que passa a ser vista, por conta da convencionalização, com uma nova função na língua.

Silva, Souza e Andrade (2009) assinalam que o quadro de expressões intensificadoras no português é mobilizado por vários tipos de estratégias: i) intensificadores lexicais (*muito, demais, bastante*, etc.); ii) repetição (*correu, correu; chato, chato, chato*); iii) silabação

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

(*IM-POS-SÍ-VEL*); iv) entoação (*CANsado*) e v) prolongamento de sílaba (*bonitoooo*). Assim como em outras línguas, no português, essas construções intensificadoras desempenham um papel importante no que diz respeito às diferentes maneiras de dizer algo, qualificar e descrever um evento.

Em contextos de uso prototípico, é comum encontrar, dentre as diferentes possibilidades, as microconstruções intensificadoras *muito* e *bastante*, como em:

- (4) Galera, passou o dia do Fusca, passou a posse do Obama e eu não poste nada! Justo esses dois assuntos que vocês sempre esperam uma posição minha, visto que meu carro e a política internacional sempre me chamam muita atenção e eu sempre comento ***bastante***. (001pontodevista.zip.net/).
- (5) “A rodovia está em uma condição boa e acredito que esses acidentes com mortes acontecem por causa da falta de cuidado dos motoristas”, opinou o caminhoneiro Carlos de Brito. Para o caminhoneiro Adenilson Barbosa, o excesso de velocidade está entre os principais causadores das ocorrências. “O pessoal corre ***muito***. Em trecho de 60 quilômetros por hora tem gente que anda a 100. Isso acaba sendo perigoso”, disse. (visaoregional.com.br).

Em (4), nota-se que o falante, ao afirmar “*meu carro e a política internacional sempre me chamam muita atenção e eu sempre comento bastante*”, ele utiliza o advérbio intensificador *bastante* para mostrar que os comentários acerca de seu carro e da política são feitos com frequência. O mesmo ocorre em (5), por meio do advérbio intensificador *muito*, que é comumente utilizado pelo falante para expressar frequência ou rapidez a depender da nuance que se deseja evidenciar. Ao enunciar “*o pessoal corre muito*”, o objetivo do falante é mostrar que os acidentes com mortes nas rodovias ocorrem por causa da imprudência e do excesso de velocidade dos motoristas em trechos perigosos. Assim, ao intensificar a ação expressa pelo verbo *correr*, o falante alcança o seu propósito.

O uso da microconstrução [com força] com função intensificadora envolve um processo de abstratização semântica da noção de força ou potência física, que está atrelada às atividades físicas e corpóreas do indivíduo, como visto em (6):

- (6) Ao ver a praça cheia, ele agradeceu e até desceu do palco para tocar em as mãos de os fãs que estavam na frente. No entanto, o cantor não quis atender a imprensa. CDD também não ficou pra trás e mostrou que a voz feminina representa ***com força*** o rap. # Ao contrário de o que muita gente gosta de dizer por aí, o estudante Vitor Hugo Sousa lembra que MV Bill passa mensagens positivas para a gurizada. (20:Campo Grande News).

Como se observa em (6), o valor semântico de força física, que está atrelado ao domínio cognitivo mais concreto do universo biofísico do falante, passa por um processo de abstratização semântica, a partir da operação de metaforização, em que o valor de força física é transferido metaforicamente para o contexto de intensidade, que é mais abstrato que o domínio cognitivo de força física. Nesse sentido, em (6), ao usar a construção *com força*, o propósito do falante é enfatizar que a voz feminina representa bastante o *rap*.

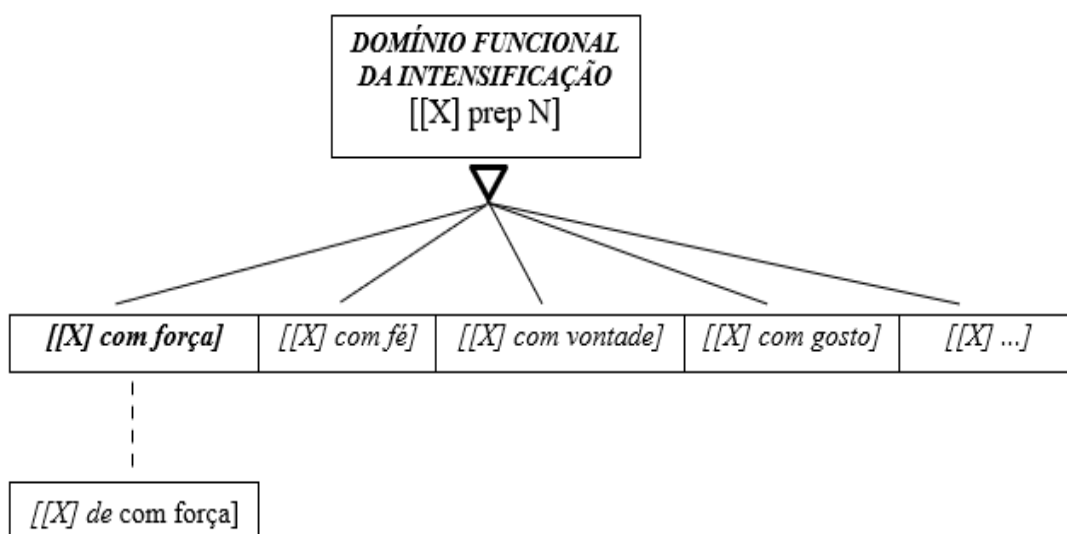
Sobre esse aspecto, Silva (2006, p. 67) diz o seguinte:

[...] a linguagem está intimamente ligada a outros domínios cognitivos e interage com fatores ecológicos, psicológicos, culturais, sociais, comunicativos etc. Desse modo, a estrutura linguística relaciona-se com e é motivada pelo conhecimento conceitual humano, pelas experiências físicas e pelas funções comunicativas do discurso. Em outras palavras, a linguagem depende de conceitualização, sendo condicionada por nossas experiências, e pelo ambiente externo e pelas relações que mantemos com esse ambiente.

Diante do exposto, Silva (2006, p. 70), baseado nas ideias dos precursores da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1987, dentre outros), diz que o aparato conceitual humano se constrói mediante operações cognitivas embasadas no modo como somos fisicamente e na relação que temos com o mundo natural e sociocultural ao nosso redor, o que denota que o pensamento tem base corporal. No tocante ao processo de intensificação, é importante destacar também que, além da microconstrução [com força], o subesquema construcional [[X] prep N] instancia ainda várias outras microconstruções intensificadoras, como ilustrado na figura 3:

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

Figura 3. Grau de atração do subesquema [[X] prep N] e variabilidade funcional



Fonte: Elaboração própria

Em (7) e (8), a expressão [de com força] atua como intensificador, modificando o verbo das sentenças (*utilizar* e *trabalhar*, respectivamente). Além disso, identificamos no corpus uma outra microconstrução intensificadora variante, rotulada como [de com força], que circula mais em ambientes informais de comunicação. Apesar de todas as microconstruções listadas na figura 2 exercerem a mesma função, a expressão [de com força] apresenta uma estrutura linguística distinta e, possivelmente, um grau maior de estigmatização.

- (7) Produzir energia a partir do BIO DIGESTOR. Dizem que a China utiliza **de com força** esta opção natural, cuja vantagem também é o adubo. (ambienteenergia.com.br).
- (8) O mal neste mundo trabalha **de com força** para que sejamos frustrados e infelizes. (escolapsicologia.com).

Em (7), ao escopar o verbo *utilizar*, a construção [de com força] passa a expressar intensidade, equiparando-se à ideia de que *a China utiliza bastante a opção natural*. No excerto (8), a ideia de intensidade da expressão [de com força] pode ser aferida a partir da seguinte paráfrase: *o mal trabalha com intensidade para que sejamos frustrados e infelizes*. A figura x mostra que esse tipo de microconstrução intensificadora, que se constitui a partir da preposição “com”, é relativamente produtiva no português.

Para este artigo, optamos pela investigação apenas da microconstrução intensificadora [com força], que pode modificar tanto predicados verbais, como em [*amar com força*] e [*correr com força*], quanto predicados adjetivais, como em [*ruim com força*] e [*feio com força*]. Consoante Silva (2006), o uso de intensificadores no português pode ser caracterizado como fenômeno gradual, uma vez que tal processo constitui uma operação cognitiva por meio da qual se imprime um reforço mais ou menos intenso.

Materiais e método

Para a realização da pesquisa, adotamos a perspectiva teórica da Linguística Cognitivo Funcional, representada especialmente por Bybee (2016), e os pressupostos teóricos da abordagem construcional de Goldberg (2003) e Traugott e Trousdale (2013).

Para analisar a emergência da microconstrução [com força]_{intensif} no português, selecionamos o *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006, 2016), que é composto por quatro subamostras do português: (i) a subamostra *Gênero/Histórico*, com 45 milhões de palavras, que inclui textos do português brasileiro e do português europeu e permite a realização de pesquisa diacrônica a partir de sincronias que vão do século XIII ao século XX; (ii) a subamostra *Web/Dialetos*, com um bilhão de palavras, que inclui textos de quatro variedades diferentes do português (Brasil, Angola, Moçambique e Portugal); (iii) a subamostra *Now*, com um bilhão e 100 milhões de palavras, que inclui textos atualizados da internet oriundos de revistas e jornais publicados em português em quatro países (dos anos 2012 a 2019): Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. Para esta pesquisa, utilizamos somente as subamostras *Gênero/Histórico* e *Web/Dialetos*.

A fim de manter a equidade e a representatividade entre as sincronias que compõem as duas subamostras selecionadas para esta pesquisa, elegemos o montante de 180 ocorrências para cada recorte sincrônico da subamostra *Gênero/Histórico* (cujas sincronias vão do século XIII ao século XX) e 180 ocorrências para a subamostra *Web/Dialetos*. Após a utilização da ferramenta de mesclagem de contextos, que possibilita que ocorrências de diferentes gêneros textuais sejam arroladas no levantamento de dados, selecionamos apenas as primeiras 180 ocorrências da expressão [com força] da busca realizada na plataforma do *Corpus* do Português. Quando o número de ocorrências levantadas em uma dada sincronia fica abaixo do teto de 180, são selecionadas todas as ocorrências encontradas nesse período.

Foram identificadas no *corpus* de investigação o total de 738 ocorrências do padrão construcional [com força], sendo 558 ocorrências referentes à subamostra *Gênero/Histórico* e 180 ocorrências referentes à subamostra *Web/Dialetos*. Do total de 738

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

ocorrências levantadas no *corpus* de análise, apenas 182 delas correspondem ao uso de [com força] com função intensificadora. As demais ocorrências representam, na maioria, casos em que a construção [com força] atua como advérbio de modo, incluindo, ainda, com baixa frequência, usos dessa expressão com função instrumental (*o homem realizou o trabalho com a força do braço*) e função predicativa (*os ventos chegaram com força destrutiva*). Vejamos:

Tabela 1. Relação entre percentuais por sincronia e função da expressão [com força]

Valores Sincronias	Função da expressão [com força] no português				TOTAL
	Intensificação	Modo	Instrumento	Predicativa	
Séc. 21	64	80	17	19	180
Séc. 20	11	87	26	42	166
Séc. 19	7	219	43	28	297
Séc. 18	-	28	2	4	34
Séc. 17	-	26	6	1	33
Séc. 16	-	19	4	2	25
Séc. 15	-	-	2	1	3
TOTAL	82 (11%)	459 (63%)	100 (14%)	97 (12%)	738

Fonte: Elaboração própria

Diferentemente de outras microconstruções intensificadoras, tais como [pra caramba], [pra cacete], [pra burro], entre outras, que são muito frequentes no português brasileiro, a microconstrução intensificadora [com força], embora já esteja consolidada na língua, ainda não é tão produtiva quanto as demais. Seu comportamento funcional também apresenta mais restrições em comparação às demais expressões.

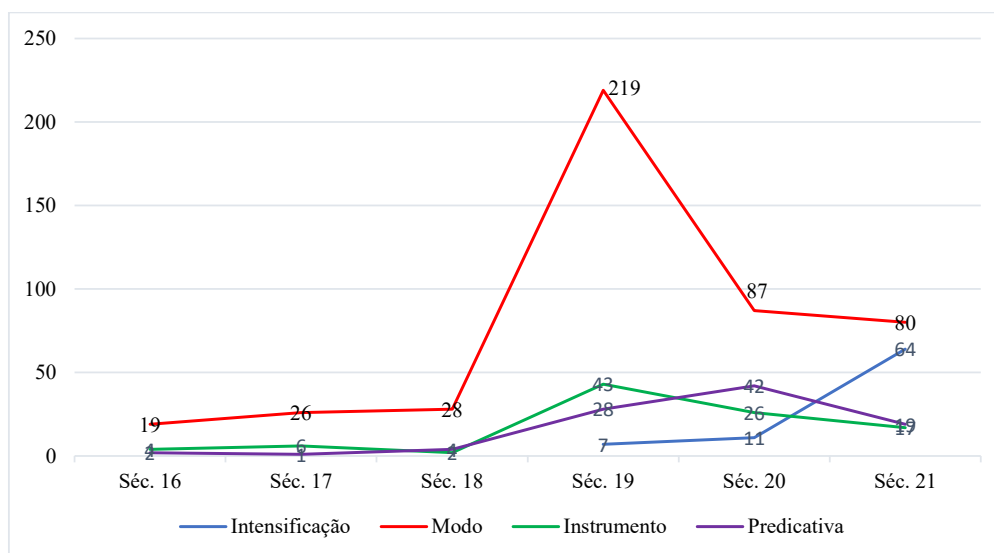
A análise a seguir trata mais especificamente do uso da expressão [com força] com valor intensificador, no entanto, para entendermos o processo de formação dessa microconstrução na história do português e os contextos morfossintáticos e semânticos que favoreceram a sua emergência e consolidação na língua, estabeleceremos algumas comparações do uso intensificador da construção [com força] com os valores de modo, instrumento e predicativo. Ademais, buscamos apresentar a rede construcional em que o uso intensificador da microconstrução [com força] se insere, além de mapear a semântica dos predicados verbais que estão mais atrelados à veiculação do valor de intensidade. Por fim, buscamos analisar as propriedades atinentes à sua composicionalidade, produtividade e esquematicidade.

Análise e discussão dos dados

O levantamento de dados realizado nas duas subamostras do *Corpus* do Português nos permitiu identificar quatro valores semânticos atrelados ao padrão construcional [com força]: intensificação, modo, instrumento e predicativo.

Os dados evidenciam que a formação dessa construção no português é decorrente da perda da composicionalidade dessa expressão, isto é, da perda de transparência semântica, implementada ao longo das sincronias do português, e também da reconfiguração morfossintática dos componentes da construção. Essas mudanças possibilitaram o surgimento de um novo pareamento de forma e significado na língua, segundo os princípios teóricos de Traugott e Trousdale (2013). Observemos o gráfico:

Gráfico 1. Valores semânticos e número de ocorrências de [com força] nas sincronias



Fonte: Elaboração própria

O gráfico 1 mostra que o valor de intensificação só emerge no português a partir do século 19, indicando que se trata de uma construção relativamente nova na língua. Nas demais sincronias, os valores ligados à expressão [com força] que predominavam na língua eram os de modo (maioria dos dados), instrumento e predicativo (qualificativo). Os valores de instrumento e predicativo aparecem nos contextos em que se verifica uma maior composicionalidade dos elementos que compõem a construção [com força], ou seja, nesses casos, é possível verificar a contribuição individual do significado de cada uma das subpartes da expressão para a composição dos significados de instrumento e qualificação (predicativo). Já o valor de modo, muito frequente no *corpus* investigado,

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

emerge em um contexto em que já se percebe um encadeamento (*chunking*, segundo Bybee, 2016) e uma opacidade maior dos elementos que integram a expressão. Em outras palavras, o que se verifica ao longo das sincronias é um processo de reconfiguração das margens da estrutura morfossintática da expressão:

Quadro 1. A reconfiguração de contextos morfossintáticos e a microconstrução [com força]

[x] [com] [força destrutiva]	[com a força] [do braço]	[x] [com força]	[x] [com força]
Os ventos chegaram com força destrutiva	Fez o trabalho com a força do braço	Bateu o martelo com força	A notícia repercutiu com força em todos os países
Predicativo	Instrumento	Modo	Intensificação

Fonte: Elaboração própria

Como se pode notar no quadro 1 acima, a indicação dos dados diacrônicos é a de que os contextos morfossintáticos e semânticos que certamente contribuíram para a formação da expressão intensificadora [com força] no português são os de modificação adjetiva (predicativa/qualificativa) e de instrumento, a partir da reconfiguração das fronteiras morfossintáticas envolvendo a preposição [com] e o nome [força].

Os exemplos, a seguir, ilustram casos em que a expressão [com força] atua como advérbio de modo, como em (9), (10) e (11), e como instrumento, como em (12):

- (9) Dize tudo – interrompeu o Amir, apertando **com força** o braço da cativa e fitando nela os olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta (18:Herculano:Eurico) – Século 19
- (10) Alvir tambem val o mesmo, que bulir **com força** numa cousa para a abalar. E tanto esteve Alvindo nos paos, que fez entrada Barros Dec. 2. fol. 201. (17:Bluteau:VPLA2) – Século 18
- (11) Arrancar **com força**, colher, destroçar, raspar, molestar, offender. Cic.* Destrigmentum,i,n.g. (16:BPereira:Pros3) – Século 17
- (12) torno a dizer que levar de força Cantão na mão **com força** de dous mil a tres mil homes e melhor digo dous tres mil não que com menos se não acabe a demanda. (15:Intino:China) – Século 16
- (13) Nõ leyxaria furar sua casa. Gorrã scilicet **com força** tirar se ha alma do corpo mas sayr da sua voontade. (14:SantaMaria:Evangelhos) – Século 15

Os dados acima evidenciam que sincronias pretéritas, em especial nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII, a expressão [com força] atuava mais como advérbio de modo e instrumento. O uso dessa expressão como microconstrução intensificadora aparece no português a partir do século 19, como mostra o gráfico 1 visto anteriormente.

Nos séculos XX e XXI, os usos como advérbio de modo, instrumento e predicativo continuam existindo na língua, porém o número de ocorrências da expressão [com força] com função intensificadora aumenta expressivamente. O exemplo (14) representa um uso prototípico da expressão [com força], em que a preposição *com* e o substantivo *força* expressam seus significados de origem [o modo como algo é feito]:

- (14) Esprema **com força** a massa entre as mãos a fim de retirar toda a água.
(21:arteducacao.pro.br).

Em (14), a expressão [com força] atua como advérbio de modo, pois o objetivo do falante, nesse caso, é fazer referência ao modo como a massa tem que ser espremida entre as mãos para que toda a água seja retirada. A ideia predominante nesse contexto é de força (potência física), que pertence a um domínio cognitivo mais concreto (situado na dimensão biofísica do falante). O sentido da preposição “com”, em (14), denota, portanto, “maneira” ou “modo de se realizar ou fazer algo”. Para Neves (2011, p. 236), os advérbios ou expressões que atuam como modificadores, como é o caso da expressão [com força], servem para qualificar uma ação ou um processo, quando incidem sobre verbos, ou para indicar um estado, quando atuam sobre verbo ou adjetivo.

Em outros contextos, observamos que a microconstrução [com força], por meio do processo de metáforização, passa a perder composicionalidade semântica, uma vez que, ao ser processada como apenas uma unidade, é interpretada e entendida como equivalente aos advérbios “muito” e “bastante”, tornando-se, assim, mais opaca, visto que não se recuperam mais na expressão os sentidos iniciais dos dois termos. Nos termos de Traugott e Trousdale (2013), à medida que sequências de unidades se unem para formar um todo, passam a ser armazenadas na memória como uma única unidade complexa, contribuindo para a implementação de novas construções. As ocorrências (15), (16) e (17) evidenciam que a microconstrução [com força] perde composicionalidade semântica, quando comparada às ocorrências de (9) a (14):

- (15) podia negar que era mui atrativa e que valsava perfeitamente. Chegaria a amar **com força**? Nisto apareceu-lhe outra vez a mentira da praia.
(19:Machado:Borba).

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

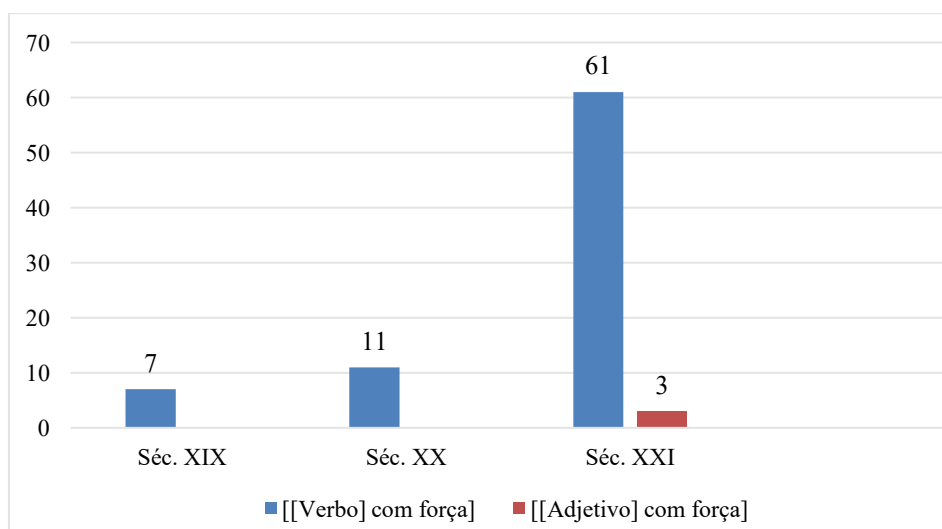
- (16) A notícia repercutiu **com força** em todos os países, pelo menos até a tarde de terça-feira na Argentina. (21:cartamaior.com.br).
- (17) Mas se você colocar amor, essa pessoa pode ser sua companheira, sua alegria, alguém que você deseja **com força**, alguém para te desafiar e te levar cada vez mais além. Falou e disse. (21:blog.mafaldacrescida.com.br).

Os dados (15), (16) e (17) mostram que [com força] passa a ser concebida como intensificadora, sendo, pois, instanciada pelo subesquema construcional [[X] prep N], que, devido ao alto grau de abstratização, permite o sancionamento de novos membros da rede, como a construção [pra caramba] descrita em Scaldelai e Souza (2020). Em (15), por meio da pergunta “*chegaria a amar com força?*”, o uso da expressão [com força] serve para expressar a ideia de “amar intensamente/bastante”. O escopo, nesse caso, incide sobre o verbo “amar”. Neves (2011, p. 236) diz que os advérbios de intensidade “intensificam o conteúdo de um adjetivo, um verbo ou um advérbio”. Por ser tratar de uma locução adverbial e se comportar de forma relativamente diferente dos demais casos de microconstruções intensificadoras, a expressão [com força] tende a escopar, com base nos dados aferidos, apenas o verbo e o adjetivo. O mesmo processo pode ser visualizado em (16), quando se diz “a notícia repercutiu com força em todos os países”, pois há a compreensão de que a notícia repercutiu muito/bastante.

Em (17), a microconstrução [com força] é usada pelo falante para intensificar o conteúdo expresso pelo verbo “desejar”. Nesse contexto, o falante busca enfatizar que o exercício do amor pode fazer alguém se tornar a sua companheira ou alguém que você gosta demais e quer sempre por perto.

Quanto ao tipo de elemento escopado pela microconstrução intensificadora [com força], verificamos a partir dos dados catalogados no *corpus* que houve um aumento da frequência de ocorrências da microconstrução [v com força], pois, do século XIX ao XX, houve um aumento de quatro ocorrências da microconstrução; já entre os séculos XX e XXI, observam-se 50 ocorrências a mais.

Sabe-se que a alta frequência de uso possibilita que as construções se convencionalizem na língua, passando a ser reconhecidas como funcionais e aceitas pelos falantes com mais facilidade. Bybee (2016) ressalta que itens serão julgados como aceitáveis na medida em que são frequentes na experiência do sujeito ou se assemelham a itens frequentes, fato que pode ser relacionado à microconstrução [com força], que, em contextos como os analisados aqui, expressa um funcionamento semelhante ao dos advérbios intensificadores altamente frequentes: *muito*, *bastante*, *demais* e *exageradamente*. O gráfico 2 ilustra a categoria e a frequência de elementos escopados pela microconstrução intensificadora [com força] no português brasileiro:

Gráfico 2. Tipo de elemento escopado pela microconstrução intensificadora [com força]

Fonte: Elaboração própria

Outro aspecto importante diz respeito ao seu processamento enquanto unidade, que, à medida que se cristaliza na língua, passa a se tornar mais frequente no uso. Considerando que itens utilizados frequentemente juntos podem ser processados como uma unidade (BYBEE, 2016), é possível observar a unificação da microconstrução [com força], uma vez que não se reconhecem as partes da expressão como elementos independentes, mas um único bloco cognitivo, cujo significado é de intensificação.

O gráfico 2 mostra que o escopo da microconstrução [com força] tende a incidir sobre a categoria verbal, que representa 96% dos dados levantados, contra 4% dos dados que operam sobre a categoria de adjetivo. Esse resultado aponta para um comportamento diferenciado dessa expressão intensificadora, quando comparada, por exemplo, com a expressão intensificadora [pra caramba], que escopa, segundo Scaldelai-Salles e Souza (2020, p. 73), com uma frequência equilibrada, tanto verbos quanto adjetivos. Ao realizar o mapeamento dos tipos de verbos modificados pela microconstrução intensificadora [com força], verificamos a seguinte distribuição apresentada na tabela 2:

Tabela 2. Tipo de verbo escopado pela microconstrução intensificadora [com força]

Tipo de verbo	Intensidade	Total
Ação	46 (58,2%)	46
Processo	23 (29,1%)	23
Estado	10 (12,7%)	10
Total	79 (100%)	79 (100%)

Fonte: Elaboração própria

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

Com base na tabela acima, observa-se que, dentre os tipos de verbos escopados pela microconstrução intensificadora [com força], os verbos de ação aparecem em primeiro lugar, somando 58,2% dos dados levantados no *corpus*. Abaixo, apresenta-se uma ocorrência com o verbo “esbofetear”:

- (18) Hermano ressentido do ataque de Simeão, tinha-o *esbofetado com força*, recebendo na manga da camisa gotas de sangue que saltaram do rosto do escravo... (18:Macedo: Luneta)..

Os verbos de processo aparecem em segundo lugar, totalizando 29,1% dos dados. Observe o dado abaixo:

- (19) Os meus sentidos aguçaram-se; a minha inteligência entorpecida durante a viagem, *despertou com força*, alegre e cantante... (19:Fic:Br:Barreto:Caminha)

Por fim, temos os verbos de estado, que representam somente 12,7% dos dados catalogados. A ocorrência a seguir é composta por esse tipo:

- (20) O tráfico de animais silvestres *está presente com força* junto com o comércio de muita coisa furtada, roubada e pirateada. (21:aprenda.bio.br).

Esse resultado reforça a tese de que as construções intensificadoras tendem a ser usadas em contextos verbais que requerem um sujeito agente responsável por executar a ação expressa pelo verbo. Os verbos de processo, em geral, requerem sujeitos que são sempre afetados por algo externo, ou seja, o sujeito de verbos de processo é sempre paciente, experimentador ou beneficiário de algo. Os verbos de estado, como mostra a tabela 2, são pouco frequentes com esse tipo de intensificador.

Visando estabelecer uma caracterização mais ampla dos tipos de predicados verbais que podem ser modificados pela microconstrução analisada, utilizamos a proposta de Sheibman (2000), que apresenta uma ampla divisão semântica dos verbos, podendo enquadrá-los como: corporais, cognitivos, sentimentais, existenciais e outros. Com base nessa categorização, constatamos que os verbos corporais e materiais são aqueles que estão mais relacionados à expressão de modo e instrumento, justamente porque esses verbos estão situados em um domínio cognitivo mais concreto, diretamente vinculado às ações biofísicas do falante no seu dia a dia, tais como, *comer, correr, fumar, chorar, sair, abraçar, bater*, entre outros. Em contrapartida, os verbos de natureza locucional, relacional, sentimental, perceptiva e cognitiva, incluindo usos metaforizados de verbos corporais e materiais, são os tipos verbais que são mais frequentemente escopados pela microconstrução [com força]. Vejamos o quadro 2:

Quadro 2. Classificação e tipos de verbos escapados pela microconstrução intensificadora [com força]

Tipo semântico	Predicado licenciado
Corporal	<i>bradar, palpitar, esbofetear, correr, nadar, fumar, sair, chorar, chegar, contorcer, voltar, abraçar, bater, reagir, comer, crescer, puxar, varrer, agarrar, mexer</i>
Material	<i>bater, fazer algo, apoiar, badalar, lançar, combater, bater, acrescentar, trabalhar, sorver, fumacear, aparecer, ecoar, conter, retomar, repercutir, funcionar, agregar, aliviar</i>
Locucional	<i>interromper, comunicar, dizer, criticar, protestar, atestar, insistir, gesticular, propagar, ordenar, repercutir</i>
Existencial	<i>estar, começar, ressuscitar</i>
Relacional	<i>recuperar, ressurgir, surgir</i>
Sentimental	<i>amar, desejar, expressar</i>
Percepção	<i>despertar, ver, enxergar, ouvir</i>
Cognição	<i>lembrar, pensar, refletir, raciocinar</i>

Fonte: Elaboração própria

Com base no quadro 2, notamos que os verbos mais licenciados são aqueles que expressam um significado mais concreto, o que pode estar relacionado ao fato de o substantivo *força* designar, inicialmente, um significado do mundo biofísico. Com base na classificação acima, nota-se que as microconstruções [com força] de natureza intensificadora tendem a se posicionar mais à direita (do polo +abstrato), já que resultam de uma operação de metaforização, cuja ideia intensificada pode incidir sobre qualquer tipo de verbo. Já os verbos do tipo “agarrar”, “bater”, “puxar”, dentre outros, classificados como mais concretos, situados à esquerda do *continuum* organizado abaixo (-abstrato), tendem a se relacionar mais com as microconstruções que expressam modo ou instrumento. Aqueles verbos que se situam no intermédio do *continuum* podem tanto servir à expressão de modo e instrumento quanto à expressão de intensidade:

(-abstrato)	>>	>>	(+abstrato)
<i>agarrar com força</i>	<i>trabalhar com força</i>	<i>interromper com força</i>	<i>amar com força</i>
<i>puxar com força</i>	<i>correr com força</i>	<i>repercutir com força</i>	<i>lembrar com força</i>
<i>bater com força</i>	<i>surgir com força</i>	<i>surgir com força</i>	<i>desejar com força</i>

Por meio das ocorrências supramencionadas, é possível notar que à medida que a microconstrução [com força]_{intensif} passa a se tornar bastante frequente na língua, o *slot* de elemento modificado passa a aceitar adjetivos, como exemplificado abaixo:

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

- (21) Ptz! Posso ter uma boa aparência, mais devo ser feio **com força**! Todos os dias tomo banho de manhã e a noite na hora de ir e voltar da academia. (21:sobrrelacionamento.com).
- (22) Porque o que seria do planeta sem flores, cachorros ou até mesmo pedras? Chato **com força** né! Tudo tem sua razão de ser e existir! Então, somos todos milagres de algo maior que não sabemos muito bem definir. (21:tresnortes.wordpress.com).
- (23) havia algumas no caminho onde as pessoas pisam, outras numa terra ruim **com força** e cheia de pedras, outras num lugar que tinha muito espinho. (21:bibliafreestyle.com.br).

Pode-se notar que, nos exemplos (21), (22) e (23), o *slot* X, além de poder ser preenchido por um predicado verbal, pode também alocar predicados adjetivais, avançando, assim, em termos de produtividade. Para Bybee (2016), a *produtividade* refere-se à ampliação dos (sub)esquemas de uma construção e, por essa razão, é comumente relacionada às frequências *type* (de tipo) e *token* (de ocorrência). Por meio da afirmação “Posso ter uma boa aparência, mais devo ser feio com força”, dada em (21), evidencia-se que a microconstrução [com força] escopa o adjetivo “feio”, que ocupa o *slot* X do subesquema construcional [[X] prep N], como em: [[feio] com força].

Em (22), o falante declara que um planeta sem flores, cachorros e até mesmo pedras seria muito chato, monótono/entediante, ou seja, seria “chato com força”. Já em (23), ao enunciar *havia algumas no caminho onde as pessoas pisam, outras numa terra ruim com força*, o intuito do falante é enfatizar o quão ruim é a terra ao seu redor (que está cheia de pedras e não é adequada para o plantio). Essa ideia é reforçada pelo uso da microconstrução intensificadora [com força], que modifica a propriedade expressa pelo adjetivo “ruim”, sendo equivalente aos advérbios “muito” e “demais”. É importante destacar ainda que o intensificador [com força] tende a vir posposto ao adjetivo, enquanto as microconstruções intensificadoras prototípicas como “muito” e “bastante”, quando escopam verbos e adjetivos, tendem a vir antepostas a eles.

Sobre essa questão, Ilari *et al.* (1991, p. 119) assinalam que a posição dos intensificadores prototípicos, em construções que apresentam como escopo um predicado verbal, é predominantemente posposta ao elemento escopado, diferentemente de quando o termo escopado é um adjetivo, em que a tendência é posição anteposta. Em contextos em que o elemento escopado é um adjetivo, [com força] ocorre em posição posposta, diferenciando-se do uso prototípico, cuja funcionalidade indica anteposição em relação à construção adjetival.

Essa semelhança, em termos de funcionalidade, com construções já existentes no português, pode indicar a ocorrência de *analogização* no processo de intensificação, como pontuado por Traugott e Trousdale (2013), cujo mecanismo operacional permite a criação de novos usos a partir de outros já existentes na língua.

O desenvolvimento da construção [com força] resulta de processos metafóricos que se originam de aspectos formais e semânticos. Ao investigar a origem da expressão de intensidade da construção em análise, verificamos que a intensidade é permitida devido às acepções de origem do substantivo *força*, Segundo Borba (2011), o vocábulo *força* apresenta as seguintes nuances: “aquilo que faz mover”, “impulso”, “pressão”, “vigor físico”, “energia”, “robustez”, “resistência”, “fôlego”, “poder”, “influência”, “eficácia”, “intensidade”, acepção que é estendida para o novo funcionamento.

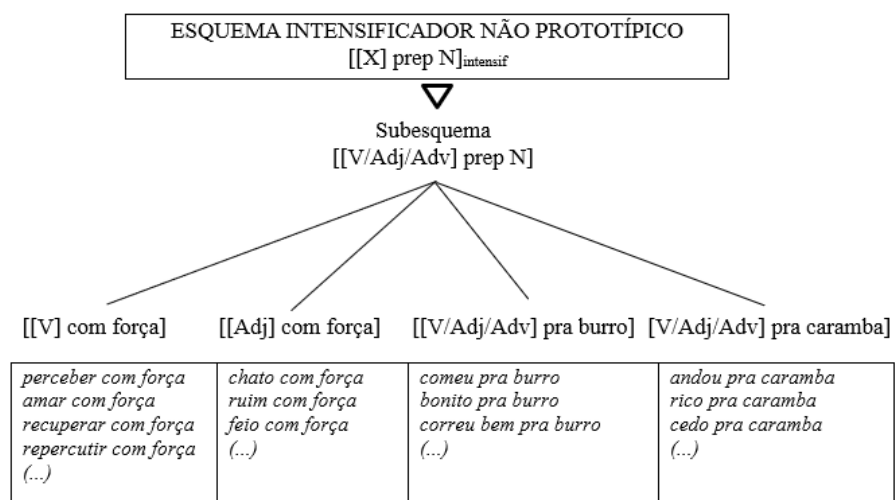
Como visto até aqui, o fato de ambas as sequências [com] [força] serem acessadas como um único bloco cognitivo, ou seja, como um *chunk*⁶, nota-se um alto nível de entrincheiramento⁷ e perda de composicionalidade, uma vez que a soma das partes passa a fazer referência a significados mais generalizados, que não denotam ações no mundo biofísico, tais como força ou potência física. Essas mudanças também impactam a produtividade e o grau de esquematicidade do (sub)esquema construcional [[X] prep N], que passa a instanciar outros tipos de microconstruções intensificadoras na língua ao longo do tempo. A figura 4 representa uma proposta de organização hierárquica da rede construcional de [com força]:

6 De acordo com Bybee (2016), *chunking* é um processamento cognitivo, gerado via repetição, que leva o falante a interpretar um conjunto de palavras como uma única unidade semântica.

7 Para Goldberg (2005), a experiência repetida de uma construção desencadeará o seu entrincheiramento, ou seja, a sua representação holística, cristalizada, enquanto pareamento forma e significado.

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

Figura 4. Proposta de organização da rede construcional de intensificação no português



Fonte: Elaboração própria

Com base na proposta de organização da rede construcional de intensificação no português, representada na figura 4, pode-se entender a relação entre subesquemas e esquema de intensificação de duas formas possíveis: (i) na primeira delas, considera-se que o padrão construcional [[X] prep N] constitui um subesquema construcional de intensificação vinculado a um esquema mais genérico de intensidade, que instancia diferentes outros tipos construcionais; (ii) no segundo caso, pode-se entender que o padrão construcional [[X] prep N]_{intensif} representa um esquema construcional de intensificação, responsável por instanciar outros subesquemas construcionais de intensidade, organizados a partir de suas especificidades formativas.

Neste trabalho, entende-se que o padrão construcional [[X] prep N]_{intensif} pode ser considerado um esquema geral que instancia outros subesquemas construcionais de intensificação, tais como [[V/Adj/Adv] prep N], e também outros subesquemas construcionais que expressam modo, como exemplificado na figura 2. Trata-se de um subesquema construcional bastante produtivo no português, pois ele instancia, como visto em Scaldelai e Souza (2020, p. 68-69), diferentes tipos de construções intensificadoras não prototípicas, como [*pra caralho*], [*pra Cacilda*], [*à beça*], [*a rodo*], [*pra chuchu*], etc. Para Goldberg (2003, p. 219), “a totalidade do conhecimento da linguagem pode ser capturada em termos de rede de construções”, o que se dá a partir do pareamento entre a forma [prep N] e o significado de *intensificação*, como é o caso da microconstrução intensificadora [com força] aqui investigada. Assim, a formação desse subesquema construcional atesta o fato de que o falante categoriza os elementos linguísticos com base em semelhanças entre a forma ou sentido.

Considerações finais

Ao investigar a história da microconstrução [com força] no português brasileiro, foram encontrados quatro valores semânticos em funcionamento: *modo*, *instrumento*, *predicativa* e *intensidade*. Com base nas análises acerca dessa microconstrução, foi possível notar que o seu surgimento enquanto microconstrução intensificadora se dá a partir do século XIX, com base nos dois primeiros valores encontrados desde o século XVI: *modo* e *instrumento*.

Vimos também que a microconstrução intensificadora [com força] constitui um caso de construcionalização gramatical, visto que ela emerge no português como um novo nó construcional que atua na marcação de intensidade. Essa expressão integra a rede de construções intensificadoras complexas (não prototípicas) e mantém uma relação de familiaridade com as microconstruções que expressam modo (e instrumentalidade, em sentido mais amplo), justamente porque são instanciadas pelo mesmo esquema construcional, a saber: [[X] prep N].

Os nossos dados mostram ainda que a microconstrução intensificadora [com força] pode escopar dois tipos de predicados: (i) *predicados verbais*, tais como os verbos de natureza locucional, relacional, sentimental, perceptiva e cognitiva, incluindo usos metaforizados de verbos corporais e materiais, como *repercutir*, *amar*, *desejar*, *pensar*, *perceber*, entre outros; (ii) *predicados adjetivais*, como *ruim*, *chato*, *feio*, *bonito*, etc. Em relação aos tipos de predicados encontrados, foram identificados no *corpus* verbos de ação, processo e estado. Considerando que a variabilidade no *slot* de uma construção é um dos aspectos que indicam o seu grau de produtividade e esquematicidade, podemos afirmar que [com força] com função intensificadora é uma microconstrução relativamente produtiva, pois, apesar de escopar diferentes tipos de verbos e adjetivos, sua frequência na língua é inferior à de outras construções.

Não encontramos no *Corpus* do Português nenhuma ocorrência da expressão [com força] que tome como escopo um advérbio, como *cedo pra burro* ou *bem pra burro*, no entanto, em outros tipos de banco de dados, como o próprio Google, trazem várias ocorrências desse tipo. Ao observar a ordem em que a microconstrução intensificadora [com força] ocorre, notamos que, embora advérbios de intensidade como *muito* e *bastante* ocorram antepostos a adjetivos, a microconstrução inovadora sempre ocorrerá posposta a eles, da mesma forma que ocorre com verbos.

Outro aspecto identificado na análise é que os verbos corporais e materiais tendem a relacionar mais com expressão de modo e instrumento, uma vez que esses verbos

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

veiculam conteúdos semânticos que estão situados em um domínio cognitivo mais concreto do universo biofísico do falante, por exemplo, os verbos *comer, correr, fumar, chorar, sair, abraçar, bater*, entre outros. Essa diferença comportamental no que se refere ao tipo de elemento escopado pela expressão aponta para uma distinção importante entre os usos de [com força] como intensificador e advérbio de modo.

Referências

BERLANDA, S. Constructional Intensifying Adjectives in Italian. **Proceedings of the 9th Workshop on Multiword Expressions (MWE 2013)**, Atlanta, Georgia, 2013, p. 132-137.

BORBA, F. S. (org.). **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BUNTINX, N.; VAN GOETHEM, K. **Cross-linguistic perspectives on intensification in speech: A comparison of L1 French and L2 English and Dutch**. Poster presented at the Using Corpora in Contrastive and Translation Studies Conference (5th edition). Louvain-la-Neuve, Belgium, 2018.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

COSTA, I. O. **A construção superlativa de expressão corporal: uma abordagem construcionista**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective**. Oxford: Oxford University Press. 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: CUP, 2004.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s**, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 05 jul. 2023.

GOLDBERG, A. Constructionist approaches. *In*: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. USA: Oxford University Press, 2013.

GOLDBERG, A. **Constructions**: A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, 2003.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GRANDI, N. Intensification processes in Italian. *In*: NAPOLI, M.; RAVETTO, M. (ed.). **Exploring Intensification. Synchronic, diachronic and crosslinguistic perspectives**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2017. p. 55-77.

ILARI, R. *et al.* Consideração sobre a posição dos advérbios. *In*: CASTILHO, A. T. DE. (org.). **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1991. p. 64-141.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press; 1987.

MOTA, N. A.; VIEIRA, M. S. M. A construção de intensificação com lexemas de cor no português brasileiro. **Revista Linguística**, v. 16, p. 50-68, 2020.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, M. R. Contexto, definição e fatores de análise. *In*: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. **Linguística Centrada no uso**: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 22-35.

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

SCALDELAI-SALLES, A. L.; SOUZA, E. R. F. de. Um estudo construcional da microconstrução[[x] pra caramba] no português brasileiro. **Filol. Linguist. Port.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 55-79, jan./jun. 2020.

SCALDELAI, A. L. **Um estudo cognitivo-funcional das construções intensificadoras no português brasileiro**. Relatório Parcial de Iniciação Científica. São José do Rio Preto: UNESP/FAPESP, 2016. [disponibilidade restrita]

SCALDELAI, A. L. **Um estudo cognitivo-funcional das construções intensificadoras no português brasileiro**. Relatório Parcial de Iniciação Científica. São José do Rio Preto: UNESP/FAPESP; 2017. [disponibilidade restrita]

SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity. *In*: BYBEE, J.; HOPPER, P. (ed.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 61-90.

SILVA, B. C.; SOUZA, F. F.; ANDRADE, W. C. Intensificação no Português Falado. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, n. 1, p. 1-11, 2009.

SILVA, J. R. Aspectos semântico-cognitivos da intensificação. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 201-218, 2º sem. 2006.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; BARBOSA, Leticia de Almeida. A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 28-57, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 23/12/2022.

ESQUEMATICIDADE E PRODUTIVIDADE NA RECONFIGURAÇÃO DA REDE DE CONECTORES CONDICIONAIS

Táisa Peres de OLIVEIRA¹

Camila Gabriele da Cruz CLEMENTE²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3450>

Resumo: Neste artigo, propomos demonstrar como as mudanças na produtividade das microconstruções sancionadas por [VNão-Fin que]Cond afetam seu grau de esquematicidade e levam à reconfiguração da rede em um todo. Como resultado de mudanças diversas, o subesquema [VNão-Fin que]Cond sanciona, no século XIX, as microconstruções [supondo que]Cond, [considerando que]Cond, [dado que]Cond e [posto que]Cond. No entanto, no século XXI mudanças na produtividade afetam a configuração desse subesquema que parece perder algumas de suas microconstruções. Nossa análise mostra que o grau de generalização e a extensibilidade do esquema mais geral é constantemente alterada como resultado de mudanças na produtividade em níveis menos esquemáticos e mais específicos, provocando, assim, a reconfiguração de toda a rede. Para sustentar nosso estudo, utilizamos as bases teóricas da Abordagem Construcional da Mudança Linguística de autores como Traugott e Trousdale (2021), Hilpert (2021), Barðdal (2008) e Perek (2016). Os dados utilizados foram coletados em dois bancos de dados diacrônicos, o Córpus do Português (FERREIRA; DAVIES, 2006) e o Banco Informatizado de Textos do Programa para a História da Língua Portuguesa (BIT-PROHPOR/UFBA, 2002).

Palavras-chave: Abordagem construcional. Mudança linguística. Esquematicidade. Produtividade. Conectores condicionais.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; taisa.p.oliveira@ufms.br; <https://orcid.org/0000-0002-2439-5604>

² Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; camila.clemente@estudante.ufscar.br; <https://orcid.org/0000-0003-0709-6888>

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

SCHEMATICITY AND PRODUCTIVITY IN THE RECONFIGURATION OF THE CONDITIONAL CONNECTOR NETWORK

Abstract: This paper demonstrates how changes in productivity of microconstructions sanctioned by [VNão-Fin que]Cond affects the configuration of the network as a whole. As the result of several changes, by the 19th century, the subschema [VNão-Fin que]Cond can sanction the microconstructions [*supondo que*]Cond, [*considerando que*]Cond, [*dado que*]Cond and [*posto que*]Cond. Nevertheless, changes in productivity affects the configuration of the subschema that seems to lose some of its microconstructions. Our analysis shows that changes in the productivity of less schematic constructions may lead to changes in extensibility and degree of generalization of more general schemas. This analysis takes from the Diachronic Construction Approach, as elaborated by Traugott e Trousdale (2021), Hilpert (2021), Barðdal (2008) e Perek (2016). Our data were collected at Corpus do Português (FERREIRA; DAVIES, 2006) and at Banco Informatizado de Textos do Programa para a História da Língua Portuguesa (BIT-PROHPOR/UFBA, 2002).

Keywords: Constructional approach. Linguistic change. Schematicity. Productivity. Conditional connectors.

Introdução

Neste artigo, pretende-se explorar como a rede da construção [X conj]_{Cond}³ é (re)organizada a partir de diversas mudanças que afetam sua estrutura interna. Especificamente, o interesse de investigação aqui é identificar os tipos de mudança na produtividade que são relevantes para a extensibilidade de um de seus subesquemas e a consequente reconfiguração da rede. Para tanto, o foco deste artigo se volta para a relação entre produtividade e esquematicidade, observando tanto as mudanças que afetam o preenchimento dos *slots*, como as mudanças na preferência colocacional que resultam na emergência ou perda de expressões convencionais.

Tomamos como objeto de análise, em específico, o subesquema [V_{Não-Fin} que]_{Cond} para mostrar como os processos de mudança na produtividade desse subesquema provocaram

³ No esquema, X representa a posição aberta que pode ser ocupada por elementos de natureza morfossintática bastante diversa, tais como, advérbios (contanto que) e preposições (desde que), (conj)unção representa a posição parcialmente esquemática, já que pode ser ocupada pelo complementizador *que* e pela própria conjunção *se*, e cond(ição) indica a especificação semântica da função desse conector. Para uma visão mais detalhada da rede de conectores condicionais, verificar Oliveira (2019, 2020).

rearranjos na rede construcional. Num primeiro momento, a partir da emergência de [supondo que], outras três microconstruções emergem: [considerando que], [dado que] e [visto que]. Como resultado do processo de rotinização e convencionalização contínuas, a microconstrução [supondo que] experimenta uma expansão colocacional e semântico-pragmática significativa. Ao mesmo tempo, as microconstruções [dado que] e [visto que] desenvolvem heterossemias, especificamente, o valor contrastivo, historicamente ligado à base causal presente na condicionalidade. Essas mudanças associadas parecem levar à perda dessas microconstruções de base participial na rede condicional. Em outras palavras, no desenvolvimento do subesquema $[V_{\text{Não-Fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}}$, primeiro notam-se mudanças que levam ao aumento de sua produtividade atestada pela emergência de diferentes microconstruções. No entanto, à medida que a microconstrução [supondo que] se consolida como conector condicional, expandindo seus contextos de uso, as microconstruções de base participial sancionadas pelo mesmo subesquema parecem entrar em obsolescência, com possível indicação de perda desses nós na rede dos conectores condicional.

A análise mostra, portanto, como mudanças na produtividade que afetam o subesquema são resultados da expansão geral situada em nível menos esquemático na rede. À medida que [supondo que] se consolida, por volta do século XIX, o esquema vai adquirindo considerável extensibilidade, generalizando a partir de diferentes subpadrões. Diferentemente do que se nota nas outras microconstruções exemplares sancionadas pelo mesmo subesquema, a microconstrução [supondo que] pode ser usada com diferentes correlações modo-temporais e atuam em diferentes domínios cognitivos. Nesse sentido, seu uso e extensibilidade não estão limitados a um domínio semântico-pragmático muito específico. Os resultados evidenciam, assim, a estreita relação entre esquematicidade e produtividade, que, em parte, determina o nível em que uma construção é representada na rede e, por outro lado, também provoca uma reorganização da rede. Fica evidente, então, o papel que habilidades cognitivas como convencionalização, rotinização e abstração têm na estrutura e organização da rede construcional.

Este trabalho se assenta nas bases teóricas da Abordagem Construcional da Mudança Linguística (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021; HILPERT, 2021; BARDDAL, 2008; PEREK, 2016) e entende, como princípio básico, que a língua pode ser conceitualizada como uma rede de esquemas, subesquemas ou microconstruções organizados em diferentes níveis de abstração, que exibem diferentes graus de generalização, fixação e convencionalização que são, constantemente, alterados e reconfigurados pelo uso da língua. Os dados foram coletados em perspectiva diacrônica, no *Cópus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2005) e Banco Informatizado de Textos do Programa para a História da Língua Portuguesa (BIT-PROHPOR/UFBA, 2002).

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Para tanto, este trabalho está organizado do seguinte modo: na segunda seção, apresentam-se questões teóricas que sustentam nossa análise, na terceira seção, apresenta-se a metodologia do trabalho; a partir daí, na quarta seção, discute-se a estreita relação entre produtividade e esquematicidade, mostrando como mudanças na produtividade podem afetar a esquematicidade da rede dos conectores condicionais.

Questões teóricas e metodológicas

A abordagem construcional da mudança linguística

Nossa análise parte da Abordagem construcional da mudança linguística, fortemente vinculada ao que se nomeia como Modelos Baseados no Uso (CROFT, 2001; LANGACKER, 2008; BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2006; 2019; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021) e que tem na sua base a articulação de princípios funcionalistas e cognitivistas. O rótulo abriga um conjunto relativamente extenso e variado de teorias, que, em comum, reconhecem a gramática como o resultado das experiências dos usuários com a língua.⁴

Para os Modelos Baseados no Uso, os processos de abstração linguística se assentam sobre processos cognitivos gerais e, assim, a estrutura linguística é entendida como parte de estruturas conceituais mais amplas. Isso implica reconhecer que a experiência do usuário com a língua e, em última instância, a própria estrutura linguística refletem habilidades cognitivas que atuam em outros sistemas do conhecimento humano. Destacam-se, aí, a capacidade de categorização, memorização e estocagem de detalhes da experiência, a estreita relação entre frequência, rotinização e automatização de atividades e a capacidade para associar cognitivamente eventos coocorrentes.⁵ Fica, assim, evidente, a não compartimentalização da linguagem e outras capacidades cognitivas, já que processos de domínio geral e específicos atuam de modo integrado e operam em qualquer área da cognição humana.

Subjacente a esses princípios, entende-se que padrões e regularidades linguísticas emergem da fixação de rotinas cognitivas a partir de instâncias concretas de uso. Nesse processo, as unidades da língua são abstraídas a partir da compreensão de propriedades contextuais de ocorrências reais. Em outras palavras, as estruturas da língua emergem da fixação de configurações formais e funcionais recorrentes nos eventos de uso e que se estabelecem como unidades por meio de processos cognitivos gerais, como rotinização,

4 Para uma visão detalhada dos Modelos Baseados no Uso, conferir Barlow e Kemmer (2000).

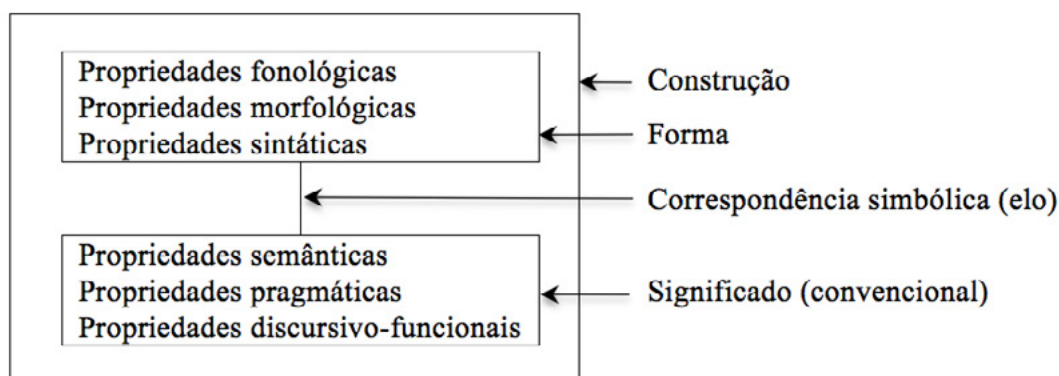
5 Para maior detalhamento da relação entre processos linguísticos e processos cognitivos gerais, conferir Bybee (2016).

automatização, categorização e generalização. Nesse processo, as unidades da língua são construídas através da categorização de instâncias similares convertidas em representações mais abstratas, evitando-se, assim

[...] a ideia de uma gramática formal desprovida de significado e, ao contrário, foca-se no modo como construções gramaticais baseadas no significado emergem de usos individuais da língua. (TOMASELLO, 2009, p. 69, tradução nossa⁶).

A partir daí, reconhece-se a construção como unidade básica da língua, concebida como o pareamento convencional entre forma e significado, tal como representada, na Figura 1. A construção consiste numa estrutura gramatical em que, no polo da forma, estão representadas as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; e, no polo do significado, abrigam-se todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção, seus traços semânticos e, também, propriedades da situação, do discurso e do contexto pragmático da interação verbal. As construções podem ser desde as mais simples, como um lexema, às mais complexas, por exemplo, o esquema da oração transitiva. Ou seja, as construções consistem tanto em unidades substantivas e especificadas como em padrões e regularidades mais abstratos, apreendidos e convencionalizados a partir de instâncias de uso.

Figura 1. A construção



Fonte: Adaptado de Croft (2001)

No geral, construções são analisadas conforme três propriedades: esquematicidade, composicionalidade e produtividade (GOLDBERG, 2002; TRAUGOTT; TROUSDALE,

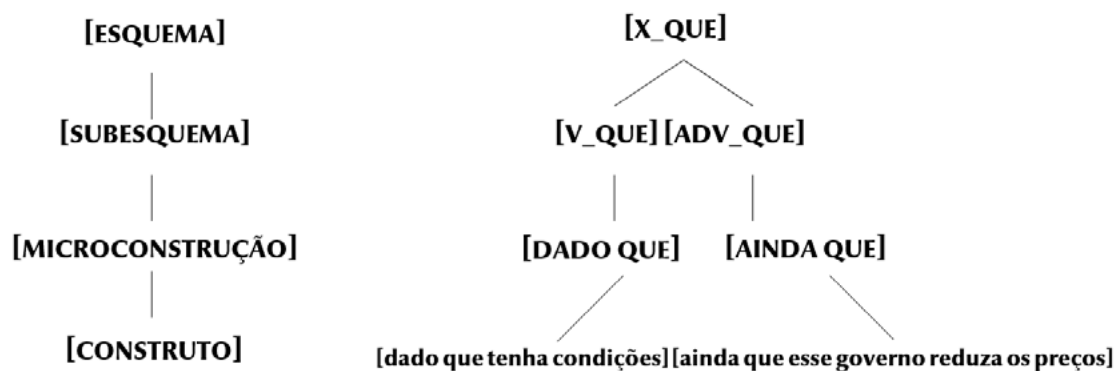
⁶ No original: “[...] the idea of a wholly formal grammar devoid of meaning and instead focus on how meaning-based grammatical constructions emerge from individual acts of language use”.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

2021). Todas essas propriedades são pensadas em termos de gradiência e, numa abordagem construcional da mudança linguística, como é a que assumimos para a análise aqui, são esperadas mudanças que afetam em maior ou menor grau essas propriedades.

Esquematicidade reflete o grau de abstração e generalização de uma construção e se assenta, especialmente, sobre a habilidade de categorização. Esquemas podem ser entendidos como padrões de experiência rotinizados e cognitivamente fixados. Nesse sentido, esquemas linguísticos são grupos abstratos e gerais que podem ser analisados em razão das posições abertas ou fechadas que os constituem. Um esquema altamente abstrato é pouco especificado, apresentando posições abertas que abstraem sobre subesquemas e microconstruções com maior grau de especificação. É o caso, por exemplo, da construção transitiva [Arg₁ V Arg₂]. Com todas as posições abertas, pouco especificadas e generalizadas, essa construção é altamente esquemática e abstrai sobre diferentes subesquemas e microconstruções que, por sua vez, abstraem sobre muitas instâncias de uso. Diferentemente do que se vê na construção [<alguém> bater as botas] por exemplo. Com várias posições especificadas (fechadas, já que não podem ser preenchidas por outras unidades linguísticas sem que haja perda do significado idiomático), essa construção apresenta um baixo grau de esquematicidade com apenas uma posição aberta (João bateu as botas, Maria bateu as botas). Em termos de esquematicidade, construções podem ocupar diferentes níveis na rede construcional, a depender do grau de abstração e generalização de suas posições, aqui exemplificados na figura 2 (mais adiante). A figura ilustra os diferentes graus de esquematicidade de acordo com a nomenclatura usada em Traugott e Trousdale (2021), em que o esquema representa o nível mais geral e abstrato, que vai se tornando cada vez menos esquemático em níveis inferiores, subesquema e microconstrução, respectivamente. Os construtos representam instâncias reais de uma construção. À direita, o grau de esquematicidade é ilustrado com base no grau de esquematicidade dos conectores condicionais. Cabe esclarecer que o processo de generalização se dá numa ordem *top-down*, assumindo que a rede estoca os detalhes relevantes a partir da experiência dos usuários da língua, organizados em termos de princípios de categorização (LANGACKER, 2008).

Figura 2. Níveis de esquematicidade



Fonte: Elaboração própria

Composicionalidade mede o grau de transparência do elo entre forma e significado de uma construção. Ou seja, a análise dessa propriedade verifica se o significado de uma construção é, de algum modo, resultado da correlação de suas partes componenciais. Em outras palavras, a composicionalidade pode ser pensada em termos de transparência entre o significado da parte e o significado do todo. Toma-se como exemplo os diferentes usos de [a gente] no português brasileiro. Em [a gente]_{sn}, o significado do determinante ‘a’ e do substantivo ‘gente’ contribuem para a construção do significado do SN determinado singular e feminino. Diferentemente, em [a gente]_{pro}, esses traços se perdem e tem-se um significado altamente gramatical, que faz referência de primeira pessoa do plural. Esse significado não é derivado do significado das partes dessa construção sendo, portanto, não transparente e não composicional⁷.

Produtividade está relacionada à extensibilidade e restrição de uma construção. Na análise da produtividade, avalia-se o grau em que um esquema sanciona construções menos esquemáticas. Tome-se a exemplo o esquema de formação de substantivos derivados em -eiro no português [N + -eiro]. Extremamente produtivo, esse esquema sanciona diversos construtos como chaveiro [chave + -eiro], pipoqueiro [pipoca + -eiro], fofoqueiro [fofoca + -eiro]⁸, etc. Muito diferente, por exemplo, do esquema [X que]_{Cond} que tem produtividade consideravelmente mais baixa, já que não temos novas conjunções se formando com tanta frequência (OLIVEIRA, 2014). A produtividade também está ligada às restrições de um (sub)esquema. Por exemplo, na rede construcional dos conectores

7 Para uma análise construcional da construção [a gente]_{pro}, ver Faria (2022).

8 Aqui os esquemas representam de forma mais geral a produtividade lexical dos nomes terminados em -eiro, sem detalhar as especificações no processo de derivação.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

condicionais, o subesquema [$v_{\text{Não-fin}}$ que] sanciona apenas formas verbais não-finitas, por exemplo, as microconstruções [dado que] e [supondo que].

Diante de tudo isso, a gramática é, então, concebida como a representação cognitiva de uma rede de construções organizada hierarquicamente em diferentes níveis de abstração e generalização. Na rede, cada construção consiste em um nó que se liga a outros nós por meio de elos diversos. Na rede, os elos de herança – de natureza taxonômica – ligam verticalmente construções mais específicas a construções mais abstratas com quem compartilham propriedades de forma e de significado. Os elos relacionais – de natureza relacional – especificam tipos de relações entre construções. É por meio dos elos que as construções, ou nós, vão se associando em famílias e agrupamentos com diferentes graus de acessibilidade e fixação. Exemplos de diferentes categorias conceituais podem participar de uma mesma rede por meio do compartilhamento de propriedades e traços de forma ou significado e, assim, se ligam uns aos outros, numa rede ampla, em que nenhum nó está isolado.

É exatamente nesse contexto que se situa a Gramática de Construções e, de maior interesse aqui, a Abordagem Construcional da mudança linguística ou Gramática de Construções Diacrônica, conforme delineada por diversos autores como Traugott e Trousdale (2021), Hilpert (2021), Barðdal (2008), entre outros. Para a análise que apresentamos aqui, adotamos, especificamente, Traugott e Trousdale (2021).

Esse modelo entende a mudança linguística a partir de dois processos fundamentais: a **mudança construcional**, quando se notam mudanças que afetam apenas uma dimensão de uma construção já existente, alterando ou o plano da forma ou o do significado, ou a **construcionalização**, quando um novo elo convencional e simbólico entre forma e significado se forma como resultado de pequenas mudanças sucessivas que levam à emergência de uma nova construção.

Traugott e Trousdale (2021, p. 58) conceituam construcionalização como

[...] a criação de (combinações de) signos $\text{forma}_{\text{nova}}$ - $\text{significado}_{\text{novo}}$. Ela forma novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. Novas microconstruções podem igualmente ser criadas gradualmente [...]. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 58).

É evidente aí o papel do uso e da frequência. A construcionalização ocorre, de fato, quando a nova construção persiste na memória de um grupo de usuários, que é ativada pelo uso frequente de ocorrências semelhantes, possibilitando ao usuário da língua generalizar sobre essas instâncias e estocar o novo padrão que, à medida que vai sendo replicado, fixa-se como representação linguística na memória dos usuários. Um exemplo de construcionalização é a formação de conectores adverbiais, aqui ilustrado pela formação de conectores condicionais a partir de formas verbais, como se vê em [dar_v] > [dado que]_{conector'} como demonstrou Clemente (2020).

A mudança construcional, por outro lado, é um tipo de mudança linguística que “afeta uma dimensão interna de uma construção. Ela não envolve a criação de um novo nó” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 65). Em outras palavras, são mudanças que ocorrem apenas no plano da forma ou do significado e não levam a um pareamento de forma_{nova}-significado_{novo} e, assim, não provocam a emergência de um novo nó na rede. De fato, essas mudanças são pequenos passos que, geralmente, podem levar à construcionalização, ou, muitas vezes, também sucedê-las. No jogo de motivações, novas pressões podem continuar atuando, impulsionando novos processos de mudança. No geral, mudanças construcionais que antecedem a construcionalização são expansão pragmática, semanticização, convencionalização da pragmática e mudanças na distribuição. Mudanças construcionais que seguem a construcionalização envolvem, geralmente, redução fonológica e morfológica e expansão de classe hospedeira, que consiste na expansão colocacional da construção, conceito ao qual voltaremos mais adiante neste artigo.

Em seu modelo de Abordagem Construcional diacrônica, Traugott e Trousdale (2021) distinguem dois mecanismos principais que concorrem para a mudança linguística: neoanálise e analogização. A **neoanálise** tem seu foco assentado sobre a diferença de forma e significado de uma construção em relação a sua base de origem, quando falantes atribuem uma nova análise para algum aspecto de uma construção. Na **analogização**, o foco recai sobre a compatibilidade da construção nova com alguma construção já existente, com a qual a construção emergente compartilha alguma propriedade e, por isso, pode ser categorizada como um exemplar da mesma rede.

A neoanálise pode ser entendida, conforme os autores, como micromudanças que levam uma construção a receber nova análise de forma ou significado. A neoanálise acontece à medida que processos inferenciais, metafóricos, metonímicos e implicaturas próprios do contexto se convencionalizam como parte do significado de uma construção, que recebe, portanto, uma nova interpretação de sua função sintática / semântica / pragmática. É, por exemplo, o que ocorreu na mudança [supondo]_v > [supondo que]_{Cond'}.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Conforme Oliveira (2019), no desenvolvimento do conector condicional [supondo que], a neoanálise captura traços da inferência de não-factuality como parte do significado de [supondo que], levando à interpretação da função conectora condicional. À medida que se convencionaliza, uma neoanálise posterior envolve a perda de propriedades formais, como perda da estrutura argumental de 'supor', fixação da posição, formação do *chunk* [supondo que].

A analogização, por outro lado, atua na reconfiguração de propriedades de uma construção e ocorre quando um construto é usado com propriedades de forma e/ou significado não compatíveis com a rede a qual pertence. Nesses casos, um alinhamento provisório é formado para melhor adequar o construto emergente a uma construção já armazenada com a qual compartilha características semântico-pragmáticas e formais. Assim, uma construção é atraída como exemplar de um esquema que não a sancionava antes, provocando mudanças na extensibilidade ou restrição de um esquema. A analogização também atua na formação do conector condicional [supondo que]. Como se demonstra em Oliveira (2019), [supondo que] não mais se alinha ao esquema dos predicados encaixadores. Um alinhamento provisório liga [supondo que] ao esquema de conector [X que]_{Cond} à medida que é replicado com frequência e compartilhado pelos falantes, esse alinhamento se convencionaliza e uma nova construção emerge na rede dos conectores condicionais.

As vantagens do tratamento da mudança linguística numa abordagem construcional são muitas. Em primeiro lugar, é mais que evidente o papel das habilidades cognitivas sobre a emergência de formas da gramática. A análise que se faz sobre mudança linguística toma o caminho que vai do uso para a gramática, a reflexo de como o próprio processo ocorre: de modo gradual, implementado numa ordem *bottom-up*, em que atuam, com relativo destaque, a frequência, o entrenchamento, o raciocínio analógico, a rotinização, a automatização, a esquematização e a categorização. Além disso, fica evidente, também, a natureza flexível e instável da gramática, moldada a partir de motivações diversas que vão em dois sentidos: interno e externo. Ao tomar a construção como unidade de análise, a análise oferecida é também funcional, porque pensa forma e função igualmente.

Esquematicidade e produtividade

No tipo de análise realizada neste artigo, o ponto central é o entendimento de como mudanças no padrão colocacional podem, em última instância, alterar a configuração da rede como um todo. A expansão colocacional, conceito inicialmente proposto por Himmelmann (2004), permite observar como uma construção interage com outras

construções. É então que se analisa de que modo os processos de mudança linguística afetam as combinações ou o arranjo colocacional de uma construção, considerando o contexto como o domínio de fato da mudança.

Nesse direcionamento, a expansão colocacional implica no aumento de elementos que co-ocorrem com a construção em mudança e podem ser dos tipos:

- (A) **expansão de classe hospedeira:** à medida que se construcionaliza, uma construção tende a expandir sua co-ocorrência com itens que sejam relevantes em seus *slots*. Esse tipo de expansão leva a colocações de uma construção que não estavam disponíveis para a construção fonte. É o que se nota, por exemplo, na construcionalização do auxiliar de futuro [ir V_{inf}], que começa a preencher o *slot* de V_{inf} com verbos de movimento, mas à medida que o processo de mudança avança, a possibilidade de colocações vai expandido para verbos de ação até chegar a verbos mais abstratos, tais como de raciocínio mental ‘vou pensar’, ‘vou sonhar’, ‘vou amar’.⁹
- (B) **expansão sintática:** é a ampliação dos contextos sintáticos de uma construção. No caso do auxiliar de futuro [ir V_{inf}], à medida que a construção se consolida, observa-se seu uso em construções intransitivas, transitivas e bitransitivas, construções clivadas e em contextos de alçamento. Tem-se então, uma expansão que leva a nova construção a participar em novas configurações morfossintáticas¹⁰.
- (C) **expansão semântico-pragmática:** uma vez convencionalizada, uma forma poderá desenvolver novas heterossemias, ou seja, expandir seu significado para dois ou mais significados/funções que são historicamente relacionados. É o que se nota, por exemplo, no desenvolvimento da microconstrução [desde que]_{Conector}. Conforme demonstra Oliveira (2014), com fonte na preposição espaço-temporal ‘desde’, à medida que se consolida no português, esse conector amplia suas funções semântico-pragmáticas e percorre o seguinte caminho: tempo > causa > condição, significados histórica e cognitivamente interligados.

O que é de maior relevância para nossa análise, e para a Abordagem Construcional como um todo, é o fato de que, à medida que essas expansões ganham força, aumenta-se também a esquematicidade da construção. Isso porque quanto mais variados os itens

9 Para uma visão mais detalhada do auxiliar de futuro, ver Fonseca (2010).

10 Fonseca (2010).

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

atraídos para uma posição aberta em um (sub)esquema e quanto maior a gama de seus significados, mais abstrato e geral ele é. À medida que aumenta a variedade de colocados em uma construção, espera-se que (sub)esquemas cada vez mais abstratos possam ser extraídos dela, impulsionando, também, o aumento de sua produtividade. É exatamente com foco nessa relação que construímos o objetivo do nosso artigo, para avaliar a relação entre esquematicidade e produtividade da construção [V que]_{Cond}.

Cópus e método de análise

Os dados desta análise foram coletados no banco de dados diacrônico *Corpus do Português*, disponível em www.corpusdoportugues.org (DAVIES; FERREIRA, 2006) e do Banco Informatizado de Textos do Programa para a História da Língua Portuguesa (BIT-PROHPOR/UFBA, 2002), disponível em <https://www.prohpor.org/bit-banco-textos>. O *Corpus do Português* é um banco de dados que possui diferentes modalidades de busca. Para esta análise, usamos a modalidade Gênero/Histórico, que conta com aproximadamente 45 milhões de palavras distribuídas em textos oral, de ficção, jornalístico e acadêmico, e a modalidade Web/Dialeto, que contém cerca de 1 bilhão compiladas a partir de páginas da *web*. Para a coleta realizada aqui, consideramos dados de todas as variedades do português. O BIT-PROHPOR consiste em um banco informatizado de dados de textos escritos do português europeu e brasileiro do século XII ao século XX (português brasileiro apenas a partir do século XVII). No banco, encontram-se textos em prosa literária (traduções e originais em língua vernácula), poesia, prosa epistolar e textos notariais/foros.

Para a pesquisa inicial, foram considerados todos os textos e séculos que compõem os dois *corpora*. A primeira ocorrência do subesquema [V_{Não-fin} que]_{Cond} foi encontrada no ano 1713, no BIT-PROHPOR. Portanto, a amostra para a análise realizada aqui contém dados dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI coletados a partir de ambos os *corpora*. Dados do português do século XXI constam apenas da modalidade Web/Dialeto do *Cópus do Português*. Para a análise, foram coletadas todas as ocorrências das microconstruções sancionadas pelo subesquema [V_{Não-fin} que]_{Cond}. As microconstruções encontradas na amostra são *supondo que*, *considerando que*, *dado que* e *posto que*. A frequência absoluta das microconstruções é dada na Tabela 1. Na primeira coluna, tem-se a frequência absoluta das unidades sequenciais *supondo que*, *considerando que*, *dado que* e *posto que*, identificadas em qualquer contexto de uso. Na segunda coluna, apresenta-se a frequência bruta dos construtos, ou seja, ocorrências plenamente sancionadas pelo subesquema analisado.

Tabela 1. Frequência bruta do subesquema na amostra

Lista de frequência de $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que } O]_{\text{condicional}}$		
Microconstrução	Frequência absoluta na amostragem	Frequência da construção na amostragem
[dado que]	15005	8
[posto que]	4381	7
[considerando que]	12380	79
[supondo que]	2244	134
Total	34010	228

Fonte: Elaboração própria

Considerando que este artigo pretende avaliar a expansão colocacional e seus efeitos na produtividade e esquematicidade do subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que }]_{\text{Cond}'}$, os dados serão processados por meio de frequência simples. Para analisar a produtividade do subesquema, considera-se como parâmetro de análise a natureza morfossintática da forma verbal atraída para a posição em V. Para a análise da mudança e expansão nos padrões colocacionais, considera-se o domínio cognitivo da oração condicional (O) e (iii) a posição da oração condicional (O_1) em relação a sua oração nuclear (O_2). Os parâmetros são analisados XVIII, XIX, XX e XXI, considerando-se a amostra.

O subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que }]_{\text{Cond}}$ no português

Nosso objetivo principal é mostrar a reconfiguração da rede de conectores condicionais a partir de mudanças no subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que }]_{\text{Cond}'}$. Para tanto, nossa análise tem dois objetivos mais específicos. O primeiro é mostrar a trajetória de emergência do subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que }]_{\text{Cond}}$ no português via analogização ao esquema $[X \text{ que }]_{\text{Cond}}$. Esse nó se forma a partir da emergência de $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}'}$ no século XVIII, e se consolida com a recente expansão da produtividade de tipo do subesquema no século XIX, a partir da emergência de $[\text{considerando que}]_{\text{Cond}'}$, $[\text{dado que}]_{\text{Cond}}$ e $[\text{posto que}]_{\text{Cond}}$. Num segundo momento, mostramos também como, em paralelo à emergência dessas microconstruções, a expansão semântico-pragmática e sintática de $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ consolida essa microconstrução como o exemplar mais produtivo do subesquema e, portanto, o nó mais acionado na rede. Isso, somado a outros fatores, pode ter levado à obsolescência das microconstruções conectoras de base participial. Nossa reflexão principal se pauta, portanto, na relação entre o grau de convencionalização, esquematicidade e produtividade das microconstruções para explicar a reconfiguração da rede dos conectores condicionais no século XXI.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Nossa análise começa com a caracterização do subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}'}$ que opera sobre uma oração (O_1) finita, projetando essa oração como situação condicionante para uma conclusão futura/hipotética descrita por uma segunda oração (O_2). Trata-se de um subesquema parcialmente esquemático com uma posição parcialmente aberta em V, que sanciona apenas formas verbais não-finitas, e uma totalmente fechada, especificada pelo complementizador 'que'. A partir daí tem-se o pareamento:

$$[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}] \leftrightarrow \text{CONDIÇÃO}$$

A emergência desse subesquema se deu por volta do século XVIII, a partir da construcionalização de $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ como conector condicional, sancionado via analogização pelo esquema mais geral $[X \text{ que}]_{\text{Cond}'}$ herdado do latim¹¹. Posteriormente, outras formas verbais são atraídas para a posição em V e o subesquema experimenta aumento de sua produtividade de tipo com a emergência de novas microconstruções por analogização a $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$.

Começamos, então, com uma rápida caracterização do subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}}$ e de suas microconstruções no português. Nota-se, aqui seu alto grau de não composicionalidade, como se discute a partir das seguintes ocorrências:

- 1 E **dado que** conseguissem avançar, ainda teriam adiante, transcorrido um quilômetro, o aniquilamento inevitável. (18:Cunha:Sertões)
- 2 - Deixai o obscuro monge - respondeu o frade - e salvai o ilustre guerreiro. Que importa a liberdade ou a vida de quem como eu já de mais tarda ao sepulcro? A morte, **posto que** me aterre, achar-me-á resignado. Mas o que mais temo é o vosso próprio esforço. (18:Herculano:Bobo)
- 3 As ambiguidades estimadas absorverão parte dos erros, devido aos erros do satélite e do receptor, **considerando que** tais erros sejam constantes. (19Ac:Br:Lac:Thes)
- 4 Um exemplo real consiste na aplicação deste mapeamento para a base de conhecimento da Figura 2: (1) existe uma relação enable entre probl(2) e sol(3a); (2) e **supondo que** o repositório intencional contenha as relações intencionais DOM(sol,probl) e SP(probl,sol); (3) então é possível gerar a relação retórica MEANS(probl(2),sol(3a)) ou a relação PURPOSE1(sol(3a),probl(2)) (19Ac:Br:Lac:Misc)

Em (1) - (4), observa-se que as microconstruções $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}'}$, $[\text{considerando que}]_{\text{Cond}'}$, $[\text{dado que}]_{\text{Cond}}$ e $[\text{posto que}]_{\text{Cond}}$ introduzem orações que conceitualizam situações hipotéticas que podem levar a um conjunto de resultados possíveis. Por exemplo, em (1), a oração 'ainda teriam adiante, transcorrido um quilômetro, o aniquilamento inevitável' é uma conclusão possível a partir da realização do evento hipotético descrito na oração

¹¹ Ver Oliveira (2014, 2019).

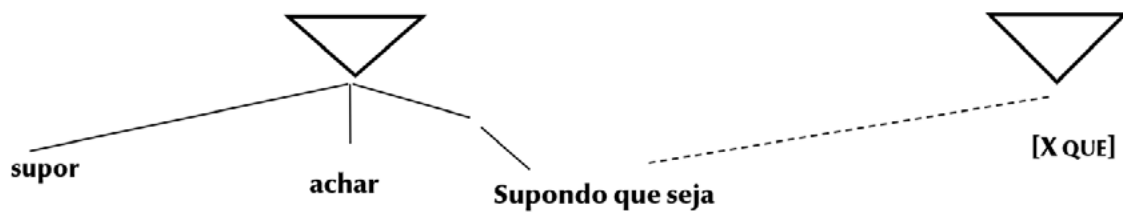
“**dado que** conseguissem avançar”. É o que ocorre, também, em (2)-(4), em que as orações marcadas, respectivamente, por **posto que**, **considerando que** e **supondo que**, conceitualizam situações condicionantes, projetando as conclusões e conseqüências possíveis descritas nos segmentos nucleares com os quais se relacionam.

Em casos como esses, as microconstruções sancionadas pelo subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}}$ estruturam situações alternativas construindo hipóteses sobre a implicação causal dos eventos descritos numa determinada ordem. O que temos, então, é uma relação de causalidade não-preenchida, hipotética e preditiva, marcada pelas microconstruções conectoras que ligam duas orações, o que configura uma relação condicional, conforme descrito em Oliveira (2020) e Oliveira e Hirata-Vale (2017). Em outras palavras, nos exemplos em (1)-(4), as microconstruções conectoras assumem um significado procedural, abstrato, que orienta o ouvinte sobre a natureza não factual da oração marcada pelo conector e sobre a sequencialidade causal instaurada entre as duas orações envolvidas no complexo oracional. Nesses contextos, as microconstruções sancionadas por $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}}$ funcionam como conector adverbial, instauram a não-assertividade das duas orações envolvidas, atuando como construtores de espaços mentais alternativos. Atualizam, portanto, o significado condicional, absolutamente abstrato e não composicional. Esse significado é resultado de construcionalização gramatical, processo de mudança linguística por meio do qual formas procedurais emergem (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

A trajetória de formação do subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}}$ começa com a emergência da microconstrução $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ no século XVIII. Conforme Oliveira (2019, p. 376), o ponto de partida para essa mudança é o próprio significado da forma fonte, “um verbo de percepção mental que designa um estado cognitivo, cujo significado original indica “admitir hipoteticamente””. No entanto, a autora mostra que o contexto chave para a construcionalização de $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ é o uso da forma não-finita do verbo em contextos em que atua com um valor mais modal, com significado próximo a verbos modais como ‘crer’ e ‘achar’. Quando, nesses ambientes, a referência do sujeito gramatical se perde e o falante assume o conteúdo da oração como não verdadeiro, o significado de ‘supondo’ se expande e passa a marcar a não realidade da oração que introduz. A partir daí, instaura-se uma sequencialidade tal entre os eventos e $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ passa a descrever ambas as orações envolvidas como não reais. Esse novo uso não é compatível com a forma e o sentido da categoria fonte, e a nova construção é então atraída, via analogização, para a rede dos conectores $[X \text{ que}]_{\text{Cond}'}$ que já sancionava $[\text{ADV que}]_{\text{Cond}'}$, $[\text{N que}]_{\text{Cond}'}$ e $[\text{PREP que}]_{\text{Cond}'}$ e que se expande a partir dessa mudança, como ilustra a figura abaixo.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Figura 3. Construcionalização de [supondo que]



Fonte: Elaboração própria

Temos, então, uma neoanálise do significado de [supondo que], “a partir da qual traços semântico-pragmáticos do significado de hipótese do verbo *supor* são reinterpretados como condição via extensão metafórica” (OLIVEIRA, 2019, p. 379). Essa mudança de significado é também acompanhada de neoanálise da forma. Ao assumir o valor de conector condicional, ‘supor’ perde propriedades flexionais e argumentais do seu uso fonte e assume posição fixa no início da oração. Veja que nenhuma flexão modo temporal distinta da forma gerundiva é possível na microconstrução. A microconstrução se fixa nessa forma e sequência, formando o *chunk* [supondo que] que se convencionaliza como conector condicional. É assim que surge um novo subesquema na rede de conectores condicionais no português: o subesquema [V_{Gerun} que]_{Cond}. Essa construcionalização leva à extensão do esquema mais geral dos conectores condicionais [X que]_{Cond}, que até então sancionava apenas [PREP que]_{Cond} e [ADV que]_{Cond}.

A partir da consolidação da microconstrução [supondo que], a posição em V passa por generalização, atraindo outros verbos e, assim, novas microconstruções emergem via analogização no português do século XIX, como se vê no quadro abaixo, em frequência bruta por século:

Tabela 2. Frequência bruta das microconstruções sancionadas por [V_{Não-Fin} que]_{Cond}

Tipo de conector \ Século	[supondo que]	[considerando que]	[dado que]	[posto que]
XVIII	2	—	—	—
XIX	7	1	5	4
XX	43	10	3	3
XXI	82	38	—	—

Fonte: Elaboração própria

No início do século XIX, em contextos do subjuntivo, a posição V_{Gerun} passa a atrair o verbo ‘considerar’, levando à formação do *chunk* [considerando que]. Semelhantemente

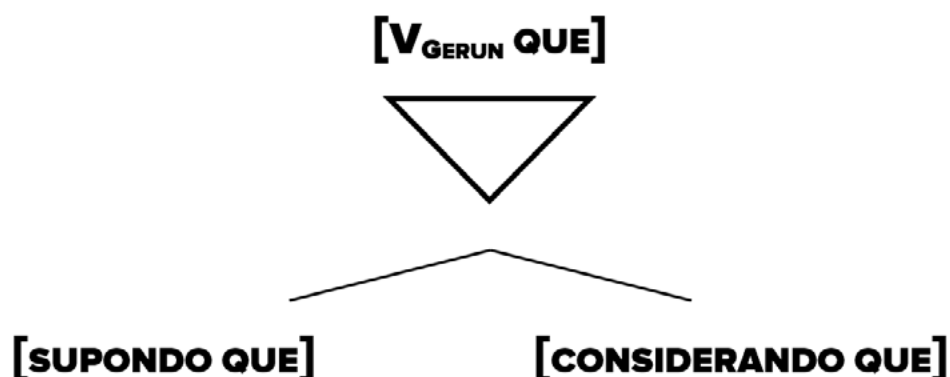
ao que ocorreu com [supondo que], o novo *chunk* passa de uma semântica de ‘admitir como verdadeiro’ para a implicatura de predição de causalidade, em que as duas orações vinculadas recebem uma leitura de causa não-factual, atualizando a condicionalidade. É o que mostram as ocorrências seguintes do século XIX:

- (5) **Considerando que** Deus seja mesmo brasileiro, o fato de eu ter nascido em Safira do Norte faz de mim, além de um pobre miserável, mais um conterrâneo de o Pai.
(acervo.revistabula.com)
- (6) **Considerando que** esses processos sejam colocados sobre a mesa de trabalho de o auditor, de maneira aleatória, formando uma pilha, julgue os itens que se seguem.
(aprovaconcursos.com.br)

Podemos afirmar que tais usos têm uma função diferente da que servia a forma gerundiva ‘considerando’ (estabelecer uma base factual) e a função procedural de conector oracional emerge na sequência linguística [considerando que]. Essa mudança de significado é acompanhada, também, de uma neanálise de forma e de distribuição: ‘considerando’ se fixa na forma gerundiva, perde propriedades formais (flexionais) e funcionais (argumentais) da categoria verbal e se liga ao complementizador ‘que’, formando um *chunk*. Essas mudanças resultam na construcionalização gramatical desse conector, ou seja, uma nova microconstrução emerge. Em outras palavras, um novo nó emerge na rede dos conectores condicionais.

A emergência dessa microconstrução resulta em novo nó na rede, levando à extensão do subesquema $[V_{Gerun} \text{ que}]_{Cond}$, que passa a sancionar duas microconstruções, tornando-se relativamente mais geral e mais esquemático. Essa mudança configura, portanto, como aumento na produtividade do subesquema que, a partir do século XIX, passa a sancionar, então, duas microconstruções como se representa na Figura 4.

Figura 4. Subesquema [V que] no início do século XIX



Fonte: Elaboração própria

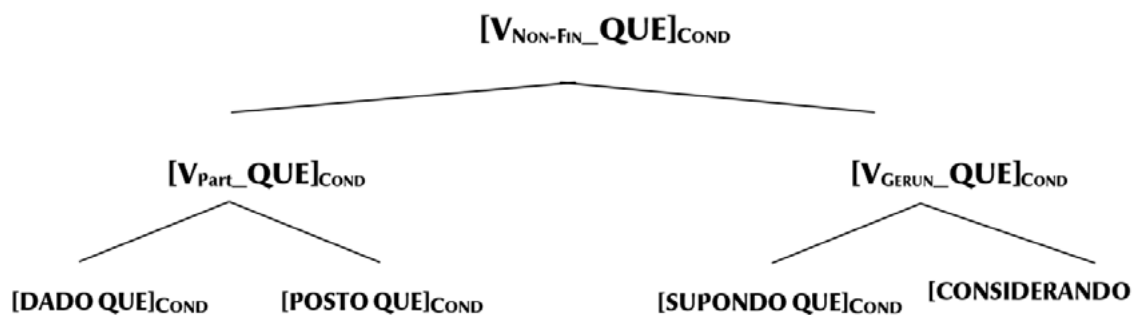
- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Posterior a essa mudança, começam a surgir também usos com formas verbais participais. Da segunda metade do século XIX em diante, o subesquema [V que]_{Cond} começa a sancionar a microconstrução [dado que]_{Cond} e já ao final desse século também se encontram usos conectores de [posto que]_{Cond'} como atestam as seguintes ocorrências:

- (12) posto que a visão passou e desapareceu.. mas deixou gravada na alma a certeza de que... **Posto que** seja assim tudo isto, a confiança não passará daqui, minhas senhoras: tanto basta para se saber que estou suficientemente habilitado para cronista da minha história, e a minha história é esta. (18:Garrett:Viagens).
- (13) De sorte que, em ali chegando, os invasores seriam inteiramente circundados de balas, E **dado que** conseguissem avançar, ainda teriam adiante, transcorrido um quilômetro, o aniquilamento inevitável. (18:Cunha:Sertões).

Aqui, a neanálise toma um caminho semelhante ao que se viu na emergência de [supondo que]_{Cond} e [considerando que]_{Cond'}: os conectores [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond'} emergem em contextos em que a leitura 'tome tal fato como pressuposto' é reinterpretada para projeção de implicação causal. Contribui para essa neanálise a sequencialidade das orações envolvidas no complexo oracional e o uso de tempos do modo subjuntivo. A implicatura contextual que emerge nesses contextos é convencionalizada como parte do significado de [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond'}, que também se fixam como conectores condicionais. Surgem, então, duas novas microconstruções de tipo na rede dos conectores condicionais, ou seja, dois novos nós.

Figura 5. Subesquema [V que]_{Cond} no final do século XIX



Fonte: Elaboração própria

Essas mudanças resultam em aumento considerável da extensibilidade e do grau de esquematicidade do subesquema, que passa a generalizar sobre diferentes tipos de microconstruções. Entre o século XVIII até meados do século XIX, o subesquema que sancionava apenas verbos cognitivos na forma gerundiva (ver Tabela 2) passa por expansão com a emergência das microconstruções de base verbal no participípio e com significado lexical bastante distinto do domínio raciocínio mental. Assim, com essas novas mudanças,

o subesquema expande sua produtividade de tipo, já que passa a generalizar sobre mais microconstruções. Conseqüentemente, essas mudanças afetam também o grau de esquematicidade do esquema, que vai se tornando menos específico e, portanto, mais geral. No subesquema, a posição aberta em V que, no século XVIII e início do XIX, atraía apenas verbos cognitivos em formas gerundivas, perde essa restrição com a emergência dos conectores de base participial com significados outros. Ou seja, como resultado da construcionalização de [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond'} o grau de esquematicidade do subesquema também se altera, já que passa a sancionar verbos em diferentes formas não-finitas, passando do padrão [V_{Gerun} que]_{Cond} para o padrão menos específico [V_{Não-fin} que]_{Cond} como se vê na Figura 5. Fica evidente a estreita relação entre produtividade e esquematicidade. A emergência de novas microconstruções de tipo leva ao aumento da extensibilidade do subesquema que fica, portanto, mais produtivo. Esse aumento na produtividade tipo provoca, por sua vez, o aumento do seu grau de esquematicidade, já que o subesquema passa a abstratizar sobre diferentes tipos.

No século XXI, nova mudança na rede parece afetar o subesquema [V_{Não-fin} que]_{Cond} e, conseqüentemente, a rede dos conectores condicionais como um todo. Não se encontram ocorrências sancionadas pelas microconstruções [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond} em dados do português contemporâneo e os usos levaram ao aumento da produtividade de tipo do subesquema nos séculos XIX e XX, que parece seguir o caminho da obsolescência, e não do entrincheiramento e da consolidação. Tal fato pode ser explicado por uma série de razões, que discutiremos a seguir.

Uma primeira razão parece estar ligada à própria consolidação da microconstrução [supondo que]_{Cond'} que se torna o exemplar mais disponível desse subesquema. Sua frequência de ocorrência comparada às demais microconstruções e sua expansão semântico-pragmática e sintática confirmam essa construção como plenamente convencionalizada e entrincheirada na rede dos conectores condicionais, atuando em diversos contextos, com aumento de sua produtividade de tipo.

Começemos pela expansão semântico-pragmática [supondo que]_{Cond'}. Os primeiros usos de [supondo que] como conector iniciam-se em contextos mais concretos, ligando eventos, como se nota nos seguintes exemplos dos séculos XVIII e XIX:

- (5) **Suppondo que** possam ser accommodadas 300 urnas e 80 jasigos, aqueles a 100\$000, e estes 200\$, produzirá eSse melhoramento, que satisfaz uma das primeiras neceSsidades da claSse menos abastada (Cartas1862.DOC - BIT Prohpor).

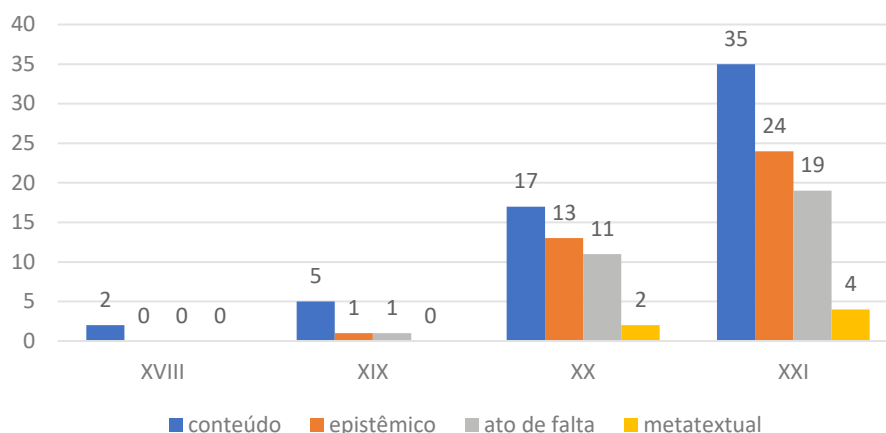
- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

- (6) Ora, pelas estatísticas atuais, criminosamente toleradas pelo Governo, que tem na matrícula a confissão do crime dos proprietários, o número dos africanos escravos sobe no Brasil a 200.000. **Supondo que** metade deste número é tirado dos importados depois do tráfico, temos que o número das pessoas livres reduzidas à escravidão é no Brasil nada menos de 700.000. (18:Patrocínio:Campanha).

Nessas ocorrências temos dois eventos conectados no domínio cognitivo de conteúdo (SWEETSER, 1990). Esse seria o tipo mais básico de condicional, em que traços da causalidade e sequencialidade marcam fortemente a estrutura condicional. Por volta do século XIX, à medida que se convencionaliza, [supondo que] vai expandindo seus usos para domínios cognitivos mais abstratos, mas ainda interligados à relação de causalidade. Por meio de projeções metafóricas, o significado condicional vai se tornando cada vez mais abstrato e se torna mais (inter)subjetivo. Como resultado dessa expansão, o esquema semântico de causa vai se diluindo cada vez mais e então, [supondo que] vai integrando orações de domínios mais abstratos: epistêmico, atos de fala e metatextual, como nos exemplos em (7)-(9). O que se verifica, portanto é que quanto mais se convencionaliza, mais o conector coocorre com a oração condicional de diferentes domínios. Essa expansão é atestada pelos seguintes exemplos:

- (7) Mas ainda **supondo que** a conjectura tenha razão, admitindo mais que a alegoria da justiça na Vida de D. Quixote seja o resumo das queixas pessoais do poeta (suposição tão frágil como aquela), a verdade é que os sucessos da vida dele não influíram (18:Machado:Relíquias).
- (8) **Supondo que** você tenha razão, tornou ela, não deverei casar nunca? - (18:Machado:Helena) .
- (9) Mesmo **supondo que** a reforma da Previdência acabe com todas essas vantagens, ele vai levar, pelo menos, o mesmo reajuste que o ativo tem. É difícil segurar essa despesa. (19Or:Br:Intrv:ISP).

No domínio epistêmico ligam-se proposições (ocorrência 7), no domínio dos atos de fala, ligam-se atos de fala (ocorrência 8) e no domínio metatextual (ocorrência 9), ligam-se conteúdos que façam referência anafórica a uma porção de informação já enunciada. Nesses tipos, a interpretação de causalidade mais básica e concreta vai se perdendo gradativamente à medida que o significado condicional se torna mais (inter)subjetivo e, conseqüentemente, mais abstrato. Proporcionalmente, quanto mais se desenvolve, mais nuances o significado apresenta, como se vê no gráfico a seguir:

Gráfico 1. Expansão semântico-pragmática

Fonte: Elaboração própria

O gráfico revela, em frequência bruta, a trajetória de expansão semântico-pragmática da microconstrução, que começa com usos localizados no domínio cognitivo do conteúdo e vai, gradativamente, ampliando os domínios cognitivos de atuação do conector a partir do século XX. Desse período em diante, notam-se usos de [supondo que]_{Cond} em todos os quatro domínios cognitivos distinguidos em Dancygier (1998). Além disso, nota-se, também, aumento da frequência bruta em todos esses domínios do século XX ao XXI.

Além da expansão semântico-pragmática, também se nota, no início do século XIX, a expansão sintática. Essa expansão medimos pela variação da posição da oração marcada pela microconstrução conectora em relação a núcleo. Conectores condicionais emergem em contextos de anteposição. Conforme discute-se em Oliveira (2019), a sequencialidade dos eventos nesses contextos é fundamental para a implicatura do significado condicional. A anteposição favorece a leitura da condicionalidade, já que os eventos estão conceitualizados numa ordem cognitivamente icônica à ordem dos eventos no mundo biossocial, em que causas e condições antecedem suas consequências, como na ocorrência (10). Quando a microconstrução [supondo que]_{Cond} se consolida com a função conectora, passa a depender menos do contexto e pode inserir orações que conceitualizam os eventos em ordem diferente da anteposição, como na ocorrência (11).

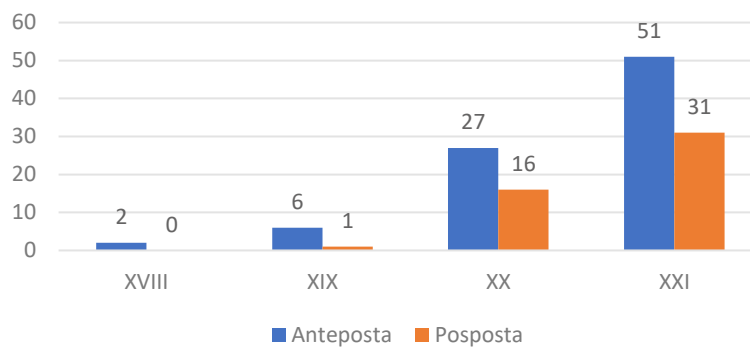
- (10) Mas, **supondo que** o Mestre não tem os ditos livros, direi o que deve fazer depois da leitura de Fedro e Terêncio. (Verney, L. A. (1713): Verdadeiro Método de Estudar – BIT Prohpor).

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

(11) Haver-se-iam – os dados como desaparecidos – abrigado nas caves e lá sufocariam por falta de oxigênio? Ou, perdida a noção dos dias, tardariam em vir à superfície, **supondo que** os ciclones teimassem em durar? Ou seria, aventavam os mais trágicos, que tinham todos ido pelos ares fora? (19:Fic:Pt:Correia:Insânia).

O Gráfico 2 mostra essa expansão sintática: nele se vê como microconstrução [supondo que]_{Cond} emergem em contextos de anteposição, que são maioria nos séculos XVIII e XIX. Já no século XX, observam-se ocorrências de condicionais marcadas por [supondo que]_{Cond} antepostas e pospostas. Assim, à medida que [supondo que]_{Cond} se consolida e sua expansão semântico-pragmática se acentua, essa microconstrução passa a introduzir cada vez mais orações condicionais pospostas atuando, portanto, em diferentes contextos típicos de condicionalidade.

Gráfico 2. Expansão sintática



Fonte: Elaboração própria

Fica clara a expansão colocacional de [supondo que]_{Cond'} evidenciada por sua expansão semântico-pragmática e sintática, o que provoca aumento de sua produtividade de tipo, já que o subesquema sanciona microconstruções de diferentes *types*, que, assim, instanciam sobre uma gama variada de construtos. Ou seja, a microconstrução [supondo que]_{Cond} passa a atuar em diferentes contextos, num comportamento similar ao conector *se*, conjunção condicional por excelência.

Outra razão que pode explicar a possível perda das microconstruções [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond} é sua própria trajetória de mudança. Essas microconstruções, diacronicamente, emergem como conector causal e, a partir de mudanças construcionais posteriores, desenvolvem heterossemias várias que historicamente se ligam à base da causalidade, como o valor condicional, atestado nos séculos XIX e XX, mas também o valor concessivo, identificado no século XX, tal como mostra a ocorrência, em que claramente se nota a mescla da causalidade com valor de contraexpectativa, base para o significado de concessão, como se vê na ocorrência em (12):

- (12) Molière caminhou do Médico Volante e dos Zelos de Barbouillé à Escola das Mulheres e ao Tartufo; Antônio José não passou das Guerras do Alecrim e Manjerona, e, **dado que** tentasse fazê-lo, é certo que não poderia ir muito além.

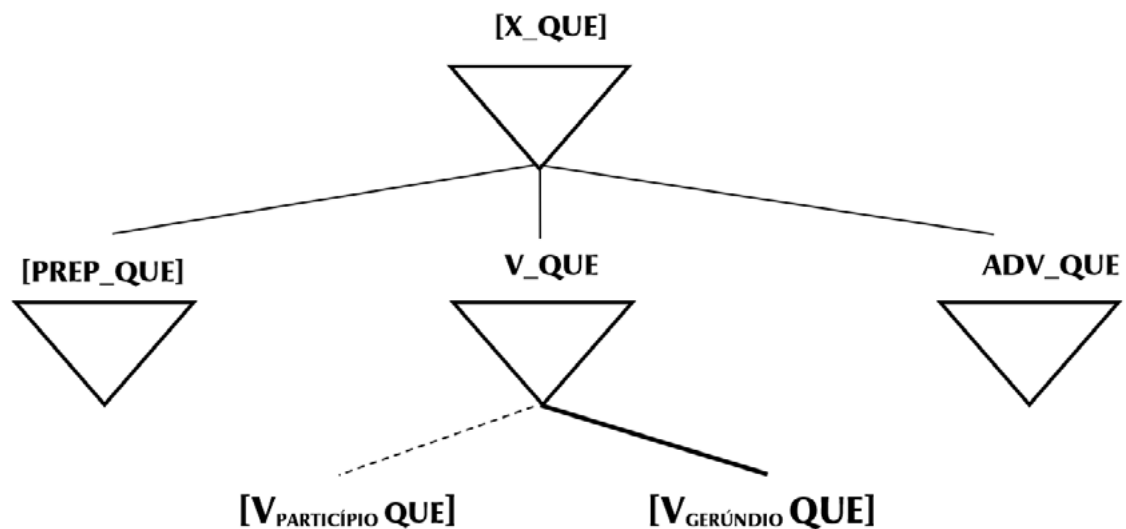
A produtividade de [dado que]_{Caus} e [posto que]_{Caus} como conectores de causa é amplamente demonstrada em autores como Neves (2014), Cavaguti e Hirata-Vale (2014), Clemente (2020) e Amorim (2021), entre outros, o que se explica por diversas razões. Amorim (2021) afirma que [dado que]_{Caus} e [posto que]_{Caus} teriam sua origem no ablativo absoluto do latim, tendo preservado dele traços que contribuem para sua atuação como exemplares mais próximos da zona da prototipia da causalidade. São, assim, exemplares mais entrincheirados e mais rapidamente acessados pelos usuários da língua. Além disso, como é consenso em toda literatura sobre conectores adverbiais, o significado de causa é mais básico e serve de fundação para emergência de significados mais abstratos como condicionalidade e concessividade, que resultam de convencionalizações de projeções metafóricas da base causal. Como Oliveira (2018), em alguns contextos essa polissemia sequer se resolve como resultado do processo de mudança, caso dos conectores em questão. Assim, se por um lado temos [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond} como exemplares altamente convencionalizados na zona da causalidade, que é, afinal, ao atuarem em outras zonas, esses conectores carregam mesclas de significados e, portanto, não constituem os exemplares mais entrincheirados e mais rapidamente acessíveis para outras significações, que acabam sendo mais prototipicamente marcadas por conectores mais especializados, caso do [supondo que]_{Cond} no que diz respeito à condicionalidade.

Por esse caminho, [supondo que]_{Cond'} que emerge já sobre a base do significado condicional, está mais pronto para ser acionado como exemplar da categoria e atua de forma mais eficiente para acionar todas as significações implicadas, como se viu pelo aumento de sua produtividade de tipo a partir da sua expansão semântico-pragmática e sintática.

Como resultado de todos esses processos, temos o fortalecimento do nó [V_{Gerun} que]_{Cond} e o enfraquecimento do [V_{Part} que]_{Cond'} representado pelo elo pontilhado.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Figura 6. Reconfiguração da rede dos subesquema [V que]



Fonte: Elaboração própria

Tudo isso parece indicar o seguinte caminho: essas microconstruções se formam por analogia a [supondo que]_{Cond} durante certo período de desenvolvimento da rede de conectores condicionais no português. No entanto, esses nós são menos ativados à medida que [supondo que]_{Cond} se consolida e se torna o exemplar mais próximo da zona prototípica da condicionalidade. Além disso, [dado que] e [posto que] são acionados para instanciar também outras relações, como causa e concessão. Assim, o elo que os liga ao subesquema condicional parece enfraquecer até que não mais se encontram construtos que instanciem essas microconstruções, o que pode estar levando à obsolescência do nó, como representamos na Figura 6 pela linha pontilhada.

Considerações finais

Neste artigo, analisamos mudanças que afetam o subesquema [V_{Não-Fin} que]_{Cond} com função de conector condicional. Nosso objetivo foi o de mostrar como mudanças de produtividade no nível da microconstrução podem afetar o subesquema em dois sentidos. Numa direção, a alta produtividade das microconstruções, tanto no que diz respeito à frequência de ocorrência quanto à frequência de tipo, tornam o subesquema mais ativo e mais saliente que passa cada vez mais a atrair diferentes tipos de item, formando outras microconstruções. Noutra, o aumento da produtividade de uma microconstrução específica, seu alto grau de entrincheiramento, a coloca como mais disponível na rede e, portanto, mais familiar para os usuários da língua.

Assim, nosso caminho de discussão foi mostrar como preferências colocacionais podem ser usadas para descrever mudanças semântico-pragmáticas de forma sistemática, sugerindo uma trajetória mais ampla de mudança que vai além da história individual das microconstruções. Por fim, mostramos como esse arranjo colocacional de uma microconstrução pode impactar a rede toda, levando ao aumento de esquematicidade, por um lado, mas abrindo caminho para a perda de nós, por outro.

Referências

AMORIM, F. da S. Notas sobre a gramaticalização de conectores causais x-que. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1834>. Acesso em: 05 jul. 2023.

BARDDAL, J. Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic. **John Benjamins**, Amsterdam, 2008.

BARLOW, M.; KEMMER, S. Introduction: a usage-based conception of language. *In*: BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 7-25.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angelica Furtado da Cunha e Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAVAGUTI, A. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. A configuração semântica de orações causais-condicionais no português do Brasil segundo a Gramática Discursivo-Funcional. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 18, p. 101-120, 2014.

CLEMENTE, C. G. C. **O subesquema [V_ que] condicional no português**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.

CROFT, W. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 9 jul. 2022.

DANCYGIER, B. **Conditionals and predications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

FARIA, M. H. V. **Abordagem construcional dos pronomes “a gente” e “você” em construções de indeterminação do sujeito**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2022.

GOLDBERG, A. E. **Explain Me This. Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions**. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. Surface generalizations: an alternative to alternations. **Cognitive Linguistics**, v. 13, p. 327-356, 2002.

FONSECA, A. M. **A perífrase verbal IR + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2010.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal. *In*: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (ed.). **What makes grammaticalization?: A look from its fringes and its components**. Berlin: Walter de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HILPERT, M. **Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar**. Brill, 2021.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press. 2008.

NEVES, M. H. M. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, T. P. A construção condicional em português. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, 2020.

OLIVEIRA, T. P. A construção [[supondo_que]CON. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 370-383, 2019.

OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, p. 45-66, 2014.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. A condicionalidade como zona conceitual. **DELTA**, v. 33, n. 1, p. 291-313, 2017.

PEREK, F. Using distributional semantics to study syntactic productivity in diachrony: a case study. **Linguistics** 54, p. 149-188, 2016.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and culture aspects of semantic structure**. New York: Cambridge Press, 1990.

TOMASELLO, M. *et al.* **Why we cooperate**. With Stanford University: MIT Press, 2009.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução Taisa Peres de Oliveira e Maria Angelica Furtado da Cunha. Vozes, 2021.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: OLIVEIRA, Táisa Peres de; CLEMENTE, Camila Gabriele da Cruz. Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 58-84, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 05/12/2022.

EMERGÊNCIA DO CONECTOR *FORA QUE* NO PORTUGUÊS

Monclar Guimarães LOPES¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3403>

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever a emergência do conector [fora que] no português, uma construção de valor aditivo empregada em contextos (supra) oracionais. Trata-se de uma investigação realizada em perspectiva diacrônica, com base em dados extraídos dos séculos XIX, XX e XXI. Como fundamentação teórica, recorreremos aos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016 etc.), com foco especial na perspectiva da construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]; TRAUGOTT, 2022), pensada para estudos em mudança linguística. Recorreremos a duas bases de dados do *Corpus do Português: o Histórico e o Now*. Ao todo, foram analisadas 462 ocorrências, distribuídas nos diferentes séculos, por meio de uma metodologia quali-quantitativa. Os resultados apontam para a existência de um processo analógico para a emergência do conector [fora que], em que o elemento *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão, teria sido recrutado pelo esquema [Xque]_{connect} (cf. CEZARIO; SANTOS; SILVA, 2015).

Palavras-chave: Conector [fora que]. Construcionalização. Linguística Funcional Centrada no Uso.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; monclarlopes@id.uff.br; <http://orcid.org/0000-0002-6238-958X>

EMERGENCE OF THE CONNECTOR [FORA QUE] IN PORTUGUESE

Abstract: This paper aims to describe the emergence of the connector [*fora que*] in Portuguese, an additive construction used in (extra)clausal contexts. This is an investigation carried out from a diachronic perspective, based on data from the 19th, 20th, and 21st centuries. As a theoretical basis, we used the assumptions of Cognitive-Functional Linguistics (cf. CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, among others), with a special focus on constructionalization (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]; TRAUGOTT, 2022), an approach designed for studies in linguistic change. We used two databases from *Corpus do Português: Historic and Now*. Altogether, 462 tokens were analyzed, distributed among the different centuries, through a quali-quantitative method. The results point out the existence of an analogical process for the emergence of the connector [*fora que*], in which *fora*, in the function of a denotative word of exclusion, would have been recruited by the [Xque]_{connect} scheme (cf. CEZARIO; SANTOS; SILVA, 2015).

Keywords: Connector [*fora que*]. Constructionalization. Cognitive-Functional Linguistics.

Introdução

No português contemporâneo, [*fora que*] é um conector aditivo que ocorre em contextos oracionais e supraoracionais. Como ilustração, observemos três ocorrências do século XXI, extraídas da base de dados *Now* do *Corpus* do Português:

- (1) Eu gostei do filme, modernizou de uma maneira muito boa os personagens e os problemas deles, *fora que* a sequência inicial, com Zordon e Rita, é sensacional!
- (2) Eu sempre fui a esquisitona da escola. Se não é a gata, é só desenvolver outras coisas. Fica inteligente, espirituosa, encontra outros brilhos. Eu não sinto recalque, o mundo tem muita gente e nesse momento é legal ser um pouco fora dessa caixa. *Fora que* as pessoas que a gente convive ficam bonitas de outras formas e precisam mostrar beleza é na alma – diz a atriz, que tem um namorado há um ano e meio.
- (3) Sinceramente não sei o que há na AMD e na NVIDIA, a cada 1 mês lançam 79878971 placas de vídeo e assim o consumidor tem dificuldades em escolher um modelo que satisfaça.

Fora que isso desvaloriza o próprio produto que mal é lançado e já é substituído por um sucessor melhorado e que muitas das vezes não entrega 10% de ganho na usabilidade e com orçamento acima dos 40%.

Nas ocorrências (01) a (03), observamos que *fora que*² atua como conector e veicula a noção de adição em três diferentes níveis de articulação: oração em (01); período em (02); parágrafo em (03). A semântica de adição pode ser evidenciada por meio de dois critérios: a substituição e a análise de *frames*. Na substituição, empregamos um critério formal, em que trocamos a construção em análise por uma variante, por exemplo, *além disso*. Veja: (01) *eu gostei muito do filme, modernizou de uma maneira muito boa os personagens e os problemas deles, **além disso** a sequência inicial, com Zordon e Rita, é sensacional*; (02) *Eu não sinto recalque, o mundo tem muita gente e nesse momento é legal ser um pouco fora dessa caixa. **Além disso**, as pessoas que a gente convive ficam bonitas de outras formas [...]*; (03) *A cada um mês lançam 79878971 placas de vídeo e assim o consumidor tem dificuldades em escolher um modelo que satisfaça. **Além disso**, isso desvaloriza o próprio produto que mal é lançado [...]*.

Embora as abordagens funcionalistas costumem rechaçar testes formais de substituição, empregamo-los conscientemente, apoiados na noção de variação construcional (cf. CAPPELLE, 2006; HILPERT, 2014). Não queremos dizer, com isso, que *fora que* e *além disso* sejam construções sinônimas, mas, sim, que assumem no texto as mesmas condições de verdade, o que possibilita a sua alternância. Isso significa que, embora possa haver diferenças no polo do significado, sobretudo nas propriedades pragmáticas entre as duas construções, sua alternância não modifica o conteúdo proposicional daquilo que é dito.

No segundo critério, análise de *frames*³ (cf. FILLMORE, 1982), observamos se há introdução de novas informações convergentes, isto é, não contrastivas⁴. Tal aspecto também é observado nas três ocorrências. Em (01), o locutor elogia dois aspectos do filme, que ocorrem, respectivamente, antes e depois do *fora que*. Como são convergentes, no sentido de que são qualidades positivas do filme, emerge dessa relação uma noção de

2 Neste texto, empregamos duas notações científicas: [fora que] e *fora que*. No primeiro caso, referimo-nos à construção, isto é, a uma entidade linguística abstrata desvinculada do seu uso; no segundo, referimo-nos a um construto, isto é, a uma ocorrência efetiva de uso.

3 O *frame* é concebido como uma estrutura complexa da experiência, como uma ferramenta para a compreensão e descrição do significado lexical, gramatical e textual.

4 O que nos levou a trabalhar com a noção de convergência (para adição) e divergência (para contraste) se deve aos usos do elemento *fora* em outros contextos. Nossa pesquisa evidencia que esse elemento, na função de palavra denotativa de exclusão, também pode ocorrer em contextos contrastivos. Em [fora que], apenas o valor aditivo ocorre.

- | Emergência do conector *fora que* no português

adição. O mesmo tipo de análise se aplica às ocorrências (02) e (03): na primeira, o locutor faz duas considerações: a) é bom ser diferente (não ter a beleza padrão) e também b) as pessoas precisam mostrar a beleza da alma; na segunda, *fora que* introduz uma segunda crítica à AMD e à NVIDIA.

Um outro aspecto que é importante destacar sobre o conector [*fora que*] está associado à sua estrutura, de feição hipotática, como a maior parte dos conectores adverbiais: *sem que, sempre que, mesmo que, uma vez que, dado que* etc. Apesar disso, é recorrentemente empregado em início de período e de parágrafo, como podemos notar em (01) e (02), o que nos leva a associar esses contextos de uso ao fenômeno do desgarramento (cf. DECAT, 2011): é uma estrutura de configuração hipotática, mas, em alguns contextos, encontra-se desvinculada de sua oração matriz.

Feitas essas considerações iniciais, cabe frisar que, neste trabalho, temos o objetivo de descrever a emergência do conector [*fora que*] no português. Isso significa que nosso foco está em entender como a sequência de elementos *fora + que* resultou em um *chunk* de valor aditivo de caráter não composicional, na medida em que o sentido de adição não é o resultado da soma ou da derivação do sentido de seus elementos. Como sabemos, *fora* pode veicular sentido locativo, quando na condição de advérbio, ou de exclusão, quando na condição de palavra denotativa (em sentido análogo a *exceto*). A conjunção “que”, por sua vez, não veicula sentido próprio, sendo considerada na literatura gramatical um recurso que atua na transposição de funções gramaticais (cf. AZEREDO, 2014)⁵. A nossa hipótese é que [*fora que*] tenha surgido na língua por meio de um processo analógico da construção [Xque]_{connect} (cf. CEZARIO; SANTOS; SILVA, 2015), em que *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão, teria sido recrutada por esse esquema tão produtivo do português, que agrega inúmeras microconstruções⁶, tais como: *mesmo que, sem que, apesar de que, assim que, desde que, sempre que, contanto que, visto que, dado que* etc.

No intuito de investigar a origem da construção [*fora que*], adotamos a perspectiva da construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]; TRAUGOTT, 2022), elaborada para a investigação diacrônica da mudança linguística. Nesse processo, recorreremos tanto a categorias analíticas já propostas por esse modelo – como os tipos, os mecanismos, a direcionalidade e os contextos de mudança – quanto a outras, mais recentes, que também colaboram para a descrição do fenômeno, como as relações

5 Uma vez que o objetivo deste estudo é a descrição da emergência do conector [*fora que*], alguns outros aspectos da construção não são desenvolvidos neste texto, por exemplo, suas propriedades discursivo-pragmáticas, que nos auxiliam a entender os contextos discursivos em que essa construção ocorre, sua carga avaliativa e sua relação com o foco discursivo.

6 Os conceitos de esquema e de microconstrução são abordados na próxima seção deste artigo.

sequenciais (DIESSEL, 2019) e as noções de coacionalidade, intersubjetividade imediata e intersubjetividade estendida (TANTUCCI, 2021). Também para esse fim, trabalhamos com 462 ocorrências – dos séculos XIX, XX e XXI – extraídas de duas bases de dados do *Corpus do Português: o Histórico e o Now*.

Para dar conta da descrição desse fenômeno, estruturamos este texto em seis partes. Além desta introdução, há as seguintes seções: pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos, análise de dados, considerações finais e referências bibliográficas.

Pressupostos teóricos

A Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – (cf. CUNHA *et al.*, 2013; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, entre outros) representa uma nova fase do Funcionalismo Norte-Americano, que passa a dialogar intimamente com o aporte teórico da Linguística Cognitiva, em especial com a Gramática de Construções (cf. GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; HILPERT, 2014, DIESSEL, 2019, entre outros). Inserido nessa perspectiva, está o modelo da *construcionalização e das mudanças construcionais*, elaborado por Traugott e Trousdale (2021 [2013]), que é uma abordagem construcional diacrônica que visa a descrever os processos de mudança linguística.

Segundo Traugott (2022, p. 39), entende-se por construcionalização “o estabelecimento de uma nova associação simbólica de forma e significado que foi replicada em uma rede de usuários da língua”⁷. Sob esse ponto de vista, uma nova construção não surge na língua por meio de um uso inaugural, mas sim por meio da reiteração desse novo uso até que ele seja compartilhado por uma comunidade de falantes.

A construcionalização está, portanto, ligada à convencionalização. Nesse fenômeno, atuam, em especial, dois mecanismos cognitivos: a *neoanálise* e a *analogização*. A neoanálise envolve um novo *parsing*⁸, quando um dado de uso é associado a uma construção diferente da original por ser sancionado por um outro esquema. Como ilustração desse fenômeno, vemos uma outra ocorrência extraída da base *Now*:

- (4) Elba precisa ir além do já feito, revisitando este cancionero sem obviedades na seleção do repertório – não há razão para regravar músicas já tão bem gravadas pela própria Elba – e com um olhar para *fora que* faça o álbum

7 No original: “Constructionalization is the establishment of a new symbolic association of form and meaning which has been replicated across a network of language users”.

8 Por *parsing*, pode-se entender o processamento sintático.

- | Emergência do conector *fora que* no português

oferecer uma visão menos previsível da obra do compositor e, assim, manter o alto nível da discografia recente de Elba.

Em (04), *fora* e *que* são elementos de um padrão distinto do que analisamos aqui. Como é possível notar, *fora* é um advérbio de lugar; *que*, um pronome relativo. Nesse caso, os dois elementos não estão vinculados – [fora]_{adv} [que]_{pronome relativo} –, uma vez que o pronome relativo remete ao núcleo do SN, *olhar*. Na construção [fora que], por sua vez, esses dois elementos constituem um *chunk*, na medida em que passam a compor uma unidade.

Os estudos sobre construcionalização têm evidenciado que *chunks* como [fora que], cujo significado é muito distinto de seu uso original, são resultados não só da automatização⁹, como usualmente de neanálise. Por razões de ordem cognitiva e interacional, os usuários da língua atribuem um significado novo e/ou uma função nova a uma construção. À medida que essa nova interpretação se espraia por uma comunidade de falantes como um novo pareamento de forma e significado, esse novo uso se convencionaliza e se tem, então, uma nova construção.

A analogização, por sua vez, é um processo instantâneo, baseado em exemplares ou na produtividade de um esquema. Nesse fenômeno, um exemplar atua como um atrator para elementos semelhantes (prováveis variantes) ou, ainda, um esquema produtivo passa a recrutar novos elementos para seu(s) *slot*¹⁰(s). Nos dois casos, há formação de novos *types*. Um bom exemplo desse último tipo de analogização são as novas palavras que surgem por processos derivacionais, como os advérbios de modo, formados por meio da adjunção de um adjetivo flexionado no feminino seguido do sufixo *-mente*: [AD]mente]. Isso significa que os usuários são capazes de formar novos elementos *ad hoc* no discurso sempre que necessário.

De um ponto de vista científico, a neanálise atesta a mudança, na medida em que torna possível flagrar o seu curso. Diewald e Smirnova (2012), por exemplo, apresentam um modelo processual dividido em estágios, ao qual dão o nome de contextos de mudança, assim divididos: normal, atípico, crítico e isolado. O contexto normal está associado aos usos mais composicionais, com elementos mais autônomos. A ocorrência (04), por exemplo, seria um exemplo de contexto normal, haja vista que *fora* apresenta sua função

9 Segundo Diessel (2019), a automatização é um processo cognitivo do domínio da memória. Um de seus efeitos é o *chunking*, isto é, a formação de seqüências fixas de elementos, muitas vezes de significado pouco composicional.

10 *Slot* é um termo utilizado na Gramática de Construções que se refere à valência de uma construção. Por exemplo, no esquema [Xque]connect, X é um *slot*, pois pode ser preenchido por diferentes elementos: *dado*, *já*, *sem* etc.

e seu sentido mais básicos – trata-se de um advérbio de lugar – e *que* atua como pronome relativo, desvinculado de *fora*. No contexto atípico, ocorre uma inferência sugerida (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2005), oriunda, sobretudo, de uma possibilidade ambígua de interpretação. De alguma maneira, esse contexto suscita tanto a interpretação mais usual como uma nova. É nesse estágio que ocorrem as neoanálises iniciais. Portanto, a hipótese orientada pela neoanálise envolve um contexto atípico em que tanto um uso original, mais composicional, – [fora]_{adv}[que]_{pronome relativo} – quanto o novo – [fora que] – seriam possíveis. O processo de mudança avança até o contexto isolado, quando já é possível atestar a convencionalização e a produtividade de uma nova construção, em que somente o novo uso é acionado – [fora que].

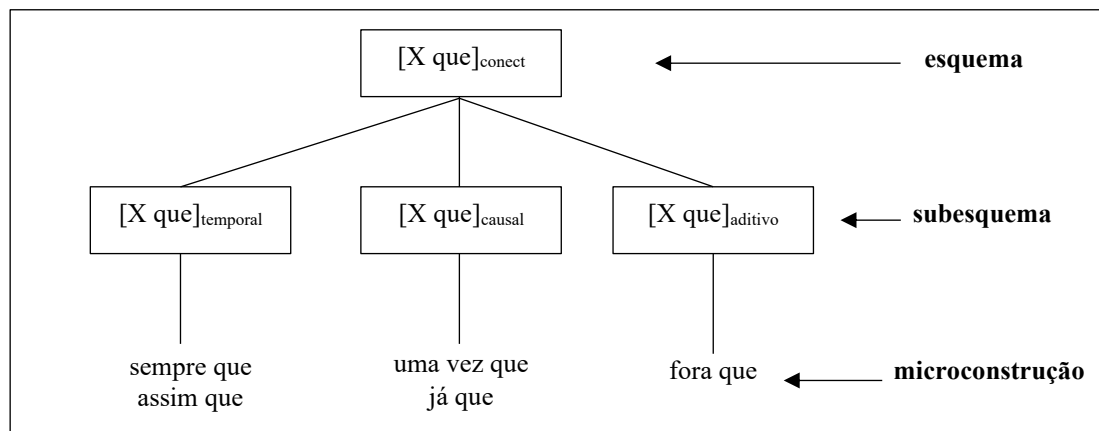
Não obstante, nem sempre é possível flagrar a atuação da neoanálise na história da língua. Para isso, há duas possíveis razões: a primeira se deve ao fato de possivelmente não existirem – ou de não encontrarmos – registros que a atestem; a segunda, ao fato de a mudança ter ocorrido por meio de analogização. Inclusive, dizemos que o que comprova, de fato, a mudança é a deflagração da neoanálise. A analogização opera mais como uma hipótese plausível do que como prova efetiva de como se deu a mudança, sobretudo quando encontramos exemplares que servem de modelo para a formação de uma nova construção.

Um outro parâmetro que nos ajuda a identificar a atuação desses fenômenos é a direcionalidade da mudança. Segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), há dois tipos de construcionalização: a lexical e a gramatical. Os tipos de construcionalização estão associados ao tipo de resultado na formação das novas construções: se temos um elemento de função referencial – como verbo, substantivo, adjetivo etc. –, temos a construcionalização lexical; se temos um elemento de função procedural – como afixo, aposição, conjunção etc. –, temos a construcionalização gramatical. Nesta última, que corresponde à emergência de [fora que], a direcionalidade prevista diz respeito ao aumento de esquematicidade e produtividade e à diminuição da composicionalidade.

A esquematicidade diz respeito aos níveis de abstração do uso linguístico. Os mais baixos, que são mais específicos, são chamados de microconstruções; os intermediários, de subesquemas; os mais altos de esquemas. Fora dessa representação está o construto, que é o dado, o uso concreto. Vejamos uma representação em rede dos três níveis:

- | Emergência do conector fora que no português

Figura 1. Rede [Xque]_{conect}



Fonte: adaptado com base na representação de Cezario, Santos e Silva (2015, p. 67)

A produtividade diz respeito, sobretudo, às frequências *type* e *token*. Nesse sentido, a formação de um novo *type* na rede [Xque]_{conect} – como [fora que] – implica o aumento de produtividade do esquema.

A composicionalidade é dividida em dois tipos: semântica e sintática. A primeira diz respeito à transparência do significado da construção, de modo que podemos afirmar que uma construção é mais composicional quando seu significado é mais transparente, pois percebemos a contribuição de cada um de seus elementos para o sentido global. A construção menos composicional, por sua vez, é opaca, haja vista que o significado construcional não está diretamente relacionado ao sentido de seus elementos. É o que ocorre com [fora que], uma vez que a noção de adição não é uma derivação dos significados básicos de *fora* nem de *que*. Já a composicionalidade sintática, também chamada de analisabilidade, está associada à identificação das partes componentes de uma construção. Sendo assim, quando conseguimos reconhecer os elementos que compõem uma construção, dizemos que ela é analisável – como ocorre com [fora que] – em oposição a quando não reconhecemos facilmente, como em [embora] – cujos elementos de sua formação (*em + boa + hora*) não são mais identificáveis na estrutura, em virtude da alta vinculação com perda de material fonológico.

O fator da composicionalidade é particularmente caro aos processos de construcionalização gramatical, já que sua diminuição ou perda estão associadas à atuação de processos cognitivos, como a automatização. Segundo Diessel (2019), a automatização é um processo gradual dirigido pela frequência de uso e opera na formação de *chunks* nas relações sequenciais. Segundo o autor (2019, p. 63),

[...] quanto mais as sequências empregam os mesmos elementos em cadeia, mais frequentemente essas sequências de elementos são processadas e mais fortes se tornam os *links* entre seus elementos (BYBEE, 2002; 2010, p. 33-37). O resultado cognitivo desse desenvolvimento é a emergência gradual de uma ‘unidade’ ou ‘chunk’¹¹.

Dessa maneira, é relativamente comum que uma mesma sequência de elementos instancie construções distintas, sendo, pelo menos uma delas, mais composicional, com elementos mais autônomos – como ocorre em [fora]_{advérbio} [que]_{pronomes relativo} – e outra menos composicional, com elementos mais vinculados – como ocorre em [fora que]. A formação de *chunk* e a diminuição da composicionalidade são, nessa esteira, fortes indícios de que essa construção seja o resultado de uma construcionalização.

Também podem ser empregados para evidenciar as consequências da construcionalização os conceitos da coacionalidade, da intersubjetividade imediata e da intersubjetividade estendida (TANTUCCI, 2021). De acordo com o estudioso, há diferentes dimensões nas trocas interacionais.

Vamos situar as fases da intersubjetividade em um *continuum*. Inicialmente, temos um indivíduo que interage com seu interlocutor com o único objetivo de atingir algum efeito perlocucionário, sem que leve em consideração, ainda, algum elemento linguístico que expresse sua consciência de como o receptor irá reagir ao que está sendo dito. Esse tipo de ato representa a dimensão meramente **co-acional** das trocas interacionais. Mais à frente, nesse mesmo *continuum*, há interações mais complexas, intersubjetivas, em que o falante faz uso de certos recursos linguísticos que expressam sua consciência sobre potenciais reações de um interlocutor específico, presente – aqui e agora – numa dada situação discursiva. No presente modelo, esses usos serão considerados instâncias de **intersubjetividade imediata (I-I)**.

[...]

Mais à frente, ainda nesse *continuum* gradiente, a interação marcada intersubjetivamente pode mudar de uma consciência específica de um

¹¹ Do original: “The more often a string of linguistic elements is processed, the stronger are the sequential links between them (Bybee 2002; 2010: 33-37). The cognitive result of this development is the gradual emergence of a ‘unit’ or ‘chunk’”.

- | Emergência do conector fora que no português

interlocutor único para um entendimento extensível a personas sociais genéricas. Nessa dimensão, atua a **intersubjetividade estendida (I-E)**. (TANTUCCI, 2021, p. 7-8, grifo do autor)².

Sob esse ponto de vista, a dimensão da coacionalidade está associada às interações em que o código linguístico é mais transparente e composicional; a da intersubjetividade imediata está associada a uma reinterpretação *ad hoc*, em que um determinado uso linguístico, por questões contextuais, é neoanalisado; a da intersubjetividade estendida, por sua vez, está relacionada à convencionalização desse novo uso, isto é, ao momento em que ele, inicialmente de sentido menos transparente e composicional, passa a ser reconhecido e empregado em uma comunidade de falantes.

Por fim, embora o próximo conceito não esteja diretamente relacionado aos processos de mudança linguística, como os previamente apresentados, ele é importante para a análise de nosso objeto. Trata-se do desgarramento sintático, que, segundo Decat (2009, p. 22), é “um mecanismo/recurso sintático que serve à estratégia de focalização”. O fenômeno envolve uma estrutura de natureza hipotática desvinculada de sua oração matriz, como apresenta a autora, no exemplo abaixo, em que *apesar de* encontra-se em um novo período:

v. “Esse caso com a modelo Lilian Ramos realmente foi uma tragédia. **Apesar de Itamar ser um senhor solteiro e o ambiente ter sido o carnaval**”. (Estado de Minas, 17/2/94)

Segundo Decat (2019, p. 23),

[...] as orações desgarradas são satélites de uma porção anterior no discurso, a qual pode ser uma oração com a qual a desgarrada se relacione, ou uma outra porção textual qualquer (por exemplo, todo um período, um parágrafo, um conjunto de orações etc.).

¹² Do original: “Let’s place these three stages of intersubjective awareness along a continuum. At the beginning of the *continuum* we have an individual interacting with his/her interlocutor with the sole aim of achieving some perlocutionary effects, yet without any overt linguistic element expressing the awareness of how the addressee may react to what is being said. This is what this book will refer to as the mere **co-actional** dimension of interactional exchanges. Along the same continuum, more complex intersubjectified interaction is at stake when a speaker relies on linguistic devices that express the distinctive awareness of potential reactions of a specific interlocutor who is present during the here-and-now of the speech event. In the present framework, these will be considered instances of **immediate intersubjectivity (I-I)**. [...] Along the same gradient continuum, intersubjectively marked interaction may shift from the specific awareness of a single interlocutor to the more extended understanding of how a generic social persona would react to what is being said. This latter dimension is what this book will refer to as **extended intersubjectivity (E-I)**.”

O desgarramento sintático é particularmente caro ao estudo de [fora que], haja vista que ele é um conector complexo de estrutura hipotática – tendo uma conjunção integrante como uma de suas subpartes. Como pudemos observar nos dados (02) e (03), na introdução deste artigo, [fora que] está desvinculado da unidade discursiva que representaria sua oração matriz, na medida em que encabeça, respectivamente, um novo período e um novo parágrafo.

Procedimentos metodológicos

Para proceder a uma investigação de viés diacrônico, recorreremos a dois bancos de dados do *Corpus do Português*¹³: o Histórico e o *Now*. O primeiro contém 45 milhões de palavras e é composto por dados que vão do século XIII ao século XX; o último contém um pouco mais de 1 bilhão de palavras e é composto por dados do século XXI (de 2012 a 2019). São dois bancos que se diferem não só em relação às suas extensões e sincronias, como também em relação à variedade e à distribuição dos gêneros. Por esse motivo, nossa pesquisa assume um caráter mais qualitativo, voltado para a descrição e exploração do fenômeno, do que propriamente quantitativo.

Ao todo, selecionamos 462 ocorrências, que vão do século XIX ao XXI, distribuídas conforme o quadro abaixo:

Quadro 1. Ocorrências de *fora + que* e *fora*

	<i>fora + que</i>	<i>Fora</i>
Século XIX	24	100
Século XX	38	100
Século XXI	100	100
Total	162	300

Fonte: Elaboração própria

Vale ressaltar que a busca no *corpus* se deu, a princípio, pela sequência de elementos *fora + que*, sem que houvesse uma associação inicial desses usos a algum esquema construcional específico, procedimento que só foi realizado posteriormente, na análise. Nosso objetivo inicial era separar as 100 primeiras ocorrências que continham essa sequência de elementos em cada período, para só depois proceder à análise. No entanto, isso não foi possível em virtude da limitação do *corpus*: só havia 24 ocorrências com essa configuração no século XIX e 38 no século XX.

¹³ Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 30 mar. 2022.

- | Emergência do conector *fora* que no português

Além da busca pela sequência *fora + que*, componentes da construção [fora que], procedemos a um levantamento dos diferentes usos de *fora* no *corpus*. Nesse caso, já foi possível selecionar as 100 primeiras ocorrências de cada período. Nossa opção pela seleção e análise do elemento *fora*, sem que estivesse posposto pelo *que*, deve-se ao fato de *fora* já atuar na relação aditiva em alguns contextos de uso, como podemos notar na ocorrência abaixo:

- (5) A violência é muito grande, então eu acho que pode ajudar nessa conscientização. *Fora* tudo isso, eu achei importantíssimo o país estar discutindo uma questão que há pouco tempo não discutia porque tinha medo.

Acima, *fora* atua como uma palavra denotativa. Embora, numa dimensão microgramatical (cf. HASELOW, 2016), observemos um valor de exclusão – na medida em que separa, põe de lado os argumentos antecedentes (“tirando tudo isso”) –, na dimensão macrogramatical (cf. HASELOW, 2016), ele adiciona informações, de maneira muito semelhante ao que vimos com [fora que]. Como prova, apliquemos o teste de substituição: *A violência é muito grande, então eu acho que pode ajudar nessa conscientização. Além de tudo isso, eu achei importantíssimo o país estar discutindo uma questão que há pouco tempo não discutia porque tinha medo.*

Terminada a seleção da sequência *fora + que* e do elemento *fora*, nas duas bases do *Corpus*, procedemos à análise. Para esse fim, os seguintes fatores foram empregados:

- a) Identificação dos diferentes usos de *fora + que* e de *fora*:

Como dissemos anteriormente, num primeiro momento, apenas buscamos selecionar as 100 primeiras ocorrências de *fora + que* e *fora* no *corpus*, em cada século, sem que houvesse a realização de análises. Terminada a seleção, passamos para a classificação dos usos. De um lado, procuramos identificar de que esquemas/construções participavam *fora + que*. De outro, as funções admitidas pelo elemento *fora*.

- b) Produtividade dos diferentes usos de *fora + que* e de *fora*:

Embora a pesquisa tenha um caráter mais qualitativo do que quantitativo, a frequência de uso pode nos dizer muito sobre a convencionalidade e o espraiamento de uma construção. Como veremos na análise de dados, no século XXI, das 100 primeiras ocorrências da sequência *fora + que*, 57 são da construção conectora [fora que]. Isso serve como evidência de sua produtividade e convencionalidade no português.

- c) Busca, na diacronia, por contextos atípicos, críticos e isolados:

A construção [fora que] constitui o que Diewald e Smirnova (2012) reconhecem como contexto isolado. Buscamos também identificar a presença de contextos atípicos e críticos dessa construção, que nos permitem flagrar a atuação da neanálise. Na ausência desses contextos, também é possível aventar a hipótese de que [fora que] tenha surgido por intermédio da analogização, em que o esquema [Xque]_{connect} (CEZARIO; SANTOS; SILVA, 2015) teria recrutado *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão, para o *slot X*.

- d) Emprego dos processos e fatores da construcionalização na análise de [fora que]:

Como critério complementar, observamos a atuação dos processos da automatização, em especial o *chunking*, da intersubjetividade estendida e do fator da composicionalidade. Uma vez que a vinculação dos elementos de uma construção, a diminuição de sua composicionalidade e o espraiamento do novo uso são consequências da construcionalização, empregamo-los também na análise de dados.

Por fim, vale ressaltar que, após a análise inicial dos dados, descartamos 88 ocorrências, pois, nesses casos, o elemento *fora* não tinha origem adverbial. Era, na verdade, a primeira ou a terceira pessoa do singular do pretérito-mais-que-perfeito do verbo “ir”. É o que observamos, por exemplo, na ocorrência abaixo, um dado do século XIX:

- (6) Eis o pensamento a que se limitavam já suas esperanças, porque a missão de que se encarregara era terrivelmente arriscada. Durante o caminho *fora que* ele medira a extensão dos perigos a que se expusera; mas a imagem de Dulce varria-lhe da alma o temor.

Em síntese, os dados descartados por esse motivo ocorreram conforme distribuição abaixo:

Quadro 2. Dados descartados de *fora + que* e *fora*

	<i>fora + que</i>	<i>fora</i>
Século XIX	12	60
Século XX	5	5
Século XXI	2	4
Total	19	69

Fonte: Elaboração própria

- | Emergência do conector *fora que* no português

Análise dos dados

Para uma apresentação mais didática dos dados, dividimos esta seção em quatro subseções, a saber: a) usos da sequência *fora + que*; b) usos do elemento *fora*; c) analogização: a hipótese mais plausível para emergência de [fora que]; d) produtividade, vinculação e intersubjetividade em [fora que]: um olhar para os usos do século XXI.

Usos da sequência fora + que

Nos dados analisados, a sequência de elementos *fora + que* aparece em cinco padrões diferentes, assim representados: [fora]_{adv}[que]_{pronome relativo}, [fora]_{adv}[que]_{conjunção explicativa}, [fora]_{adv}[que]_{correlator comparativo}, [fora]_{adv}[que]_{conjunção integrante} e [fora que]_{conector}. Abaixo, apresentamos a distribuição desses usos no quadro 3 e, em sequência, ilustramos cada uso com uma ocorrência:

Quadro 3. Relações sequenciais de *fora + que*

	[fora] _{adv} [que] _{pr}	[fora] _{adv} [que] _{ce}	[fora] _{adv} [que] _{cc}	[fora] _{adv} [que] _{ci}	[fora que] _c
Século XIX	08	01	02	01	0
Século XX	22	0	04	03	04
Século XXI	35	04	04	0	57
Total	65	05	10	04	61

Fonte: Elaboração própria

- a) O uso [fora]_{adv}[que]_{pronome relativo}:
 - (7) Com aquilo que temos hoje em nosso poder, no que diz respeito aos jogadores, tenho a certeza que amanhã ficarão de fora jogadores que têm tido excelentes desempenhos, qualidade nas suas exibições e rendimento, mas só podemos escolher onze. Irão ficar alguns de *fora que* também poderiam estar facilmente no 11.
- b) O uso [fora]_{adv}[que]_{conjunção explicativa}:
 - (8) Ju ainda aproveitou para dar um conselho: “Se você gosta das suas pernas, por exemplo, não importa se você usa 36, 46 ou 56! Coloque suas pernas de *fora que* está tudo bem e vai ficar lindo”.
- c) O uso [fora]_{adv}[que]_{correlator comparativo}:
 - (9) Márcio Alemão está mais por *fora que* umbigo de vedete. Se o tal evento de suma importância estivesse acontecendo no Sudeste aecista eu até poderia entender, por conta da posição da revista.

- d) O uso [fora]_{adv}[que]_{conjunção integrante}:
- (10) Luiz, diga lá *fora que a tragam cá*.
- e) O uso [fora que]_{conector}:
- (11) Tive diversos problemas hormonais, a adrenal estava parada, sem funcionar. Eu poderia ter tido um problema no coração. *Fora que* eu estava me tornando antissocial, chata.

É importante frisar que o objetivo na categorização dos diferentes usos admitidos pela sequência *fora + que* é motivado pela investigação da neoanálise. Como vimos, a construcionalização gramatical tem como consequência, normalmente, a diminuição da composicionalidade e a formação de *chunks*, fenômenos que são observáveis na construção [fora que]. Ou seja, se estamos buscando flagrar a sua emergência, temos de olhar para os usos mais composicionais – em que *fora* assume seu sentido de lugar ou de exclusão – e seus elementos são mais autônomos – em que *fora* e *que* não atuam como uma unidade.

Como veremos mais adiante, na subseção *analogização: a hipótese mais plausível para emergência de [fora que]*, não conseguimos flagrar, nos dados investigados, contextos que pudessem ser considerados ambíguos. Isso se deve ao fato de, em todos os outros usos, *fora* atuar com sua função e seu sentido mais básicos: o de advérbio de lugar. Por isso, além do levantamento da sequência *fora + que*, procedemos ao levantamento dos usos de *fora* em outros contextos, já que há usos em que esse elemento também atua na conexão aditiva, conforme observaremos na próxima subseção.

Usos do elemento '*fora*'

Descartados os usos em que *fora* é uma das formas do pretérito-mais-que-perfeito do verbo *ir*, o elemento aparece nos dados com duas funções: advérbio de lugar e palavra denotativa de exclusão. Esse último uso, em que *fora* atua com significado semelhante ao do elemento *exceto*, aparentemente é mais recente na língua. No nosso ponto de vista, sua recência é uma hipótese plausível, já que esse uso não foi identificado até o século XX¹⁴ e também não consta dos compêndios gramaticais. Observemos, abaixo, a distribuição dos dados analisados e, em sequência, uma ilustração de cada uso:

14 A despeito de, neste texto, apenas trazermos dados a partir do século XIX, em virtude da recência da construção [fora que] no português, fizemos uma análise prévia desde o século XVI, recorrendo ao *Corpus Tycho Brahe* e ao *Corpus Vercial*. Até o século XIX, só identificamos usos de *fora* com função de advérbio.

- | Emergência do conector *fora* que no português

Quadro 4. Funções de *fora*

	Advérbio	Palavra denotativa
Século XIX	40	0
Século XX	88	7
Século XXI	95	5
Total	223	12

Fonte: Elaboração própria

- (12) E estonteada, fitando no vácuo aquela visão cadente, miserável nos seus quinze anos, sentava-se, extenuada e languescida, à sombra dos ciprestes anosos e dos túmulos soberbos, com a cabeça aos baques, revolta a alma por criminosas comoções. Era já noite, muitas vezes, quando ia só para casa, *fora* do cemitério.
- (13) Não que eu tivesse dificuldades com os bósnios, pois colaboraram bastante, mas por problemas criados pelas forças da ONU, que me impediram de fazer muitas tomadas. Tivemos oito semanas de filmagens, *fora* o tempo necessário para nos instalar.

Em (12), *fora* atua como um advérbio de lugar, dada a sua função físico-espacial. Em (13), por sua vez, *fora* é uma palavra denotativa de exclusão e já atua como um elemento relacional ao qual podemos atribuir a ideia de adição. Embora *fora* atue, nesse caso, numa dimensão intraoracional, estabelece adição entre dois núcleos de um mesmo complemento: *semanas* e *tempo*. Inclusive, podemos proceder ao teste de substituição como meio de atestar esse valor semântico: *tivemos oito semanas de filmagens, além do tempo necessário para nos instalar*.

Além desse uso não oracional, há outros em que observamos *fora* como parte de uma estrutura composta que atua na articulação (supra)oracional. Vejamos duas ocorrências:

- (14) O tempo ainda pode ser alterado, já que são permitidas inscrições até o primeiro orador iniciar suas declarações, o que deve ocorrer na terça-feira da próxima semana. *Fora isso*, há previsão de fala para líderes, que podem discursar por tempo proporcional ao tamanho de suas bancadas.
- (15) Nós temos uma organização que foi estabelecida 40 anos atrás, e vem crescendo e desenvolvendo uma experiência de como fazer Fórmula 1. É nossa especialidade. Temos uma equipe permanente de 50 pessoas, a maioria com 20 a 25 anos de prática. *Fora isso*, temos fornecedores especializados, desenvolvidos por nós, em São Paulo.

De modo análogo a [fora que], *fora isso* estabelece a relação entre duas unidades discursivas, como orações, períodos e parágrafos. Assim como *fora que*, veicula uma noção de adição. Postulamos, portanto, que [fora que] e [fora isso] sejam instanciações de um nível mais abstrato, o subesquema [fora X]. Nesse caso, X pode comportar tanto elementos mais gramaticais, como *que* e *isso*, como também nomes, sobretudo substantivo abstratos que atuam como encapsuladores. Vejamos uma ocorrência desse último caso:

- (16) Autorizações inexistentes e risco de contaminação dos funcionários, que trabalhavam sem máscaras, são apenas alguns exemplos dados pelos militares. Entre as irregularidades, a situação mais crítica verificada pelos PMs estava no cômodo onde eram incinerados os bichos. *Fora o problema das máscaras e o risco de contaminação*, também não havia filtro algum nas chaminés.

Como podemos notar em (16), *fora o problema das máscaras e o risco de contaminação* é uma estrutura complexa que também veicula o sentido de adição no contexto de uso. No entanto, como ela é composta por elementos mais axiológicos, não atende bem ao teste de substituição, somente à análise do *frame*: trata-se de informações convergentes: havia autorizações inexistentes, risco de contaminação E TAMBÉM faltava filtro nas chaminés.

Uma vez que *fora* estabelece relações aditivas em outras construções, e não só quando na sequência *fora + que*, existe uma grande possibilidade de que a construção [fora que] tenha surgido por meio de um processo analógico, como veremos na próxima subseção.

Analogização: a hipótese mais plausível para emergência de [fora que]

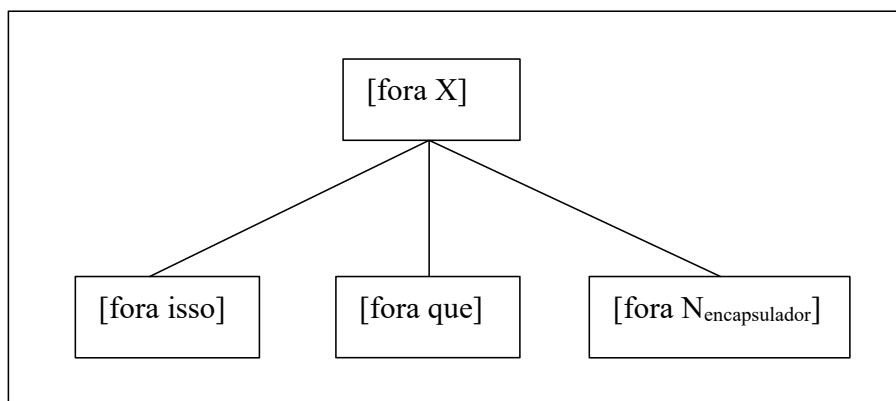
A hipótese mais plausível sobre a emergência da construção [fora que] é que ela tenha surgido na língua por meio de um processo de analogização, e não de neanálise. Uma das evidências para isso é o fato de não termos identificado, nas relações sequenciais que envolvem os elementos *fora + que*, dados de uso que possam ser considerados ambíguos, isto é, que permitam tanto uma interpretação como conector aditivo – com os elementos mais vinculados e menos composicionais – quanto uma outra, em que esses mesmos elementos sejam mais autônomos e mais composicionais.

Vale ressaltar, ainda sobre esse aspecto, que a literatura tem mostrado que os contextos atípicos, responsáveis pelo processo de mudança via neanálise, continuam coexistindo na língua. Sendo assim, se [fora que] tivesse surgido na língua por neanálise, o esperado seria que ainda identificássemos contextos atípicos, em que mais de uma interpretação construcional fosse possível. Essa ambiguidade está associada ao fato de a neanálise envolver o reprocessamento sintático, um novo *parsing*.

- | Emergência do conector *fora que* no português

Portanto, dado que não foi possível flagrar a neanálise nem nos dados históricos nem nos sincrônicos, o mais provável é que a emergência da construção [*fora que*] tenha se dado por analogização. Como vimos na subseção anterior, nas ocorrências em que *fora* assume a função de palavra denotativa, é comum a veiculação de um sentido de adição, muitas vezes, inclusive, na conexão (supra)oracional, da mesma maneira que [*fora que*]. Isso nos leva a postular a existência de uma rede [*fora X*], da qual participa [*fora que*]:

Figura 2. A rede [*fora X*]



Fonte: Elaboração própria

A representação acima organiza os diferentes usos apresentados neste texto em que *fora* atua, na dimensão microgramatical, como palavra denotativa de exclusão. Logo, incluem-se, aí, além dos usos de [*fora que*], presentes nas ocorrências (01), (02), (03) e (11), os usos de [*fora isso*] – ocorrências (14) e (15) – e de [*fora N_{encapsulador}*], como a ocorrência (16), em que ocupam a posição de N os termos *problema* e *risco*.

Vale ressaltar que, em todos esses casos, a construção, na relação entre unidades discursivas – sejam orações, períodos ou parágrafos –, veicula um sentido de adição. No entanto, a noção de exclusão – embora possa parecer paradoxal num primeiro momento – também está mantida. Trata-se de um tipo de exclusão para incluir. Para explorar discursivamente esse aspecto, observemos mais duas ocorrências:

- (17) Garcia também se inquieta com esse tipo de atenção, e principalmente com as comparações injustas: “Conheço as vozes da Cássia e do Chico a fundo, e não acho que se pareçam. *Fora que* ela com 40 anos não compunha como ele, e cantava mil vezes mais”.
- (18) E também achei péssimo quando, uma vez em que eu estava com a Débora e os funcionários falavam sobre ela, só olhavam para mim, como se ela não

estivesse lá. *Fora que* ela já relatou que uma sócia interrompeu a conversa com ela assim que descobriu que ela era a babá da minha filha e não a mãe.

Em (17) e (18), a noção de adição estabelecida entre períodos pode ser atestada, mais uma vez, por meio do teste da substituição: *Conheço as vozes da Cássia e do Chico a fundo, e não acho que se pareçam. Além disso, ela com 40 anos não compunha como ele, e cantava mil vezes mais; os funcionários falavam sobre ela, só olhavam para mim, como se ela não estivesse lá. Além disso, já relatou que uma sócia interrompeu a conversa com ela assim que descobriu que ela era a babá da minha filha e não a mãe.* Trata-se de uma relação estabelecida na dimensão macrogramatical (cf. HASELOW, 2016), compreendida quando as relações gramaticais se estabelecem na dimensão textual, acima do nível da sentença.

Não obstante, numa dimensão microgramatical (cf. HASELOW, 2016), podemos entender que a noção de exclusão, em alguma medida, permanece. O termo *Fora*, olhado sob uma lupa, “exclui” o conteúdo anterior (ou diminui sua relevância discursiva) para introduzir uma informação nova, que, discursivamente, reforça o argumento anteriormente apresentado. Sob esse ponto de vista, atesta o fenômeno da persistência semântica, como defende Hopper (1991).

Cabe lembrar que, na perspectiva da construcionalização, a analogização ocorre por meio de dois caminhos: da atração de um exemplar ou da produtividade de um esquema já bastante consolidado. Nesse caso, aventamos a seguinte hipótese: *fora*, na função de palavra denotativa, é recrutada pelo esquema [Xque]_{connect'} bastante produtivo na língua na formação de conectores. Não acreditamos que haja uma analogização por exemplar, como em uma possível relação com o conector [exceto que], já que esta construção assume uma função distinta na língua. Em resumo, embora *fora* e *exceto* atuem com o sentido de exclusão em muitos contextos de uso, *exceto* é recrutado para contextos contrastivos e não aditivos. Vejamos, a seguir, duas ocorrências. Na primeira, temos o elemento *exceto* articulando elemento oracional – *textos*; na segunda, *exceto que*, articulando orações.

- (19) As matérias são responsabilidade do jornal na Net, *exceto* textos que expressem opiniões pessoais, assinados, que não refletem, necessariamente, a opinião do site.
- (20) Katherine era um furacão. Eu digo, ela era muito louca. Uma personagem muito bem feita, ela era o que era. Havia algumas poucas qualidades que podiam redimi-la, *exceto que* ela era muito amável e honesta.

- | Emergência do conector *fora que* no português

Descartada, então, a hipótese da atração por um exemplar, voltemos para aquela que defendemos: a de que *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão, é recrutado pelo esquema [Xque]_{connect}. De acordo com Cezario, Santos e Silva (2015), a referida construção teve sua emergência no século XVI, quando o *slot X* era preenchido exclusivamente por elementos de função adverbial que denotavam tempo. Posteriormente, passou a ser ocupado por elementos de outra natureza, como participípios, preposições etc. e passou a assumir sentidos cada vez mais abstratos, que atuam na relação lógico-semântica, como causa – *dado que, já que* – consequência – *tanto que* – condição – *sem que* – etc. Hoje, praticamente qualquer elemento pode ocupar o *slot X* da construção, inclusive verbos. Dias, Araújo e Pacheco (2020), por exemplo, atestam o uso de *acontece que* como conector contrastivo. Abaixo, segue uma ocorrência como ilustração:

- (21) Adib Jatene: [...] O que nós gastamos com atendimento médico hospitalar é menos da metade do orçamento, *acontece que* o que mais tem visibilidade na imprensa é o atendimento médico hospitalar, por isso eu falo hospital.

Por fim, vale ressaltar que a analogização, ao contrário da neoanálise, é apresentada sempre como uma hipótese e não como uma prova. Isso se dá dessa maneira porque seu caráter instantâneo torna impossível notar sua gradualidade na história da língua, como é comum na construcionalização por neoanálise.

Produtividade, vinculação e intersubjetividade em [fora que]: um olhar para os usos do século XXI

Nesta última seção, focalizaremos os dados de [fora que] no século XXI. Isso se deve ao fato de atestarmos sua maior produtividade nesse período. Além disso, exploraremos também a formação do *chunking* e a percepção da intersubjetividade estendida como indícios do processo de construcionalização gramatical. Começamos pela observação dos usos de [fora que] nos dados sincrônicos:

Quadro 5. Usos de *fora + que* no século XXI

	[fora que]	demais usos de <i>fora + que</i>
Século XXI	57	43
Total:	100	

Fonte: Elaboração própria

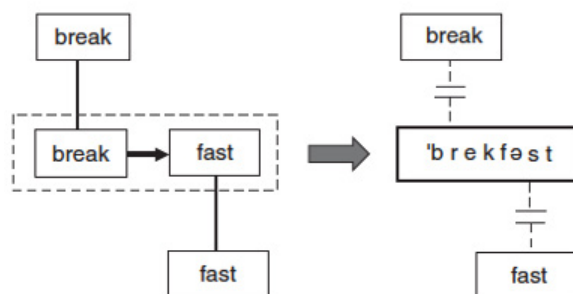
Como é possível notar, de 100 dados extraídos da sequência *fora + que*, 57 (57%) são de [fora que]. A elevada frequência *token* é um reflexo da convencionalidade e da produtividade dessa construção, que já constitui uma unidade de sentido na mente dos

falantes, isto é, trata-se de uma construção consolidada, resultado da automatização. Vejamos o que diz Diessel (2019, p. 35) a respeito desse processo cognitivo:

Se pensarmos na gramática como uma rede em expansão em que os diversos aspectos do conhecimento linguístico do falante estão interconectados por relações associativas, nós podemos definir a automatização como um processo que fortalece as associações entre os elementos linguísticos na memória por meio da repetição. Por exemplo, se dois ou mais lexemas são frequentemente utilizados juntos, eles se tornam associados uns aos outros e se tornam uma unidade lexical holística.

Grosso modo, a formação de unidades resultantes de dois ou mais lexemas por meio da automatização é um *chunk*, que é um dos possíveis resultados da construcionalização gramatical: à medida que os elementos se vinculam e formam uma unidade, há diminuição da composicionalidade, o que significa que seu significado tende a ficar cada vez menos transparente. Diessel recorre ao modelo morfológico de rede de Bybee (BYBEE, 2011, p. 125-126 *apud* DIESEL, p. 77) para explicar esse fenômeno. Vejamos, como ilustração, a representação empregada pelo estudioso para a análise de *breakfast*, do inglês:

Figura 3. Autonomia lexical: o desenvolvimento das relações sequenciais e lexicais



Fonte: Diessel (2019, p. 77)

Originalmente, *breakfast* representa a adjunção de dois elementos de significação distinta: o verbo *break* e o nome *fast*, cujo significado é composicional: terminar o jejum (*fast*) noturno. Porém, embora esses elementos ainda sejam analisáveis na forma escrita, a forma falada perdeu sua conexão com *break* e *fast* – já que há alteração fonética (tanto segmental quanto suprasegmental): /'breik 'fəst/ para /'brekfəst/. Isto significa, segundo Diessel (2019, p. 77), que "*breakfast* tornou-se autônomo no sentido de que suas partes

- | Emergência do conector fora que no português

não estão mais associadas (diacronicamente) com os itens com que se relaciona na rede¹⁵ (figura 3). Cabe mencionar, ainda, que *breakfast* passou a representar a primeira refeição da manhã no inglês, feita com alimentos típicos dessa refeição. Não se emprega o termo *breakfast*, por exemplo, para fazer referência a um almoço que sirva de desjejum.

Argumentamos que o mesmo efeito de automatização é percebido em [fora que]. A despeito de ainda recuperarmos suas partes componentes e de ser possível uma leitura de exclusão em sua dimensão microgramatical, o sentido de adição vem se sedimentando na construção à proporção que essa construção é empregada em contextos aditivos.

Para entender como a pressão contextual atua na sedimentação de novos significados, podemos recorrer à perspectiva da intersubjetividade de Tantucci (2021). Conforme discutimos na seção dos pressupostos teóricos, o autor considera que as trocas interativas ocorrem em três dimensões distintas: a coacionalidade, a intersubjetividade imediata e a intersubjetividade estendida.

Segundo o estudioso, a coacionalidade se caracteriza por uma intersubjetividade “não marcada”. Nesse caso, as proposições tendem a ser mais transparentes, composicionais, de modo que o sentido não dependa de uma inferência do ouvinte/leitor sobre as intenções do falante/escritor sobre aquilo que diz.

Na intersubjetividade imediata, por sua vez, o interlocutor tende a inferir quais são as crenças/intenções do falante ao dizer aquilo que diz. Sendo assim, nessa dimensão, os significados são menos composicionais (transparentes) e também menos convencionais. É necessário que o ouvinte/leitor faça uma interpretação *ad hoc* daquilo que é dito. Numa perspectiva da construcionalização, poderíamos associar a intersubjetividade sugerida ao uso inovador, isto é, às neoanálise iniciais ou aos usos iniciais de uma analogização, quando um novo uso ainda não é convencional e/ou frequente em uma comunidade de falantes.

Por fim, na intersubjetividade estendida, embora os sentidos da proposição sejam opacos, menos composicionais, o significado construcional se tornou convencional, isto é, compartilhado por uma comunidade linguística. Acreditamos que esse seja o caso de [fora que], uma vez que apresenta elevada frequência de uso em contextos linguísticos mais monitorados. Sendo assim, podemos afirmar que [fora que] constitui um dos elementos do paradigma dos conectores aditivos, sendo recrutados para o uso por falantes do português. Vale ressaltar, no entanto, que, sob um olhar pragmático e

15 No original: “*Breakfast* has become autonomous in the sense that its parts are no longer associated with (diachronically) related items in a network”.

discursivo, apresenta novas nuances de significado, uma vez que traz relevo para a unidade discursiva (oração, período ou parágrafo) que lhe sucede. O espraçamento da construção e sua aceitabilidade podem ser evidenciados por meio da sua presença em textos mais formais, como mostram os dados do *corpus* Now, constituído, em grande parte, por textos de jornais e revistas eletrônicas.

Considerações finais

Neste texto, buscamos descrever a emergência do conector [fora que] no português. Para isso, recorremos a 462 ocorrências distribuídas entre os séculos XIX a XXI da sequência de elementos *fora + que*, bem como do elemento *fora*, que também pode atuar em contextos de conexão aditiva. Os dados foram interpretados à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso, em especial, com base no modelo da *construcionalização e das mudanças construcionais* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]).

Observamos que a sequência *fora + que* aparece em cinco diferentes padrões construcionais e que sua instanciação pela construção [fora que] é frequente, o que serve como evidência da convencionalidade dessa construção. Afinal, se 57% das ocorrências analisadas de *fora + que* no século XXI são do conector aditivo, isso indica que essa construção representa um dos elementos do paradigma dos conectores aditivos do português.

A emergência de [fora que] provavelmente se deu por analogização. Essa conclusão se deve aos seguintes aspectos: a) ao fato de não termos localizado, nem nos dados diacrônicos nem nos sincrônicos, indícios de dados ambíguos, isto é, de contextos atípicos; b) ao fato de termos encontrado usos de *fora*, em contextos em que não está justaposto pelo *que*, nos quais esse elemento atua na relação aditiva. Sendo assim, defendemos que ocorreu um processo analógico em que o esquema [Xque]_{conect} em virtude de sua produtividade, recrutou o elemento *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão. Isso resultou numa nova construção na língua. É importante frisar, mais uma vez, que a analogização serve mais como hipótese do que como evidência da mudança. O que atesta, de fato, a mudança é a neoanálise.

A trajetória de construcionalização de [fora que] também pode ser pensada a partir dos processos cognitivos e intersubjetivos. Como vimos, a automatização leva à formação de *chunks*, comuns na formação de elementos procedurais, como [fora que], e a intersubjetividade estendida explica a convencionalização de significados construcionais menos composicionais.

- | Emergência do conector fora que no português

Referências

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.

CAPELLE, B. Particle placement and the case for allostructions. **Constructions SVI** – n. 7, p. 1-28, 2006.

CEZARIO, M. M.; SANTOS, M.; SILVA, T. S. Formação da construção [xque]_{connect} no português. **Revista e-escrita**, v. 6, n. 3, p. 229-243, 2015.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013. p. 13-39.

DECAT, M. B. N. **Estruturas “desgarradas” em foco: a função focalizadora de orações em sua ocorrência sem a oração-matriz, no português falado e escrito**. Abralín, 2009.

DECAT, M. B. N. O ‘desgarramento’ como estratégia de focalização em língua portuguesa. **Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações**, Niterói: Letras da UFF, v. 1, n. 2, 2019.

DIESSEL, H. **The Grammar Network**. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.

DECAT, M. B. N. **Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

DIAS, N. B.; ARAÚJO, J. A. R.; PACHECO, P. H. Construções contrastivas ‘acontece que’ e ‘logo eu’. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 14, n. 27, p. 207-316, 2020.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: The fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, K.; BREBAN, T.; BREMS, L.; MORTELMANS, T. (ed.). **Grammaticalization and Language change: new reflection**. Amsterdam: Benjamins, 2012. p. 111-133.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. *In*: The Linguistic Society of Korea (ed.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.

GOLDBERG, A. **A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HASELOW, A. A processual view on grammar: Macrogrammar and the final field in spoken syntax. **Language Sciences**, v. 54, p. 375-424, 2016.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

TANTUCCI, V. **Language and Social Minds**. The Semantics and Pragmatics of Intersubjectivity. New York: Cambridge University Press, 2021.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and Constructionalization Compared. *In*: FUYIN, T. L.; ZUO, S. (ed.). **On a diachronic constructionalist approach to discourse structuring markers by Elizabeth Closs Traugott**. Boston: Brill, 2022. p. 39-59.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in Semantic Change**. New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. São Paulo: Vozes, 2021 [2013].

COMO CITAR ESTE ARTIGO: LOPES, Monclar Guimarães. Emergência do conector *fora que* no português. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 85-109, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 02/09/2022.

FUNCIONALISMO E MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL: A FORMAÇÃO DE MARCADORES DISCURSIVOS EM PORTUGUÊS

Mariangela Rios de OLIVEIRA¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3407>

Resumo: Fundamentados na *Linguística Funcional Centrada no Uso*, nos termos de Rosário e Oliveira (2016), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Martelotta (2011), investigamos neste artigo as mudanças pré e pós-construcionais envolvidas na convencionalização de marcadores discursivos do português, mais especificamente os formados por subparte verbal e subparte pronominal locativa, codificados como $[VLoc]_{MD}$. Tais mudanças são abordadas na perspectiva de *cline* contextual (DIEWALD; SMIRNOVA, 2012), que conduz à inserção dos referidos constituintes no paradigma dos MD, tomado este como uma hiperconstrução, nos termos de Diewald (2020). Em abordagem histórica, com base nos resultados obtidos por Teixeira (2015), Rosa (2019) e Sambrana (2021), demonstramos que a construcionalização $[VLoc]_{MD}$ é detectada inicialmente na língua no século XVI, mas sua consolidação como esquema formador de MD se generaliza a partir do século XIX, via analogização (BYBEE, 2010) e pressões contextuais, envolvendo metaforização, metonimização e expansão de intersubjetividade (TANTUCCI, 2018).

Palavras-chave: Mudança linguística. Funcionalismo. Mudança construcional. Construcionalização. Marcadores discursivos. Contextos de mudança. Paradigmatização.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil; mariangelariosdeoliveira@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

FUNCTIONALISM AND LINGUISTIC CHANGE IN A CONSTRUCTIONAL PERSPECTIVE: THE FORMATION OF DISCOURSE MARKERS IN PORTUGUESE

Abstract: According to *Usage-Based Linguistics*, in terms of Rosário and Oliveira (2016), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) and Martelotta (2011), we investigate in this article the pre and post-constructional changes involved in the conventionalization of discourse markers of Portuguese, more specifically those formed by verbal subpart and pronominal locative subpart, coded as [VLoc]_{MD}. Such changes are addressed from the perspective of contextual cline (DIEWALD; SMIRNOVA, 2012), which leads to the insertion of these constituents in the MD paradigm, taken as a hyperconstruction, according to Diewald (2020). In a historical approach, based on the results obtained by Teixeira (2015), Rosa (2019) and Sambrana (2021), we demonstrated that the constructionalization [VLoc]_{MD} is initially detected in the language in the sixteenth century, but its consolidation as a MD forming scheme is generalized from the nineteenth century, via analogization (BYBEE, 2010) and contextual pressures, involving metaphorization, metonymization and expansion of intersubjectivity (TANTUCCI, 2018).

Keywords: Linguistic change. Functionalism. Constructional change. Constructionalization. Discourse markers. Contexts of change. Paradigmatization.

Introdução

Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Rosário e Oliveira (2016), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Martelotta (2011), nos dedicamos, neste artigo, ao tratamento da mudança linguística envolvida na formação de marcadores discursivos (MD) em abordagem construcional². A LFCU, também nomeada de Usage-Based Linguistics, segundo Bybee (2010), inspirada em fontes como Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), resulta do Funcionalismo de vertente norte-americana que incorpora a abordagem construcional da gramática, de base cognitivista, a partir de referências como Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001).

Nosso objetivo neste artigo, a partir do aparato teórico mencionado, é apresentar e analisar, em perspectiva histórica, como a mudança gramatical que resulta na formação de MD na língua portuguesa é tomada como sucessão de mudanças pré-construcionais

² De acordo com Goldberg (1995, 2006), conceituamos a construção como pareamento convencionalizado de conteúdo e forma; neste artigo, como Rosa (2019), optamos pelo termo *conteúdo* para a tradução do original *meaning*.

que culminam na convencionalização de um novo pareamento de conteúdo e forma na gramática, ou seja, numa construcionalização gramatical, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), e de como a referida convencionalização segue em etapa pós-construcionalização, com a ampliação do paradigma dos MD. Mais especificamente, investigamos MD complexos, formados por duas subpartes: uma de base verbal (V) e outra de base pronominal locativa (Loc), integrantes do esquema maior [VLoc]_{MD} e instanciados como a seguir, em contextos levantados do *site* Corpus do Português³:

- (1) A Sr.^a Vanessa Grazziotin: Então, veja V. S.^a, Dr. Prado, eu gostaria muito que nós fizéssemos um bom debate com o senhor, porque o senhor já esteve na comissão. O senhor é professor do Direito, o senhor é de uma área penal, como relata aqui, uma área muito importante. Veja: dizem que a Presidenta cometeu um crime de responsabilidade porque feriu a meta fiscal prevista. Mas, *espera lá*. Meta fiscal é do exercício. (Soa a campanha.) Tem que se medir no final do ano. (*Diário do Senado Federal*, 25 ago., século XXI).
- (2) - Não se acuse, conselheiro. O senhor sabe que eu não creio nada contra a sua palavra, nem contra a sua pessoa; a própria contradição que lhe acho é agradável. - Também concordo. - Concorda com tudo. - *Olha aqui*, Flora; dá licença, conselheiro? Esqueceu-me dizer que esta conversa era à porta de uma loja de fazendas e modas, Rua do Ouvidor. (*Esau e Jacó*, Machado de Assis, século XIX).

Como podemos observar em (1) e (2), *espera lá* e *olha aqui*, respectivamente, atuam como membros da classe dos MD. De acordo com Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), os MD constituem um paradigma que partilha, em termos gerais, traços de invariabilidade formal, autonomia sintática, prosódia específica e função relacional discursiva. Esses quatro traços podem ser detectados em (1) e (2), nos quais as propriedades do contexto comunicativo, fortemente marcado por tom intersubjetivo e persuasivo, motivam tais instanciações.

Assumimos, como Diewald e Smirnova (2012), que usos como os destacados em (1) e (2) decorrem de fases de mudanças contextuais específicas, nas quais ambiguidades semânticas e sintáticas concorrem para que se consolide a construcionalização gramatical subsequente. Como etapa pós-construcionalização, defendemos que tais MD passam a integrar novo paradigma, tomado como hiperconstrução⁴, nos termos de Diewald (2020),

3 Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>

4 A *hiperconstrução* é uma proposta de Diewald (2020) para interpretar o paradigma em perspectiva construcional. Assim, segundo a autora, o paradigma passa a ser concebido como a representação de especificidades categóricas e não gradientes de significado gramatical.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

e, uma vez convencionalizados, podem, via expansão *host-class*⁵ (HIMMELMANN, 2004), pelo mecanismo da analogização, ampliar o referido paradigma com a criação de novos membros.

Metodologicamente, em consonância com a LFCU, partimos da análise de dados de uso linguístico efetivo, levantados do Corpus do Português do século XV ao século XXI (no século XXI, também dados orais são considerados). No levantamento, foram captados contextos de uso em que o constituinte verbal e o constituinte pronominal locativo estivessem contíguos, a fim de observarmos e classificarmos, com base em Diewald e Smirnova (2012) e Rosa (2019), etapas crescentes de maior vinculação de conteúdo e forma entre esses constituintes. Procedemos a uma análise pautada no método misto, nos termos de Cunha Lacerda (2016), a partir da compatibilização do viés qualitativo, voltado para a investigação de propriedades contextuais pesquisadas, e considerando ainda aspectos de natureza quantitativa, com foco na produtividade de cada instância de uso (frequência *token*) e de cada padrão de uso (frequência *type*).

Para dar conta de nossos propósitos, este artigo se distribui em três seções maiores. Na primeira, apresentamos as bases teóricas da LFCU que fundamentam nossas análises, com destaque para o viés construcional assumido por essa vertente funcionalista. Na segunda, nos voltamos para a classe dos MD como paradigma, destacando seu hibridismo categorial, o lugar que ocupa no nível pragmático da língua e os traços categoriais definidores desse grupo. Na terceira seção, analisamos a formação de MD codificados como $[VLoc]_{MD}$, tal como instanciados em (1) e (2), partindo da comparabilidade e da releitura de resultados de três pesquisas de cunho histórico em torno desse objeto – as de Teixeira (2015), Rosa (2019) e Sambrana (2021); essas autoras, com base na LFCU, demonstram, na fase pré-construcionalização, como clines contextuais detectados na trajetória da língua motivam processos de metaforização e de metonimização que conduzem à construcionalização da $[VLoc]_{MD}$ e, a partir daí, como a paradigmaticização e a expansão *host-class* se efetivam, em etapas pós-construcionalização, na ênfase da dimensão gradiente e escalar da mudança linguística assumida pela LFCU, conforme se encontra em Traugott (2021, 2022). Por fim, tecemos nossas considerações acerca dos resultados do conjunto das três pesquisas referidas e listamos o referencial bibliográfico utilizado.

5 Trata-se da *expansão de classe hospedeira* (nossa tradução do original), referente ao preenchimento de subpartes abertas de uma construção (*slots*) por novos constituintes, via analogização.

Pressupostos teóricos da LFCU

A LFCU constitui uma linha investigativa mais recentemente assumida pelo Funcionalismo norte-americano. Na tradição da pesquisa funcionalista, notadamente a originada na Costa Oeste dos Estados Unidos, na linha de Bolinger, Givón, Hopper, Thompson, entre outros, o foco nos processos envolvidos na mudança linguística e seu resultado, a gramaticalização⁶, são uma tônica. Esses estudos, realizados via de regra com base em itens específicos, partem do pressuposto de que a iconicidade original da gramática vai dando lugar à arbitrariedade, com base em trajetórias unidirecionais do tipo: a) espaço > tempo > texto (TRAUGOTT; HEINE, 1991); b) corpo > objeto > processo > espaço > tempo > qualificação (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991); c) ciclo funcional discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero (GIVÓN, 1979).

Como demonstram Rosário e Oliveira (2016), a LFCU se apresenta hoje como uma vertente de pesquisa funcionalista que continua a ter como um de seus focos principais o estudo da mudança linguística. Busca-se, nas palavras de Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 15), “descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções (semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos de uso da língua, integrando sincronia e diacronia”. Ainda conforme os mesmos autores, a LFCU destaca a emergência da gramática, sua maleabilidade, variabilidade e gradiência, repercutindo Bybee (2010).

Em consonância com a abordagem construcional assumida pela LFCU, tal como se encontra em Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e Traugott (2021, 2022), a construção ganha lugar de destaque no estudo da mudança linguística. De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 8), a construção é definida como pareamento simbólico de forma e conteúdo, codificada como [[Forma] <---> [Conteúdo]], em que a seta bidirecional especifica a relação biunívoca entre os dois eixos referidos, e os colchetes externos constituem um indicador de que tal pareamento é uma unidade convencionalizada. Com base nessa definição, considera-se que a língua é uma rede interconectada e hierarquizada de construções, conceituada como *constructicon*, e que todas as unidades linguísticas são construções (palavras, sintagmas, orações, períodos, entre outros). Como demonstram Rosário e Oliveira (2016, p. 237), a consideração da construção gramatical na pesquisa em LFCU veio equilibrar e valorizar “a correlação de aspectos funcionais e formais na origem e fixação das categorias linguísticas, traduzida como direcionalidade *função* < > *forma*⁷”.

6 Em sua versão clássica, a gramaticalização consiste num tipo de mudança linguística diacrônica pelo qual termos lexicais assumem *status* gramatical, ou, se já gramaticais, se tornam ainda mais gramaticais.

7 Como se trata de citação literal, mantivemos o termo *função*, utilizado pelos autores, no lugar de *conteúdo*, termo adotado neste artigo.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

Diante da inserção da perspectiva construcional em sua agenda de pesquisa, a LFCU procede a reajustes em seus fundamentos teóricos. Nesse sentido, de acordo com Traugott (2021, 2022), destaca-se na investigação da mudança linguística a *construcionalização*, considerada como uma nova associação simbólica de forma e conteúdo convencionalizada via replicação numa comunidade de usuários. Essa nova associação pode ser mais lexical, na formação de pareamentos de conteúdo mais referencial e menos subjetivo, ou mais procedural, na fixação de pares de conteúdo mais gramatical e intersubjetivo. No caso de nossos objetos de pesquisa – os MD – ocorre, portanto, construcionalização gramatical, no nível pragmático da língua.

Ainda conforme a mesma autora, a construcionalização se distingue de mudanças construcionais, tomadas estas como modulações motivadas por ambientes contextuais específicos que atingem somente o eixo da forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) ou o do conteúdo (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) sem derivar, assim, em construcionalização. Para Traugott (2021, 2022), mudanças construcionais do tipo gramatical ocorrem em fase pré e pós-construcionalização como micropassos, o que destaca e garante um dos fundamentos básicos do Funcionalismo: a concepção gradiente dos usos linguísticos e a gradualidade da mudança.

Esses micropassos constituem *neónalises*, tomadas como inéditas interpretações ao nível do conteúdo (metaforização) ou ao nível da forma (metonimização), e são motivadas por pressões de natureza contextual, como destacam Diewald e Smirnova (2012). Para as referidas autoras, orientadas segundo o pressuposto clássico funcionalista de que mudanças gramaticais de itens específicos ocorrem em contextos também específicos, os micropassos de mudança devem ser investigados segundo uma taxonomia contextual, que dê conta da gradualidade da gramática. Relacionando o *cline* contextual referido à LFCU, Rosa (2019) reelabora a proposta de Diewald e Smirnova (2012), conforme o quadro seguinte:

Quadro 1. Tipos de contextos em construcionalização gramatical

Estágio	Contexto	Características	Tipo de construção
I- Precondições da construcionalização gramatical	Atípico	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; composicional
II- Desencadeamento da construcionalização gramatical	Crítico	Opacidade múltipla	Elementos linguísticos extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Isolado	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Elementos linguísticos formal ou lexicalmente abertos
IV- Integração paradigmática	Paradigmatização	Oposições/distinções paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

Fonte: Rosa (2019, p. 70)

Como podemos observar, o Estágio 1 – *contexto atípico* – corresponde a implicaturas que envolvem somente polissemia, com abstração inicial de conteúdo e manutenção da composicionalidade de subpartes em vias de construcionalização. O Estágio 2 – *contexto crítico* – é atinente a uma fase de opacidade múltipla, na qual ocorrem ambiguidades semântica e sintática, com diminuição de composicionalidade entre os constituintes envolvidos. Na etapa seguinte, Estágio 3 – *contexto isolado* – efetiva-se a construcionalização, com a criação de um novo pareamento de conteúdo e forma que se distingue no *constructicon* dos elementos que lhe deram origem. Por fim, no Estágio 4 – *paradigmatização* – a nova construção entra em paradigma da língua. Nessa inserção, como preconiza Diewald (2020), a construção passa a fazer parte de uma *hiperconstrução*, definida esta como uma categoria complexa e holística de membros (ou células) paradigmáticas interdependentes; esses membros partilham conteúdo comum da hiperconstrução e, por sua vez, como microconstruções, têm também conteúdo específico.

Traugott e Trousdale (2013) fazem menção a três fatores construcionais, tomados como escalares, são eles: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*. A esquematicidade se refere ao nível de generalização taxonômica de uma construção; quanto mais subpartes abertas (ou *slots*), mais alta a posição hierárquica de uma construção; de outra parte, quanto mais preenchida em suas subpartes, mais específica é uma construção. Assim, consideramos a construção $[VLoc]_{MD}$ como altamente esquemática, uma vez que é formada por duas subpartes abertas; por outro lado, classificamos pares

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

específicos do tipo [espera lá] e [olha aqui] como microconstruções. As instâncias de uso efetivo são nomeadas de *construtos*, tal como nas ocorrências em (1) e (2), na seção inicial.

A segunda propriedade construcional, a de produtividade, diz respeito à frequência com que um padrão construcional é instanciado no uso linguístico. Essa propriedade é dependente de variados fatores, notadamente os atinentes ao gênero discursivo, à sequência tipológica, à modalidade, ao tipo de registro, entre outros. Como destacado por Rosário e Oliveira (2016, p. 245), retomando Bybee, “a distinção entre frequência de tipo (*type frequency*) e frequência de ocorrência (*token frequency*) é recuperada e associada respectivamente à frequência de construção e frequência de construto.”

No que concerne à composicionalidade, terceiro fator elencado por Traugott e Trousdale (2013), corresponde ao grau de transparência entre forma e conteúdo da construção. Assim, quanto mais a soma das subpartes não corresponder ao conteúdo construcional, menos composicionalidade se detecta; quanto mais a soma das subpartes concorrer para o sentido construcional, mais composicionalidade se manifesta. Em termos gerais, construções lexicais tendem a exibir maior composicionalidade, enquanto as gramaticais são menos transparentes. No caso dos MD aqui pesquisados, trata-se de *types* menos composicionais, dado que tanto a subparte verbal quanto a pronominal locativa se encontram destituídas dos traços básicos de sua categoria de origem, em prol da formação de um todo semântico-sintático cumpridor de função pragmática, no monitoramento da interação.

Em termos da atuação de processos cognitivos envolvidos na convencionalização do esquema [VLoc]_{MD}, nos apoiamos em Bybee (2010) e Diessel (2017). Da primeira autora, nos valem os processos de *chunking*, categorização e analogização⁸; do segundo autor, destacamos o processo de cognição social.

Neste artigo, assumimos que tanto o esquema [VLoc]_{MD} quanto as microconstruções que o integram, como [espera lá] e [olha aqui], são *chunks*, ou seja, constituem agrupamentos altamente vinculados em termos semântico-sintáticos. De acordo com Bybee (2010), o processo de *chunking* resulta da automação de determinadas formas de dizer na trajetória dos usos linguísticos, com a replicação de constituintes sob certa ordenação em contextos específicos, o que leva à regularização da gramática. O *chunking* concorre para a perda ou diminuição de composicionalidade construcional.

⁸ Adotamos aqui o rótulo *analogização*, ao invés de *analogia*, como originalmente usado por Bybee (2010), dado que se trata de um processo, um contínuo.

Outro processo referido por Bybee (2010), que é relevante para nossa investigação, é a categorização, por intermédio da qual a comunidade linguística identifica e classifica, segundo propriedades similares, membros da mesma classe. Contrastivamente, a categorização também permite que os usuários distingam membros não pertencentes à mesma categoria, devido à ausência de traços considerados necessários para seu pertencimento. Em conformidade com os pressupostos funcionalistas que nos orientam, a categorização aqui é tomada como prototípica e não discreta, na assunção de que há membros mais centrais e outros mais periféricos em cada classe. Consideramos também que a categorização diz respeito à paradigmaticização, uma vez que, segundo Diewald e Smirnova (2012), a etapa posterior da mudança linguística consiste na *integração paradigmática*, com a entrada do novo constituinte em classe gramatical específica, ou seja, em outro paradigma.

O terceiro processo cognitivo que nos interessa é a analogização (BYBEE, 2010), pelo qual novas microconstruções são criadas via expansão *host-class*, com o preenchimento dos *slots* V e Loc por novos constituintes. Assim, a partir da convencionalização do esquema [VLoc]_{MD}, outros *types* específicos são produzidos e rotinizados no uso linguístico. A analogização, portanto, é um processo que concorre para a ampliação do paradigma dos MD, ampliando o *constructicon* do português com novas microconstruções, do tipo [olha lá], [escuta aqui], [espera aí], [sei lá], entre outras.

De acordo com Diessel (2017), o processo de cognição social se refere ao conjunto de práticas utilizadas pelos interlocutores no sentido de firmarem acordo sobre o compartilhamento de pontos de vista, crenças, propósitos comunicativos, entre outros, correspondente também à proposta de *inferência sugerida*⁹, nos termos de Traugott e Dasher (2002). Para Diessel (2017), a cognição social tem na *atenção conjunta* uma de suas estratégias básicas. Pela atenção conjunta, os envolvidos na interação fixam um ponto dêitico, um foco atencional, que pode ser um objeto ou evento na situação circundante ou mesmo um conceito evocado pelo discurso anterior.

Como nossos objetos de pesquisa têm como segunda subparte elemento pronominal locativo, é relevante observarmos como, nas mudanças construcionais envolvidas na construcionalização do esquema [VLoc]_{MD}, o foco atencional vai se tornando um ponto cada vez mais abstrato. Assumimos, nos termos de Tantucci (2018), que essa negociação atencional vai migrando de uma *intersubjetividade imediata* ou localizada, atinente aos contextos de uso originais ou iniciais de mudança, para uma *intersubjetividade estendida*,

9 Tradução do original *invited inference*, utilizado por Traugott e Dasher (2002) para o convite inferencial estabelecido nas interações, através do qual locutores sugerem a seus interlocutores a partilha de pressupostos, pontos de vista e opiniões.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

que recai não sobre um interlocutor específico, mas sobre uma terceira pessoa, mais genérica e abstrata, quando se efetiva a construcionalização, na etapa do contexto isolado.

MD como paradigma gramatical

Conforme Kaltenböck e Heine (2014), a classe dos MD integra o nível gramatical *tético*¹⁰, isto é, aquele que contribui, em termos discursivos, para monitorar e articular a interação. De acordo com os autores, esse nível é complementar ao nível gramatical sentencial, que é responsável pela veiculação de conteúdos via frases, orações e períodos organizadamente estruturados. Os constituintes téticos constituem um conjunto complexo e híbrido, de natureza multifuncional, localizado na periferia dos enunciados. Assim, pertencem ao nível tético os MD aqui analisados bem como os parênteses, as perguntas retóricas, os vocativos e as posições, entre outros.

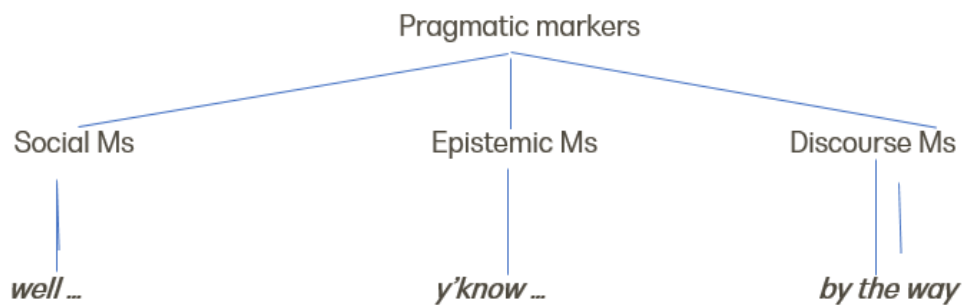
Na condição de membros téticos da gramática, os MD integram um paradigma específico, compondo, nos termos de Diewald (2020), uma hiperconstrução, ou seja, uma entidade virtual e superordenada que agrega pares distintos de forma e significado, partilhando determinadas propriedades funcionais e, de outra parte, em competição pelo uso. De acordo com Traugott (2021), esse paradigma ainda carece de investigação mais cuidada do ponto de vista da construcionalização e das mudanças construcionais envolvidas em sua convencionalização.

Em sua pesquisa sobre os MD do inglês, a autora propõe que os MD fazem parte do paradigma dos *marcadores pragmáticos*¹¹, conforme apresenta na Figura 1:

10 Assumimos aqui a abordagem que considera a gramática do discurso distribuída em dois níveis: o sentencial e o tético. Nesse sentido, o termo *tético* é por nós usado em perspectiva funcional específica, distinta da verificada em outras vertentes teóricas dos estudos linguísticos.

11 De acordo com Traugott (2021), é necessário destacar e investigar a importância dos MD e seu desenvolvimento gradual em termos de seus contextos de uso e das inferências que licenciam, e não somente no que concerne a seus traços semânticos, a partir dos quais mais comumente têm sido pesquisados.

Figura 1. Taxonomia dos MD



Fonte: Traugott (2021, p. 4)

Observamos que os marcadores pragmáticos do inglês, como organizados na Figura 1, têm correspondência com os do português, distribuídos em subfunções do tipo social, epistêmica e discursiva. Assim especificados, esses constituintes compõem uma hiperconstrução (DIEWALD, 2020), um paradigma em torno de uma função maior e comum – a marcação pragmática. Esse paradigma agrega elementos de formato diverso, cumpridores de papéis mais específicos e distintivos entre si. Traugott (2021), em perspectiva histórica e construcionista, destaca que marcadores pragmáticos são um subconjunto de *marcadores de postura procedural*, cuja função está voltada para a gestão do discurso, no sentido de orientar mudanças de tópico e digressões, além de monitorar a relevância informacional do que é declarado, entre outras tarefas.

Dos três tipos de marcadores pragmáticos apresentados na Figura 1, a autora destaca o terceiro, correspondente ao que considera como efetivos marcadores discursivos (MD). Segundo Traugott (2021), esses MD se caracterizam por fornecerem dicas de contextualização e instruções de processamento sobre como interpretar relacionamentos entre declarações contextualmente expressas. É o que verificamos nas instâncias de uso do esquema [VLoc]_{MD'} nos fragmentos (1) e (2), apresentados anteriormente, e como constatamos também a seguir:

- (3) [...] mas desde que esses meios de comunicação sejam po-li-ci-a-dos, policiados pelo governo e passem a divulgar coisas válidas, coisas boas, então é muito válido.- áh até onde todo policiamento não seria uma violência? - então você diria você então vai achar que que a liberdade absoluta é que é desejável? - não, pelo contrário, se eu tô me queixando de que, de que... - áh o excesso de liberdade no mundo tá provocando a difusão de tudo que não presta. - *perai* isso não é verdade, isso é besteira, isso é besteira. - não, não sei de nada. Me perguntando tudo é válido sim, não é válido nada, sobretudo a violência. (Linguagem Falada, Recife: 5, século XX).

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

- (4) Houve, mas só de passagem. O que houve mesmo, de fato, foi a aprovação do primeiro turno da emenda da reeleição na Câmara. Dirão que depende do ponto de vista. *Vá lá*. Mas o que não é pura interpretação é a vontade com que o senador Antônio Carlos assumiu seu posto no Senado. Mostrou as primeiras garras, que agradou muito à esquerda sem desagradar ao poder [...] (Notícia, Br: *Primeiros movimentos*, século XX)

Em (3) e (4), os MD destacados atuam na orientação e no monitoramento discursivo. No fragmento (3), *perai* tem formato resultante do *chunk* envolvendo *espera* e *aí*, com erosão da primeira sílaba da primeira subparte, o que demonstra seu desgaste pelo uso e alto nível de convencionalidade; com esse MD, o locutor reforça seu argumento, no debate acerca dos limites da censura e da liberdade. Em (4), *vá lá* articula sentido concessivo, numa sequência em que o locutor comenta acerca da conduta não muito ética de um determinado político. Em ambos os fragmentos, tal como em (1) e (2), temos instâncias de microconstruções da [VLoc]_{MD}.

Na pesquisa dos MD do português contemporâneo do Brasil, Risso, Silva e Urbano (2002, p. 21) assim definem essa categoria:

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa.

Como podemos observar, a definição dos autores reforça o hibridismo e a complexidade categorial dos MD, destacando seu viés pragmático. Essas propriedades também são ratificadas por Teixeira (2015), em sua pesquisa histórica sobre a construcionalização do esquema [VLoc]_{MD}:

Marcadores discursivos, doravante MDs, são, basicamente, elementos linguísticos que atuam no plano procedural da gramática, ou seja, são constituintes não referenciais que fazem relações entre componentes/partes/ itens do discurso. Ao analisarmos contextos de interação, observamos que esses elementos facilitam o processamento do discurso [...] (TEIXEIRA, 2015, p. 45).

Diante da diversidade dos MD, o que torna dificultosa sua definição, optamos por considerar que esse paradigma, como Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), é formado por membros que partilham, ao menos, os seguintes traços: (a) invariabilidade estrutural; (b) independência sintática; (c) especificidade prosódica; d) relacionamento de um enunciado à situação do discurso, ao papel dos interlocutores ou aos seus propósitos comunicativos.

O esquema [VLoc]_{MD} no português: mudanças construcionais e construcionalização

Nossa análise se realiza segundo o cline contextual apresentado no Quadro 1. Assim, as mudanças pré e pós-construcionais envolvendo a construcionalização [VLoc]_{MD} são abordadas em perspectiva histórica, levando em conta contextos originais¹² em que V e Loc atuam como constituintes verbal e pronominal locativo, respectivamente. A partir daí, observamos neónalises – mecanismos de metaforização e metonimização pré-construcionais, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) – que culminam na construcionalização [VLoc]_{MD}, bem como mudanças pós-construcionais, que expandem o paradigma dos MD do português.

Os dados aqui apresentados, levantados do *site* Corpus do Português, são extraídos de três teses defendidas sob o arcabouço teórico da LFCU no âmbito do Grupo de Estudos Discurso & Gramática – UFF¹³. Trata-se das pesquisas de: a) Teixeira (2015), em sua ampla investigação histórica sobre a construcionalização [VLoc]_{MD} no português; b) Rosa (2019), acerca da convencionalização de um subesquema desse esquema maior, veiculador de sentido interruptivo, como nos *types* [espera aí] e [aguenta lá]; c) Sambrana (2021), dedicada ao estudo do subesquema em que V é preenchido pelas bases olhar e ver, especificado em microconstruções como [olha aqui] e [veja lá].

Como Teixeira (2015) atesta o MD [vem cá] como o primeiro a ser construcionalizado no português conforme a codificação [VLoc] ainda no século XVI, tomamos os contextos de mudança que conduzem à convencionalização desse MD para ilustrar os micropassos que forjam esse esquema maior, acompanhados de dados envolvidos na formação de outros *types* do esquema [VLoc]_{MD}:

¹² Trata-se de contextos que atuam como fonte, ou seja, como ponto de partida para o desencadeamento de polissemias que podem conduzir à mudança linguística mais efetiva.

¹³ Informações sobre o grupo no *site*: <http://deg.uff.br/>.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

1. Contextos atípicos

De acordo com Diewald e Smirnova (2012) e Rosa (2019), a atipicidade contextual ocorre quando implicaturas motivam inferências e polissemias. Na LFCU, essas ambiguidades ao nível do conteúdo são tomadas como mudanças pré-construcionais, dado que impactam somente o segundo eixo do pareamento [[Forma] <---> [Conteúdo]].

Na construcionalização [VLoc]_{MDr}, os contextos atípicos são aqueles em que V ou Loc ainda preservam traços básicos da categoria verbal e pronominal locativa, respectivamente, organizados em arranjos de maior composicionalidade. Estamos nos referindo a dados como:

- (5) Felício Mais que a vida e o porquê porque minha alma outrossi mata a si e mata a mi tam profunda é minha fé. Eco É. Felício É polo merecimento daquela por quem me fino sentes tu que nam sam dino desta pena que consento. Eco Sento. Felício Sento-me estar nam sei onde vejo-me só acabar por isso quero ir buscar esta voz que me responde. Eco Onde? Felício Onde está minha alegria que sempre foge de mi *vem cá* nam faças assi que em ver-te descansaria. Eco Iria. Felício Iria lá mas foges mais ó tristes saudades minhas nestas montanhas maninhas que descanso é o que me dais? Eco Ais. Felício Ais leixai partir a vida e partir-vos-eis daqui tal estou triste de mi que nam sei se é já partida. (*Obra completa* (N-Z), Gil Vicente, século XVI)

Em (5), num predicado complexo, *vem cá* atua como súplica de Felício para que a personagem *alegria* venha até ele e, assim, possa descansar. O sujeito *alegria* reúne traços não-prototípicos ou atípicos, uma vez que é inanimado, não volitivo ou agentivo e se encontra distante do verbo a que se refere. Em termos estruturais, o constructo *vem cá* se coordena à oração *nam faças assi* e à oração explicativa *que em ver-te descansaria*. Em termos polissêmicos, observamos inferência de deslocamento não espacial, uma vez que o sujeito inanimado não se move fisicamente. O deslocamento ocorre no âmbito da intenção do falante, através do desejo, da súplica a seu interlocutor, a *alegria*, para que venha até ele. Assim, em (5), *vem cá* licencia leitura distinta da prototípica. A própria situação de comunicação define o uso atípico, sugerindo inferência inovadora, uma vez que o interlocutor é o Eco, a quem Felício toma como testemunha da sua tristeza. A sequência injuntiva centrada na súplica/pedido coloca o falante em posição inferior ao interlocutor, demonstrando a assimetria entre ele e a *alegria*, num tipo de intersubjetividade imediata, nos termos de Tantucci (2018).

No século XVII, Rosa (2019) levanta o seguinte fragmento atípico em torno do verbo *esperar* e do locativo *lá*:

- (6) Tange outra vez, a campainha mais perto. /G: To may lá! que ferá ifto? | já não tenho peis nem mãos | efcutay. /Digaõ dentro em voz muito fentida. /Voz: Fieis Christaõs | ámigos de Iefu Christo. /G: Axopra! que vem jurando! | em Christaõs lhe ouui fallar. | jurará de os acabar, | por mim virá começando | / (Dentro). Voz: Lembraiuos das Almas que eftaõ no fogo. /G: O que jogo! | elle falla em Alma, e fogo | fem falta demonio he / (Dentro). Voz: Do Purgatorio, e as que /eftaõ | empecado mortal. /G: Ora | *esperay là* ifto agora | elle vem co amaldicão | /Purgatorio le entendi | fe dirâ que vem de lá! | mas eyllo que chega já | que farey triste demi? /Saye hum Vulto negro demodo dos que cultumaõ en comendar as Almas, tocando, a campainha. /(*O fidalgo aprendiz*, de Francisco Manuel de Melo, século XVII).

De acordo com Rosa (2019), em (6), o segundo constituinte da expressão *esperay là* não tem referenciação espacial e se encontra mais abstratizado, o que concorre para que se torne mais vinculado ao primeiro constituinte, diminuindo a composicionalidade da referida expressão. Nesse fragmento, o pedido para que os interlocutores aguardem algo que está por vir não indica que a espera deve ocorrer em local distante do ato enunciativo. Trata-se, portanto, de uma declaração injuntiva e exortativa, em maior nível de intersubjetividade.

2. Contextos críticos

Conforme observamos no Quadro 1, a criticidade contextual corresponde ao segundo micropasso rumo à construcionalização gramatical, marcado pelo incremento de neónalises, tanto ao nível do conteúdo (metaforização) quanto ao nível da forma (metonimização). Contextos críticos se revelam como altamente ambíguos e constituem um tipo de mudança pré-construcional, nos termos de Rosa (2019) e de Traugott (2022), como apresentamos nos dois fragmentos a seguir:

- (7) SAR. -- húa pouca de nevoa e vento. PET. -- Dai se levantam as vezes grandes torvoadas; mas que entendeste dela? SAR. -- Muitos sisos e muitas virtudes. PET. -- De quem, Sargenta? SAR. - De Lucrecia. PET. -- Assi faze, nomea-ma muitas vezes. SAR. -- Nunca se tal graça viu, nem tal siso. PET. -- Tal assento, nem tal fermosura. SAR. -- O que todo mundo ve para que é dizer-te mais? PET. -- *Ora vem ca*, Sargenta, que te quero agora perguntar por um ponto, cousa em que te nunca falei Ouviste algûa hora falar num mancebo espanhol,

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

que segundo dizem, anda aqui perdido de amores por ela SAR. -- Qual? Um capa em colo, que a primeira parecia algũa cousa, ja agora não tera que despender e parece que caiu da forca? PET. -- Ah! Ah! Ah! Como o pintaste tam bem! SAR. -- Cousa é isso para te somente lembrar? (*Estrangeiros*, Sá de Miranda, século XVI)

- (8) Há aí alguma coisa que se coma? - Não há nada feito; mas eu vou fazer chá, Sr. Barbuda, e o que V. Ex.a quiser. - Olhe se me pode frigir uns ovos com presunto - volveu ele. - Pois lá vão ter daqui a pouco. - *Veja lá que se não constipe*, Sr.a D. Tomásia - recomendou ele. - Não tem dúvida. Olhe que eu tenho muito que lhe dizer. Achou um bilhete de visita na escrivaninha? - perguntou D. Tomásia pelo buraco da fechadura. - Não achei. - Pois lá está. (*A queda dum anjo*, Camilo C. Branco, século XIX)

Nos fragmentos (7) e (8), a ambiguidade semântico-sintática envolvida na instanciação de V e de Loc acarreta o efeito de opacidade múltipla desses constituintes, concorrendo para sua menor composicionalidade, maior abstração e intersubjetividade. Em (7), Teixeira (2015) assume que o contexto discursivo permite implicaturas inovadoras, uma vez que não há movimento espacial efetivamente articulado por *vem ca*. Os personagens não estão se deslocando no espaço, ao contrário, a cena é estática, assim, *vem ca* não se constitui numa chamamento para algum lugar. Conforme a autora, observamos que *vem ca* tem pouca vinculação sintática na sequência em que se insere, se entendermos que: i) *Sargenta* atua como efetivo vocativo e ii) a interjeição *ora* reforça o sentido de chamamento, intensificando e marcando pausa enfática, que corrobora a marca injuntivo-pragmática da sequência. Na análise do fragmento (8), Sambrana (2021, p. 112) destaca que “o complemento oracional *que se não constipe* não consiste em objeto direto prototípico”, uma vez que “*veja* não requisita argumento nem para sujeito e nem para complemento”. Assim orientada, a autora constata que *que se não constipe* constitui uma expressão avaliativa do falante e *veja lá*, em arranjo menos composicional e mais intersubjetivo, atua já no nível gramatical tético.

3. Contextos isolados

Conforme Diewald e Smirnova (2012) e Rosa (2019), o contexto isolado corresponde à etapa em que se convencionaliza um novo pareamento [[Forma] <---> [Conteúdo]] no *constructicon*. Consequente de uma série de mudanças pré-construcionais, o contexto isolado distingue-se categoricamente do arranjo a partir do qual se origina, que, via de regra, continua a ser usado pela comunidade linguística, motivando o efeito de gradiência sincrônica, como assumida por Bybee (2010).

Nessa etapa, constatamos em nossos objetos de pesquisa perda sensível de composicionalidade entre as subpartes envolvidas (V e Loc), em prol da criação de um novo *chunk*, veiculador de conteúdo específico como marcador discursivo. Observamos também que a intersubjetividade se estende, conforme Tantucci (2018), uma vez que o foco do conteúdo veiculado, de natureza procedural, recai não mais num interlocutor específico, mas sim numa terceira pessoa genérica.

Na pesquisa da construcionalização [VLoc]_{MD}, Teixeira (2015) levanta o seguinte contexto, que apresenta a instancição inaugural de [vem cá] como MD nos dados até agora pesquisados por nossa equipe:

- (9) CENA VI - AMENTE. CALÍDIO - AM. – Tu vês a que termo eu sou chegado, segundo as novas que tu dũa parte e Devorante doutra me dais? Cuidei que tinha de ti algũa necessidade; mas pois as cousas assi vão, té a vida me sobeja: procura pola tua. CAL. -- VOS outros, mimosos, logo quereis morrer. AM. -- Não se ajuntaram embalde tantos males Q um tempo. CAL. -- Tam pouca confiança tens em Lucrecia? AM. -- Ah, Calidio! CAL. -- Que ah Calidio? AM. -- Que esperança tam fraca! CAL. -- Queres dizer como de foão. AM. -- E de foão e de foão. CAL. -- Naquilo tem razão, e mais nesta terra, em que o poerão mui asinha em cantar seciliano, como dizem. *Vem ca*, Amente, seras homem pera me ajudares a um feito? AM. -- Em tal desesperaçã, que posso eu arreçar? CAL. -- Ora bem ves que esta vinda de teu pai embaraça tudo, pelo qual aqui cumpre de acudir, se queres remedio. (*Estrangeiros*, Sá de Miranda, século XVI)

Em (9), a microconstrução [vem ca] é instanciada numa sequência injuntiva, em discurso direto, veiculando conteúdo de intimidade e de impositividade. As duas subpartes se destituem de traços prototípicos de sua categoria original (verbo e pronome locativo), apresentando-se altamente vinculadas em termos semântico-sintáticos. Observam-se nesse uso os traços definidores da classe dos MD, que excluem leituras para além dessa categorização. Detectamos na instancição de [vem cá]_{MD}, conforme Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019): a) pausa marcada por pontuação; b) formação de um só grupo de força fonológico; c) isolamento do marcador na estrutura sintática; d) anulação do argumento sujeito; d) conteúdo voltado para a marcação do discurso.

Assumimos que instâncias de uso [vem cá]_{MD}, tal como a ilustrada em (9), concorrem para a formação do esquema geral [VLoc]_{MD} em movimento *bottom-up*. A partir da construcionalização de um *type* específico, por intermédio de frequência de uso, de uma série de pressões analógicas e da atuação de propriedades contextuais distintas,

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

se convencionaliza o esquema [VLoc]_{MD}, alocado hierarquicamente em nível mais alto e virtual do *constructicon*. Rosa (2019) e Sambrana (2021) atestam empiricamente esse movimento, na formação de subesquemas de [VLoc]_{MD}. A primeira autora destaca o seguinte fragmento em seus dados:

- (10) - porque aí tinha um relacionamento natural - mas quando ela chega pra eles é pra dizer que: êh: minha casa não é boa: que não presta que eu não faço as coisas direito pra eles e não sei o quê cheia de defeito - vige Maria - a barra é pesada viu? - é uma guerra muito séria - pro meus meninos é - problema ((voz baixa)) () Doc. - como vocês vêem o problema da velhice? - áh: *espera aí* - bem: éh: áh: eu não sei eu eu não sei bem não porque - o: tipo de velho que eu tô acostumada a conviver é o velho muito dinâmico minha mae por exemplo anda de ônibus sozinha tem setente e um anos e: bota / enquanto / outro dia ela foi para uma festa de casamento - áh: éh: comigo - enquanto eu tava toda: à vontade ainda estudando sem / em cima da hora ela tava fazendo bob se ajeitando [...]. (Língua falada, Recife, século XX)

Em (10), de acordo com Rosa (2019, p. 125), *espera aí* marca o refreamento do fluxo discursivo, com o objetivo de elaborar resposta ou comentário sobre a pergunta “como vocês vêem o problema da velhice?”. A autora destaca ainda que, junto à instanciação de [espera aí], “as interjeições áh, éh e as frases ‘eu não sei’, ‘eu não sei bem não’ são pistas que apontam para a atividade do pensamento, numa tentativa de elaboração opinativa acerca do tema proposto”.

No levantamento histórico e na análise empírica do *cline* contextual que leva à construcionalização da [VLoc]_{MD} a partir da base *esperar*, Rosa chega aos seguintes índices de produtividade:

Tabela 1. Produtividade de *espera Loc/Afix* nos contextos de mudança

Contextos	Fonte			Atípico		Crítico		Isolado		Subtotal			Total	
	XVIII	XIX	XX	XIX	XX	XIX	XX	XIX	XX	XVIII	XIX	XX		
<i>espera aí</i>	-	10	07	-	05	-	-	-	18	-	10	30	40	56
<i>pera aí</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	02	-	-	02	02	
<i>peraí</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	14	-	-	14	14	
<i>espera aqui</i>	02	04	01	-	-	-	-	-	-	02	04	01	07	
<i>espera lá</i>	-	-	-	04	05	01	-	03	04	-	08	09	17	
Subtotal	02	14	08	04	10	01	-	03	38	02	22	56		
Total	24			14		01		41					80	

Fonte: Rosa (2019, p. 105)

A Tabela 1 nos indica que os seis *types* pesquisados por Rosa (2019), distribuídos por [espera aí], [pera aí], [peraí], [espera aqui] e [espera lá], se efetivam em 80 *tokens*. Esses dados de uso são distribuídos conforme a seguinte frequência: 24 dados em contexto fonte, 14 em contexto atípico, 1 em contexto crítico e 41 em contexto isolado. *Espera aí* é detectado no português a partir do século XVIII, mas somente é instanciado como [VLoc]_{MD} no século XIX, atestado em três contextos; no século XX a produtividade do MD é incrementada, com ocorrência em 38 contextos. Se levarmos em conta os 80 dados gerais, podemos constatar que a metade deles são instâncias da [VLoc]_{MD}, o que indicia a maior produtividade desse contexto de uso face aos demais pesquisados.

Considerando-se que, como demonstra Teixeira (2015), o primeiro exemplar desse esquema é a microconstrução [vem cá], atestada na língua no século XVI, então podemos assumir que a analogização bem como propriedades contextuais como as ilustradas no fragmento (10) são responsáveis pela expansão *host-class* desse esquema. Assim, a primeira subparte (o *slot V*) passa a ser preenchida por verbo estativo, em movimento *top-down*.

O incremento da produtividade do esquema [VLoc]_{MD} via expansão *host-class* nos séculos XIX e XX também é flagrado por Sambrana (2021), em sua pesquisa acerca da construcionalização de MD a partir das bases verbais *olhar* e *ver* na trajetória do português. A autora levanta contextos como o seguinte:

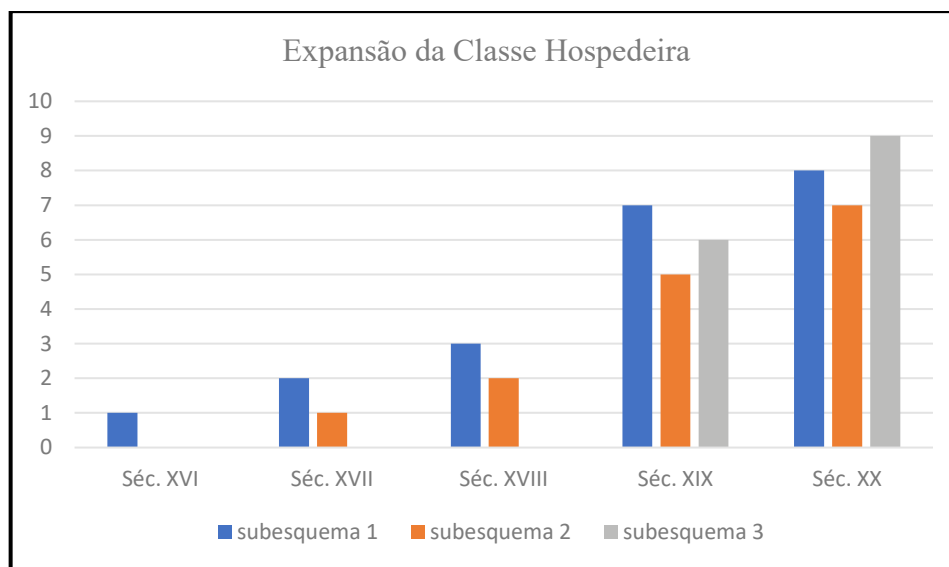
- (11) Francelina - Ele! Frederico! Como não me ama, se me pediu em casamento?
 Leonor - Foi uma leviandade... Também me pediu a mim... E ontem...
 Francelina - A mim já me havia pedido há muito mais tempo! Tenho o direito de antiguidade. Leonor - Os últimos são os primeiros. Demais, eu não quero saber se a senhora é mais antiga do que eu... Francelina - Mais antiga, não! *Olhe lá*, hein! Leonor - O que sei é que ainda agora mesmo, nesse lugar em que a senhora está, acabou ele de confessar que me ama. (*Os noivos*, Arthur Azevedo, século XIX)

Como destaca a autora (SAMBRANA, 2021, p. 123), “a instanciamento do MD [olhe lá] apoia a repreensão dada na sequência anterior”. O preenchimento de *lá* na segunda subparte sugere que o sentido de distanciamento se relaciona à desaprovação do falante, o que comprova, para Sambrana (2021), a articulação de um “espaço idealizado virtualmente” nesse tipo de instanciamento, em alto nível de abstração e intersubjetividade estendida, nos termos de Tantucci (2018). De acordo com o levantamento empírico da autora, somente no século XX são detectados os MD [olhe aqui] e [olhe aí], com a continuidade da expansão *host-class* do esquema [VLoc]_{MD}.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

Apresentamos a seguir o Gráfico 1, adaptado a partir de Sambrana (2021), que demonstra a produtividade dos MD formados pelas bases *olhar* e *ver* na trajetória do português. A autora levanta três grupos distintos: Subesquema 1, integrado somente pela base verbal (como [*olhe*] e [*veja*]); Subesquema 2, constituído pelas subpartes V e Loc (como em [*olhe aqui*] e [*veja lá*]), o que mais nos interessa neste artigo, já que constitui nosso objeto de pesquisa; o Subesquema 3, formado pelas subpartes V e Foc (como em [*olha só*] e [*veja bem*]):

Gráfico 1. Expansão diacrônica dos elementos da classe da $[V(X)]_{MD}$



Legenda: Subesquema 1: $[V]_{MD}$; Subesquema 2: $[VLoc]_{MD}$; Subesquema 3: $[VFoc]_{MD}$

Fonte: Adaptado de Sambrana (2021, p. 154)

O Gráfico 1 nos indica que as bases *olhar* e *ver* (Subesquema 1) já funcionam como MD desde o século XVI. A partir do século XVII, são captadas, ainda com baixa produtividade, instâncias do esquema $[VLoc]_{MD}$, que são incrementadas nos séculos subsequentes, chegando a frequências maiores nos séculos XIX e XX, em resultado que vai ao encontro de Rosa (2019). Nesses dois séculos finais da pesquisa de Sambrana (2021), a segunda subparte Loc também é expandida via preenchimento de constituintes focalizadores, como *só* e *bem*, o que ratifica a produtividade *type* desse esquema construcional e sua expansão.

4. Paradigmatização

Uma vez havendo a construcionalização, mudanças pós-construcionais continuam a ocorrer, como destacado no Quadro 1. Uma delas é a integração paradigmática, nos

termos de Diewald e Smirnova (2012), que preconiza a inserção da nova microconstrução em classe categorial da língua. Como membro paradigmático, a microconstrução partilha o conteúdo geral do paradigma; em nosso caso específico, os traços básicos dos MD, como assumidos por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019). De outra parte, na condição de constituintes específicos do paradigma, essas microconstruções articulam sentidos particulares, que justificam sua presença no *constructicon*, passando a constituir *types* à disposição para serem instanciados no uso.

Nossas pesquisas têm demonstrado, como exposto, por exemplo, em Oliveira e Fonseca (2020) e Oliveira e Sambrana (2018), que tal inserção é feita pelas margens categoriais, conforme a concepção prototípica que orienta a LFCU. Assim, ao ingressar no paradigma, a nova microconstrução pode não apresentar alguns dos traços caracterizadores da nova classe, tendo, portanto, menor visibilidade de seu recente estatuto gramatical. Via frequência de uso, notadamente em contextos específicos, tal inserção vai sendo consolidada e o novo pareamento identificado pela comunidade linguística como pertencente ao paradigma.

No Quadro 2, apresentamos nossa proposta de detalhamento do paradigma dos MD formados pelo esquema [VLoc]:

Quadro 2. Recorte representativo do paradigma dos MD formados por VLoc

Rótulo da categoria:	Marcadores discursivos		
Características formais:	Verbos seguidos de afixoides ¹⁴ de origem locativa em vinculação sintática		
Função:	Articulação textual-interativa		
Exemplos de distinções discursivo-funcionais:	Concessão	Exortação	Repreensão opinativa
Exemplos de membros:	vá lá	vamos lá	escuta aqui, olha aí, vê lá

Fonte: Oliveira e Rosa (2022, p. 79-80)

No Quadro 2, constatamos que o paradigma dos MD inclui o grupo formado por V e Loc, na formação de um *chunk* (BYBEE, 2010) codificado como [VLoc]. Esse grupo veicula conteúdo geral voltado para a articulação textual-interativa, que se especifica via microconstruções como as de concessão [vá lá], as de exortação [vamos lá] e as de repreensão opinativa [escuta aqui], [olha aí] e [vê lá], entre outras.

¹⁴ Afixoide é um constituinte semelhante a um afixo, partilhando propriedades dessa classe, de acordo com a Morfologia Construcional. Na LFCU, afixoides são tomados como subpartes periféricas de construção, com baixa composicionalidade, consequentes de micropassos de mudança linguística.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

Em proposta mais recente acerca do tratamento do paradigma na perspectiva construcional, Diewald (2020) preconiza que, neste arcabouço teórico, a concepção paradigmática deve ser considerada e reajustada. Assim, para a autora, o paradigma deve ser assumido como uma hiperconstrução, ou seja, como uma entidade virtual e superordenada que pode agregar pares distintos de forma e significado, partilhando determinadas propriedades funcionais e em competição pelo uso. Nesse sentido, $[VLoc]_{MD}$ é tratado como um esquema virtual integrante da hiperconstrução MD, que é constituída por outros elementos de natureza formal distinta, como [bem], [né?], [entendeu?], [poxa], entre outros.

A proposição de Diewald (2020) destaca a importância da incorporação do paradigma à abordagem construcional. Conforme a autora, conceber o paradigma como hiperconstrução é relevante, dado que se trata: a) de uma importante generalização sobre categorias da gramática; b) de uma forma organizacional do conhecimento dos usuários, que identificam traços funcionais de construções específicas a partir de sua inserção paradigmática; c) de força motivadora de mudança gramatical diacrônica, notadamente via analogização.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, demonstramos como, na trajetória do português, pressões de natureza contextual motivam neónalises, que, na condição de mudanças pré-construcionais, conduzem à construcionalização do esquema $[VLoc]_{MD}$. Observamos que a opacidade múltipla, derivada de mecanismos de metaforização e de metonimização, favorece a convencionalização do referido esquema via microconstruções específicas. Em etapa subsequente, através de mudanças pós-construcionais, o esquema maior se fixa, fornecendo a base analógica para a formação de outros MD de mesma estrutura, enquanto as microconstruções, como *types* específicos, se inserem no paradigma dos MD, ampliando o *constructicon*.

Essas mudanças são acompanhadas de crescente intersubjetivização, em que o interlocutor, inicialmente identificado e situado, se expande conceitualmente, passando a se referir a uma terceira e genérica pessoa, nos termos de Tantucci (2018). Tal movimento rumo à intersubjetividade expandida corresponde à proposta de inferência sugerida (TRAUGOTT; DASHER, 2002), no destaque para a negociação de sentidos mais abstratos, como pontos de vista, crenças e opiniões praticadas pelos interlocutores.

Os resultados que aqui apresentamos, fundamentados na perspectiva da LFCU, demonstram a complexidade da mudança linguística em abordagem construcional, que se revela sensível a fatores de ordem estrutural, cognitiva e pragmático-discursiva.

Agradecimentos

Este artigo é produto de dois projetos em desenvolvimento: um pelo CNPq, via bolsa de produtividade em pesquisa, e outro pela FAPERJ, via bolsa Cientista do Nosso Estado. Agradecemos também à Capes e aos membros do Grupo de Estudos Discurso & Gramática – UFF, por sua contribuição em discussões acadêmicas.

Referências

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, vol. esp., p. 83-101, 2016. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/download/5440/4032>. Acesso em: 20 fev. 2022.

DIESSEL, H. Usage-based linguistics. *In*: ARONOFF, M. (ed.). **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2017. p. 1-26.

DIEWALD, G. Paradigms lost–paradigms regained: Paradigms as hyper-constructions. *In*: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (ed.). **Nodes and networks in diachronic construction grammar**. Amsterdam: Benjamins (CAL 27), 2020. p. 277-315.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, K. *et al* (ed.). **Grammaticalization and language change – new reflections**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013. p. 13-40.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. **On the rise of discourse markers**. Researchgate. Preprint, jun. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 27 jun. 2019.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? *In*: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (ed.). **What makes grammaticalization?** A look from its fringes and its components. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

KALTENBÖCK, G.; HEINE, B. Sentence grammar vs. Thetical grammar: Two competing domains? *In*: MACWHINNE, B.; MALCHUKOV, A.; MORAVCSIK, E. (ed.). **Competing motivations in grammar and usage**. Oxford: Oxford University Press, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/299883341>. Acesso em: 6 jun. 2021.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, M. R.; FONSECA, M. B. R. Níveis de vinculação semântico-sintática de “chega aí” no português do Brasil: uma análise centrada em contextos de uso. **(Con)Textos linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 28, p. 56-76, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/download/31213/21666>. Acesso em: 10 mar. 2022.

OLIVEIRA, M. R.; ROSA, F. S. L. Contextos para construcionalização: micropassos e paradigmaticização. **Odisseia**, Natal, v. 7, número especial, p. 66-86, 2022.

OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. M. Marcadores discursivos de base perceptivo-visual: uma abordagem construcional. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 327-349, 2018.

Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/252/171>. Acesso em: 10 mar. 2021.

RISSE, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. *In*: KOCH, I. V. (org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 2002. vol. VI, p. 21-57.

ROSA, F. S. L. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa**: uma análise cognitivo-funcional. 2019. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional: *quo vadis?* *In*: BISPO, E. B.; SILVA, J. R.; SOUZA, M. M. (org.). **Pesquisas funcionalistas**: da versão clássica à perspectiva centrada no uso – uma homenagem à Maria Angélica Furtado da Cunha. Natal: EdUFRN, 2021. p. 384-429.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SAMBRANA, V. R. M. **Construcionalização de marcadores discursivos formados por “olhar” e “ver” no português**. 2021. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

TEIXEIRA, A. C. M. **A construção verbal marcadora discursiva VLoc_{MD}**: uma análise funcional centrada no uso. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. **Ten lectures on a diachronic constructionalist approach to discourse structuring markers**. Leiden/Boston: BRILL, 2022.

TRAUGOTT, E. A construcional perspective on the rise of metatextual discourse markers. **Cadernos de Linguística**, Abralín, v. 2, n. 1, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/269>. Acesso em: 8 fev. 2022.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (ed.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. vol. 1.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TANTUCCI, V. From co-actionality to extended intersubjectivity: drawing on language change and ontogenetic development. **Applied Linguistics**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018. p. 1-31.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 110-135, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 12/12/2022.

EMERGÊNCIA E CONVENCIONALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO $V_{\text{LEVE}} + \text{SN}$

Maria Angélica Furtado da CUNHA¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3409>

Resumo: Sob a perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso, este trabalho investiga o surgimento e a convencionalização da construção $V_{\text{LEVE}} + \text{SN}$ com os verbos leves *dar* e *fazer* empregados em uma configuração triargumental. A análise utiliza dados de escrita coletados em *corpora* que registram o português do Brasil em uso do século XVII ao XXI. O estudo é predominantemente qualitativo, apoiando-se em suporte quantitativo para aferição de tendências. São analisados a ordenação dos argumentos dessa construção, os atributos do SN que acompanha o verbo leve, a preferência por determinados nomes nessa posição e a formação de *chunks*. Os resultados obtidos indicam que a posição que o SN ocupa na oração reflete o grau de fixação e de convencionalização da sequência Verbo_{LEVE} + SN, contribuindo para a constituição de *chunks*. Esses *chunks* desempenham funções discursivo-pragmáticas específicas nos textos em que são usados.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Emergência. Convencionalização. Verbos leves.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; angefurtado@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0002-3128-6852>

- | Emergência e convencionalização da construção $V_{\text{LEVE (DAR, FAZER)}} + \text{SN}$

EMERGENCE AND CONVENTIONALIZATION OF THE CONSTRUCTION $V_{\text{LIGHT (GIVE, FAZER)}} + \text{NP}$

Abstract: From a usage-based functional perspective, this work investigates the emergence and conventionalization of the construction with the light verbs *dar* (give) and *fazer* (do) employed in a three-argument configuration in a diachronic view. The analysis is based on writing data collected in corpora that record Brazilian Portuguese in use from the 17th to the 21st century. The study is predominantly qualitative, relying on quantitative support to assess trends. The ordering of the arguments of this construction, the attributes of the NP that accompanies the light verbs, the preference for certain nouns in this position and the formation of chunks are analyzed. The results obtained indicate that the position of the NP in the clause reflects the degree of fixation and regularization of the sequence $\text{Verb}_{\text{LIGHT}} + \text{NP}$, contributing to the constitution of chunks. These chunks perform specific discursive-pragmatic functions in the texts in which they are used.

Keywords: Usage-based Functional Linguistics. Emergence. Conventionalization. Light verbs.

Introdução

Em linhas gerais, o verbo leve é identificado como um verbo que se afasta do seu sentido básico, referencial, formando, com o seu complemento, um todo sintático-semântico. Esse verbo não atribui caso ao substantivo que o segue, o que significa dizer que esse nome não funciona como argumento interno (objeto direto) do verbo (CASTILHO, 2010). Segundo Chafe (1994), o verbo leve (*light verb*) não expressa uma ideia independente do lexema que o acompanha e, por isso, em termos informacionais, não carrega a carga total do custo de ativação. O núcleo do predicado está no nome que acompanha o verbo leve ou, conforme propõe Basílio (2007, p. 2), “a forma nominal é responsável pela particularização do significado”, de modo que o bloco $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$ recebe uma interpretação global. Em outras palavras, o significado dessa construção não está diretamente relacionado ao significado dos elementos que a compõem.

A observação de dados de língua em uso atesta que há variadas expressões com *dar* e *fazer* leves + SN no português do Brasil. Este trabalho examina as ocorrências com esses verbos empregados em uma configuração triargumental², em que *dar* e *fazer* se

2 Para facilidade de expressão, utilizo *triargumental* para me referir à configuração de *dar* e *fazer* leves visto que, como dito acima, o lexema que ocupa a posição de objeto direto não funciona como argumento interno desses verbos.

afastam do sentido básico, prototípico que têm como verbos plenos: *transferir* e *executar*, respectivamente. A escolha desses verbos deve-se ao fato de que são bastante frequentes tanto na fala quanto na escrita, tal como atestado em pesquisa anterior sobre a construção ditransitiva (FURTADO DA CUNHA, 2019).

A análise toma o suporte teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que se caracteriza pela articulação entre o Funcionalismo norte-americano e a Gramática de Construções (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016). Essa abordagem possibilita examinar a construção com esses verbos de forma holística, integrando diferentes aspectos do seu uso em textos escritos. A LFCU vincula-se ao que a literatura em inglês intitula *Usage-based Theory* (BYBEE, 2016; HOFFMAN; TROUSDALE, 2013).

Para a Linguística Funcional Centrada no Uso, a gramática emerge e se regulariza à medida que a língua é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2016, 2011) pelos falantes em suas práticas comunicativas diárias (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016). A interação entre linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico motiva a fixação e a regularização de padrões gramaticais, via repetição de estratégias discursivas recorrentes.

Sendo assim, a LFCU argumenta em favor de uma relação estreita entre a codificação linguística e o uso que os falantes fazem da língua em situações concretas de comunicação. Nesse cenário, a língua é concebida como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura plástica, emergente (DU BOIS, 1985; HOPPER, 1987; BYBEE, 2016), que se amolda aos contextos em que é usada. Seguindo a orientação teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso em perspectiva construcionista, é possível buscar explicações para o processo de constituição e convencionalização da construção com esses verbos leves, salientando o caráter dinâmico de apreensão, armazenamento e emprego desse formato linguístico verbal. A convencionalização é entendida como a integração de uma inovação em uma tradição de fala ou escrita, tal como evidenciado por materiais textuais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). Nesse sentido, uma construção é convencional quando é compartilhada por um grupo de falantes.

Este trabalho identifica os padrões estruturais em que os verbos leves *dar* e *fazer* podem ser empregados e as propriedades dos sintagmas nominais que com eles co-ocorrem, a fim de examinar a fixação desses blocos em *corpora* que registram o português em uso do século XVII ao XXI. Seguem alguns exemplares:

- (1) Fui falar no exterior e o diabo da alma começa a me fazer cócegas para que **eu lhe dê atenção**. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphb/>. Acesso em: 10 maio 2021)

- | Emergência e convencionalização da construção $V_{\text{LEVE (DAR, FAZER)}} + \text{SN}$

- (2) Excelentíssimo Senhor, Recebi a carta de Vossa Excelência de 10 do corrente, mais breve do que costumam ser as de que **Vossa Excelência me faz mercê**. (Carta particular, séc. XVI. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/v_002. Acesso em: 10 maio 2021)

Nas ocorrências destacadas, *dar* e *fazer* leves apresentam três *slots*, que correspondem a participantes na posição de sujeito (*eu* e *Vossa Excelência*), de objeto indireto (*lhe* e *me*) e de “objeto direto” (*atenção* e *mercê*). No caso de *dar*, a presença do objeto indireto demonstra que, apesar de distanciado do seu significado prototípico como verbo pleno, *dar* leve pode conservar a mesma configuração estrutural. Quanto a *fazer*, o padrão triargumental deve-se a um *link* de instanciação³ que esse verbo mantém com a construção ditransitiva. Desse modo, *fazer*, prototipicamente transitivo direto, comporta-se como ditransitivo, admitindo três argumentos, em um processo de aumento de valência (FURTADO DA CUNHA, 2017a).

Para a investigação, recorro à metodologia de análise qualiquantitativa (CUNHA LACERDA, 2016). Procedo a uma descrição formal-funcional desse padrão construcional, observando o comportamento de suas instanciações ao longo do período especificado, atentando para possíveis mudanças linguísticas, para extensões de uso e/ou de significados e para a frequência de ocorrências (frequência de *tokens*) e de tipos construcionais (frequência de *types*).

Este artigo está dividido nas seções seguintes, além desta introdução: primeiramente, descrevo o material de análise; em seguida, examino a ordenação dos argumentos da construção; na sequência, apresento as propriedades dos SN objeto direto; depois, analiso a formação de *chunks*; por último, sumário a discussão empreendida.

Dados dos corpora

Como fonte de dados das sincronias investigadas, foram utilizados os seguintes corpora eletrônicos, cada um deles com 200.000 palavras: Corpus do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/>) e Tycho Brahe (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>) para dados dos séculos XVII, XVIII e XIX; Corpora PHPB (<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>) e Corpus CHAVE (<https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CHAVE>) para as ocorrências dos séculos XIX e XX; revistas *Caras* (<https://caras.uol.com.br/>), *Casa* (<https://casa.abril.com.br/>), *Claudia* (<https://claudia.abril.com.br/>).

³ O *link* por instanciação ocorre quando uma dada construção se constitui num caso especial de outra construção (GOLDBERG, 1995).

br/), *Veja* (<https://veja.abril.com.br/>), bem como o jornal *Folha Vitória* (<https://www.folhavitória.com.br/>) para dados do século XXI. Esses *corpora* compreendem os gêneros carta, relato de memória, reportagem, entrevista, coluna e notícia.

A opção por essa larga fatia de tempo, do século XVII ao século XXI, justifica-se na medida em que esse recorte temporal possibilita flagrar usos que podem atestar a emergência e a regularização da construção com os verbos leves *dar* e *fazer*, bem como atestar processos de mudança dessa construção. Evidentemente, trata-se de amostras particulares, as quais, embora amplas, não representam a língua integralmente.

Em relação ao quantitativo de dados, foram coletadas 890 ocorrências (559/63% com *dar* e 331/37% com *fazer*) de orações cujos verbos leves são acompanhados por SN na posição de objeto direto e SN_{PRON} ou SPrep que exerce a função sintática de objeto indireto. No geral, tanto com *dar* quanto com *fazer*, o número de orações decresce de século para século, embora os textos consultados para cada período tenham o mesmo número de palavras (200.000 para cada século). Contrariando essa tendência geral, observa-se um aumento de ocorrência de *fazer* do século XX (5%) para o século XXI (10%). Esse aumento pode estar relacionado ao tipo de gênero, nível de formalidade do texto e respectivo grau de monitoramento em que *fazer* ocorre em cada um desses séculos: *corpus* CHAVE (textos jornalísticos) e PHPB (cartas) para o século XX e revistas *Caras*, *Casa*, *Claudia*, *Veja* e o jornal *Folha Vitória* para o século XXI. É possível que o emprego desse verbo com três elementos nominais, em contraste com sua grade biargumental prototípica, tenha motivado uma frequência maior no século XXI, cuja fonte dos dados é menos formal, à exceção dos textos de *Veja*. Nessa direção, vale destacar que o quantitativo de orações com *fazer* leve triargumental é quase a metade do de *dar*. Conforme a Tabela 1, 36% (314) do total de dados foram coletados no *corpus* do século XVII, reduzindo-se esse percentual para 12% (105) no século XXI.

Tabela 1. Quantitativo dos dados por século

	DAR	FAZER	TOTAL
Séc. XVII	191 (34%)	123 (37%)	314 (36%)
Séc. XVIII	112 (20%)	104 (32%)	216 (24%)
Séc. XIX	99 (18%)	54 (16%)	153 (17%)
Séc. XX	84 (15%)	18 (5%)	102 (11%)
Séc. XXI	73 (13%)	32 (10%)	105 (12%)
	559 (63%)	331 (37%)	890 (100%)

Fonte: Elaboração própria

- | Emergência e convencionalização da construção $V_{\text{LEVE (DAR, FAZER)}} + \text{SN}$

Note-se que, em cada um dos séculos contemplados, o número de ocorrências de *dar* leve é maior do que de *fazer* leve. Esse resultado era esperado visto que *dar* leve, embora se distancie, em muitos casos, do sentido básico de transferência de *dar* pleno, mantém a grade argumental deste. Por outro lado, *fazer* leve se associa a *fazer* pleno, cuja configuração argumental é transitiva direta, daí a menor ocorrência de dados triargumentais com esse verbo.

Ordenação dos argumentos

As ocorrências com os verbos leves *dar* e *fazer* evidenciam diferentes possibilidades de configuração sintática, correspondentes a realizações estruturais variantes de uma mesma construção que é parcialmente não especificada, também denominadas aloconstruções (CAPPELLE, 2006). Nessa linha, observei variação morfossintática do objeto indireto desses verbos, o qual tanto pode ser codificado por SN pronominal (1, 2, 3 e 5) como por SPrep (4 e 6), independentemente de sua ordem na oração, como se vê em:

- (3) Desde que você se foi, em fins de Fevereiro, demonstrando com a sua recusa em não querer ir como das outras vezes, isto é, sem estar ligada à mim, suportando uma separação prolongada e perigosa, **você me deu a confiança** de que enfim eu havia encontrado um estímulo. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em: 10 maio 2021)
- (4) Os mesmos empresários **que deram apoio ao presidente deposto** fornecem agora estrutura para tucano e seu vice. (Reportagem, séc. XX. Disponível em: https://www.linguateca.pt/aceso/doc_chave.php?doc=F940717-024. Acesso em: 10 maio 2021)
- (5) Consegui, por sua causa vencer umas 80 a 90 folhas do livro, mas não pude vencer as restantes. **Ruy também fez-me as melhores referencias sobre ele**, porém, não foi possível que eu completasse a leitura. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em: 10 maio 2021)
- (6) **Artistas poderão fazer um tributo à Amy Winehouse** em uma cerimônia anual em Glasgow, na Escócia. (Reportagem, séc. XXI. Disponível em: <https://caras.uol.com.br/arquivo/amy-tributo-em-premiacao.phtml>. Acesso em: 10 maio 2021)

Em termos da ordenação dos argumentos internos, constatei predominância da realização do objeto indireto antes do SN na posição de objeto direto: com *dar* em 82% das orações, e com *fazer* em 96%. Somando as ocorrências de *dar* e *fazer*, obtêm-se 774 (87%) orações em que o objeto indireto precede o “objeto direto”, contra 116 (13%) em que essa ordenação está invertida. Seguem os quantitativos para cada um dos verbos em cada século.

Tabela 2. Ordenação dos argumentos de *dar* leve

	V _ OD	V OD _	TOTAL
Séc XVII	172 (90%)	19 (10%)	191
Séc XVIII	99 (88%)	13 (12%)	112
Séc XIX	83 (84%)	16 (16%)	99
Séc XX	68 (81%)	16 (19%)	84
Séc XXI	34 (11%)	39 (53%)	73
TOTAL	456 (82%)	103 (18%)	559

Fonte: Elaboração própria

Tabela 3. Ordenação dos argumentos de *fazer* leve

	V _ OD	V OD _	TOTAL
Séc XVII	123 (100%)	0	123
Séc XVIII	104 (100%)	0	104
Séc XIX	50 (93%)	4 (7%)	54
Séc XX	15 (83%)	3 (17%)	18
Séc XXI	26 (81%)	6 (19%)	32
	318 (96%)	13 (4%)	331

Fonte: Elaboração própria

Confirma-se, portanto, a tendência de que orações triargumentais com *dar* e *fazer*, sejam estes verbos plenos (FURTADO DA CUNHA, 2017a) ou leves, apresentem o objeto indireto, que se refere a um participante [+humano/+animado] e constitui um subtópico discursivo, antes do objeto direto, o qual, em geral, se refere a um participante [-humano/-animado]. Visto que o referente do objeto indireto é tipicamente humano, ele pode ser conceptualizado como um elemento mais proeminente do que a coisa representada pelo “objeto direto”⁴. Nesse sentido, ratifica-se a existência de motivações semântico-pragmáticas para a ordenação desses argumentos nas orações com *dar* e *fazer*.

4 Sobre a correlação entre a ordenação do objeto indireto em referência ao objeto direto, o *status* informacional do objeto indireto e a codificação morfológica desse argumento na construção ditransitiva, ver Furtado da Cunha (2017a).

Há também motivações cognitivas para a configuração triargumental desses verbos, as quais se relacionam aos *frames* que *dar* e *fazer* plenos projetam. Em seu sentido prototípico, o verbo *dar* pleno conceitualiza um evento de transferência física, que envolve um participante animado (Sujeito/Agente) que transfere um objeto (Objeto Direto/Paciente) para uma entidade humana (Objeto Indireto/Recipiente). Por sua vez, o *frame* de *fazer* pleno não projeta um recipiente, uma vez que esse verbo não indica, necessariamente, um evento de transferência; contudo, ele pode ser usado num padrão oracional ditransitivo, veiculando a ideia de uma transferência pretendida. Nas ocorrências triargumentais de *fazer*, o evento codificado envolve um beneficiário (alguém realiza uma ação em benefício de outro) e não um recipiente prototípico (transferência prototípica de eventos de posse)⁵. Desse modo, a depender da classe semântica do verbo leve (*dar* ou *fazer*), as orações triargumentais produzem diferentes implicações quanto ao papel semântico do objeto indireto. Nos casos em que o evento denotado não envolve uma transferência subsequente de posse, como em (2) e (6), o objeto indireto (*me* e *Amy Winehouse*) desempenha o papel de beneficiário e é identificado, como o recipiente, pelo traço [+humano]. É importante reforçar que o substantivo que acompanha o verbo leve e com ele forma um todo sintático-semântico não é um argumento (paciente/objeto direto), mas desempenha a função de predicante, em geral atribuída ao verbo pleno, visto que divide com o verbo leve a função de determinar papéis semânticos da predicação (NEVES, 2000; MACHADO VIEIRA, 2010), como a ocorrência de objeto indireto com papel de recipiente ou beneficiário.

A presença de argumento recipiente nas orações analisadas, portanto, está diretamente relacionada à grade argumental prototípica do verbo *dar* pleno, com sentido básico de transferência; quanto a *fazer*, cujo *frame* não projeta um recipiente, a ocorrência desse argumento também está vinculada ao significado de uma transferência pretendida. Isso quer dizer que quanto mais *dar* e *fazer* se afastam do sentido de transferência e de execução, tanto mais o objeto indireto (OI) não desempenha o papel semântico de recipiente. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma motivação cognitiva, relacionada à conceptualização do evento de transferência, que subjaz ao papel semântico que o objeto indireto desempenha nas orações examinadas.

Ainda com respeito ao objeto indireto de *dar* e *fazer* leves, embora conserve as propriedades formais atribuídas a esse elemento (a possibilidade de substituição por

⁵ Assim como o recipiente, o beneficiário é identificado pelo traço [+humano]. Nos eventos de transferência, o recipiente geralmente faz uso da coisa transferida em seu próprio benefício. Esse aspecto é parte da moldura semântica maior associada a esses eventos e se relaciona a uma etapa cronologicamente posterior do ato de transferir (FURTADO DA CUNHA, 2020).

lhe e a introdução pela preposição *a* ou *p(a)ra*, por exemplo), nos casos em que não desempenha o caso semântico prototípico de recipiente, ele se caracteriza como um objeto indireto mais periférico. Nessas ocorrências, *dar* e *fazer* têm significados mais abstratos, socioculturalmente construídos, o que pode motivar esse tipo de OI. Como ilustração, veja-se *para a avalanche de retratos de mulheres deslumbrantes* em (7) e *aos gastos de campanha* em (8).

- (7) Mesmo as mais esclarecidas caem nessa cilada. Pudera! Como **dar as costas para a avalanche de retratos de mulheres deslumbrantes** bombardeadas pela mídia, com a ajuda do programa de tratamento de imagens, o Photoshop, claro! (Coluna, séc. XXI. Disponível em: <https://casa.abril.com.br/bem-estar/aprenda-a-gostar-de-si-mesma/>. Acesso em: 10 maio 2021)
- (8) Nas épocas de campanha, os partidos têm necessidade de receber recursos para **fazer frente aos gastos de campanha**, mas o Dnit não trabalha nessa linha de atuação. (Reportagem, séc. XXI. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/pagot-repete-na-camara-estrategia-usada-no-senado-nega-tudo-e-poupa-o-pt/>. Acesso em: 10 maio 2021)

Nos *corpora* em questão, a ocorrência de OI periférico aumenta ao longo dos séculos para *dar*, com 10% de casos no século XVIII e 53% no século XXI, e para *fazer*, que apresenta o objeto indireto [-humano] a partir do século XIX, com 7% das ocorrências, as quais se elevam a 17% no século XXI. É interessante observar que, no século XVII, dos 19 dados com *dar*, em 5 (26%) deles o nome na posição de objeto direto tem um modificador anteposto, como *bom* em (9). Em contrapartida, das 39 ocorrências no século XXI, em apenas 2 (5%) delas esse participante vem precedido de modificador, como *enorme* em (10). A ausência do modificador é indicativa de maior integração entre o verbo leve e o SN que o acompanha, de modo que, quanto mais próximos tais elementos estão, mais fixado está o bloco, ou seja, representa um *chunk*, como será discutido adiante.

- (9) Quando considero que, depois de tão vários sucessos ordenou Nosso Senhor que esta minha causa viesse ter seu último terno nas mãos de Vossa Mercê e fôsse tal ministro o derradeiro que sôbre ela desse seu parecer, creio que com particular atenção quis o Céu **dar bom fim a este processo**. (Carta familiar, séc. XVII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/texts/xml/m_003. Acesso em: 10 maio 2021)
- (10) Na terça-feira à noite, a Globo estreou duas novas atrações: O Astro (**a qual deu enorme destaque**) e a temporada sem comerciais [...]. (Reportagem, séc. XXI. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/radar/globo-copia-record/>. Acesso em: 10 maio 2021)

- | Emergência e convencionalização da construção $V_{\text{LEVE (DAR, FAZER)}} + \text{SN}$

Tanto a variação no caso semântico do objeto indireto quanto a maior ou menor integração do SN ao verbo leve revelam a gradiência do bloco $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$. Tal gradiência está relacionada tanto a aspectos da forma, como a inserção de modificador antes do “objeto direto”, quanto a aspectos da função, envolvendo processos metafóricos e/ou metonímicos.

As diferentes configurações estruturais com os verbos leves *dar* e *fazer* podem ser tratadas como aloconstruções (CAPPELLE, 2006), ou seja, variantes gramaticais sincrônicas (PEREK, 2015) de uma mesma construção que expressam conteúdo proposicional semelhante, mas diferem quanto a aspectos cognitivos, pragmáticos e morfossintáticos, conforme visto acima.

Vale notar que nem todos os blocos $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$ podem ser substituídos por um único verbo, como *dar provas* = *provar* e *fazer referência* = *referir*, por exemplo. Diferentemente do que é comum encontrar na literatura específica, nem sempre o significado dessa sequência de itens corresponde ao de outro verbo da língua. Nesse sentido, pode-se dizer que esses agrupamentos são usados para preencher uma lacuna lexical (NEVES, 1996; CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011), o que leva à constatação da impossibilidade de se fixarem fronteiras nítidas entre léxico e gramática, como postula a Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016).

Autores como Ilari e Basso (2008) questionam a existência do bloco $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$ visto que há casos em que existem verbos na língua que recobrem o conteúdo expresso por tal bloco, contrariando, assim, o princípio de economia (JESPERSEN, 1940; HAIMAN, 1983; GIVÓN, 1985, entre outros). Conforme prevê a LFCU, se duas formas têm significados semelhantes, então elas devem desempenhar funções discursivo-pragmáticas diferentes. Nessa direção, pode-se apontar algumas funções discursivo-pragmáticas específicas que a sequência $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$ exerce nos textos em que ocorre (NEVES, 2000; MACHADO VIEIRA, 2010; BAGNO, 2011). O uso desse bloco propicia a qualificação (11) e a intensificação (12) do SN, em vez de qualificar/intensificar o evento em si:

- (11) É um partido que corre atrás do seu programa e o tempo nele não é o tempo que possa ser comparável com outros que já nascem com estrutura. Tivemos que preparar quadros. Quando eu penso **me dá um cansaço enorme**, doze anos na presidência. (Entrevista, séc. XXI. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/nao-levei-o-grupo-da-marina-ao-a-serio-admite-penna/>. Acesso em: 29 mar. 2022)

- (12) Convenhamos, é difícil encontrar uma pessoa que não tenha nenhuma qualidade digna de admiração. Ainda mais quando essa pessoa é o homem que você escolheu para casar! Talvez desentendimentos ou a própria rotina (ela mais uma vez) tenham feito **você não dar mais tanto valor aos atributos mais fascinantes dele**. (Coluna, séc. XXI. Disponível em: https://www.folhavoria.com.br/entretenimento/blogs/sexoe_prazer/2013/11/26/como-dar-uma-virada-no-seu-casamento/. Acesso em: 29 mar. 2022)

Além disso, o SN que segue o verbo leve pode expressar um significado especial (diminutivo) que o emprego do verbo pleno correspondente não permitiria:

- (13) Conhece Madame Charpel, a quem os males de seu marido ou os que lhe vieram por outras vias têm posto à dependura, e que parecendo **a preguiça do Brasil anda sempre fazendo mesurinhas à Serpe**, recuando para trás como o caranguejo. (Carta particular, séc. XVIII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_001. Acesso em: 29 mar. 2022)

Nesse fragmento, o grau diminutivo do SN (*mesurinhas*) não se refere ao tamanho/dimensão do cumprimento/cortesia, mas atribui valor depreciativo (para “menos”) a um estado de coisas considerado negativo (SILVA, 2014).

Ao optar pelo uso de uma sequência Verbo_{LEVE} + SN, o escritor confere ao discurso algum efeito especial, como em (14), em que *lhe dar alguma outra explicação* não poderia ser substituído por *explicar*, sem que houvesse alguma perda semântico-pragmática.

- (14) O ativo Intendente da Polícia examinou todos os cantos da casa, e, encontrando no quarto de cama de minha Avó um móvel que muitas apreensões lhe deu, apesar de o examinar com todo o escrúpulo, exclamou: Senhora Condessa, temos ali uma máquina! Minha Avó, sem **lhe dar alguma outra explicação**, respondeu-lhe: Senhor Intendente, eu nunca menti e por isso lhe digo que é exato: há ali uma máquina. (Relato de memórias, séc. XIX. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/a_003. Acesso em: 12 maio 2021)

O bloco Verbo_{LEVE} + SN também pode ser usado para indicar o valor reiterativo do evento quando o SN está flexionado no plural, conforme se dá em (15):

- (15) Citarei, em primeiro lugar, Frei Domingos, que considerávamos como irmão de nosso Pai, e que, até a sua derradeira hora, **nos deu provas** de grande afeição e verdadeira amizade. (Relato de memórias, séc. XIX. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/a_003. Acesso em: 29 mar. 2022)

Ainda uma outra função do agrupamento Verbo_{LEVE} + SN diz respeito à possibilidade de referir-se ao SN por meio de um pronome relativo que encabeça uma oração com o verbo leve, contribuindo para a coesão textual:

- (16) A principal crítica **que fazem ao senhor** diz respeito à sua permanência no comando do PV por mais de doze anos. (Entrevista, séc. XXI. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/nao-levei-o-grupo-da-marina-ao-serio-admite-penna/>. Acesso em: 29 mar. 2022)
- (17) Sem falar no orgulho **que eu daria** à minha mãe ao entrar com meu pai na igreja. (Coluna, séc. XXI. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/como-fazer-um-casamento-bom-e-barato/>. Acesso em: 29 mar. 2022)

Os dados examinados mostram que o uso de *dar* e *fazer* leves + SN, quer exista ou não um verbo pleno correspondente na língua, possibilita não só o acréscimo de outros termos (modificadores, intensificadores) ao SN, mas também a atribuição de um significado especial (valor depreciativo e reiterativo) ao evento ou estado de coisas que a oração descreve. Desse modo, além de um incremento semântico que encarece o significado da sequência formada com o verbo leve, essa sequência tem funções discursivo-pragmáticas específicas.

Propriedades do SN

Examinando as orações com *dar* e *fazer* leves, atestei uma certa preferência pela combinação desses verbos com determinados SN, que variam em sua codificação nas instanciações do século XVII ao século XXI. Os lexemas que formam blocos com *dar* e *fazer* leves exibem certas propriedades, tais como: são, em sua maioria, substantivos abstratos, derivados de verbos (substantivos deverbais ou nominalizações), usados sem determinante. No nível morfológico, esse substantivo tende significativamente a não se flexionar em número (tanto para *dar* como para *fazer*, o percentual de substantivos no plural é de 12% (24 e 13 dados, respectivamente), contra 88% (172 para *dar* e 92 para *fazer*) de substantivos no singular), o que é um forte indicador de perda de referencialidade. Seguem algumas ocorrências:

- (18) Depois da nossa curtíssima conversa de sexta-feira, a qual minha indisposição apenas serviu para desagradar, espero que a impressão desta tarde possa ser esquecida. Sabe que **me dei conta** da situação em que o deixei, depois de examinar bem os ônibus que estavam na rodoviária. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em: 12 maio 2021)
- (19) Ainda mais, nem a você, nem a qualquer outra que se encontre longe de mim, eu me considero prêso. Têm a liberdade de fazer o que quezer sem **me dar satisfação**, pois eu me considero desligado. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/cedohs/corpora/AFS/13-OR-22-07-1949.xml>. Acesso em: 12 maio 2021)

Nos fragmentos em (18-19), os substantivos que compõem os agrupamentos, *conta* e *satisfação*, respectivamente, são abstratos, derivados de verbos e não apresentam determinante. *Conta* é um deverbais de *contar*, ao passo que *satisfação* é uma nominalização de *satisfazer*. As Tabelas 4 e 5 exibem os resultados para as propriedades do SN com *dar* e *fazer* leves: os números nas colunas representam as ocorrências de cada propriedade em cada século examinado, ao passo que os números nas linhas correspondem a cada uma das propriedades nos dados de um mesmo século.

Tabela 4. Propriedades do SN que acompanha *dar* por século

SÉCULO	PROPRIEDADES				TOTAL
	-DET	+ABSTR	+DEV	+NOM	
XVII	107 (56%)	183 (96%)	32 (17%)	32 (17%)	191 (100%)
XVIII	69 (62%)	111 (99%)	33 (29%)	8 (7%)	112 (100%)
XIX	43 (43%)	99 (100%)	38 (38%)	17 (17%)	99 (100%)
XX	43 (51%)	83 (99%)	10 (12%)	9 (11%)	84 (100%)
XXI	48 (66%)	70 (96%)	17 (23%)	7 (10%)	73 (100%)
TOTAL	310 (56%)	546 (98%)	130 (23%)	73 (13%)	559 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Tabela 5. Propriedades do SN que acompanha *fazer* por século

SÉCULO	PROPRIEDADES				TOTAL
	-DET	+ABSTR	+DEV	+NOM	
XVII	67 (54%)	123 (100%)	11 (9%)	7 (6%)	123 (100%)
XVIII	52 (50%)	102 (98%)	22 (21%)	5 (5%)	104 (100%)
XIX	24 (44%)	54 (100%)	18 (33%)	8 (15%)	54 (100%)
XX	9 (50%)	18 (100%)	5 (28%)	6 (33%)	18 (100%)
XXI	23 (72%)	32 (100%)	6 (19%)	6 (19%)	32 (100%)
TOTAL	175 (53%)	329 (99%)	62 (19%)	32 (10%)	331 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Conforme disposto nas Tabelas 4 e 5, as propriedades dos SN mantêm-se relativamente equilibradas para os dois verbos leves e também ao longo dos séculos. Do total de dados analisados com *dar* leve, 56% (310) dos substantivos apresentam-se sem determinante, 98% (546) são abstratos, 23% (130) são deverbais e 13% (73) são nominalizações. Com *fazer* leve, 53% (175) dos substantivos não têm determinante, 99% (329) são abstratos, 19% (62) são deverbais e 10% (32) são nominalizações. Somando-se os deverbais e as nominalizações para os dois verbos leves, chega-se a 297 (34%) ocorrências de substantivos derivados de verbos, resultado que está diretamente relacionado à natureza altamente abstrata 875 (98%) dos lexemas que acompanham *dar* e *fazer* leves. Sendo derivados de verbos, esses substantivos, a depender da semântica do verbo base, tendem a designar ações e, portanto, podem servir como núcleo do predicado, visto que o verbo leve está esvaziado do seu sentido básico, pleno.

No que diz respeito à formação de *chunks* com esses verbos, a pesquisa comprovou uma tendência de uso de determinados nomes com *dar* e *fazer* leves em cada século nos *corpora* examinados. Sardinha (2004) denomina as coocorrências de itens lexicais de *colocados*, palavras que ocorrem com frequência significativa uma ao lado da outra, por exemplo, *dar conta* e *fazer falta*. A análise dos lexemas mais frequentes com cada tipo de verbo possibilita depreender a formação de *chunks*, unidades pré-fabricadas (ERMAN; WARREN, 2000) que resultam da combinação desses verbos com o SN que ocupa o *slot* do objeto direto na construção.

Para Traugott e Trousdale (2021), o aumento no âmbito da colocação, ou a expansão da classe hospedeira, nos termos de Himmelmann (2004), resulta do uso frequente e da repetição de uma construção, o que leva ao aumento da sua produtividade. A análise dos colocados em perspectiva diacrônica utiliza dados de *corpora* para rastrear mudanças históricas em padrões colocacionais, isto é, para rastrear mudanças em itens que

preenchem posições construcionais, como o *slot* do SN na construção com verbos leves, a fim de identificar os colocados mais atraídos em um período em detrimento de outro.

Para *dar* leve, as combinações mais frequentes no século XVII são com os substantivos *graça(s)* (17 dados) e *conta* (13 dados); no século XVIII, *gosto* (12 casos); no século XIX, *notícias* e *beijo*, ambos com 10 ocorrências; no século XX, encontrei *prazer* (6 dados); e, no século XXI, *prazer* (3), *fim* (3) e *início* (4). Note-se que o substantivo *notícias* também é usado no século XVIII (5 casos); *princípio* e *começo*, cujos significados são similares a *início*, são empregados nos séculos XVIII (2 ocorrências de *princípio*) e XXI (2 dados de *princípio* e 2 de *começo*). Para *fazer* leve, no século XVII identifiquei 50 ocorrências de *mercê*; no século XVIII, *honra* (12 dados); no século XIX, *impressão* (5 ocorrências); no século XX, *referência* (4 dados); e no século XXI, *mal* (6 casos). Comparando as ocorrências de todos os séculos investigados, encontra-se o substantivo *honra*, que é usado nos séculos XVII (7 dados), XVIII (12 ocorrências) e XXI (2 casos). O lexema *referência*, por sua vez, aparece também no século XXI (2 dados). O quadro 1 expõe os nomes mais frequentes para cada verbo leve.

Quadro 1. Nomes mais frequentes com *dar* e *fazer* por século

SÉCULO	DAR	FAZER
XVII	graça(s) (17), conta (13), ocasiões (6), satisfação (5), novas (5), enfado (3)	mercê (50), favor (10), honra (7), falta (5), serviço (5)
XVIII	gosto (12), razão (5), notícia (5), tempo (4), ouvidos (3), alívio (3), crédito (3), princípio (2)	honra (12), gosto (5), injúria (4), serviço (7), mal (3)
XIX	notícias (10), provas (5), cuidado (4), beijo (10), princípio (2), começo (2)	impressão (5), falta (4), favor (3), honra (2)
XX	prazer (6), satisfação (3), valor (3), apoio (2)	referência (4), bem (3), falta (2)
XXI	início (4), fim (3), prazer (3), suporte (2), dor de cabeça (2), ordem (2)	mal (6), bem (3), referência (2)

Fonte: Elaboração própria

Evidentemente, fatores de ordem semântico-cognitiva atuam na seleção do colocado que ocorre com *dar* e *fazer*. Ambos os verbos são bastante polissêmicos e podem ser empregados com vários sentidos além do seu significado mais básico ou prototípico (BASÍLIO, 2007). São, assim, usados para formar blocos com alto grau de compactação, em que *dar*, com o significado de *transferir*, *executar*, *causar*, *fazer*, *levar a efeito*, e *fazer*, com o sentido de *efetuar*, *levar a efeito*, *concretizar* se combinam com um nome derivado de um verbo o qual determina o significado da sequência como um todo. Dessa forma, a combinação de *dar* com grande parte dos colocados pode ser interpretada como uma transferência metafórica, em que determinadas conceitos de um domínio-

fonte são projetados em um domínio-alvo por compartilharem alguma correspondência conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Por meio da metáfora “eventos causais como transferências” (GOLDBERG, 1995), causar um evento em uma entidade é entendido como transferir o efeito, conceitualizado como um objeto, para essa entidade. Com determinados colocados, o verbo *dar* é usado para implicar causação, ao passo que em seu sentido básico ele envolve transferência de um agente para um recipiente. O elo entre esses dois sentidos é fornecido pela metáfora, de sorte que o argumento sujeito é a causa do referente do OI ser afetado, de alguma forma, por “receber” o referente do OD. Nesses casos, o referente do nome é transferido a um interlocutor, o referente do argumento recipiente (objeto indireto), e a atividade pode ser metaforicamente interpretada como um evento de transferência cognitiva (HASPELMATH, 2015), por exemplo: *solução, conselho, entendimento, notícia, ordens, licença, razão*. Outros colocados referem-se a sentimentos ou estados mentais ativados no referente do objeto indireto, como *pena, orgulho, furores, ânimo, pressa, gosto, satisfação, calma* etc. Vê-se, portanto, que fatores de ordem semântico-cognitiva estão implicados na ocorrência dessas combinações de Verbo_{LEVE} + SN.

Alguns tipos de colocados, mais frequentes em determinado século, não foram detectados nos séculos seguintes. A sequência *dar graça(s)*, por exemplo, está restrita ao século XVII (17 dados), ao passo que *dar satisfação*, foi constatada tanto no século XVII (5 ocorrências) quanto no século XX (3 dados), *dar notícia* aparece nos séculos XVII (5 dados) e XIX (10 exemplares) e *dar prazer* é registrada nos séculos XX (6 ocorrências) e XXI (3 casos). É importante frisar, contudo, que se trata da análise de *corpora* específicos, limitados a gêneros da escrita. Nessa linha, os achados aqui descritos podem estar relacionados à natureza dos *corpora* investigados, embora tenha havido cuidado em favorecer ambientes semântico-discursivos diferentes que propiciassem uma variedade de usos dos verbos em foco. Logo, não se pode afirmar com segurança que alguns colocados que originalmente eram possíveis no século XVII se tornaram extintos no português moderno. A pesquisa aponta indícios que só podem ser confirmados com a ampliação do *corpus* e dos gêneros discursivos pesquisados.

Formação de *chunks*

O processo cognitivo de domínio geral denominado *chunking* (agrupamento) é responsável pela formação de estruturas mais complexas com base em sequências de elementos simples que frequentemente coocorrem. Do ponto de vista linguístico, essas estruturas correspondem a construções e expressões formulaicas. Sequências repetidas

são embaladas juntas em termos cognitivos de tal modo que a sequência pode ser tomada como uma única unidade (BYBEE, 2016). Tendo como suporte a organização da memória, *chunking* é um processo que tem participação ativa no uso da língua, visto que atua tanto na produção quanto na compreensão dos enunciados linguísticos. Nesse sentido, uma cadeia de palavras pode ser produzida e interpretada mais facilmente se essas palavras são acessadas em conjunto, devido à frequência com que ocorrem nas interações discursivas.

As instanciações da construção com os verbos leves *dar* e *fazer* representam um tipo de construção de estrutura argumental ditransitiva (FURTADO DA CUNHA, 2020), a qual consiste em um *slot* verbal, preenchido por *dar* ou *fazer*, e três *slots* argumentais, correspondentes a um argumento agente (o sujeito), um argumento recipiente (o objeto indireto) e um argumento paciente (o objeto direto). Em menor número, outras instanciações formam *chunks* que correspondem a uma construção de estrutura argumental transitiva, configurada como $SN_1 + V_{LEVE} + SN_2$, como *dar cabimento*, *dar destaque*, *dar chique* e *fazer besteira*, *fazer cena*, *fazer pronunciamento* (SILVA; FURTADO DA CUNHA, 2022; BISPO; FURTADO DA CUNHA, 2022). Uma das características mais importantes das ocorrências da construção com *dar* e *fazer* leves reside no fato de que o sentido do todo, ou seja, do bloco Verbo_{LEVE} + SN, não é mais recuperável a partir do sentido das partes que o compõem⁶. Assim, uma nova unidade de significado emerge.

Considerando a posição do SN em relação ao verbo leve, constatei que, nas sincronias mais recuadas (séculos XVII, XVIII e XIX), os exemplares apresentam maior versatilidade morfossintática, ou seja, as combinações Verbo_{LEVE} + SN não se comportam como uma unidade simples, uma sequência de palavras pré-fabricada, um *chunk*. A título de ilustração, tome-se o substantivo *graça(s)*, o qual, no século XVII, ocorre nos padrões [SN Pro_{REL} Suj OI V], [OI V SN], [V SN OI] e [V OI SN], como se pode ver em (20), (21), (22) e (23), respectivamente. A possibilidade de ordenação variada desse substantivo demonstra que a combinação *dar+graça(s)* ainda não era processada como uma unidade.

- (20) Onde, pois, melhor que em valer-me, poderá Vossa Senhoria empregar seu ânimo e a graça **que Deus lhe deu** com Ene? (Carta familiar, séc. XVII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/texts/xml/m_003. Acesso em: 15 maio 2021)
- (21) Veio-me ao pensamento pedir-vos ~ua cousa - não o faço, porque tenho propósito de não pedir nada; se o adivinhares, entenderei que Deus quer que use dela, senão, também **lhe darei graças** e lhe pedirei como sempre vos

6 Para uma discussão sobre o grau de fusão e de composicionalidade entre os elementos constituintes de uma construção, ver Furtado da Cunha e Bispo (2019).

guarde por mui felices anos. (Carta pessoal, séc. XVII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_003. Acesso em: 15 maio 2021)

- (22) O seu decreto e o meu se passaram juntos. E é muito para **dar graças a Deus** que, fazendo-se tão pouco caso de Dom João da Áustria com oito mil cavalos, se tema tanto a Frei Jorge em uma mula e a António Vieira a pé. (Carta pessoal, séc. XVII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_003. Acesso em: 15 maio 2021)
- (23) Faz-se diligência pela letra, que irá se vier a tempo, e carta da senhora Dona Ana, que me mandou hoje pedir, por seu filho Dom Manuel, que também da sua parte **desse a Vossa Excelência as graças**, como faço. (Carta pessoal, séc. XVII. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/texts/xml/v_002. Acesso em: 15 maio 2021)

Em (20), *graças* está anteposta ao verbo *dar*, substituída pelo pronome relativo. Em (21) e (22), é o objeto indireto (*lhe* e *a Deus*, respectivamente) que ocupa a posição anterior e posterior ao bloco *dar+graças*. Em (23), por sua vez, o objeto indireto (*a Vossa Excelência*) separa o nome (*as graças*) de *dar*.

A mobilidade do substantivo que ocorre com *dar* leve pode ser tomada como evidência de que os *chunks dar graças* e *dar conta* ainda não estavam fixados nos períodos temporalmente mais recuados do PB. Nesse sentido, a posição que o SN ocupa na oração pode indicar o grau de fixação e de convencionalização da sequência $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$, de tal modo que, se ele estiver imediatamente após o verbo leve, tem-se um *chunk*. Por outro lado, mesmo que haja material morfológico interveniente, distanciando o SN de *dar* ou *fazer*, esse verbo se acha esvaziado do sentido básico que tem como verbo pleno, daí a possibilidade de combinação com lexemas cujos significados, a princípio, seriam incompatíveis com tais verbos. A maior ou menor integração do SN ao verbo leve revela a gradiência no grau de fixação do bloco $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$, de modo que, quanto mais próximos esses elementos estão, mais fixado está o bloco, ou seja, representa um *chunk*.

É importante ressaltar que, embora a sequência $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$ seja memorizada e processada como um *chunk*, isso não significa que sua estrutura interna não seja reconhecida. Há casos em que as partes que compõem o *chunk* ainda são identificáveis, como o demonstra a presença de modificadores antes do SN, a exemplo de (9-10). Conforme Bybee (2016), a identificabilidade de partes internas em uma expressão indica seu grau de analisabilidade, ou seja, o reconhecimento de sua estrutura interna.

Em síntese, os textos do século XVII registram a combinação de *dar/fazer* + SN como um agrupamento mais frouxo. Daí em diante, pode-se falar em regularização e convencionalização do *chunk*, evidenciadas pela ordenação mais fixa do SN em relação ao verbo leve, a ausência de determinante antes do nome e de elemento lexical entre os constituintes do bloco e o enfraquecimento do significado do verbo leve. Nessa direção, é possível dizer que o estatuto de um *chunk* na memória organiza-se num *continuum*.

De acordo com o subprincípio da proximidade, os conceitos mais integrados no plano cognitivo também se apresentam com maior grau de aderência morfossintática (GIVÓN, 1984). Na embalagem formal de *chunks*, verifica-se a atuação desse subprincípio, visto que, quanto mais próximos estão os conteúdos no nível da cognição, mais integrados se acham na codificação. As construções linguísticas, nesse viés, são esquemas cognitivos que implicam procedimentos em grande parte rotinizados a fim de que os usuários alcancem os seus propósitos comunicativos. Isso significa que as circunstâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua (BYBEE, 2016).

Uma vez que os verbos leves *dar* e *fazer* estão distanciados do significado central que têm como verbos plenos – *transferir* e *executar*, respectivamente – o sentido do *chunk* formado por Verbo_{LEVE} + SN é determinado, em parte, pelas propriedades do SN e, em parte, pelo contexto discursivo. Com relação a *fazer*, que se relaciona à construção ditransitiva por um *link* de instanciação (*fazer*, prototipicamente transitivo, é usado como ditransitivo, admitindo um objeto indireto/recipiente), suas ocorrências são menos transparentes, menos icônicas na relação forma-função e, portanto, seu sancionamento é menor do que o de *dar* nessa configuração triargumental. Identifica-se, para *fazer*, um caso de sancionamento parcial (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021), em que a ocorrência é apenas parcialmente compatível com a construção que o sanciona.

Além do *link* de instanciação, outros *links* relacionais estão implicados na construção com os verbos leves, como o de polissemia e o metafórico (GOLDBERG, 1995). O primeiro revela as relações semânticas entre um verbo e suas extensões de sentido: é o que acontece nas ocorrências em que *dar* e *fazer* estendem seu significado básico de transferência e execução, respectivamente. Por sua vez, o *link* metafórico resulta da projeção de uma noção de um domínio-fonte, mais concreto, para um domínio-alvo, mais abstrato. Nos dois tipos de relação, embora as especificações sintáticas das ocorrências sejam as mesmas, as semânticas são diferentes. O *link* de polissemia pode ser ilustrado por (7), para *dar*, e por (8), para *fazer*, e o metafórico, por (24), para *dar*, e por (9), para *fazer*.

- (7) [...] Como **dar as costas para a avalanche de retratos de mulheres deslumbrantes** bombardeadas pela mídia, [...]

- (8) Nas épocas de campanha, os partidos têm necessidade de receber recursos para **fazer frente aos gastos de campanha**, [...]
- (1) (1) [...] o que posso fazer é **lhe dar um conselho**.
- (9) **Artistas poderão fazer um tributo à Amy Winehouse** em uma cerimônia anual em Glasgow, na Escócia.
- (24) Pensei que você já soubesse ao meu respeito o bastante. Como você diz que não... o que posso fazer é **lhe dar um conselho**. (Carta particular, séc. XX. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em: 29 mar. 2022)

A sequência *dar as costas*, em (7), pode ser interpretada como *desprezar*, ao passo que *fazer frente*, em (8) significa *enfrentar*. Tais significados resultam de extensões de sentido dos verbos *dar* e *fazer* juntamente com a combinação desses verbos com os substantivos que os seguem. Em (24), *conselho* é metaforicamente transferido para o recipiente (*lhe*), da mesma forma que (9) veicula a transferência pretendida de um tributo para o recipiente (*Amy Winehouse*). Esses *links* de polissemia e metafórico são importantes para explicar, em parte, sancionamentos não prototípicos, o que reflete a variação construcional observada no bloco $\text{Verbo}_{\text{LEVE}} + \text{SN}$.

Considerações finais

Com o objetivo de investigar a emergência e a regularização da construção $V_{\text{LEVE (DAR, FAZER)}} + \text{SN}$ sob uma perspectiva funcional de viés construcionista, este trabalho examinou dados de textos escritos no período que vai do século XVII ao século XXI. Partiu da hipótese de que essa construção emerge para satisfazer demandas comunicativas e cognitivas, caminhando da eventualidade do discurso para a regularização gramatical.

A análise dos dados com *dar* e *fazer* leves usados em uma configuração triargumental permitiu constatar variação nos padrões estruturais em que esses verbos podem ser empregados. A maior versatilidade morfossintática das instâncias analisadas nas sincronias mais recuadas associada à maior estabilidade e fixação do bloco *dar/fazer* leves + SN nas sincronias mais recentes possibilitou depreender a formação de *chunks* e, conseqüentemente, a emergência e a convencionalização da construção.

Embora os verbos leves *dar* e *fazer* se afastem do seu sentido básico, adquirindo significados mais abstratos ao longo do tempo, eles contribuem semanticamente para o significado global do bloco, o qual desempenha funções discursivo-pragmáticas

específicas. Desse modo, o significado abstratizado desses elementos posiciona-os entre os verbos plenos e os verbos auxiliares num contínuo de gradiência. As representações de uma dada categoria, nesse caso, a construção com *dar* e *fazer* leves, por um feixe de exemplares resultam do uso frequente dessa categoria, ao mesmo tempo em que permitem, na sincronia, a gradiência de estruturas e, na diacronia, a gradualidade da mudança (BYBEE, 2016).

A gradiência do bloco também está refletida na possibilidade de maior ou menor integração do SN ao V_{LEVE} de sorte que alguns desses *chunks* não podem ser caracterizados como cadeias fixas de palavras. As sequências com *dar* e com *fazer* tanto podem acomodar palavras diferentes na posição do SN quanto podem exibir variação estrutural na ordem dos elementos que as compõem, o que atesta sua produtividade. Na mesma linha, há gradiência também quanto à composicionalidade desses *chunks*, que variam entre significados mais e menos composicionais.

Uma questão ainda em aberto diz respeito à postulação de uma única construção de verbo leve ou a um conjunto de construções, já que esse verbo pode variar. Segundo Brugman (2001), há razões para se considerar que se trate de uma única construção, tendo em vista as propriedades comuns a todos os verbos leves e aos SN que os acompanham. Há, também, razões para argumentar que se trata de um conjunto de construções, na medida que é possível distinguir propriedades formais da construção associadas a cada um dos verbos leves. Conforme comprovam os dados analisados, as instanciações triargumentais com *dar* e *fazer* leves mantêm *links* polissêmicos e metafóricos com os verbos plenos *dar* e *fazer* e, portanto, com a construção ditransitiva, que lhes serve de esquema (FURTADO DA CUNHA, 2017b). Há, então, perda de transparência icônica na relação forma-significado, motivada pelas extensões do significado básico dos verbos. Nessa direção, a construção com os verbos leves *dar* e *fazer* seriam subesquemas dessa construção hierarquicamente mais alta na rede construcional, a qual pode ser caracterizada, nos termos de Perek (2015), como uma superconstrução ou ainda, nos termos de Cappelle (2006), como um construtema.

Referências

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BARLOW, M.; KEMMER, S. **Usage based models of language**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

- | Emergência e convencionalização da construção V_{LEVE (DAR, FAZER)} + SN

BASÍLIO, M. M. Construções morfológicas e construções lexicais: expressões V SN com DAR e FAZER. *In: Anais do Congresso de Letras da UERJ*. Rio de Janeiro: Botelho Editora, 2007. p. 1-19.

BISPO, E. B.; FURTADO DA CUNHA, M. A. “Não tomar partido é tomar partido”: *chunks* e ensino de língua portuguesa. *In: OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. (org.). Discurso e gramática: entrelaces e perspectivas*. Curitiba: CRV, 2022. p. 137-158.

BRUGMAN, C. Light verbs and polysemy. *Language Sciences*, v. 23, p. 551-578, 2001.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. Usage-based theory and grammaticalization. *In: NARROG, H.; HEINE, B. The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for ‘allostructions’. *In: SCHÖNEFELD, Doris. Constructions all over: Case studies and theoretical implications*, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/31590515>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, W. *Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CUNHA LACERDA, P. F. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Linguística*, vol. esp., p. 83-101, 2016.

DU BOIS, J. Competing motivations. *In: HAIMAN, J. Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 343-366.

ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. *Text-Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse*, v. 20, n. 1, p. 29-62, 2000.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica. *Gragoatá*, v. 25, n. 52, p. 785-808, 2020. Disponível em: <http://https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/40821>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Manifestações da construção ditransitiva em duas sincronias. *In*: MATOS, D. P. (org.). **Uso e ensino de língua**: pesquisas e reflexões do Grupo Teorias Linguísticas de Base. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 53-70.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Motivações semântico-pragmáticas para a ordenação dos argumentos na construção ditransitiva. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 555-584, 2017a. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/9793>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. **D.E.L.T.A.**, v. 33, n. 1, p. 109-132, 2017b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/issue/view/1725>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. **Revista Soletras**, v. 1, n. 37, p. 103-116, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/issue/view/2103/showToc>. Acesso em: 15 fev. 2022.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. 2. ed. Natal: EdUFRN, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. *In*: HAIMAN, J. **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 187-218.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. I. New York: Academic Press, 1984.

GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. **Language**, v. 59, p. 781-819, 1983.

HASPELMATH, M. Ditransitive constructions. **Annual Review of Linguistics**, v. 1, p. 19-41, 2015.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? *In*: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. **What makes grammaticalization?: a look from its fringes and its components**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford handbook of construction grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.

HOPPER, P. Emergent grammar. **Berkeley Linguistic Society**, v. 13, p. 139-157, 1987.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. *In*: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil, vol. 2**. Campinas: Unicamp, 2008. p. 163-365.

JESPERSEN, O. **A modern English grammar on historical principles**. London: Allen & Unwin, 1940.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

MACHADO VIEIRA, M. Perífrases verbo-nominais. **Estudos Linguísticos**, v. 1, p. 409-429, 2010.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, M. H. de M. Estudo das construções com verbo-suporte. *In*: KATO, M. **Gramática do português falado VI: desenvolvimentos**. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP, 1996. p. 119-54.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa Revista de Linguística**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-260, 2016.

PEREK, F. **Argument structure in usage-based construction grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

SARDINHA, T. B. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

SILVA, J. R. **O grau em perspectiva**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, J. R.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Transitividade e variação construcional. **Revista Odisseia**, v. 7, p. 43-65, 2022. Disponível em: <http://https://periodicos.ufrn.br/odisseia/index>. Acesso em: 20 abr. 2022.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Emergência e convencionalização da construção $V_{\text{LEVE(DAR, FAZER)}} + \text{SN}$. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 136-160, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 24/09/2022.

DEU TUDO CERTO: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DAS MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA [DAR AA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Raissa Romeiro CUMÁN¹
Priscilla Mouta MARQUES²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3442>

Resumo: Este trabalho tem como principal objetivo realizar uma análise diacrônica das microconstruções do subesquema [dar AA], a saber: [dar certo], [dar errado], [dar ruim] e [dar bom], que se encontram construcionalizadas no português brasileiro atual, buscando identificar, através da análise de dados em *corpus* histórico, contextos que possam ter licenciado o surgimento destas construções. Fundamentamo-nos no aporte teórico metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso e no entendimento de que a língua é formada por uma rede de construções, sendo estas pareamentos de forma/sentido. Também visamos depreender os possíveis *links* entre essas tais microconstruções e a rede dos adjetivos adverbiais e dos verbos leves. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, analisamos dados do século XIII ao século XXI que nos permitiram identificar construções como [dar por certo] e [dar como certo] que podem ter proporcionado o surgimento dessas construções. Acreditamos que esse trabalho seja de grande contribuição para o entendimento dessas microconstruções tão produtivas no português brasileiro atual, além de oferecer contribuições para o mapeamento da rede dos adjetivos adverbiais e a rede dos verbos leves.

Palavras-chaves: [dar certo]. Linguística Funcional Centrada no Uso. Análise Diacrônica. Construções. Adjetivos Adverbiais. Verbos Leves.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; raissacuman@letras.ufrj.br; <https://orcid.org/0000-0003-0223-6773>

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; priscillamouta@letras.ufrj.br; <https://orcid.org/0000-0003-2301-7852>

- | Deu tudo certo: uma análise diacrônica das microconstruções do subesquema [dar AA] no português brasileiro

'DEU TUDO CERTO': A DIACHRONIC ANALYSIS OF THE MICROCONSTRUCTIONS FROM THE SUBESQUEME [DAR AA] IN BRAZILIAN PORTUGUESE.

Abstract: The main objective of this work is to carry out a diachronic analysis of the microconstructions from the subscheme [dar AA], namely: [dar certo], [dar errado], [dar ruim] e [dar bom] that are constructionalized in current Brazilian Portuguese, and seek to identify, through the analysis of data in historical corpus, contexts that may have licensed the emergence of these constructions. We are based on the theoretical and methodological contribution of Usage-Based Linguistics and on the understanding that language is formed by a network of constructions, these being pairings of form/meaning. Furthermore, we aim to infer the possible links between these microconstructions and the networks of adverbial adjectives and light verbs. During the development of this research, we analyzed data from the 13th to the 21st century that allowed us to identify constructions like [dar por certo] and [dar como certo] that may have allowed the emergence of these constructions. We believe this work is of great contribution to the understanding of this very productive microconstruction in current Brazilian Portuguese, in addition to offering contributions to the mapping of the network of adverbial adjectives and the network of light verbs.

Keywords: [dar certo]. Usage Based Linguistics. Diachronic Analyses. Constructions. Adverbial Adjectives. Light Verbs.

Introdução

Este artigo pauta-se em uma análise diacrônica de algumas microconstruções do subesquema [dar AA], a saber: [dar certo], [dar errado], [dar ruim] e [dar bom], que se encontram construcionalizadas no português brasileiro atual. Em tal análise, buscamos depreender os micropassos de mudança pelos quais a construção de base (que seria, por hipótese, a construção [dar certo]) passou ao longo do tempo e o conseqüente licenciamento das demais construções aqui arroladas. Ademais, procuramos identificar os *links* estabelecidos entre essas construções e construções com o verbo leve *dar*, dadas as peculiaridades que este verbo apresenta, assim como os *links* estabelecidos entre essas microconstruções e a rede dos Adjetivos Adverbiais.

Apresentamos abaixo cinco construtos das microconstruções supracitadas, em sincronia atual, que possibilitam que depreendamos o caráter não composicional por elas apresentado e o indicativo de seu cunho polissêmico, visto que, a depender do contexto, embora construcionalizadas, veiculam sentidos distintos:

- (1) “Aliás, o que me parece é que, durante o período da guerra fria, o pessoal tentava desenvolver meios de espionagem psíquica. Com projetores em laboratórios e tal. E a gente nem sabe se isso **deu certo** ou não. Porque se **deu certo** ninguém vai contar.” (Corpus do Português – Aba Gênero-Histórico – 19Or:Br:Intrv:Web)
- (2) “Eu acho que isso é a conseqüência natural de um trabalho que teve resultado. Quando o público não reage, é porque alguma coisa está **dando errado**. A química entre artista e público é imprescindível.” (Corpus do Português – Aba Gênero-Histórico – 19Or:Br:Intrv:Tar)
- (3) “Já o principal produto da TV brasileira, as novelas, parecem enfrentar uma nova crise. Mesmo com as tentativas de oxigenar o gênero, boa parte delas “**deu ruim**”, na linguagem popular. Só personagens carismáticos, em especial as vilãs, ajudaram a manter de pé o folhetim nosso de cada dia.” (Corpus do Português – Aba NOW – 18-12-15 BR Notícias da T)
- (4) “O meu salário depende da movimentação dos clientes. Tem meses que **dá bom**, outros um pouco pior, mas a média é uns R\$ 700 a R\$ 800. Já cheguei a tirar mais de R\$ 1 mil, isso nos meses de junho, quando a tradição de comer amendoim é maior por causa das festas juninas” (Corpus do Português – Aba NOW – 17-04-08 BR Globo.com)

Nos exemplos acima, podemos identificar as microconstruções em construtos datados dos séculos XX, [dar certo] e [dar errado], e XXI, [dar ruim] e [dar bom]. Com exceção do último dado (exemplo (4)), em que o sentido da construção [dar bom] neste contexto é *ser suficiente*, nos demais casos as construções em baila apresentam o sentido de ‘ter êxito’ ou ‘não ter êxito’.

Além da hipótese de que a microconstrução [dar certo] teria surgido no português brasileiro a partir de *links* entre esta construção, as construções com o verbo leve³ ‘dar’ e as construções com adjetivos adverbiais⁴, aventamos que construções encontradas em sincronias anteriores, como [dar por certo] e [dar como certo], também teriam contribuído para o surgimento de tal microconstrução na língua. Defendemos que construções que se assemelham em forma ou significado podem influenciar outras construções na rede

3 Chamamos de verbo leve, ou verbo suporte, uma forma verbal que é usada com uma forma não verbal desprovido o verbo do seu sentido original, no caso aqui mencionado, o sentido de transferência de posse, e formando com esse novo item um predicador complexo (VIEIRA, 2018).

4 Chamamos de adjetivos adverbiais aqueles adjetivos que assumem função adverbial, demonstrando a existência de uma flutuação entre as categorias de adjetivo e advérbio.

- | Deu tudo certo: uma análise diacrônica das microconstruções do subesquema [dar AA] no português brasileiro

linguística e proporcionar o surgimento de novos nós. Tendo a microconstrução [dar certo] surgido na rede, essa proporcionou, a partir de um processo de analogia, o surgimento das demais microconstruções sob investigação ([dar errado], [dar ruim] e [dar bom]).

Apoiamo-nos para o desenvolvimento de nosso estudo no aporte teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que defende que a língua é composta por uma rede de construções e estas, por sua vez, são pareamentos de forma e significado. Os dados por nós analisados quali-quantitativamente foram extraídos de dois *subcorpora* disponibilizados na plataforma *Corpus do Português*: a aba Gênero/Histórico, um *corpus on-line* que compila textos de diferentes domínios discursivos/gêneros textuais em diversas sincronias, e a aba NOW, que compila notícias da *web* de 2012 a 2019.

Posto isso, nosso artigo se organiza da seguinte maneira. Após esta introdução, abordaremos a fundamentação teórica na qual nos embasamos para o desenvolvimento do estudo aqui recortado. Na sequência, apresentamos nossa análise de dados, com os primeiros construtos encontrados de cada microconstrução e desenvolvemos uma proposta de rede construcional que ilustra os *links* por nós hipotetizados. Finalmente, apresentamos as considerações finais e as contribuições deste trabalho para os estudos desenvolvidos sob a égide dos Modelos Baseados no Uso.

Fundamentação teórica

A Linguística Funcional Centrada no Uso abrange os pressupostos da Linguística Funcional Clássica⁵ e o modelo de gramática defendido pela Gramática de Construções (aqui também referida como GC; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001). Essa fusão fundamenta-se no fato de que a estrutura da língua emerge a partir do uso (KEMMER; BARLOW, 2000; BYBEE, 2010, 2011) e é processada e conceptualizada a partir de processos cognitivos de domínio geral, efetivando-se como um fenômeno sociocultural. O principal objetivo dessa abordagem teórica é analisar e descrever os fenômenos linguísticos com base em suas funções (formais/semânticas/cognitivas/discursivas/pragmáticas) em diferentes contextos de uso da língua em uma abordagem pancrônica, ou seja, uma abordagem que engloba sincronia e diacronia (BYBEE, 2010).

Segundo a LFCU, a gramática de uma língua é composta tanto de padrões regulares no nível dos sons das palavras e unidades maiores, como os sintagmas e as orações,

⁵ Para esse trabalho, chamamos de Linguística Funcional Clássica os estudos desenvolvidos pela Linguística Funcional Norte-Americana, sendo Talmy Givón, Sandra Thompson e Paul Hopper alguns de seus representantes.

quanto de formas emergentes, em decorrência de fatores comunicativos e cognitivos da língua que atuam de forma integrada (TRAUGOTT, 2004). Principalmente no que tange à Gramática de Construções, esses padrões regulares e unidades são conceptualizados como *construções*, isto é, como pareamentos de forma (propriedades fonológicas, morfossintáticas e prosódicas) e significado/sentido/função (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). A GC, então, é um modelo que descreve a língua através de unidades simbólicas que se relacionam entre si, formando uma rede taxonômica que, por sua vez, consiste no conhecimento subjacente do falante (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001).

Diessel (2019) propõe um modelo que combina os dois principais aspectos dos modelos construcionistas baseados no uso em uma única proposta. Esses dois aspectos são: (i) a arquitetura do sistema linguístico, ou seja, a rede taxonômica; (ii) os processos cognitivos de domínio geral.

Diessel (*op. cit.*, P. 23) defende que o uso da língua envolve “um processo de tomada de decisões influenciado por fatores cognitivos gerais de três áreas distintas: cognição social, conceptualização e memória”. Esses fatores estão sempre em competição e fazem com que o usuário da língua “escolha” determinada construção em detrimento de outra. Considerando que essas escolhas se tornam automatizadas, as três áreas (cognição social, conceptualização e memória) têm efeitos de longo prazo no desenvolvimento da linguagem, tanto no processo de aquisição quanto na história da língua.

Para além dos processos citados, é importante também olhar para a arquitetura da rede linguística. É de conhecimento geral nos estudos baseados no uso que a língua é um conjunto de unidades lexicais⁶ e esquemas associados uns aos outros em uma rede taxonômica. Para além dos *links* taxonômicos, Diessel (2019) propõe que essa rede também é composta por outros dois *links* distintos, os *links* simbólicos, que ligam forma e significado de uma construção, e os *links* sequenciais, que conectam elementos linguísticos em sequências.

Ademais, objetivando entender essa rede em seus níveis mais altos, o autor estabelece mais três tipos de *links* ou relações, agora pensando na relação entre lexemas e construções⁷. São eles: *links* lexicais, que conectam lexemas semelhantes em forma e/ou significado assim como lexemas que contrastam; *links* construcionais, que conectam

6 A distinção entre construções e lexemas não é um consenso entre os principais estudiosos da Gramática de Construções Baseada no Uso, mas é utilizada por Diessel em sua obra aqui revisada.

7 Há aqui um debate sobre o conceito de construção. Alguns autores consideram lexemas também como construções. Diessel, por sua vez, separa essas duas categorias.

- | Deu tudo certo: uma análise diacrônica das microconstruções do subesquema [dar AA] no português brasileiro

construções no mesmo nível de abstração; e *links* de preenchimento de *slots*, que conectam construções e/ou lexemas com o *slot* aberto de determinada construção.

Nós podemos observar essa rede e suas relações a partir da categorização que os falantes fazem de novas construções e da abstração que fazemos a partir de sequências lexicais. Esses processos estão constantemente permitindo a mudança nessa rede taxonômica, já que possibilitam a emergência de novos esquemas construcionais a partir de outros já existentes através da extensão ou modificação desses esquemas.

Como mencionado anteriormente, essa rede do conhecimento linguístico, para além da relação taxonômica, também se relaciona de forma horizontal (construções no mesmo nível de abstração na rede) com outras construções com semântica ou formas similares. Por isso, essa proposta se tornou essencial para o entendimento dos fenômenos que envolvem o processo de mudança das microconstruções aqui estudadas. Postulamos, como já mencionado previamente, que a microconstrução [dar certo] se relaciona tanto com a rede de modificação verbal com adjetivo adverbial ([V AA]) quanto com a rede dos verbos leves⁸. Falaremos mais sobre isso no decorrer do artigo; entretanto, já salientamos aqui semelhanças observadas: tanto a construção [DAR AA] quanto outras construções de modificação verbal com adjetivo adverbial são formadas por um verbo mais um adjetivo, que, no caso das construções não lexicalizadas, é o elemento modificador; o verbo 'dar', nas microconstruções aqui analisadas, perde sua semântica de transferência de posse e passa a apresentar semelhanças com outras construções com o verbo 'dar'_{leve} como 'dar uma olhada' ou 'dar branco'.

Outro conceito de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa é a proposta de *construcionalização* e *mudança construcional* defendida por Traugott e Trousdale (2013, 2021). Tendo em vista que nos baseamos no modelo da Gramática de Construções para o entendimento do conhecimento linguístico, o surgimento de uma nova construção, ou um novo nó na rede, seria resultante de um processo de *construcionalização* (como o caso de [dar certo] de cunho resultativo no PB). O processo de *construcionalização* se dá quando há uma mudança gradual tanto no polo da forma quanto no polo do sentido da construção; já a *mudança construcional* ocorre quando há mudança apenas no polo da forma ou no polo do significado de uma construção já existente na rede, não acarretando, assim, no surgimento de um novo pareamento, de um novo nó.

⁸ Diversos trabalhos utilizam a nomenclatura verbo-leve e verbo-suporte como sinônimas e adotaremos essa mesma abordagem. Entretanto, há autores que diferenciam os dois termos, considerando verbo-suporte um conceito sintático e verbo-leve um conceito semântico (RASSI; BARROS; SANTOS, 2013).

De [dar certo] a [dar bom]: o surgimento de novas construções resultativas

Para este estudo, conforme já exposto, extraímos dados de dois *subcorpora* – a aba *Gênero/Histórico* e a aba *NOW* – ambos disponíveis na plataforma *Corpus do Português*. O primeiro *corpus*, histórico, é composto por textos do século XIII ao século XX do Brasil e de Portugal com 45 milhões de palavras. A partir do século XIX, foram analisadas apenas ocorrências em textos do Brasil considerando que o estudo em questão se refere a microconstruções no PB⁹.

Fizemos uma análise qualitativa e quantitativa dos dados, levando em consideração fatores de ordem estrutural e pragmático-discursiva. Cumán (2022) apresenta todos esses fatores visando depreender, inclusive, possíveis contextos que privilegiam determinada construção em detrimento da outra¹⁰. Entretanto, devido às limitações espaciais, apenas apresentaremos, neste artigo, dados que nos tragam um melhor entendimento do surgimento das construções sob investigação ([dar certo], [dar errado], [dar bom] e [dar ruim]). Sendo assim, o foco da análise aqui apresentada será nos dados diacrônicos.

Primeiro construto encontrado

Uma de nossas hipóteses iniciais era que a microconstrução [dar certo] teria sido a primeira das microconstruções supracitadas a surgir no português brasileiro e teria, através de um processo de analogia, licenciado as demais microconstruções. Abaixo estão os primeiros construtos encontrados em nosso *corpus* de cada microconstrução já construcionalizada:

- (5) “Major, o negócio está muito feio! Limoeiro – deixe correr o marfim. Trabalhe cada um para seu lado que afinal **dá tudo certo**. Chico bento – é verdade. Uma vez que o rapaz saia. Limoeiro – estamos nós dentro.” (Corpus do Português – Aba Gênero Histórico – 18:França:Deputado – 1882)
- (6) “Vai pensando na vida dura que tem levado, na morte do pai. A mãe, D.Eudóxia, lhe chama à realidade, lembrando-lhe que não deve dormir. A senhora é extremamente pessimista, crendo que tudo **vai dar errado**. A filha evita dar muita atenção à mãe, prefere pensar em Noel e chamar o irmão,

⁹Essa decisão foi tomada com base nos estudos de Faraco (2016) que afirma que a Língua Portuguesa só passa a ser hegemônica no Brasil a partir do século XVIII, vindo a ser a primeira língua da maioria da população, dada progressiva unificação territorial que ocorreu pela descoberta do ouro em Minas Gerais.

¹⁰Ver Cumán (2022).

- | Deu tudo certo: uma análise diacrônica das microconstruções do subesquema [dar AA] no português brasileiro

Pedrinho para o trabalho.” (Corpus do Português – Aba Gênero Histórico – 19:Fic:Br:Verissimo:Caminhos 1935)

- (7) “O maior peso que tive foi 169kg há três anos. Daí, bateu pressão alta, diabetes, coração grande. **Deu ruim** total! Minha ficha demorou a cair. Fui internado três vezes.” (Corpus do Português – aba NOW- BR Globo.com – 2013)
- (8) “Alfredo Drewnoski é um dos pioneiros. Começou com 30 mudas e hoje produz 40 toneladas por ano. ‘Esse ano o kiwi **deu bom**, está com o tamanho certo e o açúcar no ponto exato’, diz o agricultor. Outro produtor chega a contratar pelo menos 20 pessoas para ajudar no trabalho, que é manual.” (Corpus do Português Aba NOW – BR Globo.com – 2015)

A tabela abaixo apresenta o número de construtos de cada microconstrução coletados durante nossas análises. Como mencionado anteriormente, o primeiro construto da microconstrução [dar certo] foi encontrado ainda no século XIX. No século XX, parece haver um aumento significativo no uso dessa construção, tendo em vista que foram encontradas 158 ocorrências no *corpus*. Neste mesmo século, também foram encontradas 14 ocorrências da microconstrução [dar errado], demonstrando uma produtividade menor quando comparada com a microconstrução [dar certo]. As demais microconstruções, [dar ruim] e [dar bom], só foram encontradas no século XXI. Curiosamente, a microconstrução [dar ruim] apresentou maior frequência (154 ocorrências) em comparação com a microconstrução [dar bom] (8 ocorrências), que, de acordo com nossos dados, surgiu na língua no mesmo período (ou em período muito próximo).

Tabela 1. Distribuição dos dados das microconstruções em relação ao século em que foram encontradas

	Século XIX	Século XX	Século XXI
[dar certo]	6 ocorrências	246 ocorrências	158 ocorrências
[dar errado]	-	14 ocorrências	60 ocorrências
[dar ruim]	-	-	154 ocorrências
[dar bom]	-	-	8 ocorrências

Fonte: Elaboração própria

Os dados apresentados confirmam nossa hipótese inicial, tendo em vista que a microconstrução [dar certo] foi encontrada ainda no final do século XIX enquanto as demais microconstruções só foram encontradas em sincronias posteriores, sendo [dar errado] encontrada em 1935, primeira metade do século XX, e [dar ruim] e [dar bom] apenas no século XXI, em 2013 e 2015 respectivamente.

O processo de construcionalização

No início desta pesquisa, nosso principal objetivo era determinar os contextos que proporcionaram a mudança e o surgimento da microconstrução [dar certo], levando em consideração que essa teria sido a construção que licenciou as demais. Entretanto, trabalhar com dados de *corpora* históricos é um grande desafio, dadas as condições e edições dos textos de sincronias mais remotas disponíveis e a parca ocorrência de dados que possibilitem nossa análise. Labov (1994, p. 11) afirma que a Linguística Histórica é a “arte de fazer bom uso de dados ruins”; neste estudo, dados os diversos desafios, nos aventuramos na arte de fazer esse bom uso dos dados que tínhamos em mãos.

Durante nossa coleta, identificamos duas construções que antecedem a microconstrução [dar certo] já construcionalizada e que têm, além do verbo *dar* em proximidade com o adjetivo *certo*, um sentido próximo ao sentido resultativo assumido pela microconstrução analisada em sincronias atuais. Vejamos os exemplos:

- (9) “Mas nestas primeiras visitas, assim lhe acabou de entregar, que nem ouvi-lo falar foi necessário para **dar por certo** tudo quanto falasse. Tanto foi mais o que nele descobriu pondo-lhe os olhos, que tudo o que imaginava e esperava do muito que se dizia” (Corpus do Português – Aba Gênero Histórico – 15:Lucena:SFXavier)
- (10) “As auras continuavam a soprar favoráveis a Maurício nos mares insidiosos da corte. A baronesa **dava quase como certo** o próximo despacho dele para adido a uma embaixada de Viena ou de Berlim. Maurício relacionara-se intimamente com os primeiros personagens da situação política dominante, que se interessavam por ele.” (Corpus do Português – Aba Gênero Histórico – 18:Dinis:Fidalgos)

O exemplo (9) apresenta um construto da microconstrução [dar por certo] encontrado no século XV enquanto o exemplo (10) apresenta a microconstrução [dar como certo] em um construto encontrado no início do século XIX. Ambas as construções possuem uma semântica que nos aproxima do sentido resultativo observado nas microconstruções do subesquema [DAR AA], já que preveem o resultado de uma ação futura, trazendo ao ouvinte a percepção de que algo terá êxito no futuro (Cumán, 2022).

Ademais, possuem um significado menos composicional, formando um *chunk*. Nas construções [dar por certo] e [dar como certo], assim como nas construções que estamos aqui analisando, não é possível depreender o significado de cada parte individualmente. O verbo *dar* já apresenta uma perda de significado e não mais implica em uma transferência

- | Deu tudo certo: uma análise diacrônica das microconstruções do subesquema [dar AA] no português brasileiro

de posse, assim como o adjetivo *certo* não carrega um sentido semelhante a “correto” que poderia carregar em outros contextos. Essas características, além da proximidade sintática do verbo *dar* e do adjetivo *certo*, nos levaram a relacionar tais construções ao surgimento das microconstruções em análise.

Uma outra ocorrência que também poderia ter sido um gatilho para o surgimento de [dar certo] está no exemplo abaixo:

- (11) “E de qual quer destas guisas, pera se fazer boa montaria e mostrar boa soltura, melhor he em passando ferir que nom despois que parar. E per estes avisamentos de saber ferir em veaçõões se pode filhar ensynança como em pellejar se podem **dar** mayores, **mais certo**¹¹ e prestes lançadas. E parece me que he muy booo costume no monte trazer lanças grandes e pesadas, por que, se com tal esta manha bem se percalça, com as leves se acharám muyto mais soltos.” (Corpus do Português – Aba Gênero Histórico – 14:DDuarte:Cavalgar)

O exemplo acima (11), datado do século XV, representa o único construto que encontramos que apresenta uma ambiguidade de sentido, podendo ser entendido como uma construção [V AA] de semântica qualitativa, ou seja, uma construção em que o adjetivo *certo* estaria modificando o verbo *dar* ainda em seu sentido original de transferência de posse. Exemplos como esse, como havíamos mencionado, poderiam ser o gatilho para o processo de construcionalização; entretanto, não foram encontrados construtos suficientes nos *corpora* estudados para que possamos fazer essa afirmação.

Já no que diz respeito aos exemplos (9) e (10), considerando palavras também como construções e pensando no papel que as semelhanças formais desempenham na representação das construções na rede linguística dos falantes, nossa hipótese é de que construções como a mencionada em (9) e encontradas no *corpus* a partir do século XVI possam ter licenciado o surgimento das construções aqui estudadas tendo em vista a proximidade formal entre o verbo *dar* e o adjetivo *certo* e também suas semelhanças semânticas. Para além disso, postulamos que construções com adjetivos adverbiais e construções em que o verbo *dar* se comporta como um verbo leve também desempenharam papel significativo nesse processo de mudança, já que proporcionaram ao falante um *link* na rede em que o verbo ‘dar’ já perdia sua função prototípica de transferência de posse e o adjetivo ‘certo’ já ocorria em estruturas de modificação verbal.

¹¹ Há também uma possível leitura dessa ocorrência em que *certo* seria entendido como um adjetivo em sua função prototípica, não como um adjetivo adverbial, dada a influência dos elementos circundantes (maiores e prestes).

Coelho e Silva (2014), em suas análises da gramaticalização do verbo *dar*, encontraram um aumento nos usos do verbo *dar* como verbo leve no decorrer do século XX, além de um aumento das expressões idiomáticas com esse verbo. Esses dados dão suporte para a nossa hipótese de que a microconstrução [dar certo]_{resultativa} teria um *link* com as microconstruções de verbo suporte, tendo em vista o aumento dos usos do verbo *dar* em outros contextos que não aquele prototípico, como transferência de posse, e os usos da microconstrução [dar certo] que surgiu no final do século XIX e teve um grande aumento de ocorrências no decorrer do século XX. Vejamos a Tabela 2 abaixo:

Tabela 2. Distribuição dos dados da microconstrução [dar certo] por século

	N	%
Século XIX	6	1%
Século XX	246	60%
Século XXI	158	39%
Total:	410	100%

Fonte: Elaboração própria

A tabela acima apresenta os dados encontrados da microconstrução [dar certo] em diferentes sincronias. Foram encontrados apenas 6 dados de [dar certo]_{resultativo} no século XIX, sendo o primeiro, como já mencionado, no final do século (1882). No século XX, foram encontradas 246 ocorrências da microconstrução em diversos gêneros e domínios discursivos, mostrando que a microconstrução não está limitada a um determinado gênero ou modalidade. No século XXI, foram coletadas 158 ocorrências. Apesar do menor número de dados no século XXI, isso não indica uma diminuição no uso da microconstrução. A ferramenta de busca do Corpus do Português nos listou 37.866 ocorrências da sequência *dar certo*, não necessariamente estas sendo construtos da construção sob análise (“[...] também para procurar dar um certo conforto aos voluntários...”). Por questões metodológicas, analisamos os 200 primeiros dados listados por tal ferramenta, dos quais 158 eram construtos de dar certo resultativo; portanto, dados elegíveis para a nossa pesquisa. Dadas as constantes alterações no *subcorpora* NOW, a varredura total deste *corpus* não foi possível. Nas demais sincronias, foram analisados todos os dados que encontramos no *corpus*.

Como já apresentado anteriormente, as demais microconstruções foram encontradas no *corpus* a partir do século XX. [Dar errado] foi a primeira microconstrução licenciada, de acordo com os dados analisados, e as demais microconstruções, [dar ruim] e [dar bom], apenas surgiram no início do século XXI, sendo microconstruções mais recentes na língua. Hipotetizamos que a alta frequência da microconstrução [dar

- | Deu tudo certo: uma análise diacrônica das microconstruções do subesquema [dar AA] no português brasileiro

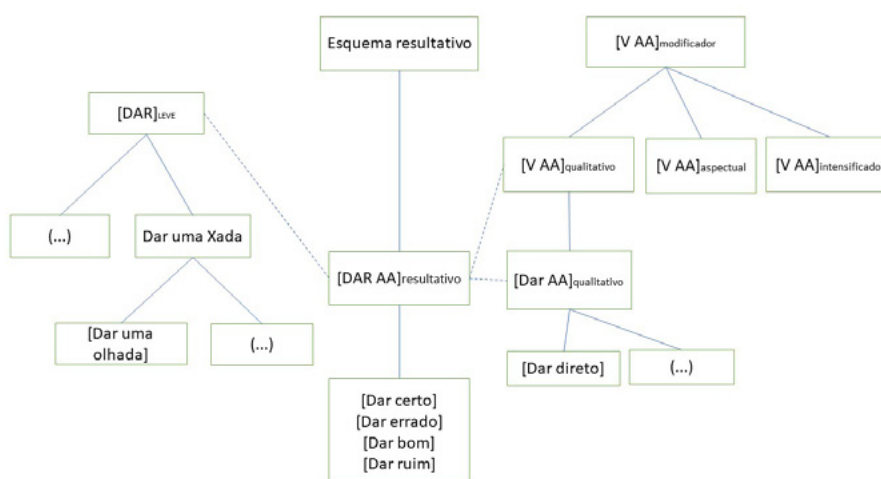
certo] tenha proporcionado o licenciamento dessas microconstruções. Tendo em vista que [dar certo] e [dar errado] são construções frequentes no PB atual, ocorrendo em diversos contextos de uso e domínios discursivos, o falante faz uso de novas formas para veicular novos sentidos. Sendo assim, [dar bom] e [dar ruim] configuram construções mais marcadas e possuem algumas restrições contextuais. Os usos de [dar bom] e [dar ruim] parecem ser preferidos em situações em que há sujeitos menos agentivos e em que esses se referem a uma situação, com uma semântica resumitiva (como no exemplo abaixo) e há também uma maior limitação para a presença de elementos intervenientes nessas microconstruções (CUMÁN, 2022).

- (12) “Boa lição pra turma da esquerda que apostou alto na detonação do PT pra tentar descolar um espacinho, maior. Deu ruim. Apoiar a destruição do país para tentar crescer, politicamente, não foi boa ideia.” (17-06-25 BR Jornal GGN – Corpus do Português Aba NOW)

[DAR AA]: Uma proposta de rede

No que diz respeito aos contextos que proporcionaram o licenciamento dessas microconstruções e os *links* entre a rede [DAR AA]_{resultativa} e outros nós na rede linguística, postulamos que exemplos como os apresentados em (9) e (10) possam ter proporcionado esse licenciamento, assim como uma ligação com a rede da construção de modificação verbal com adjetivo adverbial e dos verbos leves que podem ter influenciado o surgimento de tal construção. A figura abaixo (1) ilustra a nossa hipótese.

Figura 1. Ilustração da rede [DAR AA]_{resultativa} e seus possíveis *links*



Fonte: Elaboração própria

A rede apresentada acima ilustra os *links* por nós hipotetizados. A possibilidade de usar adjetivos como modificadores verbais na língua portuguesa, além do uso do verbo 'dar' como um verbo leve, ou seja, um verbo que é usado com um elemento não verbal, normalmente um substantivo ou um adjetivo, perdendo assim sua função primária, teriam possibilitado o surgimento da microconstrução [dar certo]. Esta, por sua vez, teria licenciado o surgimento das demais microconstruções aqui estudadas, a saber: [dar errado], [dar ruim] e [dar bom], compostas por adjetivos que pertencem ao mesmo campo semântico de *certo*.

Ademais, algumas ocorrências por nós selecionadas, como os exemplos (9) e (10), em que encontramos as construções [dar por certo] e [dar como certo], poderiam também ter licenciado esse surgimento, dada a semelhança de forma com a construção [dar certo] e o sentido resultativo por elas apresentado. Relembramos, assim, que Diessel (2019), em sua proposta de rede aninhada, propõe que a rede linguística, para além das relações taxonômicas, também apresenta relações horizontais, ou seja, relações entre construções no mesmo nível de abstração na rede, e essas construções afetam outras construções com semântica ou formas similares.

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo apresentar alguns dos principais resultados obtidos na análise diacrônica das microconstruções do subesquema [DAR AA], a saber: [dar certo], [dar errado], [dar ruim] e [dar bom], no português brasileiro.

Através de uma coleta de dados em dois *subcorpora*, um que nos possibilitou analisar dados históricos e outro que nos proporcionou dados da sincronia atual, realizamos uma análise qualitativa e quantitativa das microconstruções e desenvolvemos uma proposta de rede que nos permite depreender os *links* entre essas construções e outras construções da rede que possam ter proporcionado o licenciamento dessas microconstruções – *links* esses que merecem um estudo mais aprofundado e detalhado.

Nossas análises nos permitiram um melhor entendimento dessas microconstruções, assim como uma clara linha do tempo para o surgimento das novas construções do subesquema [DAR AA], tendo a construção originária [dar certo] surgido no século XIX, seguida de [dar errado] no século XX e as demais, [dar ruim] e [dar bom], no século XXI. Também apresentamos a defesa de que construções que antecederam as construções aqui estudadas, [dar por certo] e [dar como certo], podem estar relacionadas ao surgimento destas.

- | Deu tudo certo: uma análise diacrônica das microconstruções do subesquema [dar AA] no português brasileiro

Em trabalhos futuros, objetivamos ampliar o escopo da nossa pesquisa e estudar outras microconstruções com verbos e adjetivos adverbiais [V AA] que também estejam construcionalizadas no português brasileiro, como *dar mole*, *falar alto*, *pagar caro*, *pegar pesado*, e tentar depreender os *links* entre essas microconstruções e as microconstruções aqui estudadas, bem como melhor explorar os *links* entre tais microconstruções e a rede da construção de modificação verbal com adjetivo adverbial (e, nos casos em que se aplica, a rede dos verbos leves).

Referências

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

COELHO, S. M.; SILVA, S. E. DE P. O *continuum* de gramaticalização do verbo DAR: de predador a auxiliar. **Scripta**, v. 18, n. 34, p. 23-40, 18 jul. 2014.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUMÁN, R. **“Vai Dar Bom!”: uma análise diacrônica de algumas construções do subesquema [DAR AA] no português brasileiro**. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

DIESEL, H. **The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FARACO, C. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction: a usage-based conception of language. *In*: BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). **Usage-based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. vii-xxviii.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**, vol. 1: Internal Factors. Blackwell Publishers: Cambridge, MA/Oxford; 1994.

RASSI, A.; BARROS, C.; SANTOS, M. Correlações sintático-semânticas entre as construções com os verbos-suporte 'dar', 'ter' e 'fazer'. *In*: LAPORTE, E.; SMARSARO, A.; VALE, O. A. (org.). **Dialogar é preciso: linguística para o processamento de línguas**. Vitória: PPGEL/UFES, 2013.

VIEIRA, M. Predicar com construção com verbo suporte. *In*: VIEIRA, M. **Uma história de investigações sobre a Língua Portuguesa: homenagem a Silvia Brandão**. Rio de Janeiro: Blucher, 2018. p. 91- 112.

TRAUGOTT, E. C. Exaptation and grammaticalization. *In*: AKIMOTO, M. (ed.). **Linguistic studies based on corpora**. Tokyo: Hituzi Syobo Publishing, 2004. p. 133-156.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Rethinking constructionalization**: The history of by the way. Paper presented at ISLE6, Joensuu, June. 2021.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: CUMÁN, Raissa Romeiro; MARQUES, Priscilla Mouta. Deu tudo certo: uma análise diacrônica das microconstruções do subesquema [dar AA] no português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 161-175, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 25/11/2022.

GENTE COMO A GENTE: UMA ANÁLISE BASEADA NO USO DA FORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO [A GENTE]

Bruna das Graças SOARES¹

Maria Maura CEZARIO²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3445>

Resumo: O objetivo do trabalho é explicar a formação histórica da construção pronominal [a gente] com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). A hipótese é a de que há uma construção abstrata [(X) N_{COLET SG} (Y)], que licencia subesquemas, como [(X) gente (Y)], [(X) povo (Y)] e [(X) mundo (Y)], que podem recrutar “a gente” (artigo + substantivo), como “toda gente”, “muita gente”; “o povo”, “todo o povo”; “o mundo” e “todo mundo”. Para isso, utiliza-se o modelo de mudança linguística denominado Construcionalização/ Mudanças Construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2015). Estabelece-se uma análise quali-quantitativa dos dados coletados em cartas escritas do século XVI ao XX, a partir de fatores sintático e semântico-pragmático, como esquematicidade e informatividade, respectivamente. Verificou-se que, dentre os itens que poderiam preencher o slot N_{COLET SG} da construção [(X) N_{COLET SG} (Y)], os escreventes preferiram, por razões sintáticas e semântico-pragmáticas, usar a forma *gente*. Assim, podemos dizer que os pressupostos teóricos e metodológicos da LFCU explicam com propriedade a formação da construção pronominal a partir de um esquema que incluía nomes no coletivo.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Construcionalização. Esquematicidade. Informatividade.

1 Colégio Militar do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; brunasoaresufrj@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-9226-5852>

2 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; mmcezario@letras.ufrj.br; <https://orcid.org/0000-0002-1724-762X>

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

GENTE COMO A GENTE: A USAGE-BASED ANALYSIS OF THE FORMATION OF THE CONSTRUCTION [A GENTE]

Abstract: This work aims to explain the historical formation of the pronominal construction [a gente] based on the Used-Based Linguistics. The hypothesis is that there is an abstract construction [(X) N_{COLET SG} (Y)], which licenses subschemes, such as [(X) gente (Y)], [(X) povo (Y)] and [(X) mundo (Y)], which can recruit “a gente” (article + noun), such as “toda gente”, “muita gente”; “o povo”, “todo o povo”; “o mundo” e “todo mundo”. It uses a linguistic change model called Constructionalization/Constructional Changes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2015). We have used a qualitative-quantitative analysis of the data collected in written letters from the 16th to the 20th century, based on syntactic and semantic-pragmatic factors, such as schematicity and informativeness. We verified that, among the items that could fill the N_{COLET SG} slot of the construction [(X) N_{COLET SG} (Y)], the writers preferred, for syntactic and semantic-pragmatic reasons, to use *gente*. Thus, we can say that the theoretical and methodological assumptions of the Used-Based Linguistics properly explain the formation of the pronominal construction from a scheme that included collective nouns.

Keywords: Used-Based Linguistics. Constructionalization. Schematicity. Informativeness.

Introdução

O objetivo principal deste artigo é explicar a formação da construção [a gente], sob a perspectiva do estudo da mudança construcional e da construcionalização (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A hipótese é a de que há uma construção abstrata [(X)N_{COLETSG}(Y)], que licencia subsquemas, como [(X)gente(Y)], [(X)povo(Y)] e [(X)mundo(Y)], que podem recrutar tanto “a gente” (artigo + substantivo), como “toda gente”, “muita gente”; “o povo”, “todo o povo”; “o mundo” e “todo mundo”. Na construção, N é um nome coletivo no singular, X pode ser um artigo, um pronome possessivo ou demonstrativo etc., e Y pode ser um adjetivo ou um adjunto adnominal (cf. SOARES, 2018).

Vale destacar que este trabalho é sobre [a gente] – doravante chamada microconstrução [a gente] – e que, embora o esquema [(X) N_{COLET SG} (Y)] tivesse licenciado vários usos, como aqueles supracitados, apenas um deles se desgarrou e passou para outro nó, o dos pronomes pessoais. A esse tipo de mudança chamamos de construcionalização³ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

³ Cf. nossa próxima seção.

A pesquisa tem como objetivos: (i) investigar, a partir do século XVI, a origem da microconstrução [a gente], observando que mudanças construcionais ocorreram para formar novo nó e como se deu a mudança de “a gente” nominal para outro nó na rede, o dos pronomes; (ii) verificar o grau de esquematicidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) da construção [(X) N_{COLETSG} (Y)], visto que apresenta partes que podem ser preenchidas (os *slots*) pelos falantes, a fim de saber o porquê de “a gente” (artigo + substantivo) e não outras formas com [(X) gente (Y)], como “muita gente”, “aquela gente” etc., ou com semântica semelhante, como “o povo”, “todo mundo” etc., se tornaram uma nova construção; e (iii) analisar os usos semântico-discursivos das construções [a gente], [o povo] e [o mundo] com relação à estrutura informacional em que estão inseridas, atentando para o *status* informacional (novo, velho e inferível), conforme a classificação de Chafe (1976) e Prince (1981).

Para cada objetivo, relacionam-se as seguintes hipóteses:

(a) deve haver uma construção abstrata [(X) N_{COLETSG} (Y)], que licencia os subesquemas [(X) gente (Y)], [(X) povo (Y)], [(X) mundo (Y)], dentre outros. Tais subesquemas licenciam usos como “a gente”, “muita gente”, “o povo”, “todo o mundo” etc. Para Goldberg (1995, 2006), os falantes não têm apenas conhecimento do item específico de determinadas expressões, mas há também conhecimento esquemático e genérico. Ademais, deve haver um esquema linguístico mais abstrato, percebido inconscientemente pelos falantes, que licencia muitas microconstruções por estarem intimamente relacionadas numa rede construcional. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização pode envolver uma sucessão de micropassos, que precedem a criação de um novo nó. Dessa forma, mudanças construcionais graduais podem ter ocasionado o surgimento do pronome [a gente], levando-o a ocupar outro nó na rede.

(b) Possivelmente, o padrão [(X) gente (Y)] permitia a presença de modificadores do núcleo do sintagma nominal apenas quando a estrutura era ainda composicional, isto é, com sentido de coletivo de pessoas (“a gente da terra”; “a gente mui fraca”; “a gente nobre”). A partir do momento em que começou a haver vestígios de uma construcionalização, a construção passou a não aceitar o modificador do núcleo nominal. Assim, os adjetivos, pronomes possessivos e sintagmas preposicionais modificam o núcleo do sintagma nominal quando [(X) gente (Y)] é ainda composicional, mas, ao se construcionalizar, passa a não aceitar elementos na posição de modificador de núcleo nominal. Isso reflete um dos micropassos da mudança que levou à construcionalização [a gente] pronominal.

(c) O SN “A gente” teria uma frequência maior como referente velho ou inferível do que as outras formas (“o povo” e “o mundo”). Sabe-se que os pronomes, especialmente

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

os pessoais, são palavras que fazem “referência no uso, ora retomando determinadas passagens do mesmo texto, ora apontando para elementos ou traços específicos da situação de fala” (cf. MOURA NEVES, 2011). Assim, os pronomes podem possuir caráter anafórico ou dêitico. Nossa pesquisa demonstra que [a gente] pronominal pode ter se desenvolvido a partir de *links* com os traços anafóricos e dêiticos dos pronomes.

A comparação com outros SN coletivos deveu-se a uma necessidade de se estudar a língua como rede de construções, bem como de verificarmos o que havia em comum e o que era diferente no momento em que “a gente” ainda não era pronome.

Este artigo apresenta as seguintes seções, além da Introdução: uma seção em que apresentamos os pressupostos teóricos utilizados para darmos conta do surgimento da forma pronominal [a gente] a partir de uma visão construcional; outra que explica os procedimentos metodológicos da pesquisa, juntamente com a análise da formação de [a gente]; e, por fim, as considerações finais desse trabalho.

A Linguística Funcional Centrada no Uso

Esse trabalho é norteado pela abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso por conceber o sistema linguístico do falante como sendo baseado especialmente no uso e por se aproximar de pesquisas vinculadas às ciências cognitivas. Entendemos, com isso, que a língua é formada e modificada pela experiência e, portanto, pela frequência de ocorrências (cf. BARLOW; KEMMER, 2000). A abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso integra conhecimentos da Linguística Funcionalista Norte-Americana (cf. GIVÓN, 1995; HOPPER, 1979; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; HEINE, 2003) e conhecimentos da Linguística Cognitiva, sobretudo do modelo da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006).

Segundo Bybee (2010), a repetição é muito relevante na formação de elementos gramaticais, pois a frequência faz com que as palavras e os morfemas sejam colocados lado a lado no contexto, usados repetidamente no discurso e processados automaticamente como um único referente. A forma “a gente”, por exemplo, é oriunda da frequência de uso do artigo “a” juntamente com o substantivo “gente” em determinados contextos comunicativos. Desse modo, após serem usados recorrentemente, o artigo “a” + o nome “gente” passaram a ser acessados pelo falante como um todo, ou seja, como uma única unidade cognitiva. A essa habilidade cognitiva geral a autora denominou *chunking*.

A gramática de uma língua é formada por construções linguísticas, concebidas como pareamentos de forma e função conectadas em rede (cf. GOLDBERG, 1995, 2006;

CROFT, 2001; DIESSEL, 2019; HILPERT, 2021). Traugott e Trousdale (2013) postulam que há dois tipos de mudanças: as mudanças construcionais, que afetam ou o plano da forma ou o plano do conteúdo; e construcionalização, que ocorre quando há mudança nos dois planos, levando à formação de uma nova construção.

Com relação ao nosso fenômeno, antes da construcionalização, os elementos *a* e *gente* designavam duas diferentes categorias com papéis distintos: um artigo e um substantivo. Com a frequência de ocorrência dessa estrutura na língua, criou-se um padrão de uso (*type*) que é reforçado cada vez que essa forma é utilizada (*token*). Sendo assim, ao ouvir esses elementos juntos, o ouvinte não mais os acessa como dois elementos diferentes, mas como um *chunk*.

Neste trabalho, entendemos que a gradiência é responsável pela mudança que levou ao surgimento do pronome [a gente]. Antes da construcionalização, o elemento “*a*” concorria com os pronomes “aquela” (aquela gente), “toda” (toda gente), “minha” (minha gente), porém, após passar pelo processo de mudança, o uso com *a* se fixou, levando à perda do seu valor de artigo.

Na construcionalização, qualquer tipo de mudança linguística pode ser estudado, mas o foco recai na formação de construções da língua. Diferentemente da gramaticalização clássica, esse modelo abarca aspectos que não eram considerados anteriormente, como a formação de construções esquemáticas, a concepção de gramática como sendo uma rede com nós conectados de modo hierárquico⁴ e aquelas mudanças que ocorriam com a construção, mas que não levavam a uma mudança categorial mais gramatical (mudanças somente na semântica ou somente na fonética, por exemplo).

Trabalhos que utilizaram o modelo da gramaticalização, como os de Lopes (1999, 2003, 2004), foram fundamentais para a realização da pesquisa que aqui se apresenta, servindo de base para o estabelecimento de fatores de análise para compreensão do que mudou na forma e no conteúdo para se chegar à forma pronominal. Entretanto, a presente pesquisa traz contribuições novas, pois demonstra como ocorreu a formação da construção a partir de uma construção mais abstrata e como ocorreu a mudança de nó e afastamento com outros usos da construção mais abstrata. Para isso, foi feita uma análise da esquematicidade e da informatividade dos usos.

4 A rede linguística é formada por construções mais abstratas que foram formadas a partir de usos concretos. Cada elemento da rede é um nó que se liga a outros nós. Assim todos os elementos da gramática estão conectados. As conexões ou *links* podem ser formais ou funcionais.

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

Vale ressaltar que o modelo de construcionalização e mudança construcional, apresentado por Traugott e Trousdale (2013) e adotado aqui, traz em si pressupostos fundamentais da Gramática de Construções com aplicação no estudo histórico e o funcionalismo norte-americano, sobretudo nos resultados de trabalhos sobre gramaticalização.

Procedimentos metodológicos e análise da formação de [a gente]

Objetivamos realizar um estudo da construção abstrata dos coletivos de pessoas [(X) N_{COLET SG} (Y)], que pode licenciar “aquela gente”, “toda a gente”, “o povo”, “todo o povo”, “o mundo”, “todo mundo”, dentre outras. Foi realizada uma análise qualitativa e quantitativa dessas construções em amostras de língua escrita do século XVI ao XX, cujo gênero discursivo é composto por cartas jesuíticas, oficiais, pessoais e também sermões. Os textos analisados e número de dados encontrados estão na tabela (1):

Tabela 1. *Corpus* e dados coletados

Séculos	Textos	[(X) gente (Y)] N. de dados	[(X) povo (Y)] N. de dados	[(X) mundo (Y)] N. de dados	Total
XVI	<i>Cartas do Padre José de Anchieta e cartas do Padre Manuel da Nóbrega.</i>	259 80%	50 15,5	14 4,4	323 100%
XVII	<i>Cartas e sermões do Padre António Vieira</i>	94 62,3	37 24,5%	20 13,3	151 100%
XVIII	Documentos, cartas oficiais da Administração Pública do RJ, SP e BA, cartas oficiais da Administração Privada do RJ, cartas pessoais, dentre outras do PHPB/UFRJ	52 50,5%	43 41,8%	8 8%	103 100%
XIX	Cartas pessoais de António Feijó dirigidas a seu irmão e cartas de Castilho e Camilo	75 39,2	102 53,5	14 7,4	191 100%
XX	Cartas particulares do estado do RJ, cartas de amor da Bahia e cartas de família dos acervos Jaime-Maria e Land Avellar do PHPB/UFRJ	24 86%	2 7,1	2 7,1%	28 100%

Fonte: Elaboração própria

Cabe-nos esclarecer que, neste trabalho, o recorte temporal se deu a partir do século XVI, pois foi neste século que a palavra “homem” deixou de ser usada como pronome indefinido e, segundo Lopes (1999, 2003), houve indícios do início da pronominalização do substantivo “gente”.

Além do fator diacronia, também foram analisados os seguintes parâmetros: esquematicidade: análise do *slot*X; esquematicidade: análise do *slot*Y; papel informacional das construções: referentes novos, velhos e inferíveis. Com esses fatores, espera-se dar conta das perguntas: (a) Como “a gente” passa a pronome e se desgarra da construção da qual nasceu? (b) Por que outras formas não seguiram o mesmo caminho? (c) Quais foram os passos da construcionalização de [a gente]?

Análise dos dados

Esquematicidade: análise do *slot* (X) na construção [(X) N_{COLET SG} (Y)]

Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 13), a esquematicidade constitui uma propriedade de categorização que envolve crucialmente a abstração, ou seja, há esquemas abstratos entre conjuntos de construções que são inconscientemente percebidos pelos falantes, mas que estão intimamente relacionados numa rede construcional. Portanto, uma construção pode ser altamente esquemática, tendo *slots* totalmente abstratos, ser parcialmente esquemática ou ser uma construção substantiva.

Sendo assim, um dos objetivos deste estudo é verificar o grau de esquematicidade da construção [(X) N_{COLET SG} (Y)], com base em Traugott e Trousdale (2013), segundo os quais as construções apresentam partes (*slots*) que podem ou não ser preenchidas pelos falantes. Tal fator é essencial para este trabalho, pois explicaria o porquê de “a gente” (artigo + substantivo) ter sido adotada em detrimento de outras formas [(X) gente (Y)], como “muita gente”, “toda gente” etc., dentre outras com semântica semelhante: “o povo”, “o mundo” etc.

É possível observar o exemplo do uso de “a gente” nominal no século XVI:

- (1) “Na cidade da Guarda achou uma mulher, na qual um demônio incubo tinha grande senhorio e por meio do Padre foi livre. Esta triste era mulher simples; veio-lhe um dia ao pensamento buscar algum escholar, que **a gente** ignorante d’aquella terra cuidava, andava pelas nuvens nas trovoadas, pés de vento e chuviros.” (*Cartas do Brasil*, p. 27, século XVI).

No exemplo supracitado, “a gente” nominal (artigo + substantivo) tem o sentido de coletivo de pessoas, pois diz respeito às “pessoas ignorantes d’aquella terra”.

A tabela (2) abaixo refere-se ao grau de esquematicidade de [(X) gente (Y)], [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)] no século XVI. Vale ressaltar que, neste caso, observamos apenas o *slot* (X) dos subesquemas. Vejamos a seguir:

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

Tabela 2. Análise do *slot* X da construção [(X) N_{COLET SG} (Y)] - Século XVI.

X	GENTE		MUNDO		POVO		TOTAL	
a / o	99	38,2%	3	21,5%	24	48%	126	
as / os	1	0,4%	-	-	1	2%	2	
a mais / o mais	2	0,8%	-	-	-	-	2	
a outra / o outro	4	1,5%	-	-	-	-	4	
algum (s) / alguma(s)	6	2,3%	-	-	1	2%	7	
algum outro / alguma outra	1	0,4%	-	-	-	-	1	
aquela / aquele	6	2,3%	-	-	2	4%	8	
essa / esse	1	0,4%	-	-	-	-	1	
esta(s)/este(s)	16	6,1%	-	-	4	8%	20	
esta / este + adjetivo	2	0,8%	-	-	-	-	2	
muita / muito	32	12,3%	-	-	-	-	32	
outra muita	2	0,8%	-	-	-	-	2	
outra mais	1	0,4%	-	-	-	-	1	
pouca	1	0,4%	-	-	-	-	1	
quase toda a	6	2,3%	-	-	-	-	6	
seu / sua	8	3,1%	-	-	3	6%	11	
tanta / tanto	3	1,2%	-	-	-	-	3	
tanta a / tanto o	2	0,8%	-	-	-	-	2	
toda a / todo o	13	5%	10	71,4%	8	16%	31	
todo	-	-	1	7,1%	-	-	1	
todas as	1	0,4%	-	-	-	-	1	
toda a sua	2	0,8%	-	-	-	-	2	
toda sua	3	1,2%	-	-	-	-	3	
toda a mais / todo o mais	4	1,5%	-	-	1	2%	5	
toda esta / todo este	1	0,4%	-	-	1	2%	2	
todos estes	-	-	-	-	1	2%	1	
toda aquela / todo aquele	2	0,8%	-	-	-	-	2	
uma/ um + adjetivo	1	0,4%	-	-	1	2%	2	
∅	39	15%	-	-	3	6%	42	
TOTAL	259	100%	14	100%	50	100%	323	100%

Fonte: Soares (2018)

A tabela 2 mostra-nos que, de um total de 259 dados de [(X) gente (Y)] observados no século XVI, por exemplo, “a gente”, “esta gente”, “muita gente”, “alguma gente” etc., dos quais nenhum é construcionalizado, a forma “a gente” soma 38,2% do total. Quanto ao padrão [(X) povo (Y)], como “o povo”, “todo o povo”, “este povo” etc., a forma “o povo” contabiliza 48% de um total de 50 dados. Já com relação à [(X) mundo (Y)], foram encontrados apenas 14 dados no total, sendo 10 (71,4%) “todo o mundo”, 3 (21,5%) “o mundo” e 1 (7,1%) “todo mundo”.

A partir dos dados coletados, é possível verificar, ainda, qual dos três substantivos observados foi mais frequente para designar coletivo de pessoas em função do (X) adotado no uso. Dos determinantes mais empregados (a/o, Ø, muita/muito, esta(s)/este(s), toda a/todo o, toda/todo, sua/seu), em 6 deles “gente” é adotado de forma majoritária. Cabe destaque para o uso de “a gente”, que, das construções na forma [(a/o) N_{COLET SG} (Y)]_{COLET} representa 80,2 (259 dados) de um total observado de 323 dados.

Nos dados dos séculos XVI e XVII, encontramos “a gente” apenas com o sentido de coletivo de pessoas, no exemplo (2):

- (2) “Mandou logo o senhor Governador Diogo de Mendonça Furtado dar rebate; ajuntou-se **a gente**, que foram pouco mais ou menos três mil homens [...]”.
(*Cartas do Pe. Antonio Vieira*, p. 13, século XVII).

Nota-se que a forma “a gente” no exemplo acima se refere aos “pouco mais ou menos três mil homens”, isto é, ainda tem o sentido coletivo de pessoas.

No século XVII, de um total de 94 dados de [(X) gente (Y)], 26,7% são “a gente”, 21,4% “Ø gente” e 17,2% “esta(s) gente(s)”. Com relação aos dados de [(X) povo (Y)], encontramos 37 dados, sendo 51,5% “o povo”, 13,4% “os povos” etc. Já em relação aos dados [(X) mundo (Y)], dos 20 coletados, 60% são “o mundo” e 30% “todo o mundo”.⁵ No século XVII, assim como no século XVI, a forma “a gente” ainda não tinha sido construcionalizada e já era a combinação mais frequente dentre as demais. Outrossim, ainda é possível notar a predominância do substantivo “gente” dentre todas as possibilidades de uso listadas.

No século XVIII, por sua vez, pudemos verificar que, de um total de 52 dados com a construção [(X) gente (Y)], 34,7% são “a gente” e 28,9% “Ø gente”.

⁵ Optamos por não apresentar aqui as tabelas referentes a cada século para não ocupar muito espaço, mas em cada século analisamos todos os tipos de elementos que poderiam aparecer no *slot* X, como feito no século XVI e apresentado na tabela (2). Apresentamos todos os resultados relevantes no texto deste artigo.

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

Cabe, aqui, destacar o fato de as possibilidades de uso testemunhadas para o substantivo “gente” como coletivo de pessoas no referido século em função do determinante (X) terem diminuído consideravelmente. As possibilidades de uso, que eram 27 no século XVI, foram reduzindo até chegarem a apenas 11 no século em questão – o que, por si, já sugeriria o início do processo de construcionalização da forma “a gente” – fenômeno que segue através do tempo até culminar em um repertório de somente quatro diferentes possibilidades de uso de “gente” no século XX (quando a forma “a gente” já é efetivamente construção gramatical).

Com relação à [(X) povo (Y)], obtivemos 43 dados, sendo 53,5% “o povo” e 16,4% “os povos”. Entretanto, houve uma redução no número de dados com [(X) mundo (Y)], visto que encontramos apenas 8 dados em todo o *corpus* do século XVIII. Cabe destacar que foram encontrados 5 dados (62,5%) de “o mundo”, sendo os demais assim distribuídos: 12,5% “advérbio” + “mundo”; 12,5% “quase todo o + mundo”; e, por último, 12,5% “todo o + mundo”. Temos que levar em consideração que o tamanho da amostra no século XVIII é bem menor que nos demais.

Já é possível perceber a ascensão da escolha de uso de [(X) povo (Y)], ao passo em que se reduz a recorrência de [(X) gente (Y)], bem como aquilo que poderia ser uma cristalização nas escolhas de uso, ou uma polarização das estruturas, como observado na construção [(as/os) N_{COLET SG} (Y)] que figura somente como “os povos”, mas não como “as gentes” ou “os mundos”, ou no caso da construção [(muita/muito) N_{COLET SG} (Y)] que é realizada somente como “muita gente”, mas nunca como “muito mundo” ou “muito povo”. Estaríamos, aqui, portanto, testemunhando o momento em que as estruturas linguísticas referentes à construção abstrata [(X) N_{COLET SG} (Y)] e todas as suas realizações no uso passaram a obedecer a uma ordem, ainda que intuitiva e inconsciente.

Na amostra do século XVIII, fossem elas oficiais, pessoais ou do comércio, havia dados que apontavam para o surgimento de uma construção “a gente” pronominal, tendo em vista que, de um total de 18 dados, 6 contextos poderiam ser aqueles denominados “críticos” ou “atípicos” (TRAUGOTT, 2015), que dariam início à formação da construção pronominal. Observemos o exemplo (3):

- (3) “[...] E ela me dise falava as mais das noites Com o Moxila de Lourenço Caetano da ginela da camara E ele lhe deu os dois pentes de tataruga q. ela me Emprestando qdo. vim E por Vm. não saber os deu ela a seu Irmão as Escondidas pa. q. lhos dese a ela diente de VM. dizendo q. Ele lhos dava E lhe deu hum lenço de canbraia E lhe deu hum Coarto de ouro q. Ela gastou na nazare qdo. la foi E lhe dava tudo pela ginela E ela he q. me dezenaminhava pa. q. Eu não

fose a Vm. homilde porq. dezia q. qdo. **a gente** se mostrava a Vm. homilde antão Estava Vm. pior [...]”. (*Carta de denúncia*, doc 2050, ano 1730).

No exemplo, a autora relata à sua avó os pormenores do envolvimento amoroso de uma de suas empregadas com um padre. A ama recebia presentes às escondidas, porém não queria que sua patroa soubesse, para que esta não se sentisse mal. No trecho em que emprega a forma “a gente”, é possível perceber seu contexto ambíguo, tendo em vista que a expressão poderia, ao mesmo tempo, tanto incluir a neta quanto a ama ([a gente] – pronome) ou, ainda, abarcar todos aqueles do convívio da senhora (“a gente” – coletivo de pessoas). Sabemos que contextos de ambiguidade são importantes para o estudo da mudança, porque denotam a neoanálise (uma nova interpretação) que pode resultar numa nova construção.

Segundo Lopes (2003), foi a partir do século XVI que a palavra “homem” deixou de ser usada como pronome indefinido. Supostamente, houve um impedimento do processo de gramaticalização desse substantivo com o início da pronominalização do substantivo “gente”.

No português arcaico, a forma a gente não era empregada como pronome. É nesse período que se processa a gramaticalização do substantivo homem (om’ne > omen > ome), que tem seu ciclo de fluxo diacrônico interrompido no século XVI, quando deixa de ser empregado como pronome indefinido no português. (LOPES, 2003, p. 67).

Conforme a autora, “a gente”, ao se pronominalizar, passou a preencher a lacuna deixada pelo ‘homem’ indefinido. Esta lacuna “ficou à espera de uma nova forma” (LOPES, 2003, p. 146). Assim, a autora acredita que a dita lacuna fora preenchida pela forma “a gente” quando esta se pronominalizou. Consoante a isso, conclui que, já no século XVIII, se percebe o início da gramaticalização⁶ de [a gente].

Acrescenta ainda que, ao se pronominalizar, “gente”, que era substantivo no português arcaico, passou a perder a subespecificação de número, isto é, o traço de número formal, que é uma das principais características de um nome. Enquanto no século XIII havia muitas ocorrências com um alto traço de número, nos séculos seguintes, até o XVI, vem ocorrendo uma queda significativa. “A partir desse período, o uso com o traço [-pl] se torna mais e mais frequente. Com isso, Lopes (2003, p. 68) explica que a lacuna

⁶ Neste estudo, entende-se que, no século XVIII, se percebe o início da “construcionalização” de **a gente**.

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

de homem “pronome” no sistema da língua favoreceu a emergência do uso de (a) gente como pronome e que “o avanço da mudança do traço de número de gente (de [αpl] → [φpl]) pode também ter sido o fator que bloqueou o avanço da mudança envolvendo o vocábulo homem”.

Seguido a isso, analisando dados do século XIX, verifica-se que, de um total de 17 dados com “a gente”, 10 já figuravam como [a gente] construcionalizado. Nesses 10 contextos, há evidências de que não se tratavam de contextos críticos ou ambíguos, mas de uma forma pronominal efetivamente construcionalizada. Observemos o exemplo seguinte:

- (4) “Pois Manduca não ha de ir p’ras guerras em quanto esses não irem! he de ficar como flêra dentro de casa! Esses diabos desses estrangeiros querem terra: nós temos tanta, porque não ha de se dar já um pedaço p’ra elles socegarem e **a gente** descansar?” (*Carta de leitor*, n. 474, 1865).

Observando os dados de [(X) gente (Y)] entre os séculos XVI e XIX, identificamos uma redução do número de dados ao longo do tempo. A hipótese da redução do uso de “a gente” (determinante + substantivo), “aquela gente”, “essa gente”, dentre outros com sentido de coletivo de pessoas, é comprovada no presente estudo. Contudo, ainda não é possível afirmar de forma definitiva que o uso da nova forma construcionalizada [a gente] foi aumentando a partir do século XVIII, devido ao reduzido número de dados da construção pronominal nas amostras analisadas.

Diferentemente dos resultados dos séculos anteriores, observamos que, no século XIX, há maior quantidade de dados com a construção [(X) povo (Y)] do que com [(X) gente (Y)], reforçando a hipótese de que, enquanto “a gente” (SN) passou a ter menor frequência de uso, em detrimento de [a gente] (pronome), outras construções coletivas de pessoas, por exemplo, “o povo”, “os povos”, tenderam a ser mais frequentes. Mesmo a amostra dos séculos XVI e XVII tendo sido maior do que nos outros séculos, [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)] tiveram uma frequência menor. No século XIX, de um total de 102 dados [(X) povo (Y)], 52,9% são “o povo”, 10,8% “os povos” e 8,7% “um povo”, dentre outros com percentual extremamente reduzido. Em contrapartida, encontramos 75 dados com o padrão [(X) gente (Y)], sendo 24% “Ø gente”, 22,7% “a gente” e 22,7% “muita gente”. Quanto ao [(X) mundo (Y)], foram encontrados poucos dados se comparados às outras construções; de um total de 14 dados, 42,8% são “todo mundo”, 35,8% “o mundo” e 21,4% “todo o mundo”.

Consoante ao exposto em relação ao século anterior, é possível observar no século XIX a consolidação das escolhas de uso cristalizadas pelo processo de construcionalização iniciado após o século XVII, quando o repertório de determinantes (X) foi reduzindo e

algumas construções foram se firmando como exclusivas de um ou outro determinante. Reafirma-se, aqui, a escolha de uso de “os povos” em detrimento de “as gentes” ou “os mundos”, tal qual o uso “muita gente”, exclusivo para o determinante “muita/muito”.

Já para o século XX, observamos que, dos 24 dados com a construção [(X) gente (Y)], 75,1% são de “a gente”, sendo que, nesta sincronia, todos aparecem na forma construcionalizada, não havendo nenhum dado com “a gente” na forma nominal (artigo + substantivo). Não apenas encontramos poucos dados de [(X) gente (Y)], mas também das formas [(X) povo (Y)] e [(X) mundo (Y)], bem como um repertório extremamente reduzido das possibilidades de uso da construção, variando somente entre os 5 determinantes “a/o”, “muita/muito”, “toda a/todo o”, “toda/todo” e “Ø”. De um total de 24 dados [(X) gente (Y)], 75% são de “a gente” (pronomes) construcionalizada, 8,3% de “muita gente”, 8,3% “toda a gente” e 8,3% “Ø gente”. Somente encontramos 2 dados com o padrão [(X) povo (Y)] e 2 com [(X) mundo (Y)]. Constatamos, com isso, que, com a construcionalização da forma “a gente”, esta passou a ser usada com frequência.

Cabe ressaltar a expressiva redução no quantitativo de dados da forma “a gente” nesse século em relação a períodos anteriores, devido à diminuição dos usos de “a gente” como sintagma nominal pleno. Mesmo a frequência de uso da forma construcionalizada é baixa, por ser muito informal para ser usada em textos escritos, sobretudo na carta. Este gênero sofreu uma expressiva redução de uso no referido século, tendo em vista as revoluções tecnológicas na área da informação e comunicação, levando as pessoas a adotarem outros meios mais práticos para comunicação informal, relegando a carta a um lugar, ao mesmo tempo, de destaque e desprezo, pois passa a ser usada somente em situações de extrema formalidade ou nas raras ocasiões em que o acesso a outros meios era restrito.

A fim de ilustrar esta redução, observa-se uma compilação de quatro *corpora* do PHPB (Acervo Land-Avelar, Jaime-Maria, Oswaldo Cruz e Família Pedreira Ferraz Magalhaes), dentro da qual, entre as 53.512 palavras que a compõem, [a gente]” pronomes ocorre somente 7 vezes. Segue abaixo um exemplo de “a gente” construcionalizada no *corpus* PHPB “Jaime-Maria”:

- (5) “Meu amado noivinho Jayme [...] eu no dia 25 recebi 2 cartas tuas a do dia 23 e do dia 24 eu fiquei muito contente de ter notícias tuas eu esta semana recebi 5 cartas tuas a minha irman chegou a dizer que era melho **a gente** se casar que eu parecia uma bobinha por voçe [...]” (*Acervo Jaime-Maria*, PHPB, doc 03, ano 1936).

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

No exemplo acima, a forma “a gente” demonstra que houve construcionalização, visto que não há outra possibilidade de interpretação que não com sentido pronominal. Nesse caso, “a gente” inclui Maria, que foi quem escreveu a carta, e seu noivo Jayme, tendo, portanto, caráter dêitico.

A análise dos contextos críticos, neste trabalho, nos possibilita traçar os passos de mudança da construção [(X) N_{COLET SG} (Y)] no português e observar os contextos críticos. Ao longo dos séculos, a frequência de uso de “a gente” (artigo + substantivo) permitiu que a forma fosse interpretada pelo ouvinte/leitor de maneira diferente da que foi falada/escrita pelo falante. Assim sendo, “a gente” nominal, que é artigo + substantivo, passou a ser visto como um *chunk*, como uma única unidade cognitiva.

Entendemos que “a gente” pode ter sido escolhida em detrimento de “muita gente”, “aquela gente”, dentre outras, devido a uma forte integração entre o artigo “a” e o substantivo “gente”, que consistem em apenas um vocábulo fonológico, diferente das outras como “muita gente”, “toda gente”.

Destacamos ainda que, nos séculos XVI e XVII, a forma “a gente” (artigo + substantivo) tinha sentido composicional, porém, no século XVIII, início do processo de construcionalização, houve uma tendência de a construção perder a composicionalidade devido à frequência de uso. A estrutura, então, passou a ser acessada automaticamente de modo que o usuário não percebia mais cada elemento que compunha a construção como significando o sentido de pessoas.

Ressaltamos que, ao longo dos séculos, o subesquema [(X) gente (Y)] foi se tornando menos esquemático, visto que, em XVI e XVII, havia uma diversidade de elementos que poderiam preencher o *slot* X da construção, como: **essa** gente, **quase toda a** gente etc. No entanto, a partir do século XVIII, início da construcionalização de “a gente”, houve diminuição de determinantes que poderiam acompanhar “gente”. Ao construcionalizar, a microconstrução [a gente] se torna menos esquemática, uma vez que há restrição da entrada de outros determinantes no *slot* e preferência pelo artigo “a”.

Esquematicidade: análise do *slot* (Y) na construção [(X) N_{COLET SG} (Y)]

Cabe-nos aqui analisar o *slot* (Y), ocupado pelos modificadores do núcleo nominal nos subesquemas [(X) gente (Y)], [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)] do século XVI ao XX, a fim de sabermos que elementos poderiam modificar os substantivos “gente”, “povo” e “mundo” e se poderiam ter propiciado a construcionalização de “a gente”.

Nossa hipótese é a de que os adjetivos, pronomes e sintagmas preposicionais modificam o núcleo do sintagma nominal quando a forma “gente” é ainda composicional, mas, ao construcionalizar, passa a não aceitar elementos na posição de modificador de núcleo nominal. Isso mostra um dos micropassos da mudança que levou à construcionalização da construção pronominal [a gente].

Seguem abaixo exemplos de modificadores de núcleo do sintagma nominal encontrados, a saber: adjetivos, intensificadores + adjetivos, sintagmas preposicionais e pronomes:

- (6) “Sem duvida não terá a pretensão de que **o mundo inteiro** se inclina diante d’esta sua opinião e si ha quem o acompanhe ha também os que pensam como nós.”. (Século XIX).
- (7) “Com esta preparação ficou **a gente tão modificada** para a Paixão, que não foi necessário preâmbulos para tirar devoção [...]”. (Século XVI).
- (8) “Formaram uma proposta [...] em nome da nobreza, religiosos e **povo de todo o Estado.**” (Século XVII).
- (9) “E estando nós bem fora de cuidarmos que veriamos **gente nossa de Portugal**, soubemos como dous dos nossos vinham nella.” (Século XVI).

Para esta seção, coletamos e analisamos os dados, atentando para os modificadores nominais que viriam pospostos aos substantivos “gente”, “povo” e “mundo”. A tabela abaixo demonstra os resultados encontrados, no século XVI:

Tabela 3. Análise do *slot* Y da construção [(X) N_{COLET SG} (Y)] – Século XVI

Y	GENTE		MUNDO		POVO		TOTAL	
Adjetivo	20	7,7%	-	-	7	14%	27	
Intensificador+ Adjetivo	19	7,3%	-	-	2	4%	21	
Pronome possessivo	3	1,2%	-	-	-	-	3	
Sintagma Preposicional	58	22,4%	-	-	7	14%	65	
∅	159	61,4%	14	100%	34	68%	207	
TOTAL	259	100%	14	100%	50	100%	323	100%

Fonte: Soares (2018)

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

Encontramos, de um total de 259 dados com [(X) gente (Y)], 159 (61,4%) do tipo Ø em posição posposta a “gente” e 100 dados com modificadores do núcleo nominal “gente”, sendo 22,4% sintagmas preposicionais (a gente **do Pará**) e 7,7% adjetivos (O Vigário Geral e a outra gente **nobre**). Encontramos, também, dados em que havia um intensificador precedendo o adjetivo modificador (a gente **mui diferente**, a gente **tão má**), figurando em 7,3%, bem como um pronome (gente **nossa** de Portugal), representando 1,2%. Os resultados demonstram que, no século XVI, o padrão [(X) gente (Y)] já era mais frequente sem elemento na posição (Y).

Ao compararmos com [(X) povo (Y)], verificamos que, dos 50 dados encontrados, 34 (68%) eram do tipo Ø e apenas 16 continham modificador do núcleo “povo”. Foram encontrados 14% de sintagmas preposicionais, 14% de adjetivos e apenas 4% com intensificador + modificador. Não houve casos em que o pronome era um modificador. Em contrapartida, observamos que nenhum elemento ocupou a posição de modificador em [(X) mundo (Y)], pois, de um total de 14 dados, não houve modificadores de núcleo nominal que precedesse “mundo”.

Assim, constatamos, no século XVI, que o padrão [(X) gente (Y)] já tinha maior ocorrência de dados sem o preenchimento de modificadores, o que justifica, posteriormente, a formação da construção pronominal [a gente].

Os dados do século XVII⁷ revelam, também, que o padrão [(X) gente (Y)] apresentou maior número de dados do tipo Ø. Houve, ainda, maior número de elementos modificadores do núcleo nominal com a construção [(X) gente (Y)] em detrimento de [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)]. São eles: adjetivo, intensificador + modificador e sintagma preposicional. Identificamos que, dos 94 dados da construção [(X) gente (Y)], 63 (67%) eram do tipo Ø e apenas 31 dados continham modificadores do núcleo “gente”. Destes, 19,2% eram sintagmas preposicionais (a gente **de guerra**), 10,6% eram adjetivo (gente **feroz** e **bárbara**) e 3,2% tinham um intensificador mais o modificador do núcleo (a gente **mais nobre**).

Constatamos, mais uma vez, que o padrão [(X) gente (Y)] permitia um maior uso de modificadores do substantivo do que [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)]. Ademais, o tipo Ø se mostrou novamente mais frequente nos padrões com “gente”, “mundo” e “povo”. A inexistência de modificador do núcleo nominal pode explicar a ausência de um elemento posposto à “a gente” na construção pronominal.

⁷ Também fizemos para cada século análise dos elementos que poderiam aparecer em Y, como fizemos para o século XVI. Apenas não apresentaremos as tabelas por causa do espaço limitado, mas no texto há os resultados mais relevantes.

No que concerne ao século XVIII, período em que se começa a observar contextos críticos que podem ter levado à construcionalização de “a gente”, verificamos que houve uma redução do número de modificadores de núcleo nominal que pudessem seguir a construção [(X) gente (Y)]. Isso comprova a hipótese de que, ao construcionalizar, a forma “gente” passou a não aceitar elementos modificadores do núcleo, como adjetivos e sintagmas preposicionais. De um total de 52 dados com o padrão [(X) gente (Y)], 40 (76,9%) não eram acompanhados por modificadores de núcleo nominal; apenas 12 apresentaram tais modificadores. Destes, 8 (15,4%) eram sintagmas preposicionais e 4 (7,7%) adjetivos. Não encontramos, no referido século, nenhuma ocorrência de pronomes e intensificadores + adjetivos. Houve, neste caso, um baixo número de modificadores com “gente”.

Com relação ao padrão [(X) povo (Y)], dos 43 dados analisados, 30 (69,8%) não apresentaram modificadores e somente 13 continham modificadores do núcleo “povo”. Encontramos 18,6% do total de dados com sintagmas preposicionais e 11,6% com adjetivos. Já em [(X) mundo (Y)], de 8 dados, 6 (75%) tinham eram tipo Ø e apenas 2 eram modificadores do núcleo “mundo”, sendo 1 adjetivo e 1 intensificador + modificador.

Ao compararmos os resultados do padrão [(X) gente (Y)] deste século com os anteriores, verificamos que, com o tempo, houve um aumento do número de dados do tipo Ø. No século XVI, a referida construção figurava em 61,4% do total de dados observados, no XVII, 67% e, no XVIII, em que começa a haver dados com indícios do início da construcionalização de [a gente] pronome, foi verificado que os dados do tipo Ø representavam 76,9% do total. Esses números podem explicar a ausência de modificadores de núcleo nominal na construção pronominal “a gente” quando esta construcionalizou.

No século XIX, em que começa a haver menos ocorrências de “a gente” (apenas 10 construcionalizadas e 7 nominais), vimos que, de 75 dados de [(X) gente (Y)], 51 (68%) eram do tipo Ø e somente 24 apresentavam modificadores do núcleo. No padrão [(X) gente (Y)], dos 24 dados com modificadores do núcleo no segundo *slot*, somente 22,7% eram modificados por adjetivos e 9,3% por sintagmas preposicionais.

Em [(X) povo (Y)], por sua vez, dos 102 dados encontrados, 71,6% eram do tipo Ø, enquanto 14,7% tinham o adjetivo como modificador, 12,7% tinham sintagmas preposicionais e 1% intensificador + adjetivo modificador. Já em [(X) mundo (Y)], dos 14 dados encontrados, 71,4% eram do tipo Ø e 28,6% tinham adjetivos como modificadores do núcleo.

Por fim, com relação ao século XX, analisamos os dados em que [a gente] já está efetivamente construcionalizado, não havendo mais possibilidade de uso de Y. Foram

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

apenas 2 dados com “mundo” e 2 com “povo”. Embora tenha havido um número pequeno de dados, dois dados de cada, sabemos que não há restrição de uso da forma [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)]. A partir do momento em que começa a haver indícios de uma construcionalização, no século XVIII, há uma tendência de a construção não aceitar modificadores do núcleo nominal. A forma “a gente” construcionalizada não permite ter modificador, ou seja, o *slot* Y deixa de existir. Vejamos a seguir alguns exemplos:

- (10) “Pois Manduca não ha de ir p’ras guerras em quanto esses não irem! he de ficar como flêra dentro de casa! Esses diabos desses estrangeiros querem terra: nós temos tanta, porque não ha de se dar já um pedaço p’ra elles socegarem e **a gente** descançar?” (Carta de leitor, n. 474, 1865).
- (11) “Meu querido noivinho [...] Eu chegei bem em casa, manda me dizer se os teus pais falarão alguma cousa com voce, o teu irmão esteve com a Aninha na sexta feira esteve perguntando muitas couzas elle disse que não acreditava que **ajente** tinha acabado, elle disse que sim que **ajente** tinha acabado e que eu estava em petropolis e que não sabia quando eu vinha [...]” (Acervo Jaime-Maria, ano 1937).

Para Traugott e Trousdale (2013), quando ocorre a construcionalização, há aumento de esquematicidade, mas, certamente, eles se referem à formação de um esquema. Na formação de uma construção substantiva (ou seja, menos esquemática) ocorre diminuição da esquematicidade. Nos séculos XVI ao XVII, em que a construção tinha sentido de coletivo de pessoas, muitos elementos (“muita” gente, “aquela” gente) podiam ocupar o *slot* (X) da construção. No entanto, a partir do século XVIII, em que começou a haver ambiguidade e contextos críticos, levando ao início da construcionalização de “a gente”, poucos elementos ocupavam o *slot*. No século XX, era ocupado somente pelo artigo “a”.

No que tange ao preenchimento da construção [(X) gente (Y)] por um modificador de núcleo nominal, no *slot* (Y), observamos que, do século XVIII, em que se inicia a construcionalização, até o século XX, houve também restrição da entrada de elementos modificadores. Quando há efetiva construcionalização, no século XX, nenhum modificador seguiu o núcleo nominal.

Assim sendo, vimos que, antes da construcionalização, o padrão [(X) gente (Y)], com sentido de coletivo de pessoas, possibilitava que mais elementos ocupassem o *slot* (X) e acompanhassem a construção com algum modificador nominal no *slot* (Y). Todavia, com a construcionalização de [a gente], isto é, na formação da construção pronominal, não houve aumento de esquematicidade. A construção, portanto, era substantiva.

Informatividade

A informatividade está relacionada ao que os interlocutores compartilham no contexto interacional. Sob a ótica cognitivista, o usuário da língua se comunica para informar ao outro sobre determinado assunto que lhe é pertinente. Ademais, a informatividade é apresentada na Linguística Funcionalista como um fator semântico-pragmático, em que o grau de conhecimento partilhado desempenha um importante papel no discurso.

Segundo Prince (1981, p. 285), os referentes ou entidades do discurso são classificados a partir da ideia de conhecimento compartilhado, segundo a qual o falante entende que o ouvinte sabe, admite e infere algo, mesmo sem estar pensando no assunto na situação de comunicação. Nesse sentido, buscamos analisar a estrutura informacional em que as formas “a gente”, “o povo” e “o mundo” estão inseridas, atentando para o *status* informacional (se a construção apresentava referente novo, velho ou inferível), com base na classificação de Chafe (1976) e Prince (1981)⁸. Para este fator, analisamos apenas os dados dos séculos XVI e XVII, em que as formas “a gente”, “o povo” e “o mundo” eram nominais, isto é, tinham sentido coletivo de pessoas, pois o nosso objetivo era averiguar quais eram os referentes (velho, novo, inferível) dessas formas e explicar o porquê de ter sido “a gente” nominal a herdar o traço de pronome pessoal.

A hipótese é a de que “a gente” teria uma frequência maior como referente velho ou inferível do que as outras formas (“o povo” e “o mundo”). Sabe-se que os pronomes, especialmente os pessoais, são palavras que fazem “referência no uso, ora retomando determinadas passagens do mesmo texto, ora apontando para elementos ou traços específicos da situação de fala” (cf. MOURA NEVES, 2011). Dessa forma, “a gente” pronominal pode ter herdado esse traço de retomada dos pronomes. Além disso, muitos usos de “gente” ocorriam seguidas de sintagma preposicional de lugar e todo o SN (gente + SPREP) apontavam para pessoas de um dado lugar (como nos exemplos 1, 9 e 12), o que pode ter relacionado gente com uma função dêitica. Mais tarde, a forma também faz um *link* com o papel dêitico dos pronomes pessoais, quando há a relação de gente com a primeira pessoa do discurso.

Vejamos o exemplo a seguir, do século XVI, em que “a gente” nominal era um referente velho, visto que já foi situacionalmente mencionado:

8 Não houve, no *corpus*, dados com o que Prince denomina referentes novos-em-folha (completamente novos), tampouco com referentes disponíveis (referentes únicos como “o sol”, “a lua”, “Pelé”), pois, como estamos lidando com os coletivos de pessoas (“gente”, “povo”, “mundo”), havia sempre menção de quem era “a gente”, “o povo” ou “o mundo” na situação comunicativa. Além disso, o sentido coletivo desses substantivos já impediria a ideia de referente único.

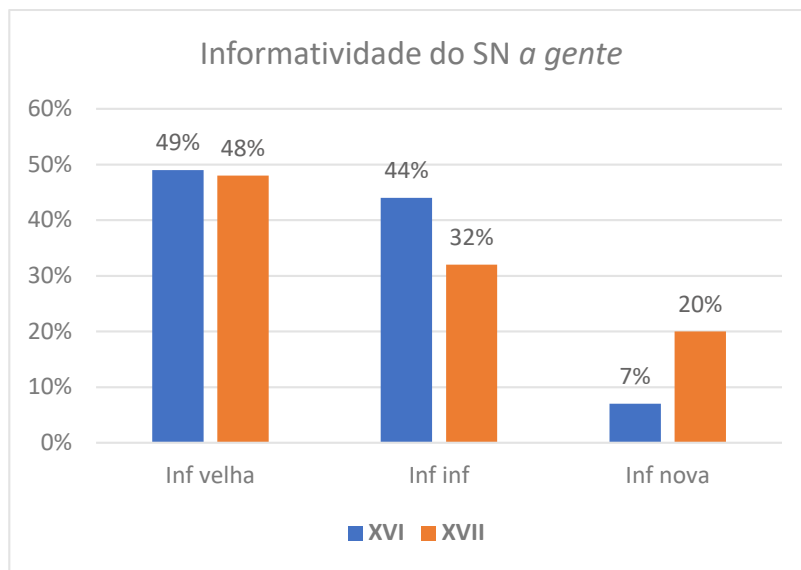
- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

(12) “[...] pondo-se uma nuvem muito negra e temerosa sobre o teatro e começou a lançar umas gotas de água muito grossas, mas logo cessou a chuva, perseverando sempre a nuvem, até que acabou a obra com muito silêncio e todos se recolheram quietamente a suas casas e então descarregou com grandíssima tormenta de vento e chuva, e **a gente** movida com muita devoção ganhou o Jubileu, que era o principal intento da obra.” (*Cartas, informações, fragmentos e sermões*, séc. XVI, ano 1554).

No excerto acima, observamos que o SN “a gente”, que ganhou o Jubileu, se refere a “todos” que “se recolheram quietamente a suas casas”, conforme mencionado no discurso anterior. Portanto, é um referente velho ou evocado.

A seguir, apresentamos um gráfico referente à informatividade de “a gente”, dos séculos XVI e XVII, quando a forma era apenas nominal, isto é, sem ambiguidade com a forma pronominal:

Gráfico 1. Informatividade da forma nominal “a gente”



Fonte: Elaboração própria

Este gráfico nos mostra que o sintagma nominal “a gente” tendia a ser usado nos dois séculos como sendo uma informação velha, ou seja, já mencionada no discurso, o que pode apontar para o caráter pronominal que teria nos séculos posteriores. A quantidade de dados com SN “a gente” inferível também é grande nos dois séculos. E essa inferência é feita a partir do que foi expresso no discurso antecedente. Nota-se que há um número menor de dados com informação nova.

Na análise dos dados do século XVII, foi possível observar também maior frequência de informação velha – 12 (48%) dados. Em contrapartida, encontramos 8 (32%) de informação inferível e 5 (20%) de nova. Assim, a forma pronominal “a gente” herdou o traço dos pronomes no que concerne à retomada do referente mencionado no discurso e também o caráter de informação velha dos dêiticos. Nos séculos XVI e XVII, já temos maior frequência dessa forma retomando o referente anterior.

Vejam os exemplos de informação velha, inferível e nova, respectivamente:

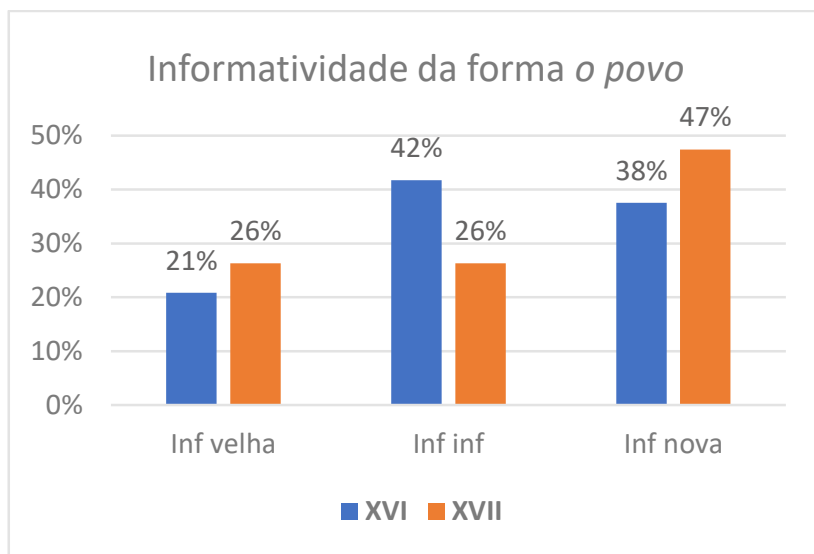
- (13) “[...] porque além das cento e vinte mil almas que há nestas ilhas, a costa, que lhe corresponde em Guiné e pertence a êste mesmo bispado, e só dista daqui jornada de quatro ou cinco dias, é de mais de quatrocentas léguas de comprido, nas quais se conta a gente não por milhares senão por milhões de gentios. Os que ali vivem ainda ficam aquém da verdade, por mais que pareça encarecimento: porque a gente é sem número, toda da mesma índole [...]” (Cartas do Pe. Antonio Vieira, séc. XVII, ano 1652).
- (14) “O certo é, senhor, que como as coisas de França se entendem diferentemente em Portugal, assim das de Portugal não pode haver cabais notícias em França, e ainda no mesmo Portugal receio que as ache V.Ex.a com dificuldade, porque a gente daquele país, que V.Ex.a. muito bem conhece, poucas vezes julga das coisas com os olhos livres de paixão.” (Cartas do Pe. Antonio Vieira, séc. XVII, ano 1646).
- (15) “Vendo este desamparo o senhor Bispo, veio-se ao nosso colégio, deu conta do que passava e, ainda que dois padres dos nossos lhe lembraram que ninguém esperaria, se tivessem notícia da saída de S. Senhora, contudo, ouvindo a outros dois padres, e a muitas pessoas de fora, que a cidade estava já entrada dos inimigos, e vendo que só não podia já defendê-la, se saiu. Consumidas pois algumas fórmulas do Santíssimo Sacramento [...] e tendo já tirada a mais da prata, e os ornamentos postos em cobro [...] seguiram ao prelado os nossos, que estavam em casa, e os que se recolhiam do forte e mais estâncias, aonde até então assistiram a pé quedo, animando e confessando a gente.” (Cartas do Pe. Antonio Vieira, séc. XVII, ano 1626).

No excerto (13), do século XVII, “a gente”, em “a gente é sem número”, é informação velha, uma vez que este referente já foi mencionado no discurso prévio, em “nas quais se conta a gente não por milhares senão por milhões de gentios”. Já no exemplo (14), o referente “a gente”, em “a gente daquele país”, é inferível, pois o enunciador menciona que seu interlocutor terá dificuldades em Portugal e, posteriormente, afirma que é sabido

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

por ele (interlocutor) como são os julgamentos das pessoas de lá. Infere-se, portanto, que “a gente daquele país” são as pessoas de Portugal e não de outro lugar e, ainda, que, em Portugal, há pessoas (gente), logo “a gente” não seria um referente novo. No entanto, em (15), “a gente” é uma informação nova, visto que o referente dito a todo tempo no discurso é “os padres”. Analisamos também “o povo” e “o mundo”, nos séculos XVI e XVII. Observemos o gráfico a seguir:

Gráfico 2. Informatividade da forma nominal “o povo”



Fonte: Elaboração própria

Em se tratando de “o povo”, no século XVI, há predominância de dados inferíveis e velhos. Já no século XVII, há mais dados de informações novas. Observamos que o sintagma “o povo” tem frequência mais baixa de informação velha, ou seja, a tendência de uso de [o povo] não é a de retomar o que foi dito no contexto antecedente. Portanto, o *link* com a função pronominal parece não ocorrer.

Nos exemplos do século XVI, com “o povo”, obtivemos com maior frequência as informações inferível e nova. Porém, no século subsequente, XVII, predominou apenas a informação nova, ou seja, não recuperável do contexto precedente, como no exemplo a seguir:

- (16) “Compostas nesta forma as jurisdições, não foi dificultoso compor os ânimos dos dois competidores, os quais logo se abraçaram e perdoaram; e o que tinha mandado lançar os grilhões se lançou aos pés do outro, e lhos tirou de joelhos. Logo se foram ambos comigo à junta, onde todos aprovaram o que estava feito, menos **o povo**, em quem os affectos são menos poderosos,

vendo sair dos grilhões ao primeiro vigário.”. (*Cartas do Pe. Antonio Vieira*, séc. XVII, ano 1653).

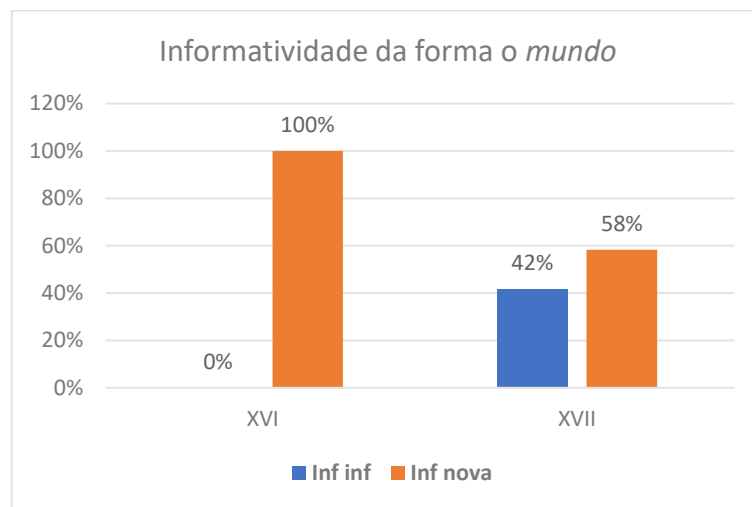
No exemplo do século XVII em destaque acima, “o povo” é uma informação nova, uma vez que não foi mencionado no discurso anterior. O excerto descreve dois competidores que, após terem feito as pazes, foram à junta para receber a aprovação das pessoas. No discurso, foi dito que todos aprovaram, com exceção do “povo”. Percebe-se que “o povo” foi mencionado pela primeira vez em “menos o povo”, sendo, portanto, um referente novo. Notamos que a expressão como informação nova é menor em “a gente” do que em “o mundo” e “o povo”. Dessas construções, apenas “a gente” teve frequência maior expressando informação dada, compartilhando, assim, com os pronomes, a característica de fazer retomada no discurso. Constatamos que “o povo” não seria candidato a assumir a função pronominal em detrimento de “a gente”, porque, além de permitir a entrada de modificadores de núcleo nominal em posição posposta a ele (conforme vimos na seção 3.2.2) aparece frequentemente como referente novo no discurso. Com relação ao referente “o mundo”, observamos que, assim como “o povo”, houve uma tendência a ser uma informação nova no discurso. Observemos os exemplos:

- (17) “Não cria elle taes cousas de homens tão santos e sabia mui bem quão malvados eram os accusadores. Querendo pois que **o mundo** visse a inocência de uns e a malícia dos outros, mandou em primeiro lugar sahir de casa os Religiosos.”. (*Cartas do Brasil*, séc. XVI, ano 15).
- (18) “[...] entregue-lhes o sangue e as vidas, e as liberdades e almas dos índios, e a nós deixe-nos lançar S. M., ou lance-nos fora, que não faltará onde sirvamos a Deus, e onde salvemos almas [...]. Se os padres da Companhia fizeram a mínima parte do que estes têm feito e fazem, que havia de dizer de nós **o mundo**?”. (*Cartas do Pe. Antonio Vieira*, séc. XVII, ano 1656).

Nos exemplos acima, dos séculos XVI e XVII, observamos que “o mundo” é uma informação nova, visto que não é um referente recuperável no discurso. Vejamos o gráfico:

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

Gráfico 3. Informatividade da forma nominal “o mundo”



Fonte: Elaboração própria

A maioria dos dados com “mundo” era informação nova, sendo 100% no século XVI. No século XVII, há um número significativo de informação inferível, mas a predominância de informação nova. Vemos que “todo mundo” não tem papel anafórico, mantendo, portanto, seu caráter apenas nominal, e não pronominal. Observamos que, dentre as outras formas com semântica semelhante, como “o povo” e “o mundo”, “a gente” demonstrou ser mais recorrente como informação velha e inferível, ou seja, foi anteriormente mencionada no discurso ou era de conhecimento compartilhado entre os usuários da língua. Já “o povo” e “o mundo”, muitas vezes, tenderam a ser informação nova. Esse foi um dos motivos pelos quais a forma “a gente” foi adotada para assumir a função pronominal. Além disso, a ambiguidade de uso de “a gente”, podendo ou não o falante/escritor estar incluso, também foi essencial para a interpretação como pronome, como tão bem já demonstraram trabalhos em gramaticalização.

Considerações finais

Neste trabalho, utilizamos o modelo teórico da Construcionalização/Mudanças Construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2015) para explicar o conceito de que construção é um pareamento forma-sentido. Demonstramos, através dos fatores esquematicidade e informatividade, que a construcionalização gramatical de *a gente* é acompanhada por mudanças na forma e na função.

Vimos, numa análise que concebe a gramática como rede de construções emergentes, que uma construção nominal passou por micropassos de mudança que levam à restrição de *slots* (em X a forma “a” se tornou obrigatória e Y desapareceu) e tem papel mais acentuado de retomada no discurso e inclusão da primeira pessoa de fala. Com isso, um nó da construção passa a outro nó na rede, o nó de pronomes pessoais.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq pelo financiamento dessa pesquisa, através da Bolsa de doutorado da Profa. Bruna das Graças Soares e da Bolsa de Produtividade em Pesquisa da Profa. Maria Maura Cezario.

Referências

ANCHIETA, J. de. **A conversão de São Paulo**. São Paulo: Oficinas Salesianas, 1895 [1568].

ANCHIETA, J. de. **Cartas**: informações, fragmentos históricos, sermões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931 [1554-1594].

ANCHIETA, J. de. **Cartas inéditas**. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1900 [1534-1597].

BARLOW, M.; KEMMER, S. (org.). **Usage based models of language**. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. *In*: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (ed.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. *In*: LI, C. N. (ed.). **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976.

CROFT, W. **Radical Construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

DIESSEL, H. **The Grammar Network**: How language structure is shaped by language use. Cambridge: University Press, 2019.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. **Urbana**, University of Illinois, v. 7, n. 5, 2003.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B. Grammaticalization. *In*: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

HILPERT, M. **Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar**. Brill. 2021.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. *In*: GIVÓN, T. (ed.). **Syntax and semantics**, v. 12 Discourse and Syntax. New York: Academic Press, 1979.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LOPES, C. R. S. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português**: percurso histórico. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, C. R. S. **A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português**. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003. v. 18.

LOPES, C. R. S. A gramaticalização de ‘a gente’ em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, jul. 2004.

MOURA NEVES, M. H. M. **Gramática de usos da língua portuguesa**: lições. São Paulo: Contexto, 2011.

PHPB – **Cartas oficiais, cartas de comércio, cartas particulares, cartas de denúncia.** 1701-1800. Século XVIII.

PHPB – **Cartas particulares, cartas oficiais, cartas pessoais.** 1801-1900. Século XIX.

PHPB – **Cartas particulares.** Edição/revisão: SILVA, P. F.; LOPES, C. Rio de Janeiro. 1907-1917. Século XX.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. *In*: COLE, P. (ed.). **Radical Pragmatics.** New York: Academic Press, 1981.

SOARES, B. das G. **Mudança na rede construcional do sintagma nominal para pronome:** a construcionalização de “a gente”. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SOARES, B. das G.; CEZARIO, M. M. A construcionalização de *a gente*. *In*: DIAS, N. B. **Estudos sobre o português em uso.** Uberlândia: Pangeia, 2020.

TRAUGOTT, E. **Toward a Coherent Account of Grammatical Constructionalization.** Draft for a volume on historical construction grammar. Elena Smirnova Jóhanna Bardal, Spike Gildea e Lotte Sommerer. (ed.). 2015.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIEIRA, A. **Cartas do Padre António Vieira coordenadas e anotadas por J. Lúcio d’Azevedo (Tomo 1).** Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

VIEIRA, A. **Sermões do Padre António Vieira** [1679-1690]. Lisboa, Portugal: Oficina de Miguel Deslandes, 1692.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SOARES, Bruna das Graças; CEZARIO, Maria Maura. Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 176-202, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 17/11/2022.

DESCRIÇÃO DIACRÔNICA DA EXPRESSÃO PRONOMINAL DO ARGUMENTO-SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Alessandra Regina GUERRA¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3449>

Resumo: Este artigo apresenta dados diacrônicos sobre a opcionalidade entre expressão e não expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro. O quadro teórico é formado por uma articulação entre a Gramática Discursivo-Funcional e um conjunto de trabalhos funcionalistas que lidam com motivações comunicativas da estrutura das línguas, tais como, iconicidade e economia. Os dados são levantados a partir de um *corpus* especificamente constituído para a realização da pesquisa, formado por peças de teatro brasileiras. O período recoberto pela investigação se estende da primeira metade do século XIX ao início do século XXI. Como resultado, o trabalho (i) oferece dados quantitativos que, corroborando outras pesquisas, mostram e documentam detalhadamente o aumento diacrônico da opção por expressão pronominal, em oposição à não expressão, e (ii) disponibiliza ocorrências exemplificativas de ambas as opções, distribuídas por todo o período em análise.

Palavras-chave: Sujeito Gramatical. Sujeito Nulo. Motivações em Competição. Iconicidade. Variação e Mudança.

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, Minas Gerais, Brasil; alessandra.guerra@uftm.edu.br; <http://orcid.org/0000-0002-9665-0002>

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

DIACHRONIC DESCRIPTION ON THE PRONOMINAL EXPRESSION OF SUBJECT IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Abstract: This paper presents diachronic data on the optionality between expression and non-expression of subject through pronoun in Brazilian Portuguese. The theoretical framework is based on an articulation between Functional Discourse Grammar and functionalist studies that deal with communicative motivations of language structure, such as iconicity and economy. The corpus constructed for the investigation is composed by Brazilian theatre plays, and the analyzed historical period covers the period between the first half of the 19th century and the beginning of the 21st century. As main results, (i) the paper offers quantitative data that, in line with other researches, show, as well as document in detail, the diachronic increase in the option of pronominal expression, over the option of non-expression, and (ii) it provides illustrative examples of both options, which are distributed along the whole period under analysis.

Keywords: Grammatical Subject. Null Subject. Competing Motivations. Iconicity. Variation and Change.

Introdução

Estudos na área de descrição gramatical atestam que, no português brasileiro (PB), na construção de orações finitas, verifica-se diacronicamente um fenômeno que, de acordo com a perspectiva funcionalista aqui assumida, consiste no aumento da incidência de expressão pronominal do argumento-sujeito, em oposição à opção por não expressão pronominal. Trata-se de mudança correspondente, no geral, ao que, nos termos da Gramática Gerativa, é tratado como aumento nos índices de uso de sujeito pronominal pleno, ou diminuição do emprego de sujeito nulo. O processo é amplamente tomado como fundamental na história do PB, sendo visto por Tarallo (1993), no âmbito da Sociolinguística Paramétrica, como parte de um conjunto de mudanças que teriam alterado drasticamente o PB, transformando-o num novo sistema gramatical e o diferenciando do português europeu.

Diante da relevância da temática, o objetivo do presente trabalho é apresentar dados diacrônicos quantitativos acerca desse fenômeno, bem como ocorrências exemplificativas, a partir de pesquisa mais ampla que realizamos abrangendo o assunto. Os dados quantitativos e os exemplos apresentados focalizam argumentos-sujeito de 1^a e 2^a pessoa, do singular e do plural, e são extraídos de *corpus* por nós compilado, constituído de peças teatrais brasileiras produzidas entre a primeira metade do século

XIX e o início do século XXI. Não obstante o foco quantitativo do trabalho, incluímos, no decorrer do texto, de forma complementar, algumas reflexões qualitativas sobre os dados expostos, em caráter de hipóteses, como fomento a possíveis verificações futuras.

Consideramos que a proposta se justifica por ser uma forma não só de corroborar o fenômeno em questão, mas também, e principalmente, de ampliar e diversificar a disponibilização de dados sobre essa mudança, de modo a permitir uma descrição cada vez mais aprofundada desse aspecto da história do PB – inclusive tendo em vista que, na literatura linguística, o corpo de dados diacrônicos quantitativos disponível não é tão vasto quanto a importância do tema parece requerer. Com efeito, na medida em que nossa pesquisa envolveu a constituição de um *corpus* próprio, os dados e os exemplos aqui fornecidos provêm de material diferente do utilizado em outros trabalhos. Ademais, nosso estudo definiu um conjunto particular de critérios para o levantamento de ocorrências de (não) expressão do argumento-sujeito, também fazendo nossas constatações advirem de uma perspectiva distinta da estabelecida em outros trabalhos.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: primeiramente, sintetizamos o quadro teórico do trabalho; na sequência, resumimos algumas pesquisas relacionadas ao fenômeno em pauta; em seguida, explicamos a constituição do *corpus* e os critérios para levantamento de ocorrências; na continuação do artigo, apresentamos nossos dados diacrônicos quantitativos sobre o fenômeno e ocorrências exemplificativas, complementando a seção com apreciações qualitativas introdutórias sobre os dados apurados; por fim, elaboramos as considerações finais.

Quadro teórico

Os resultados aqui disponibilizados provêm de investigação que conduzimos (GUERRA, 2017) no quadro do funcionalismo linguístico, com base em uma articulação entre a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e um conjunto de trabalhos funcionalistas que lidam com motivações comunicativo-cognitivas da estrutura das línguas e com a influência dessas motivações sobre fenômenos diacrônicos (SLOBIN, 1977; HAIMAN, 1985; GIVÓN, 1985; CROFT, 2003). Nesse contexto teórico, empregamos a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) especialmente para caracterizar o conceito de argumento-sujeito e a opcionalidade entre sua expressão e não expressão pronominal; os demais trabalhos são usados principalmente para subsidiar a orientação *diacrônica* de nossa pesquisa.

A GDF é uma teoria tipologicamente baseada na estrutura gramatical das línguas, comportando quatro níveis de análise linguística: o interpessoal, o representacional, o

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

morfossintático e o fonológico. No nível interpessoal, são descritos os aspectos pragmáticos codificados na estrutura formal das unidades linguísticas, o nível representacional descreve os aspectos semânticos, o nível morfossintático é reservado para a descrição da estrutura morfossintática, e o nível fonológico inclui a representação da estrutura fonológica das unidades linguísticas. Cada nível compreende uma série de categorias de análise que permitem, no conjunto, descrever os diversos aspectos envolvidos na construção gramatical dos enunciados das línguas do mundo, sendo mais relevantes aqui os três primeiros níveis.

Considere-se o enunciado em (1):

(1) Eu comprei um livro.

Dentre outros aspectos, a descrição desse enunciado, no nível interpessoal, indicaria que se trata de um ato discursivo com ilocução declarativa, no qual o falante realiza três subatos de referência (isto é, três ações linguísticas de evocação de referente): dois subatos que remetem ao falante (um correspondente ao pronome *eu* e outro, à flexão *-i*) e um que remete a um referente tomado pelo falante como não identificável pelo ouvinte (correspondente à expressão *um livro*).² No nível representacional, a descrição incluiria a identificação de que o enunciado contém um estado de coisas, representado por um esquema de predicação formado por um predicado (*comprar*) e dois argumentos: um argumento agente (relativo ao falante e expresso duplicadamente, tanto por *eu*, quanto por *-i*) e um argumento paciente (*livro*). No nível morfossintático, seria reconhecido que o enunciado é organizado em uma oração, constituída pela sequência de um sintagma nominal (preenchido pela palavra nominal *nós*), um sintagma verbal (composto pela palavra verbal *comprei*) e outro sintagma nominal (formado pela palavra gramatical *um* e pela palavra nominal *livro*).

No PB, um procedimento fundamental para a organização dos enunciados é a seleção de um dos argumentos do esquema de predicação para receber a função sintática de sujeito, a qual é indicada no nível morfossintático – no caso em (1), a função seria marcada junto ao sintagma preenchido com o pronome *eu*. Neste artigo, o termo *argumento-sujeito* diz respeito a esse argumento do esquema de predicação ao qual é atribuída a função de sujeito.

² Com base em Leufkens (2015), assumimos aqui, conforme discutido detalhadamente em Guerra (2017), que, na construção de orações no PB, as desinências verbais de número e pessoa têm valor referencial (constituem subatos de referência), não sendo casos de concordância verbal (como tratado em outras abordagens), o que se depreende, dentre outros fatores, da gramaticalidade, e capacidade de indicação referencial, de orações sem sujeito expresso por sintagma nominal, como *cheguei bem*.

Conforme amplamente conhecido, em línguas como o PB, em orações finitas, quando o argumento-sujeito remete à 1ª ou à 2ª pessoa do discurso (no singular ou no plural), ou quando remete à 3ª pessoa (singular ou plural) com referente acessível no contexto e sem especificação de informação adicional sobre esse referente, aquele argumento, além de ser marcado em pessoa e número por desinência verbal, adicionalmente pode ser expresso por pronome pessoal na função sintática de sujeito, como em (1), ou pode não ser expresso por pronome (ficando a marcação apenas a cargo de desinência verbal), como em *comprei um livro*. Trata-se da opcionalidade correspondente ao que, na Gramática Gerativa, é abordado em termos de sujeito pronominal pleno ou nulo, respectivamente.³

Como mencionado, também se reconhece que a história do PB exhibe a tendência de aumento percentual da opção de expressão pronominal do argumento-sujeito, em oposição à não expressão. Em Guerra (2017), tratamos essa mudança em conjunto com outras duas mudanças típicas do PB, os aumentos de frequência de uso das formas pronominais *você* e *a gente* em detrimento dos pronomes *tu* e *nós*. No referido trabalho, analisamos o impacto dessas três alterações sobre a evolução diacrônica do grau de transparência linguística do PB, sendo o grau de transparência de uma língua, grosso modo, a proporção em que seu sistema gramatical prevê relações biunívocas entre unidades da estrutura formal e unidades de significado dos enunciados.

Conforme mostramos naquele trabalho, tais mudanças acarretam, ao longo da história do PB, tanto fatores de aumento quanto de diminuição de transparência da língua. Por exemplo, diacronicamente, o aumento no índice de expressão pronominal do argumento-sujeito é fator de diminuição no grau de transparência da língua no domínio da construção de orações que empregam formas verbais com desinência número-pessoal explícita, já que tal aumento passa a fomentar a opção por construções não transparentes como *eu cantei bem* (em que duas formas, *eu* e *-i*, codificam um mesmo significado, o de 1ª pessoa do singular), em prejuízo de construções transparentes como *cantei bem*. Já a substituição de *tu* por *você* e de *nós* por *a gente*, em orações com verbo, por exemplo, no pretérito imperfeito do indicativo, é fator de aumento de transparência, pois passa a favorecer construções como *você cantava bem* e *a gente cantava bem* em lugar de construções como *tu cantavas bem* e *nós cantávamos bem*.

No referido trabalho, argumentamos que o desenvolvimento das três mudanças e seu impacto sobre a transparência do PB estariam associados à atuação de motivações (forças) comunicativo-cognitivas elementares que operam sobre as línguas, influenciando

³ Para um tratamento funcionalista da expressão pronominal do argumento-sujeito no PB, ver também Oliveira (2018).

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

sua estrutura e suas mudanças. Slobin (1977) concebe as seguintes motivações: (i) clareza, a tendência de uma língua de manter um mapeamento de um-para-um entre semântica e sintaxe (é, assim, uma força que encaminharia a língua para a transparência); (ii) processabilidade, segundo a qual a direção da mudança é sempre no sentido de adaptar a língua às restrições de tempo real inerentes à programação e à interpretação de enunciados; (iii) rapidez e facilidade/simplicidade, a tendência da língua de imprimir velocidade e compactar a informação, isto é, apagar, contrair e juntar formas na estrutura superficial dos enunciados; (iv) expressividade, que envolve meios para codificar ao menos um conjunto universal de conceitos e relações e para controlar a atenção do ouvinte. Segundo o autor, como essas forças são inerentemente competitivas, as línguas estão constantemente mudando. Tais motivações ditam o direcionamento das mudanças, mas, como estão sempre em competição, a cada momento de uma língua, uma das motivações pode sobrepor-se às demais.

A primeira e a terceira motivações, no geral, aproximam-se respectivamente das noções de: *iconicidade*, a existência de alguma similaridade entre forma e significado; e *economia*, a codificação de dois ou mais significados por uma mesma unidade formal ou a veiculação de significado sem expressão formal (como em morfemas zero). O mapeamento de um-para-um previsto na motivação da clareza de Slobin (1977) caracteriza o tipo de iconicidade definido como isomorfismo, enquanto a velocidade e a compactação de informação incluídas na motivação de rapidez e facilidade/simplicidade correspondem à pressão por economia. Conforme reconhecido por diferentes autores, a exemplo de Haiman (1980, 1983, 1985) e Croft (2003), iconicidade e economia constituem duas das principais motivações em competição atuantes na determinação da estrutura linguística.

Em Guerra (2017), mostramos que, no PB, a interação entre as três mudanças em questão (expressão/não expressão pronominal do argumento-sujeito e as mudanças *tu/você* e *nós/a gente*) promove movimentos condizentes com as motivações em competição, especialmente iconicidade e economia. Por exemplo, o aumento da tendência de construções transparentes (construções caracterizadas por uma relação de um-para-um entre unidades de forma e significado na estruturação dos enunciados) como *eu cantava bem*, em lugar de não transparentes como *cantava bem*, decorrente do aumento dos índices de expressão pronominal do argumento-sujeito, é um movimento em direção à iconicidade (sendo a transparência um tipo de iconicidade);⁴ ao mesmo tempo, é um movimento não econômico, pois um significado antes veiculado sem expressão formal passa a ser expresso por uma forma. O fomento de construções como *a*

4 Como explicado em Guerra (2017), a transparência constitui uma situação de iconicidade, particularmente o tipo entendido como *isomorfismo sintagmático* na visão de Haiman (1980, 1983, 1985) e Croft (2003).

gente cantava bem, em detrimento de *nós cantávamos bem*, decorrente da mudança *nós/a gente*, constitui fenômeno tanto icônico (ao levar à transparência) quanto econômico (na medida em que um significado veiculado por duas formas passa a ser expresso por apenas uma). A emersão de construções como *cantava bem* (no sentido de *você cantava bem*), em lugar de *cantavas bem*, propiciada pela mudança *tu/você* (e pela permanência na língua da possibilidade de não expressão do argumento-sujeito), é um movimento não icônico, mas econômico.

Procedemos, em Guerra (2017), a um cálculo quantitativo integrado do efeito das três mudanças sobre a transparência do PB, especificamente de seu sistema de expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoa. Apuramos que o grau de transparência desse sistema, diacronicamente, não se altera unidirecionalmente para aumento ou para diminuição de transparência, mas oscila em torno de um eixo, ora caminhando em direção a aumento, ora em direção à diminuição de transparência, o que decorreria de uma competição equilibrada entre diferentes motivações comunicativo-cognitivas, sobretudo iconicidade e economia, já que ambas, como mencionado, pressionariam a língua tanto para transparência quanto para não transparência.

Esse quadro teórico constitui, enfim, o contexto no qual foram levantados os dados aqui apresentados sobre o aumento diacrônico da expressão pronominal do argumento-sujeito no PB. A partir da seção seguinte, focalizamos essa mudança em específico.

A expressão pronominal do argumento-sujeito no PB

O aumento da incidência percentual de expressão pronominal do argumento-sujeito corresponde à temática muito abordada em trabalhos associados ao paradigma gerativista. Segundo Raposo (1992), na Gramática Gerativa, particularmente na Teoria de Princípios e Parâmetros, considera-se que a chamada *gramática universal* contém *princípios* invariáveis, presentes em qualquer língua, assim como princípios abertos, denominados *parâmetros*, que são uma espécie de “comutadores linguísticos” cujo valor é definido no processo de aquisição da linguagem, ao final do qual ocorre sua fixação numa de duas posições possíveis.

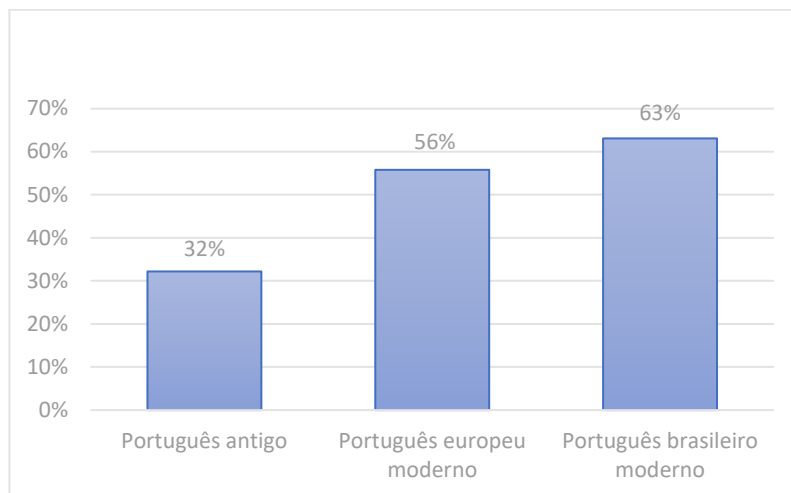
Conforme o autor, entre os princípios universais, encontra-se o Princípio de Projeção Estendido, segundo o qual toda língua reserva, na estrutura sintática subjacente da sentença, uma posição para a expressão do sujeito, princípio ao qual se associa o *parâmetro do sujeito nulo*, que oferece duas possibilidades: o preenchimento fonético da posição de sujeito é facultativo, como em espanhol e italiano (línguas de sujeito nulo), ou obrigatório, como em francês e inglês (línguas de sujeito não nulo) (RAPOSO, 1992).

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Nesse sentido, a mudança linguística aqui em análise é, no geral, correspondente ao que, em trabalhos associados ao gerativismo, especialmente na Sociolinguística Paramétrica, é concebido em termos de diminuição do uso de sujeito nulo – ou aumento do uso de sujeito pronominal pleno.

Considerando a especial atenção dispensada ao tema no campo ligado ao gerativismo, convém observar os resultados de alguns trabalhos da área, como é o caso do estudo de Kaiser (2006), para quem se verifica, no PB, uma tendência cada vez mais frequente de se utilizar pronomes plenos na posição de sujeito de orações finitas.⁵ Como evidência da mudança, o autor levanta dados do português antigo (século XIII), do português europeu moderno (1993) e do PB moderno (2000), extraídos de traduções portuguesas da Bíblia. No gráfico 1, sintetizamos os dados apresentados pelo autor:

Gráfico 1. Frequências de sujeito pleno no português segundo Kaiser (2006)



Fonte: Elaboração própria

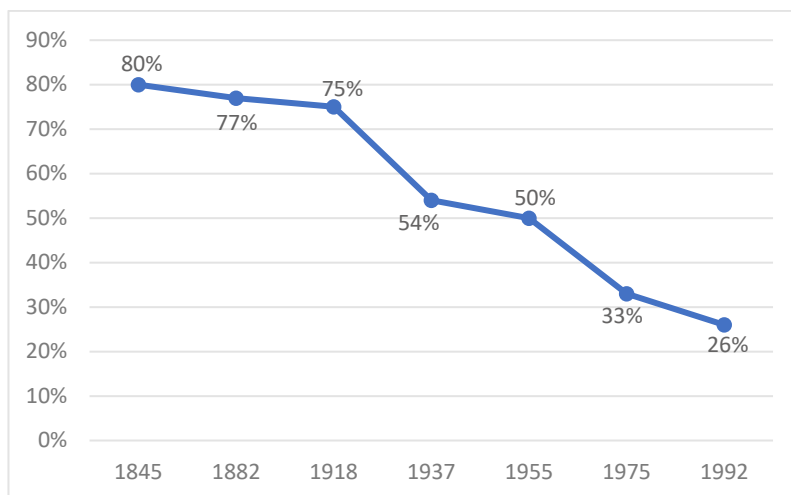
Para o autor, é possível observar aumento significativo no uso de sujeito pronominal pleno, no português europeu e no PB, em relação ao português antigo.

Duarte (1993, 1995) também atesta o fenômeno em questão. Em suas palavras, verifica-se no PB uma “crescente preferência pelo sujeito pronominal pleno” (DUARTE, 1993, p. 107). A autora (DUARTE, 1993, 1995) apresenta dados do PB que evidenciam essa mudança, extraídos de peças de teatro dos séculos XIX e XX. Ela verifica os pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, no singular e no plural, considerando as formas *nós* e *a gente* para 1ª

⁵ Embora o presente artigo tenha orientação funcionalista, entendemos ser possível e produtivo levar em conta, a título de comparação, constatações empíricas de trabalhos ligados ao gerativismo, sem que suas particularidades teóricas comprometam o cotejo de resultados.

pessoa do plural, *tu* e *você* para 2ª pessoa do singular e as formas *vós* e *vocês* para 2ª pessoa do plural. O gráfico 2 mostra a evolução no uso do sujeito nulo no período analisado, reunindo 1ª, 2ª e 3ª pessoas, no singular e no plural, de acordo com a autora:

Gráfico 2. Evolução do uso de sujeito nulo segundo Duarte (1995)



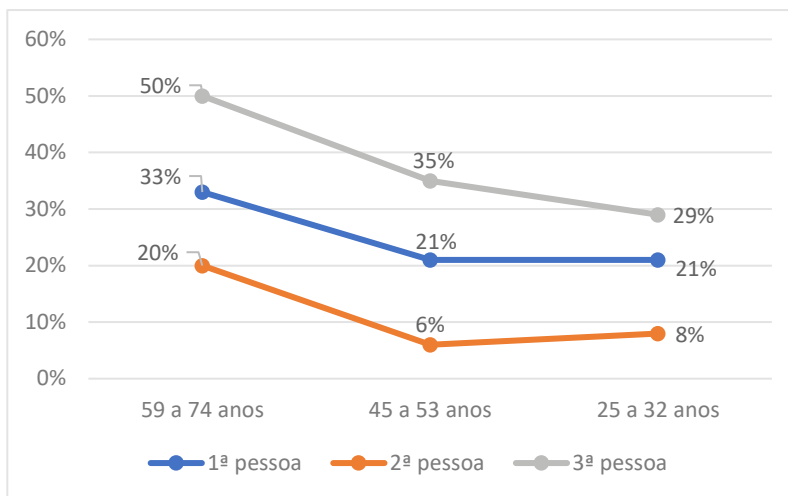
Fonte: Elaboração própria

Como se pode notar, há uma queda contínua no uso de sujeito nulo, a qual é mais significativa a partir de 1918, acentuando-se nos dois últimos períodos, de modo que praticamente se inverte a frequência de sujeito nulo e pleno em 1992.

Duarte (1995) também sustenta a ocorrência da diminuição diacrônica no uso de sujeito nulo a partir da perspectiva do tempo aparente, segundo a qual a variação no uso linguístico de falantes de diferentes gerações pode representar uma variação diacrônica em curso. A autora levanta dados de três grupos de informantes, cada um de uma faixa etária: 59 a 74 anos, 45 a 53 anos e 25 a 32 anos. Esses dados aparecem no gráfico 3, que mostra 1ª, 2ª e 3ª pessoas separadamente (em cada pessoa, estão reunidos singular e plural):

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Gráfico 3. Frequências de sujeito nulo em diferentes gerações de falantes segundo Duarte (1995)

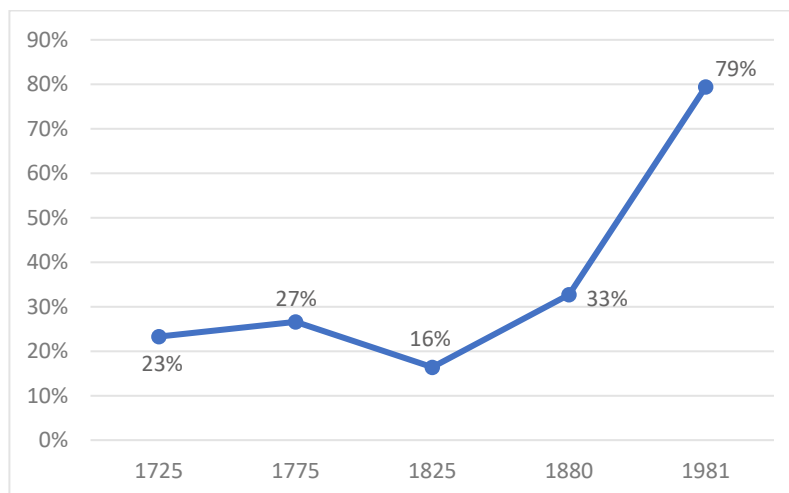


Fonte: Elaboração própria

Embora se possa observar um ligeiro aumento na incidência de sujeito nulo com a 2ª pessoa da faixa etária de 45-53 anos para a de 25-32 anos, os valores mostrados no gráfico indicam uma clara predominância da tendência de queda no uso de sujeito nulo em todas as pessoas da faixa etária mais velha para a mais nova.

Na mesma direção dos trabalhos acima, Tarallo (1993) também considera a ocorrência do fenômeno da diminuição do uso de sujeito nulo no PB – a que o autor remete em termos de aumento do sujeito pleno:

Gráfico 4. Evolução do uso de sujeito pleno no PB segundo Tarallo (1993)



Fonte: Elaboração própria

A despeito de uma queda no índice de sujeito pleno entre 1775 e 1825, os dados de Tarallo (1993) indicam o predomínio do aumento da incidência de sujeito pleno, com um aumento muito expressivo no período de 1880 a 1981.

As pesquisas relatadas acima, enfim, indicam a ocorrência, no PB, do fenômeno aqui tratado como aumento diacrônico nos índices de expressão pronominal do argumento-sujeito (em oposição à sua não expressão). Na seção seguinte, sintetizamos os procedimentos metodológicos que seguimos em Guerra (2017) para levantamento de dados referentes à mudança em questão. Como se poderá ver, além de outras particularidades em relação a trabalhos já realizados sobre a temática (destacadas anteriormente), nosso estudo mostra a trajetória da mudança até início do século XXI, enquanto pesquisas como as relatadas acima recobrem o período até fins do século XX.

Procedimentos metodológicos

Como estabelecido acima, este trabalho tem o objetivo central de disponibilizar dados quantitativos sobre o aumento da expressão pronominal do argumento-sujeito no PB. Na pesquisa em que levantamos os dados a serem, então, aqui apresentados, constituímos um *corpus* formado por peças teatrais brasileiras produzidas do século XIX ao XXI. Considerando que a mudança em foco pode ser mais bem percebida em gêneros textuais orais e tendo em vista a dificuldade (ou impossibilidade) de coletar amostras de língua falada de épocas mais antigas, optamos pela seleção de peças de teatro para compor o *corpus*, como forma de analisar textos mais próximos da modalidade falada, assumindo que peças de teatro, em geral, tendem a reproduzir a língua falada de sua época.

O recorte diacrônico estabelecido decorreu de restrições de acesso a peças anteriores ao século XIX e também do fato de esse recorte recobrir parte considerável da história do PB. Cada século foi dividido em primeira e segunda metade, o que propiciou a comparação entre cinco sincronias: primeira e segunda metades dos séculos XIX e XX e primeira metade do século XXI, referidas aqui como 19-1, 19-2, 20-1, 20-2 e 21-1.⁶

O Quadro 1 reúne as peças utilizadas, seus respectivos autores e anos de produção:

⁶ Ao fixar regularmente as sincronias 19-1, 19-2, 20-1, 20-2 e 21-1, nosso estudo também se particulariza em relação a outros trabalhos, motivados por focos diferentes, como o de Duarte (1995), que compara os anos de 1845, 1882, 1918, 1937, 1955 e 1992, e o de Tarallo (1993), que compara os anos de 1725, 1775, 1825, 1880 e 1981.

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Quadro 1. Peças teatrais utilizadas em Guerra (2017) para levantamento de ocorrências de (não) expressão pronominal do argumento-sujeito

Ano	Peça	Autor
Sincronia 19-1		
1842	<i>Os dois, ou o inglês maquinista</i> (OIM) ⁷	Martins Pena
1844	<i>Judas em sábado de aleluia</i> (JSA)	Martins Pena
1844	<i>Os irmãos das Almas</i> (OIA)	Martins Pena
1845	<i>Angelica e Firmino</i> (AEF)	Araújo Porto Alegre
1845	<i>As casadas solteiras</i> (ACS)	Martins Pena
1845	<i>As desgraças de uma criança</i> (ADC)	Martins Pena
1845	<i>O cigano</i> (OCI)	Martins Pena
1845	<i>O noviço</i> (ONO)	Martins Pena
1849	<i>Januário Garcia ou o sete orelhas</i> (JAG)	Martim Francisco Ribeiro de Andrada
Sincronia 19-2		
1858	<i>O demônio familiar</i> (ODF)	José de Alencar
1861	<i>Meia hora de cinismo</i> (MHC)	França Júnior
1864	<i>Verso e Reverso</i> (VER)	José de Alencar
1865	<i>A torre em concurso</i> (TEC)	Joaquim M. de Macedo
1869	<i>Romance de uma velha</i> (RDV)	Joaquim M. de Macedo
1870	<i>Remissão de pecados</i> (REP)	Joaquim M. de Macedo
1883	<i>Cahio o ministério</i> (COM)	França Júnior
1885	<i>A lotação dos bonds</i> (ALB)	França Júnior
1888	<i>Almanjarra</i> (ALM)	Artur Azevedo
Sincronia 20-1		
1907	<i>O Dote</i> (ODO)	Artur Azevedo
1921	<i>Onde canta o sabiá</i> (OCS)	Gastão Tojeiro
1921	<i>Ministro do supremo</i> (MDS)	Armando Gonzaga
1928	<i>Balduino</i> (BAL)	Armando Gonzaga
1929	<i>As noivas</i> (ANO)	Paulo Gonçalves
1933	<i>Deus lhe pague</i> (DLP)	Joracy Camargo
1936	<i>Álbum de família</i> (ADF)	Nelson Rodrigues
1943	<i>Vestido de noiva</i> (VDN)	Nelson Rodrigues

⁷ As siglas abreviam os nomes das peças, para a identificação de exemplos extraídos dessas obras.

Sincronia 20-2		
1960	<i>A invasão</i> (AIN)	Dias Gomes
1965	<i>O berço do herói</i>	Dias Gomes
1978	<i>Opera do malandro</i> (ODM)	Chico Buarque
1979	<i>A fábrica de chocolate</i> (FDC)	Mário Prata
1979	<i>Os órfãos de Jânio</i> (ODJ)	Millôr Fernandes
1982	<i>Dois tábuas e uma paixão</i> (DTP)	Millôr Fernandes
1983	<i>Crime e impunidade</i> (CEI)	Roberto Athayde
1989	<i>Doce fragmentos de loucura</i> (DFL)	Isis Baião
Sincronia 21-1		
2001	<i>E erámos todos Thunderbirds</i> (ETT)	Mario Bortolloto
2001	<i>Intimidade Indecente</i> (INI)	Leilah Assumpção
2001	<i>Sobre a arte de cortar bifés</i> (ACB)	Hugo Possolo
2002	<i>Aquele ano das marmitas</i> (ADM)	Naum Alves de Souza
2002	<i>Capitanias Hereditárias</i> (CAH)	Maria Carmen Barbosa e Miguel Falabella
2003	<i>Ilmo. Sr.</i> (ILM)	Naum Alves de Souza
2003	<i>Síndromes</i> (SIN)	Maria Carmen Barbosa e Miguel Falabella
2007	<i>Novas diretrizes em tempos de paz</i> (NDT)	Bosco Brasil
2008	<i>Ilustríssimo Filho da mãe</i> (IFM)	Leilah Assumpção
2012	<i>Nóis Otário(s)</i> (NOO)	Hugo Possolo

Fonte: Elaboração própria

Para a definição desse conjunto final de peças, foram usados os seguintes critérios:

- (i) coleta apenas de obras oficialmente publicadas;
- (ii) seleção, sempre que possível, da primeira edição da obra ou de versão próxima da primeira edição. Em caso de indisponibilidade das próprias obras publicadas, foram utilizados trabalhos de estudiosos que compilaram as obras originais;
- (iii) exclusão de peças que retratam um tempo diferente daquele em que foram escritas e de peças cuja trama não se passa no Brasil;
- (iv) descarte de peças escritas inteiramente em verso ou, no caso de peças que continham trechos em verso, não levantamento de dados desses trechos.

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Uma vez selecionado o *corpus*, foi estabelecido um conjunto de critérios para levantamento de ocorrências de expressão e de não expressão pronominal do argumento-sujeito. Foram recolhidas, para cada sincronia, 200 ocorrências entre uma e outra dessas duas alternativas. Assim, considerando as cinco sincronias, foram levantadas, no total, 1.000 ocorrências. Para a obtenção do total de ocorrências de cada sincronia, foram sendo selecionados todos os casos encontrados nos textos do *corpus*, desde o início do texto até a totalização da quantidade estabelecida (200 dados). Para cada texto do *corpus*, foi fixada a recolha de uma quantia máxima de 25 ocorrências.

Nesse levantamento, os seguintes critérios foram considerados:

- (i) a seleção de ocorrências levou em conta apenas orações principais (orações absolutas, orações matrizes de subordinadas, orações núcleos de adverbiais e primeira oração de estruturas coordenadas);
- (ii) o levantamento das 200 ocorrências de cada sincronia foi feito de modo a contemplar igualmente 1ª e 2ª pessoas, do singular e do plural, isto é, coleta de 50 ocorrências de cada uma dessas quatro opções;
- (iii) no contexto da 2ª pessoa do singular, o levantamento considerou como representativas dessa pessoa do discurso, indiscriminadamente, ocorrências relativas tanto ao pronome *tu* quanto ao pronome *você*; igualmente, no âmbito da 1ª pessoa do plural, o levantamento incorporou casos de *nós* e de *a gente*; da mesma forma, no domínio da 2ª pessoa do plural, o levantamento considerou casos referentes às formas *vós* e *vocês*;
- (iv) foram excluídas ocorrências compostas pela coordenação entre formas pronominais e outros sintagmas, como em *eu e meu irmão fomos ao cinema*, *você e a Maria fazem a mesma faculdade* etc.;
- (v) foram descartadas ocorrências de orações com verbos no imperativo.

Além disso, como explicado, o estudo foi delimitado à 1ª e à 2ª pessoas do discurso (no singular e no plural), desconsiderando a 3ª pessoa (singular e plural). Como se sabe, 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural (daqui em diante, 1PS, 2PS, 1PP e 2PP) constituem as chamadas pessoas do discurso, em oposição à 3ª, considerada a não pessoa. Nesse sentido, essa delimitação de nosso objeto de estudo circunscreveu a pesquisa a um subsistema particular de referência, a referência de natureza dêitica.

Dados quantitativos sobre o aumento da incidência de expressão pronominal do argumento-sujeito no PB e ocorrências exemplificativas

A Tabela 1 exibe nossos dados quantitativos sobre a mudança em pauta, mostrando os valores de cada pessoa do discurso separadamente e a média entre elas:

Tabela 1. Dados sobre expressão e não expressão pronominal do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural no português brasileiro do século XIX ao XXI

Pessoa do discurso	Expressão pronominal	19-1	19-2	20-1	20-2	21-1
1PS	+	28% (14/50)	32% (16/50)	22% (11/50)	36% (18/50)	58% (29/50)
	-	72% (36/50)	68% (34/50)	78% (39/50)	64% (32/50)	42% (21/50)
2PS	+	24% (12/50)	18% (09/50)	54% (27/50)	56% (28/50)	68% (34/50)
	-	76% (38/50)	82% (41/50)	46% (23/50)	44% (22/50)	32% (16/50)
1PP	+	18% (09/50)	14% (07/50)	38% (19/50)	54% (27/50)	68% (34/50)
	-	82% (41/50)	86% (43/50)	62% (31/50)	46% (23/50)	32% (16/50)
2PP	+	14% (07/50)	30% (15/50)	58% (29/50)	86% (43/50)	76% (38/50)
	-	86% (43/50)	70% (35/50)	42% (21/50)	14% (07/50)	24% (12/50)
Média	+	21% (42/200)	23,5% (47/200)	43% (86/200)	58% (116/200)	67,5% (135/200)
	-	79% (158/200)	76,5% (153/200)	57% (114/200)	42% (84/200)	32,5% (65/200)

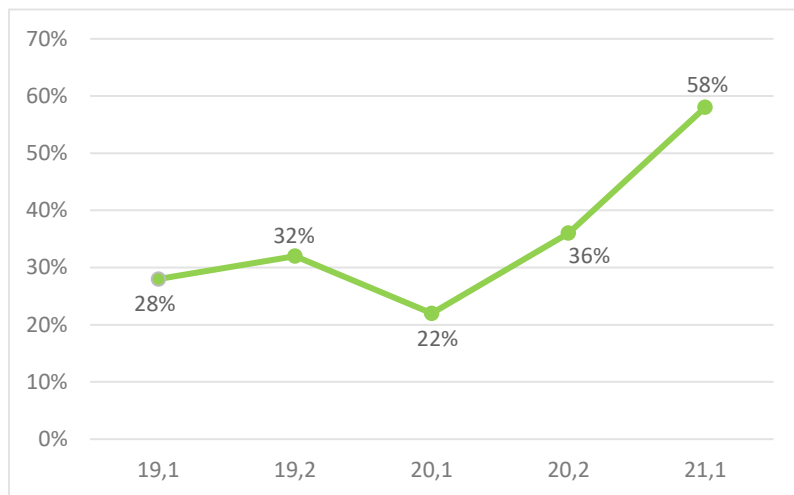
Fonte: Elaboração própria

Além das frequências de ocorrência, a tabela expõe valores absolutos (entre parênteses). Como explica a seção anterior, para cada sincronia e cada pessoa, foram coletadas 50 ocorrências entre expressão e não expressão pronominal do argumento-sujeito, o que soma, para análise da média entre os quatro contextos analisados (1PS, 2PS, 1PP, 2PP), 200 ocorrências a cada sincronia. Em relação a esses valores absolutos, são identificados os percentuais da tabela.

Como se vê, tanto os resultados de cada pessoa quanto os da média confirmam o processo de aumento diacrônico na incidência de expressão pronominal (e inversamente a diminuição da frequência de não expressão). O Gráfico 5 destaca especificamente os dados de 1PS, mostrando os valores relativos à opção pelo uso de pronome:

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Gráfico 5. Frequência de expressão pronominal do argumento-sujeito de 1ª pessoa do singular do século XIX ao XXI



Fonte: Elaboração própria

O gráfico evidencia que, ao longo do recorte temporal observado, prevalece a tendência de aumento da frequência de expressão pronominal. Com exceção do período entre 19-2 e 20-1, em que há retração do uso de pronome, nas demais passagens entre sincronias se verifica aumento de incidência. Inicialmente, em 19-1, a taxa de expressão pronominal encontra-se em 28%, sobe para 32% em 19-2, caindo para 22% em 20-1 (queda de 10%), porém essa diminuição é compensada na sequência: em 20-2 o índice já sobe para 36% (elevação de 14%, que recupera a redução anterior) e, continuando a tendência de aumento percentual, registra 58% em 21-1. Do início ao fim do período total observado, a frequência passa de 28%, em 19-1, para 58%, em 21-1, um crescimento de 30 pontos percentuais que faz a expressão pronominal, entre 20-2 e 21-1, superar a não expressão e se tornar a alternativa predominante no PB, no domínio de IPS.

Embora, como já definido, nosso trabalho focalize uma descrição quantitativa, os dados apurados permitem esboçar, complementarmente, observações de ordem qualitativa (que podem, inclusive, fomentar pesquisas futuras). A esse respeito, dentre outros possíveis caminhos de análise, é interessante notar que o aumento diacrônico da frequência de expressão pronominal em IPS é um movimento da língua compatível, de fato, com o princípio da competição entre forças como iconicidade e economia, sendo plausível a hipótese de que tal competição estaria na base de tal mudança.

Considerando os nove tempos/modos do PB padrão (seis tempos do indicativo e três do subjuntivo), as formas verbais relativas a IPS (levando em conta verbos regulares) incluem apenas três formas com desinência número-pessoal explícita (*cante-i*, *cant-o*,

cantare-i), sendo as demais caracterizadas por desinência zero (*cantara-Ø*, *cantava-Ø*, *cantaria-Ø*, *cante-Ø*, *cantasse-Ø*, *cantar-Ø*). Assim, num momento em que a língua exhibe predomínio de não expressão pronominal de IPS (por exemplo, em 19,1), a construção de orações em que o argumento-sujeito refere-se a IPS caracteriza-se, prevalentemente, pela economia linguística: o predomínio de não expressão pronominal, interagindo com o predomínio de formas verbais sem desinência número-pessoal explícita, potencializa orações em que o significado de IPS é veiculado sem nenhuma expressão formal. Nessa configuração, a língua favorece, na esfera de IPS, mais construções econômicas, como *Ø cantava-Ø bem*, do que construções não econômicas, como *eu cantava-Ø bem*.

Essa tendência se inverte, conforme o PB vai aumentando a incidência de expressão pronominal de IPS, e a língua deixa de fomentar predominantemente construções econômicas. Porém, essa nova situação é compatível com a dominância da motivação icônica: o aumento de expressão pronominal, interagindo com aquele mesmo predomínio de formas verbais sem desinência número-pessoal explícita, privilegia agora a construção de orações icônicas (isomórficas) no que diz respeito à expressão do significado de IPS, como *eu cantava-Ø bem* (em que uma forma, o pronome sujeito, expressa um significado, o de IPS), em detrimento de construções não icônicas (como *Ø cantava-Ø bem*).

Ou seja, o aumento diacrônico de expressão pronominal, na esfera de IPS, é condizente com o entendimento de que a língua vai se movimentando em função da atuação de forças como economia e iconicidade. Um estado de prevalência de não expressão pronominal é compatível com a dominação da economia linguística. Quando aumenta a expressão pronominal, a língua deixa de ser econômica, mas não se moveria, aleatoriamente, para um estado qualquer, e sim para uma situação compatível com outra força fundamental, no caso, a de iconicidade. Trata-se, enfim, de hipóteses funcionais que poderiam explicar os dados quantitativos apurados.

A título de ilustração e disponibilização de ocorrências, seguem abaixo um exemplo de uso e um de não uso do pronome de IPS de cada uma das sincronias em discussão:

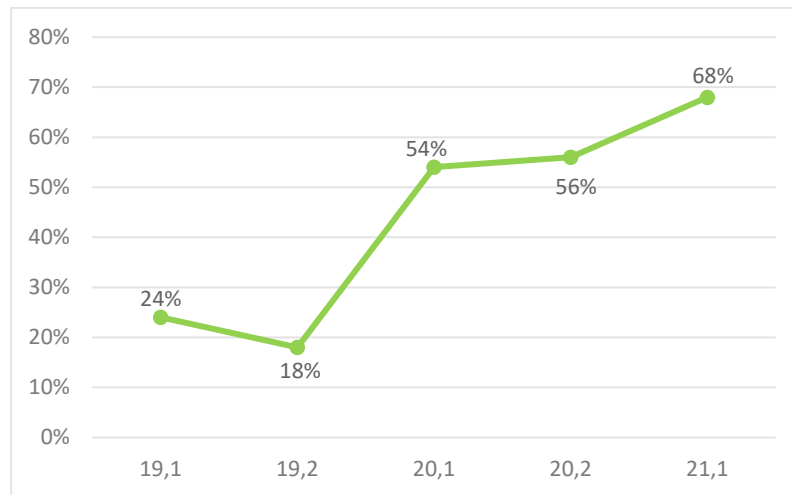
- (2) LUIZA – Não é possível viver assim muito tempo! – Sofrer e calar é minha vida. – [...] **Eu** já **podia** estar livre de tudo isto, se não fosse o maldito segredo que descobri. (19-1, OIA).
- (3) NEGREIRO – [...] Veja só os generos de primeira necessidade quanto pagam! O vinho, por exemplo, cinquenta por cento!
CLEMENCIA – **Boto** as mãos na cabeça todas as vezes que recebo contas do armazém ou da loja de fazendas. (19-1, OIM).

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

- (4) FAUSTINA – Lá vem elle... como é bonito! mas **eu** não **chamei** pessoa alguma. (19-2, TEC).
- (5) FELIPPE (*a Ernesto*) – Vinte contos, meu caro senhor! Anda amanhã a roda! Vinte contos!
ERNESTO – **Agradeço**; não estou disposto. (19-2, VER).
- (6) CONSTANÇA – **Eu** só **quero** ver onde irá parar o Ananias com todas essas despesas.
GENOVEVA – O futuro a Deus pertence. (20-1 MDS).
- (7) TERESA – Você jura?
GLÓRIA – **Juro**. (20-1, ADF).
- (8) HERRERA – Aí foi demais. Aí **eu** não **agüentei**. Vi que não tinha jeito mesmo. (20-2, FDC).
- (9) BENÉ (*Num tom abafado*) – Por aqui. Podem vir.
ISABEL – Espera aí, homem. Tá tudo cheio de prego. Já me **estrepei**... (20-2, AIN).
- (10) PAULA – Você é do tipo que bebe demais e esquece tudo.
ZERO – **Eu** não **bebo** pra esquecer. (21-1, ETT).
- (11) PAULA – Você é do tipo que bebe demais e esquece tudo.
ZERO – Eu não bebo pra esquecer. Mas **tenho** que admitir que esqueço de um bocado. (21-1, ETT).

O Gráfico 6, por sua vez, focaliza os dados quantitativos de 2PS:

Gráfico 6. Frequência de expressão pronominal do argumento-sujeito de 2ª pessoa do singular do século XIX ao XXI



Fonte: Elaboração própria

Como no caso de 1PS, também com 2PS predomina a tendência de aumento da frequência de expressão pronominal. Excetuando-se a fase inicial entre 19-1 e 19-2, na qual se vê redução percentual (pouco expressiva, de apenas seis pontos), em todo o restante do período observado percebe-se aumento de incidência. Destaca-se a transição de 19-2 para 20-1, em que o índice do emprego de pronome salta 36 pontos, fazendo essa alternativa sobrepôr-se à não expressão pronominal. Na continuidade, a frequência de uso de pronome continua em alta, chegando a 68% ao final do espaço temporal analisado, valor que excede o mais alto registrado em 1PS e resulta de uma ampliação de 44 pontos em relação ao percentual do início da contagem.

Em termos qualitativos, o aumento na incidência de expressão pronominal em 2PS também pode ser associado às motivações em competição. As formas verbais regulares relativas ao pronome *tu*, em todos os tempos/modos do PB padrão, têm desinência número-pessoal explícita. Assim, o aumento percentual na incidência desse pronome fomentaria construções redundantes (*tu canta-s bem* em vez de \emptyset *canta-s bem*), que não são nem icônicas nem econômicas. Porém, esse sistema seria compensado pela substituição diacrônica de *tu* por *você*. A maioria das formas verbais relativas a *você* têm desinência número-pessoal zero. Desse modo, o aumento na incidência de expressão pronominal de 2PS juntamente com a tendência de substituição de *tu* por *você* fomentam construções como *você canta- \emptyset bem* (em lugar de *tu canta-s bem*), ou seja, construções icônicas em termos de expressão do argumento-sujeito.

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

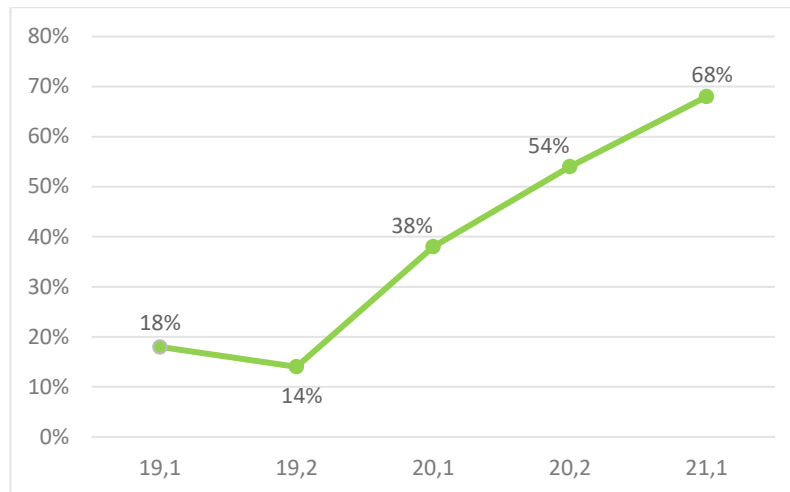
Também seguem adiante ocorrências de expressão e não expressão pronominal para cada uma das sincronias, agora no contexto de 2PS:

- (12) MARICOTA – Minha cara, nós não temos dote, e não é pregada á cadeira que acharemos noivo.
CHIQUINHA – **Tu** já o **achaste** pregada á janella? (19-1, JSA).
- (13) EUFRAZIA – Luísa, tu não queres ir ver os finados?
LUIZA – Não posso, estou incomodada. Quero ficar em casa.
EUFRAZIA – **Fazes** mal. (19-1, OIA).
- (14) VITORINO – Vivam os Tenentes do Diabo!
TODOS – Hip! Hip! Urrah!
ERNESTO – **Tu gritas** mais do que comes, meu caro amigo. (19-2, ALB).
- (15) CASIMIRO – Vou dar um curto passeio e volto já para tomar café.
VIOLANTE – **Vais** ver a nossa vizinha? (19-2, RDV).
- (16) MIGUEL – É verdade. Foi outro pequeno esquecimento...
BALDUINO (*zangado*) – **Você vive** com a cabeça não sei onde. (20-1, BAL).
- (17) MARIA – Boa noite! (*Limpando uma cadeira com o avental*). Faça favor de sentar-se.
SENHOR (*Risonho*) – Obrigado. Não **tem** curiosidade em saber quem sou eu? (20-1, DLP).
- (18) CONCEIÇÃO – [...] Jânio era macho. Levantava às 5 da manhã e lia todos os jornais – não era recorte não; com ele não tinha esse negócio de sinopse! Lia tudinho enquanto tomava café. E tacava bilhetinho pra todo mundo: ministro, general, embaixador, pra Deus e o diabo na terra do sol. [...]. (Pausa.) **Você já imaginou** o prefeito de Muribeca dos Curibocas recebendo um bilhetinho de censura do presidente? (20-2, ODJ).
- (19) DURAN – (*Toca a campainha; Duran desliga o telefone e berra*) Entra, porra! (*O sininho toca novamente; Duran levanta-se e vai até a porta, que é uma porta giratória; sai por ela e volta empurrando uma jovem de aparência lamentável, muito magra e com a roupa esfarrapada*) Não **sabe** ler, não? Não viu a placa escrito: entre sem bater? (20-2, ODM).
- (20) CARMELO – Ah, antes que eu me esqueça! E o pão com manteiga? Pãozinho de ontem, requentado no forno. Com manteiga rançosa. **Você vai** acabar espantando a freguesia. (21-1 ILM).

- (21) CARMELO – Quem é que gosta de carne de segunda?
 FILHO – Não esperava ouvir isso.
 CARMELO – Me **achou** grosso? (21-1, ILM).

O Gráfico 7 põe em evidência os dados quantitativos de 1PP:

Gráfico 7. Frequência de expressão pronominal do argumento-sujeito de 1ª pessoa do plural do século XIX ao XXI



Fonte: Elaboração própria

Também em 1PP o movimento preponderante é o de aumento na incidência de expressão pronominal. Similarmente ao que ocorre no domínio de 2PS, na esfera de 1PP o índice do uso de pronome cai entre 19-1 e 19-2 (apenas quatro pontos percentuais) e, em todo o período restante, aumenta continuamente. Em 20-2, ultrapassa a margem de 50%, indicando que a escolha pelo pronome passa a ser prioritária no domínio de 1PP, e em 21-1 alcança o valor de 68%, registrando uma ampliação de 50 pontos percentuais entre o início e o fim do período observado.

Observando esses dados qualitativamente, pode-se notar o mesmo tipo de movimento destacado acima acerca de 2PS, já que o aumento percentual de expressão pronominal em 1PP é acompanhado pelo aumento diacrônico na incidência da forma *a gente* em detrimento de *nós* e já que as formas verbais relativas a esses pronomes se comportam de modo igual às formas relativas aos pronomes *você* e *tu*, respectivamente, no que tange à presença/ausência de desinência número-pessoal explícita.

Novamente, são fornecidas abaixo ocorrências exemplificativas:

- (22) TIBURCIO – Consentes que eu fale a teu mano?
 LUIZA (*vergonhosa*) – Não sei...

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

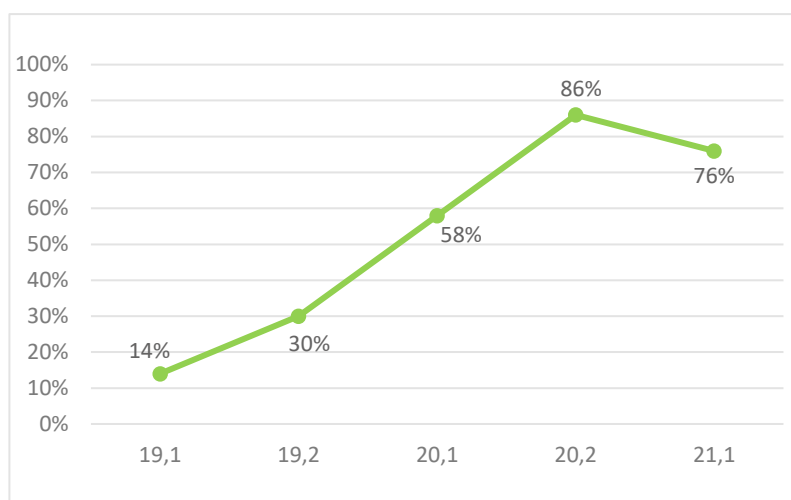
TIBURCIO (*beijando-lhe a mão*) – Malditos tagarellas que iam-me fazendo perder este torrão d’assucar. Minha Luiza, **nós seremos** muito felizes [...]. (19-1, OIA).

- (23) CABO (*entrando*) – Que gritos são esses?...
MARIANNA – **Temos** ladrões em casa ?... (19-1, OIA).
- (24) FELICIANINHA – Fui ao *Palais-Royal* experimentar um vestido, fui depois ao dentista, entrei no Godinho para ver umas fitas para o vestido da Chiquinha ...
MARIQUINHAS – **Nós** também **estivemos** no Godinho. (19-2, CM).
- (25) CAMILO – Elvira, está tudo perdido!
ELVIRA – Tudo perdido?! Não o compreendo!
CAMILO – Não **podemos** sair daqui sem um grande escândalo! (19-2, ALB).
- (26) NINI – A senhora, de certo, não queria que recebessemos pessoas de tanta distinção, com as paredes assim escalavradas. (mostra as paredes).
CONSTANÇA – O grande erro foi ter feito o convite. **Nós** não **estamos** em condições de receber ninguém. (20-1, MDS).
- (27) PEDRO [...] – Está quase na hora. **Temos** que andar depressa; depois do nosso, tem outro casamento.
ALÁIDE (queixosa) – Quer dizer que o outro casamento vai aproveitar a nossa ornamentação?
PEDRO – Deixa. Não tem importância. (20-1, VDN).
- (28) EUFRÁZIA (SENSUAL) – [...] Isolda, como você é energética, viril! Estou sentindo agulhadas em minhas velhas carnes!
ISOLDA (COM MALÍCIA) – Ih, não exagere, dona Eufrázia! **Nós temos** um “caso”, mas não é nesses termos... (20-2, DFL).
- (29) CECI – Os técnicos do Metrô vistoriaram tudo. Garantem que nos próximos cinco anos não cai.
CORDÉLIA – O perigo são essas garantias. Não **podemos** exigir indenização? (20-2, DTP).
- (30) LOBO – Agora, eu já me perdi. Tou com a cabeça péssima. Um minutinho. (*Para fora, tapando o bocal.*) Nildo, me compra Memoriol, agora! Tou precisando de uma talagada. (*De volta.*) **Nós estávamos** falando do que, mesmo, minha senhora? (21-1, SIN).

- (31) ISMAEL – Sábado, você pode não estar aqui, Maria Olga! Ninguém sabe que rumo os acontecimentos vão tomar.
 STELLA (Acelerada.) – Ele tem razão, Maria Olga. Se a coisa continuar assim, **vamos** pra Miami e esperamos a poeira abaixar. (21-1, CAH).

Finalmente, o Gráfico 8 mostra os dados sobre 2PP:

Gráfico 8. Frequência de expressão pronominal do argumento-sujeito de 2ª pessoa do plural do século XIX ao XXI



Fonte: Elaboração própria

Como se vê, prevalece o aumento de frequência de expressão pronominal também no domínio de 2PP, no qual, como nos casos anteriores, apenas uma transição entre sincronias mostra diminuição do emprego de pronome. Entre 19-2 e 20-1, o índice registrado supera a casa de 50% e, ao término do período em análise, marca 76%, valor final mais alto dentre os identificados em todos os contextos verificados (IPS, 2PS, IPP, 2PP), resultando, em relação ao início do período, num aumento de 62 pontos percentuais.

Sob um olhar qualitativo, cabe observar uma particularidade nos dados de 2PP: nos demais contextos (IPS, 2PS e IPP), a redução de uso pronominal aparece nas fases mais iniciais do período sob análise, quando ainda predomina a não expressão pronominal, enquanto, com 2PP, essa retração se verifica na fase final, quando já é preponderante (e mais natural) a opção pelo pronome. A esse respeito, é interessante notar que a queda acontece após o índice percentual atingir um valor que é o mais alto atestado (86%) levando em conta, até mesmo, os quatro contextos analisados. Trata-se, inclusive, de um valor expressivamente superior ao máximo registrado nos demais contextos (58% em IPS e 68% em 2PS e IPP). Esse seria um movimento passível de ser interpretado como bastante

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

ilustrativo da atuação de forças comunicativo-cognitivas sobre as mudanças linguísticas, conforme argumentado em Guerra (2017). Em todos os tempos/modos verbais do PB padrão, as formas verbais de 2PP (tanto as relativas a *vós* quanto as referentes a *vocês*) têm desinência número-pessoal explícita (por exemplo, *cantais*, *cantam*, *cantáveis*, *cantavam*). Assim, o aumento de expressão pronominal no domínio de 2PP fomenta sempre construções redundantes em termos de expressão do argumento-sujeito (como *vocês cantam*, *vós cantais*), uma situação nem icônica, nem econômica de codificação linguística. Desse modo, a retração que se vê no índice de expressão pronominal em 2PP, após ele se tornar marcadamente alto, seria uma situação ilustrativa do processo pelo qual a língua vai sendo “ajustada” por motivações como iconicidade e economia.

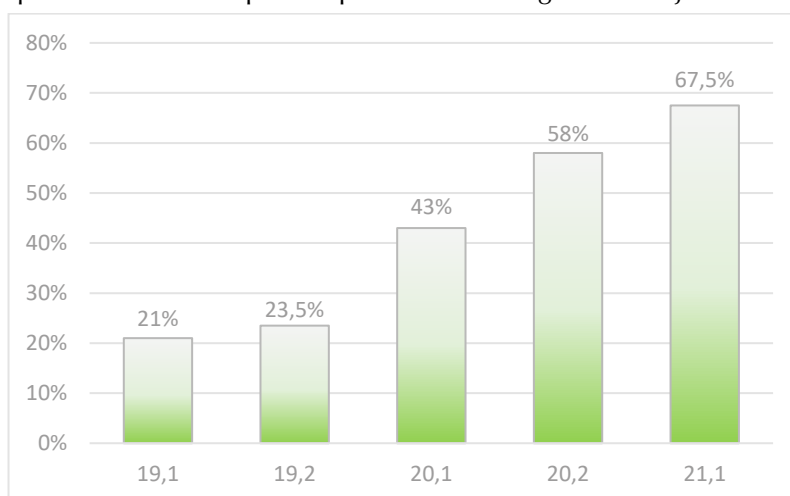
Seguem ocorrências de (não) expressão pronominal na esfera de 2PP:

- (32) FLORENCIA – Uma comédia?!...
 AMBROSIO – Sim, era uma comédia... um divertimento... uma surpresa... Eu e o sobrinho arranjávamos isso... bagatella... não é assim Carlinho? Mas então **vocês** não **ouviram** o officio até o fim?... quem prérgou?... (19-1, ONO).
- (33) CARLOS – Nem eu, nem o primo Juca queremos ser frades.
 AMBROSIO – Não **serão**... (19-1, ONO).
- (34) D. MARIA – **Vocês ficam?** A tarde está bastante fresca!
 EDUARDO – Já vamos, minha mãe. (19-2, ODF).
- (35) RAUL – Senhor Conselheiro, satisfaça-nos a curiosidade. Quem é o homem que nos vai governar?
 ANASTÁCIO – Pois ainda não **sabem**?
 GOULARTE – São tantas as versões,..
 ANASTÁCIO – Pensei que estivessem mais adiantados. Ora ouçam lá. (19-2, CM).
- (36) TERESA – Então! Bem, agora leia a carta.
 ANGÉLICA – Leia você, Cecília; eu tenho vergonha.
 CECÍLIA – Leio, mas depois a Teresa não vá dizer que eu sou abelhuda.
 ANGÉLICA (num sorriso) – Ih! **vocês** nem **parecem** irmãs! São tão briguentas! (20-1, ANO).
- (37) FLORIPES – É claro como água. Só não vê quem é cego...
 CARLOS (para mudar de conversa) – Mas então, **andam** a passeio?
 AMBROSINA – Qual passeio! Nós sahimos de casa para vir ao dentista. (20-1, BAL).

- (38) AURORA (furiosa) – **Vocês foram** para as ilhas gregas?
ALBERTO (excitado) – Mykonos, fora da estação claro... Porque eu queria oferecer a ele a cultura do princípio, entende, d. Aurora, tal como ela começou. Naturalmente tinha que ser a Grécia. (20-2, CEI).
- (39) ROSEMARY – Cazzo! Vão querer o radinho. Se é que isso pode ser chamado de radinho.
- (40) BASEADO – Ou então é o Dodói que está aprontando alguma.
HERRERA – **Querem** calar essa boquinha? Alô? Quem? Ah, o doutor? (20-2, FDC).
- (41) TÁLIA – Dionísio deixou recado para você ligar depois.
AÇOUGUEIRO 2 – Depois, quando?
TÁLIA – De noite. Quando **vocês tiverem** terminado.
AÇOUGUEIRO 1 – Parece que não vai terminar nunca.
TÁLIA – Parece mesmo. Mas não deixa de ligar... (21-1, ACB).
- (42) GABRIEL – Vocês deviam dar graças a Deus por estarem hospedando um homem como o Seu Heitor.
BRANCA – Se eu souber por que...
GABRIEL – Com o tempo **vão saber**. (21-1, ADM).

Em síntese, em todos os levantamentos observados (1PS, 2PS, 1PP e 2PP), a despeito de momentos (pontuais) de contração nos índices do uso de pronome, predomina o aumento desse recurso linguístico. Esse movimento é observado também na média entre os levantamentos, como destaca o gráfico 9:

Gráfico 9. Frequência média de expressão pronominal do argumento-sujeito do século XIX ao XXI



Fonte: Elaboração própria

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Fica explicitado pelo gráfico o fato de que a frequência média do uso de pronome aumenta ao longo do período estudado, seguindo, inclusive, um percurso constante de ascensão, sem nenhum momento de redução percentual. Na passagem de 20-1 para 20-2, o índice supera o de ausência pronominal e, ao final do período, alcança uma taxa que representa crescimento de 66,5 pontos percentuais em relação ao início da contagem.

Desse modo, os dados aqui apresentados, tanto no que diz respeito a cada contexto particular analisado, quanto no que tange à média geral, (i) sustentam que, no PB, da primeira metade do século XIX ao início do XXI, verifica-se, com efeito, um processo de aumento percentual da expressão pronominal do argumento-sujeito e (ii) oferecem especificações quantitativas de como o processo vai ocorrendo.

Considerações finais

Este artigo apresentou dados diacrônicos quantitativos sobre o aumento do índice de expressão pronominal do argumento-sujeito na história do PB, bem como ocorrências exemplificativas, complementando a exposição com reflexões qualitativas introdutórias sobre os dados apurados. Os resultados fornecidos corroboram o fenômeno em questão, a partir de perspectiva teórica, *corpus*, critérios de levantamento e segmentação temporal particulares em relação a outras pesquisas, ampliando e diversificando as fontes de informação para análise e entendimento da mudança.

Como sintetizado na seção teórica acima, um fenômeno como a evolução diacrônica do grau de transparência do PB decorreria, dentre outros fatores, de uma interação entre as tendências da língua no que tange à expressão pronominal do argumento-sujeito e às mudanças *tu/você* e *nós/a gente*. Ou seja, uma descrição como a aqui exposta pode alimentar estudos não apenas sobre a trajetória do uso de pronomes, mas sobre outras mudanças a ela relacionadas, como a diacronia da transparência.

É nesse sentido que esperamos que este artigo possa representar uma contribuição, ao funcionar como corroboração de uma tendência geral e fundamental do PB e, sobretudo, como disponibilização de dados de base para outras pesquisas.

Referências

CROFT, W. **Typology and universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993. p. 107-128.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax. *In*: HAIMAN, J. **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 187-219.

GUERRA, A. R. **Diacronia do grau de transparência do sistema de referência por expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoas no português brasileiro**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2017.

HAIMAN, J. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. **Language**, Baltimore, v. 56, n. 3, p. 515-540, 1980.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. **Language**, Baltimore, v. 59, n. 4, p. 781-819, 1983.

HAIMAN, J. **Natural syntax**: iconicity and erosion. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**. New York: Oxford University Press, 2008.

KAISER, G. A. Sobre a (alegada) perda do sujeito nulo no português brasileiro. *In*: LOBO, T. *et al.* (ed.). **Para a história do português brasileiro**. Novos dados, novas análises. v. 6. Salvador: EdUFBA, 2006. p. 11-42.

LEUFKENS, S. **Transparency in language**: a typological study. Utrecht: LOT, 2015.

LIGHTFOOT, D. W. A Theory of change. *In*: LIGHTFOOT, D. W. **Principles of diachronic syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 120-166.

LOBO, M. Sujeito nulo: sintaxe e interpretação. *In*: RAPOSO, E. *et al.* (org.). **Gramática do português**. v. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 2309-2335.

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

OLIVEIRA, T. P. Subject expression in Brazilian Portuguese. *In*: KEIZER, E.; OLBERTZ, H. (org.). **Recent Developments in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2018. p. 208-232.

RAPOSO, E. **Teoria da gramática**: a faculdade da linguagem. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

SLOBIN, D. I. Language change in childhood and in history. *In*: MACNAMARA, J. (ed.). **Language learning and thought**. New York: Academic Press, 1977. p. 185-214.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993. p. 69-105.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: GUERRA, Alessandra Regina. Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 203-230, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 09/12/2022.

UMA INVESTIGAÇÃO DIACRÔNICA DE “A PESAR DE” NO ESPANHOL PENINSULAR À LUZ DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Beatriz Goaveia Garcia PARRA-ARAUJO¹

Sandra Denise GASPARINI-BASTOS²

Letícia de Souza FERNANDES³

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3446>

Resumo: O presente artigo analisa diacronicamente “a pesar de”, juntor concessivo da língua espanhola, a fim de apresentar uma trajetória de gramaticalização que demonstre uma maior abstratização dos usos concessivos deste juntor. Neste estudo, adotamos a visão de gramaticalização descrita a partir do modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008). Por ser um modelo de análise organizado em níveis e camadas dispostos hierarquicamente, a GDF compreende que, em um processo de gramaticalização, os elementos mais gramaticalizados tendem a ocupar níveis e camadas mais elevados do que os elementos menos gramaticalizados. Os dados foram extraídos do *Corpus diacrónico del español* (CORDE) e analisados a partir de dois fatores: a camada de atuação da relação concessiva e a animacidade do referente introduzido por “a pesar de”. Nossa análise revela que, ao longo do tempo, tal juntor passa a marcar usos concessivos cada vez mais abstratos, pertencentes às camadas mais elevadas da GDF, e com escopo cada vez mais amplo no que diz respeito aos traços [humano] e [animado].

Palavras-chave: Gramaticalização. Gramática Discursivo-Funcional. Espanhol peninsular. Juntor “a pesar de”.

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; biagarcia.parra@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-4640-9325>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; sandra.gasparini@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-5968-8450>

3 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; leticia.s.fernandes@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0002-2953-9750>

A DIACHRONIC INVESTIGATION OF “A PESAR DE” IN PENINSULAR SPANISH WITHIN FUNCTIONAL-DISCOURSE GRAMMAR

Abstract: This article diachronically analyzes the Spanish concessive connective “a pesar de”, in order to present a grammaticalization path that demonstrates its increasingly abstract concessive uses. In this study, we adopt the grammaticalization perspective described by the Functional Discourse Grammar (FDG), by Hengeveld and Mackenzie (2008). As a model of analysis hierarchically structured into levels and layers, FDG assumes that, in a grammaticalization process, more grammaticalized elements tend to occupy higher levels and layers than less grammaticalized elements. The data were collected from the *Corpus diacrónico del español* (CORDE) and analyzed based on two factors: the layer in which the concessive relation is being established and the animateness of the referent introduced by “a pesar de”. Our analysis demonstrates that, over time, the connective progressed to outline increasingly abstract concessive uses –that belong to the higher layers of FDG– with broader scope regarding [human] and [animated] features.

Keywords: Grammaticalization. Functional-Discourse Grammar. Peninsular Spanish. “A pesar de” connective.

Introdução

Conforme Matte Bon (1995), *a pesar de* é o juntor concessivo da língua espanhola que mais ressalta o contraste entre duas informações. Tendo por núcleo o infinitivo substantivado do verbo *pesar*, os primeiros usos dessa locução, provenientes do século XII, como atestado por Torres Cacoullós (2006), carregam o sentido de indicar sofrimento ou desgosto a alguma pessoa, conforme vemos em (1):

- (1) Por esta occasion fue preso Daniel, **a pesar del** rey que lo querie enparar. (TORRES CACOUULLÓS, 2006, p. 37).

Neste exemplo, a locução *a pesar del rey* pode ser traduzida por “com o pesar do rei”, indicando, assim, que a prisão de Daniel causou tristeza ao monarca.

Torres Cacoullós (2006), ao analisar dados de língua espanhola do século XII ao XX, observa que, com o aumento na frequência dos casos de *a pesar de* ao longo do tempo, o núcleo *pesar* sofre um processo de descategorização, isto é, tal elemento perde as propriedades típicas de substantivo. Desse modo, quando presente na locução, *pesar* não mais apresenta gênero e número, deixa de receber modificadores e determinantes, bem como de se coordenar com outros substantivos dentro da posição de núcleo da locução.

Autores como Torres Cacoullos (2006) e Elvira (2009) chamam a atenção, no entanto, para o fato de que os processos de mudança linguísticos que resultaram na gramaticalização de *a pesar de* como juntor concessivo atuam na locução como um todo, e não apenas em seu núcleo. Assim, as mudanças sofridas por *pesar* assinalam uma maior rigidez da locução *a pesar de*, que, com o passar do tempo, deixou de ser vista como uma combinação de elementos linguísticos para assumir um sentido único, compondo o que Bybee (2003) chama de *collocation*, isto é, uma sequência automatizada de palavras que, de tão frequente, passa a ser concebida como uma unidade única de processamento. Como tal, a locução *a pesar de* torna-se menos flexível e variável, impossibilitando, por exemplo, a inserção de elementos linguísticos em sua estrutura interna.

As mudanças formais sofridas por *a pesar de* ao longo dos séculos, que geram uma maior opacidade da locução, são acompanhadas de mudanças semânticas que conduzem ao surgimento de seu valor concessivo.

Segundo Elvira (2009), o sentido de oposição de *a pesar de* está presente desde os usos da locução com o sentido de tristeza e sofrimento, pois, ao assinalar que uma determinada situação causa desgosto a alguém, é possível inferir que existe uma relação de contrariedade entre tal pessoa e a situação descrita. Assim, o autor conclui que, com o constante aparecimento de *a pesar de*, o sentido de incompatibilidade trazido por essa locução torna-se convencionalizado, fazendo com que ela passe a assumir o papel de juntor concessivo.

Torres Cacoullos (2006) identifica usos de *a pesar de* marcando oposição desde o século XVII, como ilustra o exemplo (2):

- (2) un hombre tan valiente que, **a pesar del comisario y de las guardas**, los soltó a todos. (TORRES CACOULLOS, 2006, p. 43).

No exemplo apresentado pela autora não verificamos mais em primeiro plano o sentido de tristeza trazido anteriormente por *a pesar de*, mas a configuração de um obstáculo – o comissário e os guardas – que deveriam ter impedido a ação do homem descrito como valente. Há, portanto, no exemplo, uma quebra de expectativa marcada pela locução *a pesar de*, que já pode ser compreendida como um juntor concessivo.

No que diz respeito aos usos de *a pesar de* no espanhol atual, os estudos de Garcia e Fante (2015, 2016) revelam que, mesmo após ter adquirido o valor de locução concessiva, esse juntor expande seus usos, marcando não apenas relações concessivas que expressam uma quebra de expectativa entre uma premissa e uma conclusão – exemplo (3) –, como também relações concessivas que se dão no plano da interação, como vemos no exemplo (4):

- (3) hacía años que no participaba en este campeonato, y la verdad es que, **a pesar de hacer unos obligatorios mediocres**, hay que tener en cuenta también que era la segunda vez que los realizaba desde el campeonato del mundo de Stuttgart (GARCIA; FANTE, 2016, p. 191, grifo nosso).
- (4) Para la gran mayoría la muerte es oscura, fría, el paso a la nada, **a pesar de que las creencias y las religiones busquen justificaciones y sacrificios en vida para un después tan eterno y maravilloso como aburrido**. (GARCIA; FANTE, 2016, p. 190, grifo nosso).

Com base nos dados analisados por Garcia e Fante (2015, 2016), é possível concluir que, após ter adquirido o valor concessivo e se estabelecido como locução da língua espanhola, *a pesar de* segue um percurso de abstratização do sentido concessivo, a ponto de não só marcar uma relação semântica de quebra de expectativa, como também relações concessivas interpessoais, que marcam estratégias de interação entre falante e ouvinte.

Desse modo, o presente trabalho tem o objetivo de analisar a trajetória de gramaticalização de *a pesar de* no espanhol peninsular com base em dois fatores de análise: (i) o tipo de relação concessiva marcado pela locução, e (ii) a animacidade do referente introduzido por *a pesar de*.

Com relação ao primeiro fator, nos baseamos nos estudos de Parra (2016) sobre a conjunção concessiva *aunque*, a partir do modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008). Considerando que o modelo abrange quatro níveis hierarquicamente organizados, sendo o Nível Interpessoal responsável pelas representações pragmáticas, o Nível Representacional responsável pelas representações semânticas, e os níveis Morfossintático e Fonológico responsáveis pelas codificações formais de cada língua, Parra (2016) conclui que *aunque* pode (i) marcar uma relação concessiva semântica entre dois Conteúdos Proposicionais, camada mais alta do Nível Representacional; (ii) marcar a função retórica Concessão, que se dá entre dois Atos Discursivos, camada do Nível Interpessoal; e (iii) marcar uma relação entre dois Movimentos, unidade mais alta descrita pela Gramática Discursivo-Funcional, também localizada no Nível Interpessoal. Assim, com relação a *a pesar de*, nossa hipótese é de que os usos dessa locução nas camadas do Nível Interpessoal tenham surgido posteriormente aos usos de *a pesar de* como marcador da relação concessiva semântica, pertencente ao Nível Representacional.⁴

4 O emprego de maiúsculas para os níveis e camadas da Gramática Discursivo-Funcional deve-se a uma padronização imposta pela própria teoria.

Já com relação à animacidade do referente introduzido por *a pesar de*, observaremos como os traços [humano] e [animado] se distribuem ao longo do tempo. Nossa hipótese inicial é de que *a pesar de* venha a introduzir referentes [-humanos] e [-animados] em seus usos mais recentes, o que comprovaria uma maior generalização de usos da locução concessiva com o passar do tempo. Como já descrito por Torres Cacoullós (2006), os usos iniciais de *a pesar de* estavam vinculados principalmente a um referente humano, em razão do valor inicial de *pesar* com o sentido de sofrimento atribuído a alguém; no entanto, com a gramaticalização de *a pesar de* em locução concessiva, houve uma abrangência dos referentes assumidos por tal locução, a ponto de a autora detectar usos de *a pesar de* acompanhando entidades inanimadas em dados do século XVII.

Para realizar a investigação, utilizamos os dados disponíveis no *Córpus diacrónico del español* (CORDE), organizado pela *Real Academia Española* (RAE), analisados a partir da periodicidade proposta por Eberenz (1991), que atribui ao espanhol três fases: a fase antiga, a fase média e a fase moderna.⁵

Como aparato teórico, utilizamos o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) e adotamos sua visão de gramaticalização para descrever a trajetória assumida por *a pesar de* em seu processo de abstratização enquanto juntor concessivo. Por ser um modelo estruturado em níveis e camadas, a GDF compreende o processo de gramaticalização como uma combinação de mudanças de conteúdo e de mudanças formais. As mudanças de conteúdo implicam que itens menos gramaticalizados tendem a ocupar níveis e camadas mais baixos do que os itens mais gramaticalizados, enquanto as mudanças formais tendem a caminhar para uma perda do valor lexical do item que se gramaticaliza.

A fim de concretizar nossos objetivos, o presente artigo se organiza da seguinte maneira: na próxima seção, descrevemos com mais detalhes o modelo da GDF e sua visão de gramaticalização; na sequência, trazemos a metodologia do nosso trabalho, com a caracterização do *córpus* e dos fatores de análise adotados. Posteriormente, apresentamos a análise dos dados de *a pesar de* em sua diacronia, para, enfim, tecer nossas Considerações finais.

A Gramática Discursivo-Funcional e sua visão de gramaticalização

A Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), é um modelo teórico estrutural-funcional de acordo com o qual o processamento da linguagem

⁵ Os dados foram coletados por Parra-Araujo (2020), que analisou a trajetória de gramaticalização de três jutores concessivos do espanhol peninsular: *aunque*, *a pesar de (que)* e *por mucho (que)*.

- | Uma investigação diacrônica de “a pesar de” no espanhol peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional

parte da intenção comunicativa do falante para a articulação das formas linguísticas. Essa concepção reflete uma de suas características mais representativas, conhecida como sua arquitetura descendente ou *top-down*: a organização da GDF prevê a existência de quatro níveis hierarquicamente dispostos em camadas, a saber, o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico.

O Nível Interpessoal é responsável por todos os aspectos formais e pragmáticos de um enunciado e evoca entidades que representam a intenção comunicativa do falante. A camada mais alta é a do Movimento (M), uma contribuição autônoma a um discurso em andamento, que pode provocar uma reação do ouvinte. Um Movimento é formado por um ou mais Atos Discursivos (A), a unidade básica de análise da GDF, definida, conforme Kroon (1995), como a menor unidade identificável no comportamento comunicativo. À diferença dos Movimentos, os Atos Discursivos não promovem o andamento da comunicação, mas funcionam como *backchannels*, ou seja, encorajam o falante a seguir com o discurso.

Os Atos Discursivos podem ser constituídos de até quatro elementos: Ilocução, Falante, Ouvinte e Conteúdo Comunicado, que por sua vez se compõe de Subatos Atributivos ou Referenciais. Em algumas situações, os Atos Discursivos podem apresentar estatutos comunicativos diferentes, caracterizando uma distinção entre Ato Discursivo nuclear, mais importante do ponto de vista comunicativo, e Ato Discursivo Subsidiário, que pode receber uma função retórica, que marca a relação de dependência estabelecida entre os dois Atos. No caso específico deste trabalho, interessa especialmente a função retórica Concessão⁶ que, segundo Keizer (2015), permite ao falante expressar, no Ato Discursivo Subsidiário, que o conteúdo expresso no Ato Discursivo Nuclear pode não ter sido como o esperado.

O Nível Representacional é responsável pelas representações semânticas das unidades linguísticas e, de acordo com Keizer (2015), envolve todos os aspectos de sentido não descritos pela intenção comunicativa do falante. A camada mais alta é a do Conteúdo Proposicional (p), uma entidade de terceira ordem, ou seja, um construto mental que não pode ser localizado no tempo nem no espaço. Conteúdos Proposicionais são formados por um ou mais Episódios, uma combinação tematicamente coerente de Estados de Coisas, que, por sua vez, se definem como entidades que se localizam no tempo e no espaço, sendo avaliadas em termos de sua realidade. Os Estados de Coisas têm como núcleo uma Propriedade Configuracional, composta basicamente por uma

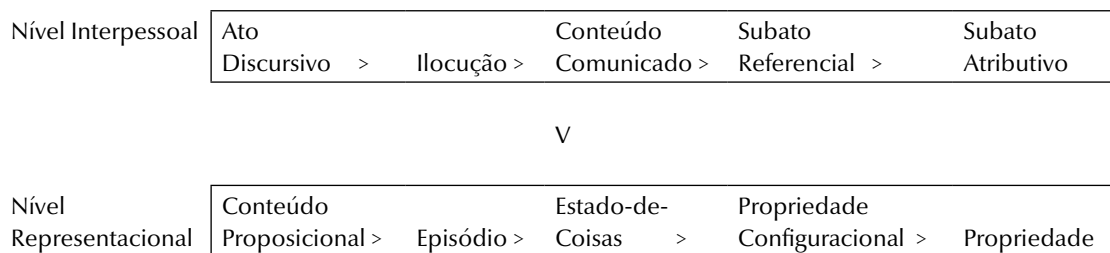
⁶ As funções retóricas previstas por Hengeveld e Mackenzie (2008) são Motivação, Orientação, Correção e Concessão.

Propriedade aplicável a um (ou mais) Indivíduos, podendo, também, apresentar unidades que especificam Lugar, Tempo, Maneira, Razão e Quantidade.

Encarregado de codificar as distinções interpessoais e representacionais fornecidas pelos níveis anteriores, o Nível Morfossintático é responsável pelos aspectos estruturais de uma unidade linguística. O Nível Fonológico, por fim, compreende os aspectos da codificação que não são contemplados pelo Nível Morfossintático.⁷

Na GDF, o processo de gramaticalização é concebido como uma combinação de mudanças de conteúdo e de mudanças formais (HENGEVELD, 2017). As mudanças de conteúdo estão relacionadas ao aumento de *escopo* – compreendido a partir dos níveis e camadas da GDF, em especial, o Nível Interpessoal e o Representacional. Em conformidade com a proposta de uma arquitetura descendente, as relações de escopo estão definidas de modo que os níveis e as camadas mais altos escopam os níveis e as camadas mais baixos.

Figura 1. Relações de escopo na GDF



Fonte: Hengeveld (2017, p. 13, tradução nossa)

De acordo com Hengeveld (2017), o processo de gramaticalização se inicia quando um item lexical é inserido no sistema gramatical, o que pode acontecer em qualquer um dos pontos apresentados na figura 1. Em seguida, ele tende a alcançar níveis e camadas mais altos e a avançar no processo de gramaticalização. Em suma, quanto mais alto for o nível ou a camada ocupada por um item, mais gramaticalizado ele estará, e vice-versa. Destaca-se que, ao entrar no sistema gramatical, não é possível que o item desça na escala hierárquica dos níveis e camadas – ou seja, ele não poderá regredir para camadas mais baixas, nem se mover do Nível Interpessoal para o Nível Representacional.

O processo de gramaticalização dos itens lexicais, portanto, pode ser atestado pelas mudanças de conteúdo propostas por Hengeveld (2017), respeitando a unidirecionalidade

⁷ Dada a complexidade do modelo, limitamo-nos a apresentar apenas algumas unidades dos Níveis Interpessoal e Representacional por serem as mais relevantes para a análise aqui proposta.

- | Uma investigação diacrônica de “a pesar de” no espanhol peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional

inerente ao processo, já que, à medida que o item se gramaticaliza, passa de uma camada menos subjetiva e menos geral para uma camada mais subjetiva e mais geral.

As mudanças formais, por outro lado, estão relacionadas ao comportamento distribucional dos elementos gramaticalizados, fundamentadas em *clines* de mudança que considerem a funcionalidade morfossintática dos itens e que apontem sempre a um declínio da lexicalidade. Por exemplo, a escala de mudança formal elaborada por Hengeveld (2017) a partir de Keizer (2017) demonstra que os itens linguísticos podem passar de lexemas a operadores lexicais e, por fim, a operadores:

(5) lexemas > operadores lexicais > operadores

Em conformidade com os princípios teóricos da GDF, Hengeveld (2017) afirma que não é possível estabelecer uma relação de um-para-um entre as mudanças de conteúdo e as mudanças formais, sendo elas consideradas, portanto, processos independentes. É possível que haja combinações entre as mudanças de conteúdo e as mudanças formais; no entanto, elas ocorrem de maneira extremamente limitada, de modo que um item que ascende na escala da mudança de conteúdo não pode regredir na escala das mudanças formais, e um item que ascende na escala das mudanças formais não pode regredir na escala das mudanças de conteúdo.

A autonomia entre os processos de mudanças de conteúdo e mudanças formais permite uma análise adequada da gramaticalização de jutores concessivos à luz da GDF. Por um lado, as mudanças de conteúdo contribuem para a verificação de um possível *cline* de gramaticalização envolvendo o aumento do escopo nas relações marcadas pelo jutor concessivo *a pesar de*; por outro, as mudanças formais contribuem para a compreensão do nível em que o jutor *a pesar de* estará atuando, Interpessoal ou Representacional.

Aspectos metodológicos da pesquisa

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa, a saber, traçar uma trajetória de gramaticalização para a locução conjuntiva *a pesar de* no espanhol peninsular após tal locução ter adquirido valor concessivo, analisamos diacronicamente as ocorrências de *a pesar de* encontradas no *Córpus diacrónico del español* (CORDE), banco de dados organizado pela Real Academia Española (RAE), e disponibilizado *on-line* pelo endereço eletrônico <http://corpus.rae.es/cordenet.html>. Em razão do grande número de dados disponíveis, filtramos as ocorrências selecionadas para esta pesquisa a partir de seu meio de publicação, de sua região geográfica, de sua temática e de sua cronologia. Assim, as ocorrências aqui analisadas foram publicadas em livros, publicados originalmente na Espanha e que abordam como temática uma prosa narrativa ou histórico-documental.

Com relação à cronologia, utilizamos a periodização do espanhol elaborada por Eberenz (1991), que propõe dividir temporalmente essa língua em: Fase Antiga (1200-1450); Fase Média (1450-1650) e Fase Moderna (1650-atualidade). Desse modo, as ocorrências levantadas foram agrupadas e analisadas tendo em vista essas três grandes fases de desenvolvimento.

No que diz respeito ao aparato teórico, recorreremos ao modelo da Gramática Discursivo-Funcional (GDF). Como descrito na seção anterior, por ser um modelo funcionalista de análise organizado em níveis que partem da intenção comunicativa para a codificação, a GDF possibilita investigar e descrever os processos de mudança linguística que atuam diacronicamente em uma língua. Logo, tal modelo permite observar-se a locução *a pesar de*, após ter adquirido valor concessivo, sofreu algum tipo de abstratização desse valor com o passar do tempo, caso a locução passe a marcar relações concessivas que atuam no Nível Interpessoal, além dos casos típicos de concessão semântica, localizada no Nível Representacional, o que, em termos de GDF, representaria um alargamento do escopo.

Para analisar a possível gramaticalização de *a pesar de* enquanto juntor concessivo, faremos uso de dois fatores de análise: a camada de atuação da relação concessiva e a animacidade do referente introduzido por esse juntor.

Tendo em vista o que descreve Hengeveld e Mackenzie (2008) sobre as relações concessivas na GDF e também os estudos de Parra (2016) sobre os usos de *aunque* no espanhol peninsular à luz desse modelo teórico, é possível afirmar que, no interior da GDF, a relação concessiva se estabelece em dois diferentes níveis: no Interpessoal, mais especificamente nas camadas do Movimento e do Ato Discursivo; e no Representacional, na camada do Conteúdo Proposicional.

Quando atua na camada do Movimento, a relação concessiva configura uma função discursiva, na qual o falante interrompe o Movimento em curso para introduzir um novo tópico discursivo que contrasta com todo o conteúdo desenvolvido anteriormente, considerado importante para o entendimento do Movimento principal. Na camada do Ato Discursivo, a relação concessiva configura uma função retórica Concessão.

Quando atua na camada do Conteúdo Proposicional, pertencente ao Nível Representacional, a relação concessiva representa uma função semântica. A estrutura principal marca uma quebra de expectativa e apresenta uma conclusão oposta à esperada a partir do que é enunciado na estrutura concessiva. A concessão, portanto, estabelece um conflito entre crenças ou conhecimentos relacionados ao funcionamento do mundo.

Garcia e Fante (2015, 2016), ao estudarem os usos de *a pesar de* no espanhol atual, encontraram dados desse juntor marcando a relação concessiva semântica, como casos em que *a pesar de* marca estratégias interpessoais, como a função retórica Concessão ou a introdução de novos Movimentos. Vejamos os exemplos fornecidos pelas autoras:

- (6) lo que pasa que mi hermano mayor es/ lo he idealizado un poco/ y yo cuando/ como nunca estaba// cuando venía/ a mí siempre me/ lo que más me gustaba era estar con él// y me/ y jugaba mucho con él/ porque **a pesar de ser// casi doce o trece años mayor que yo//** pero él él/ cuando venía estaba mucho conmigo/// y vino a la Primera comunión y yo me acuerdo me emocioné mucho. (GARCIA; FANTE, 2015, p. 233).

Nessa ocorrência, *a pesar de* marca uma relação entre Conteúdos Proposicionais no Nível Representacional, visto que, sendo o irmão do entrevistado muitos anos mais velho do que ele, gera no interlocutor a expectativa de que os irmãos não se dariam bem; no entanto, como afirma o entrevistado, quando se encontravam, os irmãos ficavam bastante juntos.

- (7) se promocionará el aire acondicionado/ más que la calefacción/// **a pesar de que la calefacción pues puede ocurrir que (ts) que sea necesaria unos cuanto:s días/ al año/**. (GARCIA; FANTE, 2015, p. 240).
- (8) A: pues mira// yo-/ siempre desigual/// yo no tengo:- no soy muy ordenada/ hago lo que quiero todos los días// y: pues no sé me levanto/// me acuesto muy pronto// pero me levanto también pronto// vivo en:- arriba de mi hermana que es soltera// que vivía con mis pa - dres/ bajo desayuno con ella// luego después ya viene la chica arreglamos un poquito las dos casas/ y:/ salgo a comprar/ ya no vuelvo me voy a tomar café con unos con otros «¿que tal?» «bien»/ luego llego a casa y:-/ y voy por la tarde a misa o por la mañana a misa/ suelo ir a misa// todos los días/ porque ya te digo que:- que es la única:/ motor que a mí me:-/ me mantiene tan alegre/ y tan contenta y tan bien// **a- a pesar de que yo no soy devota de ningún santo (risa = 1) es una cosa extraña/** pero bien/// pregunta pregunta (risa = 1) que si no me salgo//. (GARCIA; FANTE, 2015, p. 237).

Já nessas ocorrências, temos *a pesar de* atuando no Nível Interpessoal. Em (7), o juntor marca a função retórica Concessão, pois introduz um Ato Discursivo que serve de ressalva ao Ato Discursivo anterior. Desse modo, ao dizer que as vendas de ar-condicionado são mais promovidas do que as de aquecedores, o falante sente a necessidade de afirmar a

importância dos aquecedores em alguns dias do ano, a fim de evitar que o ouvinte pense que esses equipamentos são menos úteis do que o ar-condicionado.

Em (8), por sua vez, o enunciado introduzido por *a pesar de* não se volta apenas para o Ato Discursivo anterior, mas sim a todo o Movimento, no qual o falante comenta sobre sua rotina religiosa. Nesse caso, o Movimento introduzido por *a pesar de* abre um parêntese para que o falante possa informar sobre a sua falta de devoção por algum santo específico. Terminada essa breve digressão, o falante retoma o andamento discursivo por meio do marcador *pero*.

Considerando que, como já apresentado anteriormente, a GDF compreende que um processo de gramaticalização envolve aumento de escopo, no qual itens mais gramaticalizados ocupam níveis e camadas mais altos que itens menos gramaticalizados, é possível afirmar que o valor concessivo marcado por *a pesar de* nas camadas do Nível Interpessoal é mais abstrato do que o valor concessivo que *a pesar de* apresenta quando atua no Nível Representacional. Assim, nossa hipótese é de que os usos interpessoais de *a pesar de* tenham surgido posteriormente no espanhol peninsular, isto é, primeiro *a pesar de* passou a ser utilizado como juntor concessivo, marcando a concessão semântica, e, com o passar do tempo, começou a marcar a função retórica Concessão, para, depois, ser utilizado como introdutor de Movimentos.

No que compete à animacidade, analisamos os Indivíduos introduzidos por *a pesar de* a partir dos traços [humano] e [animado], tendo em vista a seguinte escala de abstratização:

(9) [+humano] > [-humano, +animado] > [-humano, -animado]

Quando apresentam o traço [+humano], os Indivíduos acompanhados por *a pesar de* são considerados seres humanos, sendo, portanto, codificados por meio de um sintagma nominal, palavra lexical ou pronome. Os Indivíduos com traços [-humano, +animado] são os demais seres vivos, como plantas e animais, e que também podem ser representados morfossintaticamente por sintagmas nominais, palavras lexicais e pronomes. Indivíduos com o traço [-humano, -animado] são, por fim, os objetos, que também podem receber codificação morfossintática de um sintagma, de uma palavra ou de um pronome.

Ao analisarmos as ocorrências diacrônicas de *a pesar de* a partir desse fator, esperamos encontrar uma abstratização dos Indivíduos escopados por esse juntor ao longo do tempo conforme a escala apresentada em (9).

- | Uma investigação diacrônica de “a pesar de” no espanhol peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional

Análise dos dados de *a pesar de*

Os dados coletados resultaram em 368 ocorrências de *a pesar de* com valor concessivo, sendo 74 ocorrências da fase antiga, 130 da fase média e 164 da fase moderna, o que já demonstra um aumento da frequência de uma sincronia para outra, como veremos na sequência.

A pesar de na fase antiga

Tabela 1. Relação entre camada de atuação e animacidade do referente

Camada de atuação da relação concessiva		
Conteúdo Proposicional	Ato Discursivo	Movimento
74 (100%)	---	---
Animacidade do referente		
Humano	Animado	Inanimado
72 (97,2%)	---	2 (2,8%)

Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar na análise das 74 ocorrências da fase antiga, todos os casos identificados estabelecem uma relação concessiva na camada do Conteúdo Proposicional, com referente majoritariamente humano, como exemplifica *turcos* na ocorrência (10):

- (10) Estonçes entraron dentro a priessa. & passaron de la otra parte **a pesar de los turcos** & fueron ferir en ellos & fue alli el torneo muy grant. (Ap.FA.Nr:CORDE)
[Então adentraram com pressa e passaram a outra parte **apesar dos turcos** e foram feri-los e foi ali um torneio muito grande]⁸

⁸ As traduções apresentadas são de nossa autoria e têm por finalidade facilitar a interpretação do leitor na interpretação das ocorrências do espanhol em sincronias mais antigas.

A pesar de na fase média

Tabela 2. Relação entre camada de atuação e animacidade do referente⁹

Camada de atuação da relação concessiva		
Conteúdo Proposicional	Ato Discursivo	Movimento
129 (99,2%)	1 (0,8%)	---
Animacidade do referente		
Humano	Animado	Inanimado
86 (86%)	---	14 (14%)

Fonte: Elaboração própria

As 130 ocorrências de *a pesar de* na fase média também comprovam o predomínio de casos de Conteúdo Proposicional com referente majoritariamente humano, conforme mostra a ocorrência (11). Porém, já é possível identificar uma ocorrência em que o juntor introduz um Ato Discursivo, com referente inanimado, como ilustrado em (12):

- (11) Porque su inclinación natural fue otra que letras, por ser de condición altivo, amigo de tratar cosas de armas y de entender en travesuras. Por lo cual duró muy poco en el estudio, y **a pesar de sus padres** se volvió a Medellín, con dos años de gramática mal entendida. (Ap.FM.HD:CORDE)
[Porque sua inclinação natural era outra ao invés das letras, por ser de condição altivo, amigo de tratar das coisas de armas e de entender de travessuras. Pelo qual ficou muito pouco no estudo, e **apesar de seus pais** voltou à Medellín, com dois anos de gramática mal entendida].
- (12) Hacía una sangría por excelencia (o por señoría), * pero había de ser en ayunas, que después de haber bebido (porque él no comía jamás) de cinco picadas apenas acertaba una; y como mi padre le conocía la enfermedad, aplicábale la mañana por remedio. Era tan noble que jamás sacó sangre baja: siempre picaba alto. Cuando sangraba del tobillo a alguna dama, asistía mi padre con una luz, y mi tío traía la sangre más peligrosa, **a pesar de los humores más ocultos**. (Ap.FM.Nr:CORDE)
[Fazia uma sangria por excelência (ou por senhoria), mas tinha que ser em jejum, porque depois de ter bebido (porque ele não comia nunca) de cinco

⁹ Lembramos que, como já mencionado anteriormente, a animacidade é aplicada apenas à categoria Indivíduo, o que justifica a divergência no número de ocorrências entre os dois fatores das tabelas 2 e 3.

- | Uma investigação diacrônica de “a pesar de” no espanhol peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional

picadas quase não acertava uma; e como o meu pai conhecia sua enfermidade, aplicava-lhe de manhã por remédio. Era tão notável que jamais tirou sangue baixo: sempre furava alto. Quando sangrava o tornozelo de alguma dama, assistia meu pai com uma luz, e meu tio trazia o sangue mais perigoso, **apesar dos humores mais ocultos**].

Em (11), a relação concessiva marcada por *a pesar de* se dá na camada do Conteúdo Proposicional, uma vez que a estrutura concessiva traz um obstáculo que não impede a realização da ação (os pais não impedem que os filhos voltem à cidade). Já em (12), a estrutura introduzida por *a pesar de* não se configura como um obstáculo ao enunciado anterior, mas sim como um comentário do falante a respeito da personalidade do tio. Nesse caso, a relação concessiva se dá no Nível Interpessoal, na camada do Ato Discursivo.

***A pesar de* na fase moderna**

Tabela 3. Relação entre camada de atuação e animacidade do referente

Camada de atuação da relação concessiva		
Conteúdo Proposicional	Ato Discursivo	Movimento
136 (82,9%)	27 (16,5%)	1 (0,6%)
Animacidade do referente		
Humano	Animado	Inanimado
11 (36,7%)	1 (3,3%)	18 (60%)

Fonte: Elaboração própria

Na fase moderna, as 160 ocorrências de *a pesar de* já mostram uma evolução com relação à camada de atuação da relação concessiva, como também da animacidade do referente. Embora haja predomínio de *a pesar de* na camada do Conteúdo Proposicional, observa-se um crescimento de ocorrências introduzindo Atos Discursivos e a existência de uma ocorrência de Movimento. Com relação à animacidade do referente, há um aumento da abstratização, visto que os referentes inanimados prevalecem sobre humanos e animados, diferentemente do que se observa na fase antiga. Observemos os exemplos:

- (13) Déjate de extravagancias, no irrites mi furor. No, no lo pienses. He dado mi palabra, y **a pesar del mundo entero** he de cumplirla. (Ap.FMo.Nr:CORDE) [Deixa-te de extravagâncias, não irrites meu furor. Não, não o penses. Dei minha palavra, e **apesar do mundo inteiro** hei de cumpri-la]

- (14) Pero salgamos de las honduras en que nos hemos metido, y terminemos este artículo, que va siendo ya sobrado largo, afirmando que el libro del señor Taylor es muy agradable de leer, **a pesar de los defectillos que hemos notado** (Ap.FMo.HD:CORDE)
[Mas saiamos das funduras em que nos metemos, e terminemos este artigo, que já está muito longo, afirmando que o livro do senhor Taylor é muito agradável de ler, **apesar dos defeitinhos que notamos**]
- (15) En el año veinte cuando los apuros de la patria eran mucho mayores, que en los años once y doce, en que se fijó el máximun de los sueldos en cuarenta mil reales, las Cortes en lugar de haberle bajado de nuevo, le alzaron a su vista, sin haber tomado en la oposición que conmigo hicieron algunos diputados la menor parte, **a pesar de que él estaba tan penetrado de la necesidad de este máximun, que una de sus primeras órdenes, antes de reunirse las Cortes, fue reducir a él todos los sueldos, sin más excepciones que las contenidas en los decretos que le fijaron.** (Ap.FMo.HD:CORDE)
[No ano vinte quando os apuros da pátria eram muito maiores que nos anos onze e doze em que se fixou o máximo dos salários em quarenta mil reais, as Cortes em lugar de tê-lo abaixado de novo o aumentaram ao seu parecer, sem ter tomado a menor parte na oposição que fizeram comigo alguns deputados, **apesar de que ele estava tão penetrado na necessidade deste máximo que uma de suas primeiras ordens, antes de as Cortes se reunirem, foi reduzir todos os salários, sem mais exceções que as contidas nos decretos que estabeleceram**]

Em (13), a relação concessiva novamente se estabelece na camada do Conteúdo Proposicional, com referente inanimado (mundo). Em (14), diferentemente, a relação concessiva se estabelece na camada do Ato Discursivo. Nesse caso, o Ato introduzido por *a pesar de* traz uma ressalva (apesar dos defeitos, o livro é agradável) e exerce a função retórica Concessão. Por fim, em (15), verificamos um caso de *a pesar de* introduzindo um Movimento, a camada mais alta do Nível Interpessoal. Observamos que o novo tópico discursivo introduzido (a necessidade do estabelecimento de um teto salarial) traz uma oposição ao Movimento anterior (o cenário econômico do período a que faz referência).

Ao analisarmos a diacronia de *a pesar de* enquanto juntor concessivo, observamos uma gradual abstratização dos elementos que, acompanhados desse juntor, formam a estrutura concessiva, o que caracteriza uma constante trajetória de gramaticalização. Inicialmente, o juntor acompanha principalmente Indivíduos marcados pelo traço [+humano]; na fase antiga, e de maneira predominante nas demais fases, marca relações

- | Uma investigação diacrônica de “a pesar de” no espanhol peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional

concessivas que se estabelecem na camada do Conteúdo Proposicional, unidade pertencente ao Nível Representacional da GDF. Com o passar dos séculos, as unidades semânticas introduzidas por *a pesar de* são ampliadas e predominam, na fase moderna, unidades mais abstratas que a de Indivíduo. Assim, as relações que antes se limitavam ao Nível Representacional alcançam camadas mais altas do modelo, como a do Ato Discursivo e a do Movimento, ambas pertencentes ao Nível Interpessoal.

Confirmamos, assim, nossa hipótese prevista para a trajetória de gramaticalização do juntor *a pesar de*, que marca uma maior abrangência de atuação ao longo dos séculos, do Nível Representacional para o Nível Interpessoal, além de tomar por escopo referentes mais abstratos.

Considerações finais

A partir da análise do juntor *a pesar de* em dados diacrônicos do espanhol peninsular, foi possível verificar uma evolução gradativa das camadas de atuação do juntor, considerando-se o modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional. Assim, da fase antiga até a fase moderna, observou-se a seguinte trajetória:

Conteúdo Proposicional > Ato Discursivo > Movimento

A animacidade do referente nominal presente na estrutura concessiva torna-se mais abstrata na medida em que, na fase antiga, referentes humanos prevalecem sobre referentes inanimados e, na fase moderna, referentes inanimados prevalecem sobre referentes humanos e animados. Nesse processo de abstratização, generalização e pragmatização, destaca-se o aumento da frequência do juntor ao longo do tempo.

A análise diacrônica do juntor *a pesar de*, ancorada no modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional, permitiu, a partir das unidades hierarquicamente organizadas que integram o modelo, detectar os pontos de mudança linguística sofridos no emprego do juntor enquanto marcador da relação concessiva.

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES pelo auxílio financeiro concedido.

Referências

BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (ed.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

EBERENZ, R. La periodización de la historia morfosintáctica del español: propuestas y aportaciones recientes. **Cahiers d'études hispaniques médiévales**, Paris, n. 32, p. 181-201, 2009. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/cehm_1779-4684_2009_num_32_1_2072. Acesso em: 18 abr. 2017.

ELVIRA, J. Mal que le pese, pese a que y otros 'pesares'. Gramaticalización y lexicalización en la lengua medieval. *In*: MIGUEL, E.; SÁNCHEZ JIMÉNEZ, S. U.; SERRADILLA CASTAÑO, A.; ANCA RADULESCU, R.; BATUIKOVA, O. (ed.). **Fronteras de un diccionario: las palabras en movimiento**. San Millán de la Cogolla: Cilengua, 2009. p. 273-294.

GARCIA, T. S.; FANTE, B. R. Orações concessivas prefaciadas por 'a pesar de' e 'a pesar de que' no espanhol peninsular falado: factualidade, pressuposição e tempo de referência à luz do funcionalismo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 186-214, 1º sem. 2016.

GARCIA, T. S.; FANTE, B. R. Las estructuras concesivas introducidas por 'a pesar de (que)' en el español hablado desde la perspectiva Discursivo-Funcional. **Signo y Señal – Revista del Instituto de Lingüística**, Buenos Aires, v. 27, p. 223-245, 2015.

HENGEVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. *In*: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The grammaticalization of tense, aspect, modality, and evidentiality: A functional perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 11-30. Disponível em: http://home.hum.uva.nl/oz/hengeveldp/publications/2017_hengeveld.pdf. Acesso em: 05 dez. 2019.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 35-56, 2007.

- | Uma investigação diacrônica de “a pesar de” no espanhol peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional

KEIZER, E. **A Functional Discourse Grammar for English**. Oxford Textbooks in Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KROON, C. **Discourse Particles in Latin**. Amsterdam: Gieben, 1995.

MATTE BON, F. **Gramática Comunicativa del Español**. Madrid: Edelsa, v. 2, 1995.

PARRA-ARAUJO, B. G. G. **A trajetória de gramaticalização dos juntores concessivos “aunque”, “a pesar de (que)” e “por mucho (que)” no espanhol peninsular**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp), São José do Rio Preto, 2020.

PARRA, B. G. G. **Uma investigação discursivo-funcional das orações concessivas introduzidas por *aunque* em dados do espanhol peninsular**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE) [on-line]. **Corpus diacrónico del español**. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 24 jan. 2019.

TORRES CACOULOS, R. Relative frequency in the grammaticization of collocations: nominal to concessive *a pesar de*. In: FACE, T.; KLEE, C. (ed.). **Selected proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium**. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 37-49.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: PARRA-ARAUJO, Beatriz Goaveia Garcia; GASPARINI-BASTOS, Sandra Denise; FERNANDES, Letícia de Souza. Uma investigação diacrônica de “a pesar de” no espanhol peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 231-248, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 23/10/2022.

OS VÁRIOS USOS DE *MESMO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX

Erotilde Goreti PEZATTI¹

Ana Carolina Teixeira PERES²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3441>

Resumo: Este estudo investiga o uso de *mesmo* no português brasileiro, nos séculos XVIII, XIX e XX. A proposta consiste em verificar, na história recente do português, a persistência ou não da multifuncionalidade desse item. Para tanto, toma como universo de pesquisa cartas particulares e cartas oficiais extraídas do corpúsculo do Projeto para a História do Português Brasileiro (<https://sites.google.com/site/corporaphpb>), e, como suporte teórico, a Gramática Discursivo-Funcional, desenvolvida por Hengeveld e Mackenzie (2008). Os resultados mostram que os cinco diferentes usos (operador de ênfase, função pragmática Contraste, operador de identidade idêntica, núcleo anafórico e modificador de propriedade configuracional), detectados por Peres (2020), já existiam desde o século XVIII e permaneceram no decorrer dos séculos XIX e XX. Além disso, não houve alteração substancial nos usos de *mesmo* e não sofreram alteração na forma de codificação no decorrer dos três séculos. O que este estudo revela é que alguns usos estão em decréscimo e outros em ascendência, apontando para um processo de gramaticalização.

Palavras-chave: Funcionalismo. Ordem de constituintes. Mesmo. Cartas particulares. Cartas oficiais.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; erotilde.pezatti@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-8822-9587>

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; anacarol_peres@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-3110-9768>

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

THE VARIOUS USAGES OF MESMO IN BRAZILIAN PORTUGUESE OF 18TH, 19TH AND 20TH CENTURIES

Abstract: This study investigates the usage of *mesmo* in Brazilian Portuguese in the 18th, 19th and 20th centuries. The proposal is to verify, in the recent history of Portuguese, the persistence or not of the multifunctionality of this item. For this, it takes as research database private and official letters extracted from the corpus of the Project for the History of Brazilian Portuguese (<https://sites.google.com/site/corporaphpb>), and, as theoretical support, Functional Discourse Grammar framework, developed by Hengeveld and Mackenzie (2008). The results reveal that the five different usages (emphasis operator, pragmatic function Contrast, identical identity operator, anaphoric nucleus and configurational property modifier), detected by Peres (2020), have already existed since the 18th century and they have remained during the 19th and 20th centuries. Furthermore, there was no substantial change in the usages of *mesmo* and they did not undergo any changes in the formal encoding during the three centuries. What this study reveals is that some uses are decreasing and others are ascending, pointing to a grammaticalization process.

Keywords: Functionalism. Constituent order. *Mesmo*. Private letters. Official letters.

Introdução³

Este trabalho investiga a multifuncionalidade de *mesmo*, no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX, tomando o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) como embasamento teórico, e, como universo de pesquisa, cartas particulares e oficiais extraídas do cópulo do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB).

Na literatura corrente, os estudiosos concordam que o item *mesmo* é multifuncional, já que, além de seu valor como pronome demonstrativo, que faz referência a algo já enunciado ou conhecido no evento comunicativo, expressa reforço ou denota semanticamente “identidade”, aquilo que é repetido, “igual” (SANTOS-AMORIM, 2009, p. 75), conforme exemplificam as ocorrências, extraídas do cópulo que serviu de análise para esta pesquisa: (1), em que *mesmo* constitui uma proforma anafórica, (2) em que indica identidade idêntica, e (3), uma partícula de reforço.

³ Este artigo retoma e reelabora parte dos resultados da dissertação denominada *O uso de mesmo em cartas do português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX*, desenvolvida por Ana Carolina Teixeira Peres (2020), sob a orientação de Erolde Goreti Pezatti (UNESP/SJRP). Sendo assim, os dados utilizados para análise são extraídos do mesmo estudo.

- (1) não quizerão anuir dizen=do que não Largariaõ as armas, emquanto não obtivessem, o que queriaõ, vindo ao mesmo tempo officio da Camara exigindo **omesmo**, bem que forçado pelo partido dos Rebeldes, (CARparticularXIXISP)
- (2) parece mais acertado esperar a de cizaõ da Consulta porque não suceda acharem-se dois Officiaes ao mesmo tempo providos em-o **mesmo** posto. (1CARoficialXVIII2PB)
- (3) Meu Parente | Pedro Dias ontem sahio desta caza, e veio novamente por ordem do Prin= | cipe preparar todos os pouzos para comodidade das nossas Tropas e como | hiaõ vagarozas veio dar-me hum abraço, e com onovo Avizo de | Sua Alteza foi ontem voando, e hia *ontem mesmo* a Taubaté, onde ficou | o Coronel Leite. (CARparticularXIXISP)

Peres (2020), tomando como suporte teórico a GDF, consegue detectar e explicar cinco diferentes usos de *mesmo*, relacionando-os aos dois níveis de formulação e às diferentes camadas em que opera, descrevendo suas propriedades pragmáticas e semânticas, que se refletem na codificação morfossintática. A proposta aqui é verificar se os cinco diferentes usos (operador de ênfase, função pragmática Contraste, operador de identidade idêntica, núcleo anafórico e modificador de propriedade configuracional) já eram correntes desde o século XVIII, considerado o momento em que o português do Brasil começa a se formar e a mostrar características próprias, e se esses usos permaneceram no decorrer dos séculos XIX e XX.

Como universo de pesquisa, tomam-se ocorrências reais de uso, extraídas do *corpus* do Projeto para a História do Português Brasileiro, que se encontra catalogado na Plataforma de Corpora, uma sistematização de todos os materiais editados pelos membros do Projeto. Esse material está disponibilizado na página <https://sites.google.com/site/corporaphpb>.⁴ Serviram de *corpus* cartas particulares e oficiais dos três séculos, com a suposição de que esse gênero propiciaria todos os tipos, desde os usos semânticos, relacionados ao Nível Representacional, quanto os pragmáticos, relacionados ao Nível Interpessoal, e assim disporíamos de um número suficiente de ocorrências que permitiria generalizações para o uso de *mesmo*, o que, de fato, se confirmou, como ficará claro adiante.

O texto encontra-se dividido em três partes. A parte 1 traz uma breve revisão do tratamento dado a *mesmo* na literatura, tomando primeiramente as gramáticas de referência, seguidas de trabalhos monográficos, artigos de periódicos e capítulos de

⁴ Para se ter acesso ao banco de dados, é necessário pedir permissão ao administrador.

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

livros; em 2, são apresentados resumidamente os pressupostos teóricos da teoria que serve de base para o estudo, a GDF, ficando a parte 3 reservada para apresentação do uso de *mesmo* em cada século investigado, verificando se houve alteração no decorrer dos três séculos. Finalmente, nas Considerações finais, sintetizam-se os resultados, com uma sistematização do emprego de *mesmo* no português brasileiro (PB).

Mesmo na literatura

Bechara (2009, p. 228) aponta que “*Mesmo* pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* (identidade) e *ipse* (reforço). No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo, como em: “Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.”. Já no sentido de *ipse*, “emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a próprio, em pessoa (em sentido próprio ou figurado): Ela *mesma* se condenou” (BECHARA, 2009, p. 228).

O item *mesmo*, na literatura corrente, tem sido considerado de modo geral um pronome demonstrativo. Para Rocha Lima (1976, p. 295), tem valor demonstrativo de identidade e reforço, e para Azeredo (2008, p. 257), *mesmo* tem a função de pronome com determinação remissiva, quando o “conceito, objeto ou ser designado pelo SN é conhecido do interlocutor ou faz parte da situação comunicativa ou do texto”; é também utilizado no discurso quando o interlocutor sente a necessidade de fazer comparações totais, como em “O ministério usou o *mesmo* slogan da campanha anterior.” (AZEREDO, 2008, p. 257). Neves (2000, p. 492) observa que *mesmo* pode ainda indicar identidade idêntica.

Considerando categorias adnominais, Dantas *et al.* (2018, p. 1102) afirmam que *mesmo* apresenta certa ambiguidade quanto ao uso adnominal e adverbial, já que com “valor adnominal, aparece modificando um pronome (nomes)”, mas com valor adverbial, há uma “relação duvidosa, que não permite justificá-lo como invariável.” (DANTAS *et al.*, 2018, p. 1104). As autoras afirmam que *mesmo*, usado para modificar pronomes pessoais e substantivos, enfatiza uma relação de identidade, tendo então um valor anafórico nominal; já quando modifica um pronome ou advérbio, tem valor dêitico. Com seu valor adverbial, *mesmo*, segundo as autoras, pode apresentar valores restritivos, inclusivos, concessivos e de premissa. Dessa forma, concluem que *mesmo* “apresenta uma polissemia de usos” (p. 1106/1107), relacionada “às pressões argumentativas do falante na tentativa de veicular as estratégias que giram em torno do grau de informatividade representacional e de pressuposicionalidade das sentenças.”

Santos-Amorim (2009, p. 75), por sua vez, esclarece que *mesmo* “aporta na língua portuguesa como pronome demonstrativo expressando reforço ou denotando semanticamente ‘identidade’, aquilo que é repetido, ‘igual’, fazendo referência a algo já enunciado ou conhecido no evento comunicativo”. Em seu trabalho sobre as funções e usos de *mesmo* no Brasil colonial e imperial, Santos-Amorim (2008, p. 6) observa que “nas cartas coloniais e imperiais [...] o item *mesmo* apresenta-se expressando valores anafóricos, estabelecendo relações coesivas em diferentes situações de usos adnominais e nominais.”. Ainda segundo a autora (2008, p. 6), quando categoria de referência adnominal, *mesmo* “apresenta-se flexionado e anteposto a um substantivo precedido de artigo, atribuindo-lhe uma qualidade e, ao mesmo tempo, identificando e fazendo referência a algo já, explicitamente, mencionado ou conhecido no texto”; e quando categorizado como referência nominal *mesmo* é marcado com “valor de substantivo ou nome nos textos, desempenhando, igualmente, papéis referenciais anafóricos. Essa substantivação é marcada, no discurso, pela presença do artigo definido que lhe é anteposto (*o mesmo*), estratégia conhecida como *nominalização*” (Cf. KOCH, 2006, p. 90).

Pereira (2016, p. 38), por seu turno, afirma que as “macrocategorias” de *mesmo* são referência/anáfora, concomitância, articulação textual, reforço e inclusão/exclusão. Dentro de cada ‘macrocategoria’ existem funções mais específicas como referência atributiva, nominal, concomitância temporal, reforçador identitário etc. Já as ‘microcategorias’, que são ainda mais específicas, são: reforçador argumentativo, inclusão/articulação textual de concessividade, concessividade condicional, entre outras.

Como se nota, esse item linguístico tem chamado a atenção de muitos estudiosos por sua multifuncionalidade. De modo geral, os pesquisadores descrevem os vários usos, mas raramente conseguem distingui-los com clareza, reconhecendo ambiguidades, relações duvidosas, que não permitem explicações satisfatórias nem uma sistematização que corresponda adequadamente aos diferentes usos e suas propriedades formais (DANTAS *et al.*, 2018, p. 1104). Peres (2020) e Pezatti e Peres (2022), no entanto, usando o modelo da GDF, com seus níveis e camadas, apresentam uma distinção e uma explicação satisfatórias para os vários usos e suas expressões formais, conforme exposto a seguir.

Arcabouço teórico: a GDF

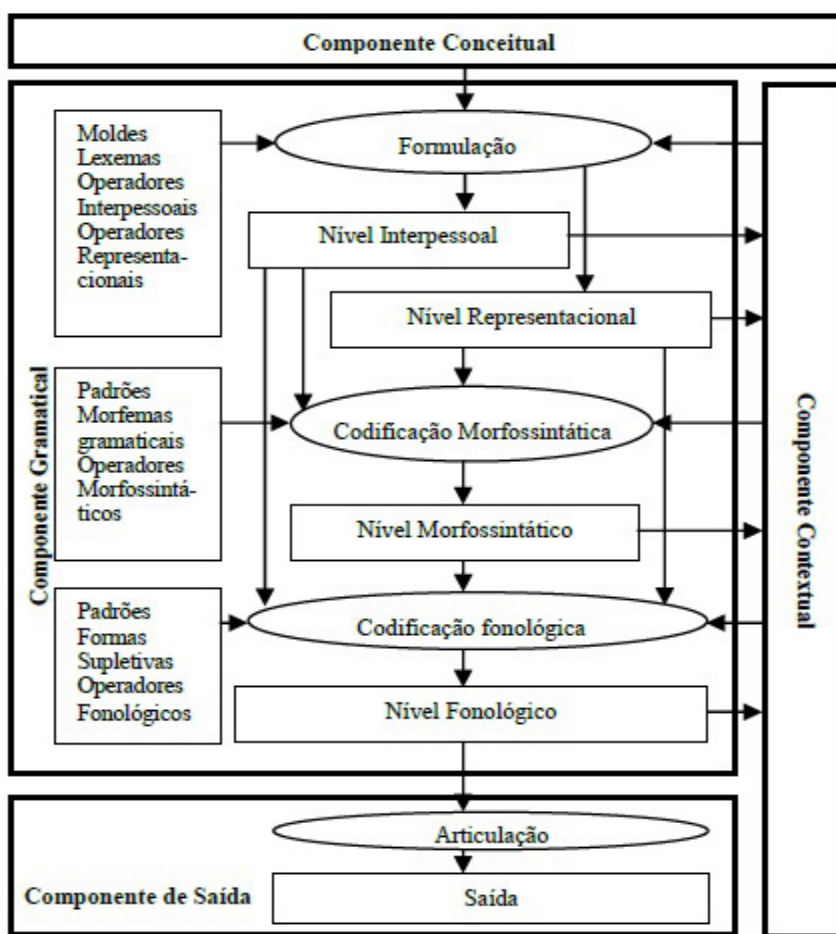
A GDF é uma teoria que tem como objetivo descrever e esclarecer as propriedades formais das unidades linguísticas, de um modo descendente (*top-down*): a análise parte da intenção do falante, ou seja, do seu objetivo comunicativo, e vai em direção à articulação das expressões linguísticas, passando pela semântica, sintaxe e morfologia.

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

Segundo os autores da GDF, o modelo descendente é motivado pela “suposição de que um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento linguístico no indivíduo” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 1-2).⁵

O modelo da gramática é hierarquicamente estruturado em camadas, e cada um dos níveis de representação é organizado de uma maneira própria. Dentro desse esquema, representado na Figura 1, a GDF distingue quatro níveis interatuantes de organização na seguinte ordem hierárquica: o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico.

Figura 1. Arquitetura geral da GDF



Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13)

⁵ No original: “This is motivated by the assumption that a model of grammar will be more effective the more its organization resembles language processing in the individual”.

O Nível Interpessoal trata dos aspectos formais da unidade linguística que refletem seu papel na interação entre Falante e Ouvinte, cujos objetivos determinam a estratégia adotada para obter o propósito discursivo dos interlocutores. Nesse nível, todas as unidades relevantes de comportamento comunicativo são formalizadas em termos de sua função comunicativa. A unidade de análise hierarquicamente mais alta nesse nível é o Movimento. Um Movimento pode conter um ou mais Atos Discursivos. Um Ato Discursivo consiste em uma llocução, um ou mais Participantes do ato de fala e o Conteúdo Comunicativo apresentado pelo falante. O Conteúdo Comunicativo, por sua vez, pode conter um número variável de Subatos Atributivos, que expressam a tentativa do Falante de evocar uma propriedade, e Subatos Referenciais, que constituem a tentativa do Falante de evocar um referente, ou seja, um conjunto nulo, único ou múltiplo de entidades.

No Nível Representacional, diferentemente do Nível Interpessoal, são tratados os aspectos semânticos das unidades linguísticas que envolvem tanto o modo como a língua se relaciona ao mundo extralinguístico que ela descreve quanto aos significados de unidades lexicais simples e complexas, independentemente do modo como essas unidades são usadas na comunicação. Nesse nível, descrevem-se as unidades linguísticas em termos de sua categoria semântica. Enquanto o Nível Interpessoal trata da evocação, o Representacional lida com a denotação. Conteúdos Proposicionais, unidades mais altas do Nível Representacional, são construtos mentais, que podem conter um ou mais Episódios, que, por sua vez, constituem conjuntos de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes. Estados de Coisas incluem eventos e estados que se caracterizam por serem localizados no tempo e avaliados em termos de seu estatuto factual. Um Estado de Coisas contém uma Propriedade Configuracional, que tem natureza composicional e abrange uma combinação de unidades semânticas que não estão em relação hierárquica entre si, como Indivíduo, Lugar, Tempo, Maneira, Quantidade e Razão.

O Nível Morfossintático, por outro lado, trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Em vista dessa função, muito do que ocorre no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado: princípios de ordenação são motivados pelos princípios de Iconicidade, Integridade de Domínio e Preservação de Relações de Escopo. A camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística, ou seja, qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática. As unidades que se combinam para formar a Expressão Linguística são Orações, Sintagmas ou Palavras.

O Nível Fonológico, por sua vez, é responsável pelos aspectos de codificação que não ocorrem no Nível Morfossintático. Ele recebe o *input* dos outros três níveis e provê o *input* para o Componente de Saída. Enquanto este último lida com questões relacionadas

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

à frequência, intensidade, duração, o Nível Fonológico – sendo gramatical – é ‘digital’, e contém representações de fonemas que são baseadas em oposições fonológicas binárias.

Cada camada, de qualquer nível, é hierarquicamente composta, havendo sempre um elemento obrigatório, o Núcleo, e, na maioria dos casos, outros elementos, como Modificadores (σ) que fornecem informações adicionais (opcionais) sobre o núcleo da camada em questão; os Operadores (π) que cumprem as mesmas funções dos modificadores, mas se aplicam a uma unidade em si mesma (KEIZER, 2015, p. 50-51); Função (φ), por seu turno, é sempre relacional e ocorre entre unidades da mesma camada. Núcleos e Modificadores representam estratégias lexicais, enquanto operadores e funções representam estratégias gramaticais.

A proposta, como já explicitado, é mostrar a multifuncionalidade de *mesmo* no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX, considerando que as escolhas efetuadas nos níveis de formulação (Interpessoal e Representacional) se refletem nos níveis de codificação (Morfofossintático e Fonológico). Desse modo, tomamos como unidade de análise morfofossintática a Oração e o Sintagma.

Para a GDF, a Oração, uma unidade morfofossintática, na maioria das vezes, corresponde, por *default*, a um Ato Discursivo no Nível Interpessoal. Ato Discursivo é entendido como a unidade básica do discurso, ou seja, a menor unidade linguística do comportamento comunicativo que corresponde a uma unidade de entonação. De modo geral, constitui-se de quatro componentes, sendo dois obrigatórios, a llocução, que indica a finalidade do ato verbal, e o Falante, que se dirige a um Ouvinte, cuja presença não é obrigatória, e um Conteúdo a ser comunicado, que contém tudo o que o Falante deseja evocar na sua interação com o Ouvinte, e que, por sua vez, contém os Subatos.

No Nível Morfofossintático, os Subatos são geralmente codificados na forma de Sintagmas. O Sintagma (Xp) consiste em uma configuração sequenciada de palavras (Xw), outros sintagmas (Xp) e orações encaixadas (subordinadas) e é formado por um núcleo lexical, oriundo do Nível Interpessoal ou Representacional; como entidade lexical, seu núcleo pode ser verbal, nominal, adjetival, adverbial e adposicional.⁶ Neste estudo trataremos do Subato de Referência, representado por sintagma nominal (Np – *Noun phrase*) e de Subatos de Atribuição, representados por sintagma adjetival (Ap – *adjective phrase*), sintagma adverbial ($Advp$ – *adverb phrase*) e sintagma preposicional ($Prep$ –

⁶ Sintagma Adposicional é constituído de uma adposição, que pode ser anteposta ou posposta a um nome. No caso do português, a adposição é sempre anteposta, por isso tradicionalmente esse sintagma é denominado Sintagma Preposicional ou, abreviadamente, SP. Neste estudo, no entanto, é abreviado Prep (Prepositional phrase).

preposition phrase), uma vez que o português não apresenta sintagma posposicional (*Posp – position phrase*).

Como já observado, Peres (2020), usando o arcabouço teórico da GDF, detecta cinco usos de *mesmo*, operador de ênfase, função pragmática Contraste, operador de identidade idêntica, núcleo anafórico e modificador de propriedade configuracional, relacionando-os aos dois níveis de formulação e às diferentes camadas em que opera, descrevendo suas propriedades pragmáticas e semânticas, que se refletem na codificação morfossintática. É disso que trata a seção a seguir.

Mesmo na GDF

Segundo Peres (2020), há, no português brasileiro, cinco usos de *mesmo*, operando nos dois níveis de formulação, o Nível Interpessoal (NI) e o Nível Representacional (NR), com consequências na codificação do Nível Morfossintático (NM)⁷, sendo dois tipos originados no Nível Interpessoal e três, no Nível Representacional, conforme explícito no Quadro 1.

Quadro 1. Uso de *mesmo* no NI e NR⁸

NI	π Ênfase φ Contraste
NR	π Identidade Proforma σ Realidade

Fonte: Elaboração própria

O Quadro 1 mostra que, no Nível Interpessoal, *mesmo* constitui uma estratégia gramatical, agindo como um Operador de Ênfase, ou seja, aplica-se a uma unidade em si mesma, intensificando-a, ou como Função, relacionando e contrastando duas unidades, como mostram respectivamente (4) e (5) a seguir. Já no Nível Representacional, pode atuar como um Operador de identidade, para indicar que a entidade retomada é idêntica à anteriormente apresentada, como uma proforma nominal, equivalendo a um pronome pessoal, ou como um modificador, restringindo o Estado de Coisas, ao sinalizar que o seu conteúdo é real, conforme será mais bem detalhado adiante.

⁷ Não foi investigada a codificação do Nível Fonológico, uma vez que se trata de texto escrito, embora saibamos que a escrita também tem ritmo e prosódia. Necessitaríamos, no entanto, de testes apropriados que demandariam um tempo de que não dispúnhamos.

⁸ O operador é representado pelo símbolo π , função por φ , e modificador por σ .

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

Os diferentes usos advindos dos dois níveis de formulação são morfossintaticamente codificados pela posição que *mesmo* assume na unidade sintática em que opera: dentro do sintagma e ou da oração, conforme identifica Peres (2020). Em outras palavras, a distinção entre os vários usos reflete-se na ordenação de constituintes, que, para a GDF, é mais uma forma de expressar intenções comunicativas do Falante.

A GDF considera a existência de posições absolutas (P^I , P^2 , P^M e P^F), que não são obrigatórias para todas as línguas, e várias posições relativas derivadas dessas quatro. Assim, as línguas podem fazer uso da posição inicial (P^I) e suas expansões para a direita, da segunda posição (P^2) e suas expansões para a direita, da posição final (P^F) e suas expansões para a esquerda e da posição medial (P^M) e suas expansões para a direita, para a esquerda ou para ambas as direções. Pezatti (2014) propõe que, em português, três posições absolutas, P^I , P^M e P^F , são suficientes para explicar o processo de colocação de constituintes nas unidades sintáticas, conforme graficamente representado no Quadro 2.

Quadro 2. Posições absolutas e relativas

P^I	P^{I+1}	P^{I+n}	P^{M-n}	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}	P^{M+n}	P^{F-n}	P^{F-1}	P^F
-------	-----------	-----------	-----------	-----------	-------	-----------	-----------	-----------	-----------	-------

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 344)

A colocação de constituintes começa pelo Nível Interpessoal, com o posicionamento de funções, modificadores e operadores de Movimentos em lugares apropriados e termina com o posicionamento de Operadores e Modificadores de Propriedades Configuracionais, núcleos de Estados de Coisas. Dentro de cada grupo, as Funções são expressas antes de Operadores e Modificadores, uma vez que são externas às unidades às quais se aplicam, obedecendo assim ao Princípio de Iconicidade das unidades hierarquicamente relacionadas.

No Nível Interpessoal, *mesmo* é utilizado na interação entre os participantes para indicar intensificação de uma camada ou para indicar o desejo do Falante de realçar diferenças particulares entre dois ou mais Conteúdos Comunicativos ou entre um Conteúdo Comunicativo e informações contextualmente disponíveis. Trata-se, no primeiro caso, da categoria Ênfase e no segundo da função pragmática Contraste.

Como marcador de Ênfase, no Nível Interpessoal, *mesmo* apresenta as propriedades de operador (π), já que constitui uma estratégia gramatical que se aplica à camada do Subato, intensificando-a, e é marcado morfossintaticamente por se colocar após o núcleo do sintagma, conforme exemplifica (4).

- (4) É isto que me autoriza a fazer um pequeno reparo sobre a palavra grafada enfesado por Torga mas que o correto é enfezado, conforme *voce mesmo* verificou (2CARpessoaisXX2SC)

Como marcador da função (φ) pragmática **Contraste**, *mesmo* realça não diferenças, mas similaridades particulares entre dois ou mais Subatos, e se coloca sempre antes do núcleo do sintagma, conforme mostra (5)⁹.

- (5) Deos queira não haja novidades, e que tanto você e sua família como todos os nossos amigos estejam em paz com saude efelicidade. Esta corte, e *mesmo toda a Província* goza de sucego e prosperidade assim como as Provincias limítrofe, (12CARparticularXIX1Rumeu)

Assim, *mesmo*, seja como operador seja como função pragmática, constitui traços abstratos do Nível Interpessoal, que se manifestam morfossintaticamente como palavra gramatical na camada do Sintagma, ocupando respectivamente a posição final (P^F) e a inicial (P^I) ao núcleo, conforme resume o Quadro 3.

Quadro 3. Posição de *mesmo* interpessoal

NI	Xp	P ^I	P ^M	P ^F
	π Ênfase		núcleo	<i>mesmo</i>
	φ Contraste	<i>mesmo</i>	núcleo	

Fonte: Elaboração própria

No Nível Representacional, *mesmo* tem propriedades de operador quando é usado para indicar que a entidade retomada é idêntica à anteriormente apresentada, conforme exemplifica (6). Como núcleo de sintagma, *mesmo* detém a propriedade dos pronomes, ou seja, retoma anaforicamente um referente já dado, conforme (7). Por outro lado, ao restringir um Estado de Coisas indicando sua real ocorrência, *mesmo* assume as propriedades de modificador (σ), manifestando-se como palavra lexical, introduzida no Nível Representacional, como atesta (8).

- (6) Venho informar que os referidos map- | pas vos foram remetidos no dia 30 | do *mesmo* mez de Maio acompanhados | de um officio que recebeu o nº 3, ... (CARoficiaisXX1RN)

⁹ A função pragmática Contraste proposta na GDF corresponde, em parte, à função Foco Expansivo de Dik (1997a, p. 331-334).

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

- (7) Muito desejo que Sophia goze de saude, e que *o mesmo* aconteça a você. Muitas saudades minhas e de Tuda. Do amigo affectu<oso> Alvaro (CARparticularXIX2SP)
- (8) Este ano *disanimaram mesmo*, acho que estão com mais intuziasmo com os festejos da Semana Santa, não é? (CARparticularXX1MG)

Oriundos do Nível Representacional, esses usos nas diferentes camadas se refletem, no Nível Morfossintático, por meio da posição que *mesmo* ocupa na unidade sintática em que opera. Atuam na camada do sintagma o operador de identidade idêntica e a proforma anafórica. A proforma anafórica representa o núcleo do sintagma e, como tal, assume a posição medial (P^M). O marcador de identidade idêntica é sempre antecedido do operador de identificabilidade, que, por ser do Nível Interpessoal, tem prioridade, e assume a posição inicial (P^I), restando ao marcador semântico a posição inicial relativa (P^{I+1}). O modificador semântico de Realidade, por seu turno, opera na camada da Oração, uma vez que atua sobre a Propriedade Configuracional, núcleo do Estado de Coisas. Toma como escopo a palavra verbal (V_w), que pode ser o verbo pleno, o auxiliar ou a cópula. As posições de *mesmo* do Nível Representacional estão resumidas no Quadro 4.

Quadro 4. Posição de *mesmo* semântico

NR			P^I	P^{I+1}	P^M				
	Np	π idêntico		o	<i>mesmo</i>	N			
Proforma			o	-	<i>mesmo</i>				
Cl	Real		-	-	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}	P^{M+2}	P^F
			-	-	V_w	<i>mesmo</i>			
			-	-	Aux	<i>mesmo</i>	V_w	(Xp)	
					Cop	<i>mesmo</i>	X_w		

Fonte: Elaboração própria

Em seu estudo, Peres (2020) analisa 833 ocorrências de *mesmo*, assim distribuídas: 259 (31%) estratégias do Nível Interpessoal e 574 (68,9%) do Nível Representacional. Pelos números coletados, Peres conclui que *mesmo* é primeiramente uma unidade semântica, predominando como marcador de identidade idêntica (383 casos, equivalentes a 66,7%), seguida de proforma de núcleo nominal (139 casos, equivalente a 24,2%) e, mais raramente, um modificador de Estado de Coisas, com apenas 52 casos (9%). Seu uso interpessoal, por outro lado, corresponde a 31% do total geral de ocorrências, distribuídas equitativamente em 130 (50,1%) casos de Ênfase e 129 (49,8%) de função pragmática Contraste, conforme evidencia a Tabela 1.

Tabela 1. Uso de *mesmo* no NI e NR

		n.	%	n.	%
NI	π Ênfase	130	50,1	259	31
	φ Contraste	129	49,8		
NR	π Identidade	383	66,7	574	68.9
	Proforma	139	24,2		
	σ Realidade	52	9		
Total				833	100

Fonte: Elaboração própria

Na seção que segue, mostramos os cinco usos desse expediente em cada século estudado.

O uso de *mesmo* nos séculos XVIII, XIX e XX

Esta seção apresenta uma descrição do uso de *mesmo* nos séculos XVIII, XIX e XX, considerados pertinentes para revelar as características do PB, pois se compreende que historicamente essa variedade começou a se definir como língua independente do português europeu a partir do século XVIII.

Foram levantadas 833 ocorrências de *mesmo* nos três séculos investigados, sendo 306 (36,7%) no século XVIII; 207 (24,8%) no século XIX; e 320 (38,4%) no século XX, englobando tanto os casos do Nível Interpessoal quanto os do Nível Representacional. Como é possível notar, há um equilíbrio no número de ocorrências do século XVIII (36,7%) e do século XX (38,4%), conforme Tabela 2.

Tabela 2. Ocorrências de *mesmo* em cada século

Século	n.	%
XVIII	306	36,7
XIX	207	24,8
XX	320	38,4
Total	833	100

Fonte: Elaboração própria

A distribuição de *mesmo* nos dois níveis da formulação, em cada século, encontra-se na Tabela 3. Dos 306 casos do século **XVIII**, 27 (8,8%) operam no Nível Interpessoal e 279 (91,1%), no Nível Representacional. O século **XIX**, com o menor número de ocorrências (207), apresenta 79 (38,1%) casos do Nível Interpessoal e 128 (61,8%) do Nível Representacional. Já no século **XX**, as 320 ocorrências estão distribuídas em 153 (47,8%)

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

casos do Nível Interpessoal e 167 (52,1%) do Nível Representacional. Esses números mostram que *mesmo* opera predominantemente no Nível Representacional (68,9%) em todos os séculos.

Tabela 3. Número de ocorrências de cada século em cada nível

Nível	NI		NR		Total
	n.	%	n.	%	
Século XVIII	27	8,8	279	91,1	306
XIX	79	38,1	128	61,8	207
XX	153	47,8	167	52,1	320
Total	259	31	574	68,9	833

Fonte: Elaboração própria

Nos três séculos, foram encontradas ocorrências desempenhando as cinco funções detectadas e explicadas por Peres (2020): Ênfase e Contraste, do Nível Interpessoal, e operador de identidade idêntica, próforma nominal e modificador de Estado de Coisas, do Nível Representacional, conforme demonstramos a seguir.

O uso de *mesmo* no Nível Interpessoal

As ocorrências **interpessoais**, apresentadas na Tabela 4, totalizam nos três séculos 259 casos, correspondentes a 31% do total geral (833), sendo 27 (10,4%) ocorrências do século XVIII, 79 (30,5%) do século XIX e 153 (59%) do século XX. Observa-se, portanto, um crescente uso de *mesmo* interpessoal no decorrer dos três séculos.

Tabela 4. Número de ocorrências do NI

Século	NI	
	n.	%
XVIII	27	10,4
XIX	79	30,5
XX	153	59,0
Total	259	99,9

Fonte: Elaboração própria

Conforme mostra a Tabela 5 a seguir, as 27 ocorrências do século XVIII distribuem-se em 24 (88,8%) casos de Ênfase e 3 (11,1%) de Contraste; o total de 79 casos do século XIX compreendem 48 (60,7%) ocorrências de *mesmo* enfático e 31 (39,2%) de Contraste; já no século XX, 58 (37,9%) casos indicam Ênfase e 95 (62%), Contraste, do total de 153 ocorrências nesse nível.

Tabela 5. Uso de *mesmo* no NI nos três séculos

NI Século	Ênfase		Contraste		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
XVIII	24	88,8	3	11,1	27	10,4
XIX	48	60,7	31	39,2	79	30,5
XX	58	37,9	95	62,0	153	59,0
Total	130	50,1	129	49,8	259	100

Fonte: Elaboração própria

Como marcador de **Ênfase**, no Nível Interpessoal, *mesmo* constitui uma estratégia gramatical de intensificação do Subato, apresentando, assim, as propriedades de operador, que, morfossintaticamente, se coloca após o núcleo do sintagma, ocupando, dessa forma, a posição final (**P^F**) do Sintagma (cf. Quadro 5), como em (9), (10) e (11), respectivamente encontradas em cartas dos séculos XVIII, XIX e XX.

- (9) Falamos logo aosenhor Marques não pos duvida alguma po-rem que primeiro havia de ver as Ordens deSua Magestade para saber se isso se podia fazer eque logo que a Não sahisse seprincipearia acunhar ParaLixboa Lisboa semprevão as Cartas que vierão aeste Respeito, por Vossa Excelência *assim mesmo* o ordenar ainda que as daqui tivessem efeito. (1CARoficialXVIII2RJ).
- (10) Meu Parente | Pedro Dias ontem sahio desta caza, e veio novamente por ordem do Prin= | cipe preparar todos os pouzos para comodidade das nossas Tropas e como | hiaõ vagarozas veio dar-me hum abraço, e com onovo Avizo de | Sua Alteza foi ontem voando, e hia *ontem mesmo* a Taubaté, onde ficou | oCoronel Leite. (CARparticularXIX1SP)
- (11) *Aqui mesmo* no Município há alguns hermistas principalmente em Bom Jesus estou procurando remover o chefe é o Antonio Ernesto de Oliveira anulado pelo Gerente da Fabrica Mazagão (...) (2CARparticularXX1RJCéliaLopes)

Quadro 5. Posição de *mesmo* enfático

NI	Xp	P ^I	P ^M	P ^F	
	π Ênfase			assim	<i>mesmo</i>
				ontem	<i>mesmo</i>
				aqui	<i>mesmo</i>

Fonte: Elaboração própria

Os números da Tabela 5 mostram também que o uso de *mesmo* para assinalar **Ênfase**, intensificando Subatos, verifica-se desde o século XVIII. Nota-se, entretanto, um

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

decréscimo gradual de seu uso no transcorrer dos três séculos investigados. Enquanto no século XVIII ocorre em 88,8% dos casos, nos séculos XIX e XX, corresponde respectivamente a 60,7% e 37,9%.

Já, como marcador da função pragmática **Contraste**, é possível também atestar ocorrências nos três séculos, embora em menor número, sendo 11,1%, 39,2% e 62% nos séculos XVIII, XIX e XX respectivamente, conforme exemplificam (12), (13) e (14). Em todos esses casos, *mesmo* ocupa a posição inicial do Sintagma (Pⁱ), conforme mostra o Quadro 6.

- (12) Sou obrigádo a Representar a | Vossa ExCelenCia, que entre os | ReCrutas, que me foraõ enviádos | da Villa dos Ilheos, Se compre-|hendeo hum Manoel da ConCeilÇaõ, que até **mesmo por infor|maÇoens** de quem omandou | hé hum Moço dos mais bem Regulládos Costumes, e muito util a Sua | Familia; (...) (CARofiXVIII2BATâniaLobo).
- (13) Desejava remetter esta carta | pelo intermedio do Lacombe porem | como parte para ahi esse amigo | a quem te apresento, aproveitei-o, | **mesmo porque elle te** contará | melhor o que se tem passado | por cá. (2CARparticularXIX2RJ).
- (14) Vou indagar em que Hotel o Doutor Moreira vae hospedar-se, e te avisarei para ires procural-o para conversar sobre negocios em geral e **mesmo reforçar o que dis-se do Horacio**. (1CARparticularXX1RJ).

Quadro 6. Posição de *mesmo* contrastivo

NI	Xp	P ⁱ	P ^M	P ^F
	φ Contraste	<i>mesmo</i>	por informação	
		<i>mesmo</i>	porque	
		<i>mesmo</i>	reforçar	

Fonte: Elaboração própria

Os números expostos na Tabela 5 demonstram que o uso de *mesmo* enfático vai diminuindo no decorrer dos três séculos (88,8%, 60,7% e 37,9%, respectivamente no século XVIII, XIX e XX), à medida que o uso de *mesmo* contrastivo aumenta a cada século (11,1%, 39,2%, e 62%, respectivamente nos séculos XVIII, XIX e XX).

O uso de *mesmo* no Nível Representacional

As 574 ocorrências de *mesmo* no Nível Representacional estão assim distribuídas (cf. Tabela 7): o século XVIII detém 48,6% (279) das ocorrências, o século XIX, 22,2% (128),

e o século **XX**, 29% (**167**) dos casos. Como se vê, o uso de *mesmo* representacional é maior no século XVIII, decrescendo nos dois séculos posteriores.

Tabela 6. Número de ocorrências do NR

NR		
Século	n.	%
XVIII	279	48,6
XIX	128	22,2
XX	167	29,0
Total	574	100

Fonte: Elaboração própria

Como evidencia a Tabela 7 a seguir, no século **XVIII**, o total de **279** ocorrências do Nível Representacional se distribui em 218 (78,1%) casos de operador de identidade idêntica, 60 (21,5%) de proforma e um único caso (0,32%) de modificador de Estado de Coisas. As 128 ocorrências do século **XIX** se distribuem em **81** (63,2%) operadores de identidade idêntica, **30** (23,4%) proformas e **17** (13,2%) casos de modificador de Estado-de-coisas. Já o século **XX** apresenta um total de 167 casos, sendo 84 (50,2%) de operador de identidade idêntica, 49 (29,3%) de proforma e 34 (20,3%) casos de modificador de Estado de Coisas.

Tabela 7. Uso de *mesmo* no NR nos três séculos

NR	π Idêntico		Proforma		σ Realidade		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
XVIII	218	78,1	60	21,5	1	0,35	279	48,6
XIX	81	63,2	30	23,4	17	13,2	128	22,2
XX	84	50,2	49	29,3	34	20,3	167	29,0
Total	383	66,7	139	24,2	52	9,0	574	100

Fonte: Elaboração própria

Nota-se, portanto, no século XVIII, o predomínio massivo (78,1%) de *mesmo* para indicar que a entidade retomada é idêntica à anteriormente apresentada, conforme exemplificam (15), (16) e (17), respectivamente referentes aos séculos XVIII, XIX e XX. Esse uso, no entanto, decresce gradualmente nos dois séculos seguintes (63,2% e 50,3%).

- (15) Pelo que respeita á Proposta que Vossa Senhoria me diz fizera de Capitão para companhia de Maciel Tenente Manuel Malheiros, de que lhe consta sobio aconsulta, parece me mais acertado esperar a de cizaõ da Consulta porque não suceda acharem-se dois Officiaes ao *mesmo* tempo providos em-o *mesmo* posto. (ICARoficialXVIII2PB)

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

- (16) (7) A Lilly arrasta-me domi- | nadoramente para ahi, para | a lucta, para o fogo ... A | affeição de vocês, _ tua e | do Oscar _ refulgentissima | e profunda, heroica affeição | de companheiros d'armas *do* | **mesmo** valor posto, *com* | a **mesma** linha de Coração | e *Espirito*, concita-me a | partir também. E eu vou. (CartasparticularesXIX2SC)
- (17) Designo o 1º iscriptuario do | Thesouro, Asieuso Carneiro Gonçalves Ferreira para ser- | vir o cargo de chefe da 1ª secção do 2º sub. directorio | *da mesma repartição*, durante o impedimento do funcçio- | nario effectivo. (CARoficialXXIPE-C1)

Essas ocorrências mostram que esse operador pode retomar qualquer categoria semântica, como tempo e lugar em (15), Estado de Coisas em (16) e lugar em (17). Morfossintaticamente ocorre predominantemente compondo sintagmas preposicionados (*ao mesmo tempo*, *em-o mesmo posto*, *do mesmo valor posto*, *com a mesma linha de Coração e Espirito*, *da mesma repartição*), mas pode também compor sintagmas nominais, como o *mesmo José* em (18), uma ocorrência do século XIX.

- (18) Bem semelhante em tudo a venda do Pa- | triarcha Jozé aos Madianitas, tramada por iniquos irmãos, | o qual, indo parar no Egypto, foi a salvaçãõ de todo aquele rei- | no, e de sua familia: desempenhando-se assim as vistas | ocultas da Providencia, como disse *o mesmo Jozé* a seus ir- | mãos = Non vestro consilio, sed Dei voluntate huc mis- | sus sum. (CARparticularXIX1SP)

Como observa Peres (2020), o operador de identidade idêntica age na camada do sintagma e é sempre antecedido do operador de identificabilidade (artigo definido), que, por ser do Nível Interpessoal, tem prioridade e assume a posição absoluta P^I , restando ao operador semântico a posição relativa P^{I+1} , conforme se representa no Quadro 7.

Quadro 7. Posição de *mesmo* operador semântico.

NR	Np	P^I	P^{I+1}	P^M
	π idêntico	o	mesmo	José

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 7 mostra ainda que, diferentemente do operador de identidade idêntica, cujo uso decresce no decorrer dos três séculos, o uso de *mesmo* como proforma nominal mostra uma tendência crescente, já que, no século XVIII, ocorre em 21,5% (60) dos casos; no século XIX, em 23,4% (30) e no século XX, em 29,3% (49) dos casos. As ocorrências (19), (20) e (21) exemplificam o uso como núcleo de sintagma nos três séculos, respectivamente.

- (19) por quanto o Provedor da Fazenda Real, que he Dezembargador de agravos na Rellação, tem nela faccionarios certos para me atropelar: **Omesmo** na qualidade de Comissario do Sequestro mandado fazer nos bens do fugitivo Thezoureiro Joze Fructuoso [...] (2CARoficialXVIII2RJ)
- (20) A Inglaterra em todas as suas grandes cidades, man= | tem mais de uma fabrica de | gaz; o **mesmo** acontece na | Allemanha, Austria, Italia, | e estados Unidos; no Bra= | sil, porem, onde se põe de | lado a providencia, as cou= | sas se passam de outro mo= | do, porque tudo se espera | da divina providencia. (2CARparticularXIX2RJ)
- (21) Componho Poemas, | sonetos, trovas, quadin- | has, pensamentos etc. | *Coleciono os mesmos* | como também | postais, se és | poético, então | já vio né? | envia-me | um | poema | para | [eleição] | [ilegível] (3CARpessoaisXX2SC)

Semanticamente, a proforma anafórica retoma entidades de qualquer categoria semântica: indivíduos (*Provedor da Fazenda Real* e *poemas, sonetos, trovas, quadrinhas*), respectivamente em (19) e (21) e Estado de Coisas, como *manter fábrica de gás* em (20). Morfossintaticamente ocupa o núcleo de um sintagma e, como tal, assume a posição P^M, deixando a posição P^I para o operador interpessoal de definitude, conforme mostra o Quadro 8.

Quadro 8. Posição de *mesmo* proforma

NR	Np	P ^I	P ^M
	Proforma	o	mesmo

Fonte: Elaboração própria

O uso menos frequente de *mesmo* em todos os séculos, conforme Tabela 7, é o de modificador de Estado de Coisas com 9% (52) de casos nos três séculos. Ocorre apenas uma vez (0,35%) no século XVIII; no século XIX, aparece em 13,2% (17) dos casos, e no século XX, em 20,3% (34) das ocorrências. Os números revelam que, apesar de pouco frequente, há uma tendência de aumento no uso de *mesmo* como Modificador de Estado de Coisas ao longo dos três séculos. As ocorrências (22), (23) e (24) exemplificam casos dos três séculos (XVIII, XIX e XX) respectivamente.

- (22) porque estou agora Com afan ca no pes coSo, deS ento, equarenta mil Reis, que devo, edesta quantia otem mefizeraõ penhora naminha mãõ, ou em bargo, para pagar aoutro Sugeito: e deCuja quantia fiquey **mesmo** por depositario a vossa mercê [...] (CARparticularXVIII 2 MG)

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

- (23) Faço ideia Sophia na sua casa como naô lidará *ella é mesmo incansavel*, porem creio que por natureza, e naô pelo ezemplo, eu nunca me considerei boa dona de casa. (CARparticularXIX2SP)
- (24) Eu adoro poesias. *Sou mesmo muito romântica*. | As vezes quando necessito desabafar-me, faço-o | escrevendo poesias. (ICARpessoaisXX2SC)

Com função de modificador representacional da Propriedade Configuracional, é um constituinte da camada da Oração, colocando-se nos domínios de P^M , sempre em torno da palavra verbal, seja verbo lexical, seja auxiliar, seja cópula, conforme Quadro 9.

Quadro 9. Posição de *mesmo* modificador semântico

NR	σ Real	CI	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
			Vw	mesmo	(Xp)
Aux	mesmo	Vw			
Cop	mesmo	Xw			

Fonte: Elaboração própria

Conclusões

Este artigo investiga a multifuncionalidade de *mesmo*, no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX, tomando o modelo da Gramática Discursivo-Funcional como arcabouço teórico. A proposta consiste em verificar se os cinco diferentes usos (operador de Ênfase, função pragmática Contraste, operador de identidade idêntica, núcleo anafórico e modificador de Propriedade Configuracional), detectados por Peres (2020), já eram correntes desde o século XVIII, século considerado como o momento em que o português do Brasil começa a se formar e a mostrar características próprias.

Os resultados revelam que, levando em conta os usos interpessoais e representacionais em conjunto, esse expediente sempre foi usado nos três séculos investigados (36,7%, 24,8% e 38,4%, respectivamente XVIII, XIX e XX), prevalecendo, porém, em todos os séculos, no Nível Representacional em 68,9% dos casos contra 31% do Nível Interpessoal. Além disso, mostram que os cinco diferentes usos de *mesmo*, encontrados por Peres (2020), já existiam desde o século XVIII e permaneceram ao longo dos dois séculos seguintes, não apresentando alteração na forma de manifestação.

Assim, os dois usos de *mesmo*, no Nível Interpessoal, Ênfase e função pragmática Contraste, foram observados nos três séculos; porém, a ocorrência de *mesmo* enfático diminui gradualmente ao longo dos três séculos (88,8%, 60,7% e 37,9%, respectivamente

nos séculos XVIII, XIX e XX), enquanto *mesmo* contrastivo aumenta a cada século (11,1%, 39,2%, e 62%, respectivamente nos séculos XVIII, XIX e XX).

No Nível Representacional, *mesmo* pode desempenhar três papéis: operador de identidade idêntica, proforma e modificador de Estado de Coisas, que também foram encontrados nos três séculos. O operador de identidade idêntica era muito recorrente no século XVIII, mas seu uso decresce gradualmente nos dois séculos seguintes de 78,1% para 63,2% e 50,3%, respectivamente nos séculos XIX e XX. Já nos outros dois usos, observa-se o movimento contrário: há um aumento gradual, de século para século, como proforma nominal (21,5%, 23,4% e 29,3%) e como modificador de Estado de Coisas (0,35%, 13,2% e 20,3%), respectivamente nos séculos XVIII, XIX e XX.

Desse modo, podemos afirmar que não houve alteração nos usos e nem na forma de codificação de *mesmo* ao longo dos três séculos. O que se pode observar é que alguns usos estão em decréscimo, como o de operador de Ênfase, do Nível Interpessoal, e o operador de identidade idêntica, do Nível Representacional, enquanto o uso como modificador de Estado de Coisas parece estar em ascendência, haja vista sua trajetória de 0,35% no século XVIII para 13,2% no século XIX e 20,3% no século XX.

Esses resultados indicam ainda que *mesmo* é, em princípio, uma estratégia semântica, já que ocorre majoritariamente nesse nível nos três séculos, e que aos poucos vai se tornando uma estratégia gramatical ao ser usado no Nível Interpessoal. Pode-se aventar que *mesmo* está em processo de gramaticalização. Deixamos, no entanto, a verificação dessa trajetória para um outro momento, pois demanda um estudo mais aprofundado dessa questão, o que não era o objetivo deste artigo.

Os resultados obtidos, no entanto, demonstram a persistência da multifuncionalidade desse item nas três sincronias, bem como o decréscimo e a ascendência de suas diferentes funções conforme as necessidades comunicativas ligadas ao uso da língua. As evidências empíricas e as análises quantitativas e qualitativas aqui desenvolvidas contribuem para os estudos descritivos acerca dos usos do português brasileiro, atendendo ao que foi proposto.

Agradecimentos

Ao CNPq pelo auxílio **PQ** Proc. No. **301257/2017-5** (vigência março de 2018 a fevereiro de 2022).

Aos pareceristas anônimos que, com suas observações e sugestões, muito contribuíram para a melhoria do texto.

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

Referências

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, E. **Moderna gramática da língua portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

DANTAS, M. L.; UCHÔA, S. A. de O.; CABRAL, S. A. de O.; NUNES, G. C. Gramaticalização do item linguístico *mesmo*: funções polissêmicas do uso. **Rev. Mult. Psic.**, v. 12, n. 41, p. 1096-1108, 2018.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KEIZER, E. **A Functional Discourse Grammar for English**. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PEREIRA, I. A multifuncionalidade do item “*mesmo*” e sua(s) possível(is) trajetória(s) de gramaticalização. **Guavira Letras**, Três Lagoas. n. 22, p. 31-47, 2016.

PERES, A. C. T. **O uso de *mesmo* em cartas do português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2020.

PEZATTI, E. G.; PERES, A. C. T. Multifuncionalidade de *mesmo*: relação entre função e ordenação morfossintática. **Gragoatá**, Niterói, v. 27, n. 58, p. 1-34, maio/ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v27i58.52121>.

PEZATTI, E. G. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976.

SANTOS-AMORIM, N. C. O item linguístico *mesmo* no português do Brasil colonial e imperial: usos e funções. *In*: XV CONGRESSO INTERNACIONAL, Montevideu, 2008. **Anais** de la Asociación de lingüística y filología de América Latina (ALFAL). Montevideu, 2008.

SANTOS-AMORIM, N. C. **O item linguístico *mesmo***: confrontando usos e funções no português do Brasil. 2009. Tese (Doutorado em Linguística e ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: PEZATTI, Erotilde Goreti; PERES, Ana Carolina Teixeira. Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 249-271, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 03/12/2022.

ESTÁ/TÁ NA FALA POPULAR DE SALVADOR: REDUÇÃO FONÉTICA, VARIAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO

Viviane Marcelina da SILVA¹

Cristina dos Santos CARVALHO²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3430>

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar, na fala popular soteropolitana, o emprego do verbo *estar* no presente do indicativo, nas suas formas fonológicas plena (*está*) e reduzida (*tá*), sob as perspectivas da variação linguística e da mudança por gramaticalização. O enfoque teórico segue pressupostos do funcionalismo norte-americano, na linha da abordagem clássica da gramaticalização (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993] etc.). Do ponto de vista metodológico, a pesquisa tem caráter qualitativo e quantitativo e adota procedimentos sociofuncionalistas; como *corpus*, utiliza dados empíricos extraídos de entrevistas do acervo do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador (PEPP). Os resultados da análise atestam que: (i) as formas *está/tá* desempenham, na fala popular soteropolitana, diferentes funções, que podem ser alocadas em um *continuum* de gramaticalização: verbo (pleno > verbo de ligação > verbo auxiliar) > advérbio de afirmação/concordância > marcador discursivo; (ii) há variação entre *está* e *tá* como verbos pleno, de ligação e auxiliar; (iii) em relação aos usos como advérbio de afirmação/concordância e marcador discursivo (usos mais gramaticalizados), não há variação entre *está* e *tá*, mas sim uma especialização (HOPPER, 1991) de *tá* no desempenho dessas funções.

Palavras-chave: Usos de *está/tá*. Redução fonética. Variação linguística. Gramaticalização.

1 Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia, Brasil; viviane.marcelina@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8799-7530>

2 Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia, Brasil; crystycarvalho@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-2399-674X>

ESTÁ/TÁ IN THE POPULAR SPEECH OF SALVADOR: PHONETIC REDUCTION, VARIATION AND GRAMMATICALIZATION

Abstract: The aim of this article is to analyze, in popular Soteropolitan speech, the use of the verb *estar* in the present tense, in its full (*está*) and reduced (*tá*) phonological forms, from the perspectives of linguistic variation and change by grammaticalization. The theoretical approach follows assumptions of North American functionalism, in line with the classical approach to grammaticalization (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993] etc.). From a methodological point of view, the research has a qualitative and quantitative character and adopts sociofunctionalist procedures; as a *corpus*, it uses empirical data extracted from interviews from the database of the Popular Portuguese Studies Program in Salvador (PEPP). The results of the analysis attest that: (i) the forms *está/tá* have, in popular Soteropolitan speech, different functions, which can be allocated in a *continuum* of grammaticalization: verb (full > linking verb > auxiliary verb) > adverb of affirmation/concordance > discourse marker; (ii) there is variation between *está* and *tá* as full, linking and auxiliary verbs; (iii) in relation to uses such as adverb of affirmation/agreement and discourse marker (more grammaticalized uses), there is no variation between *está* and *tá*, but rather a specialization (HOPPER, 1991) of *tá* in the performance of these functions.

Keywords: Uses of *está/tá*. Phonetic reduction. Linguistic variation. Grammaticalization.

Introdução

O verbo *estar* tem sido descrito em estudos (MENDES, 1999; SANTOS, 2016; PINHEIRO, 2019) que buscam compreender as motivações da alternância entre suas formas plenas e reduzidas e verificar seus usos e suas possíveis mudanças gramaticais. Tais estudos têm comprovado, a partir de evidências empíricas de diferentes variedades do português brasileiro (paulistana, carioca, capixaba etc.), que *estar* tem experimentado processos de variação e de mudança linguística via gramaticalização, havendo, em alguns contextos de uso, uma interpenetração entre esses dois processos.

Neste texto, apresenta-se um recorte da pesquisa de Silva (2021) sobre usos do verbo *estar* na fala popular soteropolitana. Tendo em vista a interface variação/gramaticalização (GÖRSKI; TAVARES, 2017), objetiva-se analisar a realização do verbo *estar* no contexto do presente do indicativo, nas suas formas fonológicas plena (*está*) (1) e reduzida (*tá*) (2), (3).

- (1) Minha neta sabe fazer tudo, ela sabe fazer, mas não, ela é muito encostada. Ela não é de dizer assim: “Ah, minha avó *está* aí, com meu avô, tudo, deixe eu fazer, lavar esses pratos pra ela, deixe eu varrer essa casa.” [...] (PEPP, Inf. 01, p. 331).

- (2) DOC: D. M... de L..., a gente poderia conversar assim, continuar, mas estamos precisando encerrar, tá bom?

41: *Tá.*

DOC: Obrigada a senhora (PEPP, Inf. 41, p. 368).

- (3) DOC: Oh, que bom!

17: e eu tenho que dizer, “tá minha mãe, minha mãe oh pelo amor de Deus, minha mãe. Olhe, minha mãe, depois eu ligo pra senhora, *tá?*” Porque, às vezes, eu estou assim sabe?, aí ela, tá, “oh, minha filha”, amanhã, aí quando for amanhã, “ontem eu liguei pra você, mas você é muito ocupada, não podia me dar assistência, mas eu só queria hoje ouvir a sua vozinha, uma saudade de sua vozinha rouca”. (PEPP, Inf. 17, p. 290).

Para a descrição dos usos de *está/tá* como os apresentados nos excertos de (1) a (3), assume-se a hipótese de que o presente do indicativo, atrelado ao contexto de segunda e terceira pessoas do singular, tem motivado a gramaticalização de *estar*, respectivamente, como advérbio de afirmação/concordância (2) e marcador discursivo (3), usos que tendem a ser realizados na forma reduzida *tá*. Parte-se, então, da assunção de que há uma imbricação entre os processos de redução fonética, variação e gramaticalização.

A análise do objeto de investigação norteia-se pelo enfoque teórico do funcionalismo linguístico norte-americano, na linha da abordagem clássica da gramaticalização (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996). Nessa análise, examinam-se dados empíricos da fala popular soteropolitana, extraídos de entrevistas integrantes do banco de dados do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador (PEPP) (LOPES; SOUZA; SOUZA, 2009). Justifica-se a escolha da fala soteropolitana pelo fato de não haver, até a realização da pesquisa de Silva (2021), notícias de trabalhos sobre a variação e a gramaticalização de *está/tá* nessa variedade do português brasileiro.

Este trabalho está organizado em seis seções. Na primeira, destacam-se alguns conceitos e pressupostos básicos da abordagem da gramaticalização sob o prisma do funcionalismo norte-americano. Na segunda seção, explicitam-se aspectos metodológicos da pesquisa. Na terceira seção, tecem-se breves considerações sobre a etimologia do verbo *estar*. Na quarta, exhibe-se uma descrição dos usos de *está/tá* na fala popular soteropolitana, relacionando-os ao processo de gramaticalização. Na quinta seção, enfocam-se os resultados quantitativos obtidos em relação ao valor semântico-estrutural de *está/tá*. Na sexta, faz-se uma discussão sobre a relação entre os processos de redução fonética, variação e gramaticalização e o fenômeno aqui investigado. Em

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

seguida, expõem-se as considerações finais da pesquisa e as referências que subsidiaram o trabalho.

Abordagem da gramaticalização: perspectiva funcional

Neste texto, contempla-se o que tem sido chamado, na literatura linguística, de abordagem clássica da gramaticalização sob o viés do funcionalismo norte-americano. Nessa fase dessa vertente funcionalista, segundo Rosário e Oliveira (2016), o foco da análise incide na mudança categorial no nível da gramática, na concepção de que o processo de gramaticalização segue uma trajetória de categorias lexicais a gramaticais ou de categorias menos para mais gramaticais. Assume-se, então, que a gramática pode passar por constantes mudanças a depender do uso, pois os falantes precisam de novas formas/construções para se comunicar ou repetem determinadas formas/construções que são inseridas na gramática com novas funções, até porque o comportamento linguístico é também reflexo de capacidades cognitivas (JUNQUEIRA, 2015).

Os estudos sobre gramaticalização, conforme explicitam Gonçalves *et al.* (2007), são iniciados na China, no século X e continuam a se desenvolver, no século XVII, com Condillac e Rosseau (na França) e com Tooke (na Inglaterra). Chegam ao século XVIII, com Bopp, Schelegel, Humboldt, Gabelentz (na Alemanha) e Whitney, nos Estados Unidos. Posteriormente, são retomados, no século XX, nas décadas iniciais de 1912, pelo linguista francês Antoine Meillet, que tem sido considerado o cunhador do termo *gramaticalização*, com a aceção de “atribuição de caráter gramatical a uma palavra antes autônoma” (MEILLET, 1912, p. 131, tradução nossa³). Nessa época, “[...] depreende-se, primeiramente, a ideia de gramaticalização como uma ferramenta da linguística histórica, que buscava dar conta das origens e das mudanças típicas envolvendo morfemas gramaticais [...]” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 21).

Depois de Meillet, a gramaticalização torna-se o centro de atenção no funcionalismo do século XX, na década de 1970, com os trabalhos de linguistas americanos como Paul Hopper, Elizabeth Traugott, entre outros. Nos termos de Hopper e Traugott (2003 [1993]), o termo gramaticalização é usado para se referir tanto ao processo de mudança linguística como a um paradigma. Como processo, a gramaticalização representa o objeto de estudo do paradigma. Esses autores enfatizam que a gramaticalização se refere a essa parte do estudo da mudança de linguagem que se preocupa com questões atinentes a como os itens lexicais e as construções passam, em certos contextos linguísticos, a desempenhar

³ No original: “L’attribution du caractère grammatical a un mot jadis autonome”.

funções gramaticais ou como os itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais. Nessa perspectiva, a abordagem da gramaticalização é assumida como um paradigma explanatório de emergência de novas formas/construções gramaticais.

Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 2, tradução nossa)⁴ definem a gramaticalização “como um subconjunto de mudanças linguísticas em que um item lexical ou a construção, em certos usos, assume características gramaticais, ou através do qual um item gramatical se torna mais gramatical”. Afirmam que não só um item pode se gramaticalizar, mas toda a construção em que se encontra um dado elemento. Tal afirmação pode ser ilustrada, no português brasileiro, com a gramaticalização do verbo *estar* em advérbio de afirmação/concordância: nesse caso, como será visto na seção em que serão descritos os usos de *está/tá* na fala popular soteropolitana, a reanálise categorial opera tanto no item isoladamente (*tá*) como em construções de que esse item faz parte, por exemplo, *tá certo* e *tá bom*.

A afirmação de Hopper e Traugott (2003 [1993]) supracitada permite entrever uma relação entre gramaticalização, construção e contexto morfossintático (esses dois últimos tomados como sinônimos). A esse respeito, Carvalho (2017, p. 88) salienta:

[...] na literatura linguística (TRAUGOTT, 1997; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 2003; NOËL, 2007, dentre outros), com a constatação da relevância do contexto morfossintático ou da construção em que a forma fonte ocorre para a gramaticalização, tornaram-se prementes uma nova perspectiva de análise que deslocasse o foco de atenção apenas de itens específicos e a redefinição do próprio processo de gramaticalização para “mudança através da qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (parte de) uma construção com uma função gramatical, ou atribuem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical” (TRAUGOTT, 2009).

Nas palavras de Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 49), a gramaticalização é “[...] uma manifestação do aspecto não-estático da gramática, uma vez que ela demonstra que as línguas estão em constante mudança em consequência de uma incessante busca de novas expressões e que, portanto, nunca estão definitivamente estruturadas”. Nessa mesma direção, Furtado da Cunha e Tavares (2016) afirmam que o fenômeno da gramaticalização ratifica a concepção funcionalista de gramática como mecanismo mutável e instável, que pode ser modificado pelo uso, e sujeito a pressões comunicativas e cognitivas. Os autores

⁴ No original: “[...] grammaticalization is usually thought of as that subset of linguistic changes whereby a lexical item or construction in certain uses takes on grammatical characteristics, or through which a grammatical item becomes more grammatical” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, [1993], p. 2).

supracitados consideram, então, que a gramaticalização é motivada pela regularização do uso da língua e acontece por meio da criação de expressões novas pelos falantes para atender a seus propósitos comunicativos.

Na mudança via gramaticalização, a criação de elementos gramaticais se dá por meio da extensão de uso de itens/construções lexicais ou já gramaticais. Nesse contexto, itens lexicais são entendidos como elementos que designam objetos, entidades, ações, sentimentos, processos, estados e qualidades; fazem parte dessa categoria os nomes, os verbos plenos, os adjetivos. As categorias gramaticais têm, entre outras, a função de organizar o discurso, ligando palavras, frases e textos, ou marcar noções como tempo, modo, aspecto; são representadas, entre outras classes, por preposições, conjunções e verbos auxiliares (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]; GONÇALVES *et al.*, 2007).

Desse modo, dentro da concepção funcionalista, entende-se que há, ainda que de forma não categórica e discreta, o plano do léxico e o da gramática, considerando que existem: (i) sentidos mais concretos e referenciais expressos por classes morfológicas, como os nomes e os verbos plenos, que se encontram no plano lexical; (ii) sentidos mais abstratos codificados por classes morfológicas, como as preposições e conjunções, que se localizam no plano da gramática. Nesse caso, a gramaticalização representa uma interseção entre esses dois planos.

A abordagem da gramaticalização ampliou o seu escopo de investigação quando passou a considerar casos de mudança de um item ou uma construção para marcador discursivo. Nesse sentido, como bem explana Martelotta (2011, p. 94), a gramaticalização passa a englobar a emergência de itens/elementos que, além de relações metatextuais, “[...] veiculam relações entre proposições e o conteúdo não linguístico, como os marcadores discursivos, que indicam não apenas a perspectiva do falante, mas também sua preocupação em relação a como a proposição deve ser interpretada pelo ouvinte”.

Pode-se ver, primeiramente, o tratamento de marcadores discursivos como resultado de gramaticalização em Traugott (1997) quando a autora, enfatizando a relação entre sintaxe, pragmática e semântica, descreve, no inglês, o desenvolvimento dos marcadores discursivos *indeed*, *in fact*, *besides* a partir de advérbios. A autora propõe o seguinte *cline* para explicar a gramaticalização de advérbios em marcadores discursivos: cláusula adverbial interna > advérbio sentencial > partícula do discurso (da qual os marcadores do discurso são um subtipo). Traugott (1997) afirma que, no primeiro estágio desse *cline*, ocorre um advérbio que modifica um verbo e, no segundo estágio, um advérbio que modifica uma sentença; no último estágio, o item passa a ocorrer em uma posição mais periférica, à esquerda da sentença, funcionando como marcador discursivo.

Para Traugott (1997), os marcadores discursivos são parte da gramática de uma língua mesmo que sejam pragmáticos em função. A ausência do marcador discursivo, segundo a autora, “não torna uma frase agramatical e /ou ininteligível. No entanto, remove uma pista poderosa sobre o compromisso que o interlocutor faz em relação entre o atual enunciado e o discurso anterior” (FRASER, 1988, p. 22 *apud* TRAUGOTT, 1997, p. 6, tradução nossa)⁵.

Nesse caso, pode-se entender a gramaticalização como um processo que pressupõe uma mudança, na língua, de itens/construções do nível representacional para o nível interpessoal:

Seguindo esse processo, o elemento deixa de atuar no nível representacional, característico dos elementos que fazem referência a dados mais objetivos associados ao nosso mundo biossocial, para atuar no nível interpessoal, que engloba as expressões de valor processual, ou seja, aquelas cujas funções estão relacionadas aos processos através dos quais o falante elabora o seu enunciado para um determinado ouvinte em um contexto específico de uso. (MARTELOTTA, 2011, p. 92).

Qualquer pesquisador, ao investigar a mudança por gramaticalização, pode detectar não só *clines* de mudanças categorial e semântica, mas também observar a atuação conjunta de distintos processos. Zilles (2007), com base em Heine (2003), menciona que a gramaticalização é, mais precisamente, um conjunto de mudanças, minimamente descrito por mecanismos como dessemantização, extensão, decategorização e erosão fonética. Nos termos de Heine (2003), a dessemantização está relacionada com a redução semântica e a perda de conteúdo semântico⁶; a extensão⁷ tem a ver com generalização contextual, uso em novos contextos; (iii) a decategorização remete à perda de propriedades morfossintáticas características das formas-fonte, incluindo a perda do *status* de palavra independente própria da cliticização e da afixação⁸ e (iv) a erosão⁹ ou a redução fonética está associada à perda de substância fonética.

5 No original: “The absence of the Discourse Marker does not render a sentence ungrammatical and/or unintelligible. It does, however, remove a powerful clue about what commitment the speaker makes regarding the relationship between the current utterance and the prior discourse”.

6 No original: “[...] desemantization (or “bleaching,” semantic reduction): loss in meaning content [...]” (HEINE, 2003, p. 579).

7 No original: “[...] extension (or context generalization): use in new contexts [...]” (HEINE, 2003, p. 579).

8 No original: “[...] decategorialization: loss in morphosyntactic properties characteristic of the source forms, including the loss of independent word status (cliticization, affixation) [...]” (HEINE, 2003, p. 579).

9 No original: “[...] erosion (or “phonetic reduction”), that is, loss in phonetic substance [...]” (HEINE, 2003, p. 579).

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

Sendo assim, neste estudo, parte-se do pressuposto de que, com a gramaticalização, há dessemantização e decategorização de *estar* (evidenciada, por exemplo, na mudança desse verbo para advérbio) e uma erosão fonética da forma *está* em *tá*, que, por sua vez, está relacionada com a frequência de uso; nesse caso, entende-se que, quanto mais presente no discurso, maior a possibilidade de desgaste de um item, em razão de sua previsibilidade em contextos apropriados. Ademais, ao se analisarem dados da fala popular soteropolitana em que *tá* desempenha uma função interacional, tem-se o mesmo entendimento de Traugott (1997) e Martelotta (2011) de que o processo de gramaticalização também abarca o desenvolvimento de marcadores discursivos, sinalizando uma mudança do nível representacional para o interpessoal.

Após terem sido discutidos conceitos teóricos relacionados à abordagem da gramaticalização e relevantes para a descrição dos usos de *está/tá*, na próxima seção, serão apresentadas informações sobre aspectos metodológicos da pesquisa.

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa incorporou, na observação e análise dos dados, postulados da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e submeteu os dados a um tratamento estatístico no programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005); nessa perspectiva, seguiu o que tem sido designado de orientação sociofuncionalista (TAVARES, 2003, 2013), com foco na relação entre a variação linguística e a mudança via gramaticalização das formas *está/tá*. A esse respeito, Görski e Tavares (2017, p. 39) apontam que uma contribuição da sociolinguística para a abordagem da gramaticalização tem a ver com o fato de, “[...] ao submeter os dados a procedimentos estatísticos comumente adotados para a análise multivariada, identificamos até mesmo alterações sutis em padrões de distribuição linguística e extralinguística das formas variantes [...]”.

Para o mapeamento dos usos de *está/tá* na fala popular soteropolitana, partiu-se do exame de ocorrências empíricas retiradas de dezesseis inquéritos (de um total de quarenta e oito) do banco de dados do Programa de Estudo do Português Popular de Salvador (PEPP) (LOPES; SOUZA; SOUZA, 2009), desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia. Esse banco de dados foi constituído no período de 1998 a 2000 e possui informantes de vários bairros de Salvador, estratificados de acordo com as seguintes categorias sociais: sexo (homem e mulher); nível de escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Médio); faixa etária: (15 a 24 anos – FI; 25 a 35 anos – FII; 45 a 55 anos – FIII; acima de 65 anos em diante – FIV). Na pesquisa, tendo em vista essas categorias sociais, foram

selecionados dezesseis informantes com os seguintes perfis: 8 de cada sexo, 8 de cada nível de escolaridade e 4 de cada faixa etária.

Como procedimentos metodológicos, foram adotados os seguintes: (i) levantamento e fichamento das ocorrências do verbo *estar* no contexto do presente do indicativo nos dezesseis inquiridos do PEPP que compõem a amostra da pesquisa; (ii) audição das entrevistas para verificar, quanto à pronúncia do verbo *estar*, se o informante realizou a forma plena (*está*) ou reduzida (*tá*); (iii) codificação dos dados a partir das variáveis linguísticas (valor semântico-estrutural, tipo de sintagma/constituinte expresso à direita de *está/tá*, pessoa gramatical do sujeito de *está/tá*, explicitude/omissão de sujeito, tipos de sequências linguísticas) e sociais (sexo, escolaridade e faixa etária) controladas na pesquisa; (iv) análise dos dados e interpretação dos resultados.

A análise dos dados foi realizada em viés qualitativo e quantitativo, buscando-se descrever os contextos de usos das formas fonológicas plena e reduzida de *estar* na fala popular soteropolitana e verificar quais das variáveis consideradas na pesquisa mais favoreciam essas formas fonológicas. Este texto focaliza os resultados referentes ao valor semântico-estrutural de *está/tá*, único parâmetro linguístico considerado relevante na rodada dos dados para a descrição dos processos de variação e gramaticalização de *estar*¹⁰. Na próxima seção, serão pontuados aspectos referentes à etimologia do verbo *estar* com o intuito de averiguar se algum sentido da forma etimológica desse verbo permaneceu no português contemporâneo.

Etimologia do verbo *estar*

O verbo *estar* é derivado da forma latina *stare*, que tinha o sentido de ‘*estar de pé*’ (CASTILHO, 2019; BAGNO, 2011). Castilho (2019) aponta que, no latim, *stare* atribuíam a seu sujeito a noção de localização física no espaço. De acordo com Bagno (2011), em latim, *stare* possuía o sentido de ‘*estar de pé*’ em oposição a *sedere* e *cubare*, que significavam, respectivamente, ‘*estar sentado*’ e ‘*estar deitado*’. O autor ainda salienta que o verbo *estar* tem uma pré-etimologia, isto é, seus radicais são provenientes do indo-europeu, que deu origem à grande parte das línguas europeias e, portanto, é anterior ao latim. Esclarece, então, que a raiz indo-europeia *sta* contém a ideia de ‘*estar de pé*’, e é dela que provêm o verbo latino *stare* (particípio passado: *statum*) e a terminação *stão*, usada no nome de muitos países e regiões (Afeganistão, Paquistão), significa ‘*lugar onde está o povo X*’.

10 Na pesquisa de Silva (2021), as variáveis selecionadas, em ordem de relevância, como significativas pelo GoldVarb X foram: (i) valor semântico-estrutural de *está/tá*; (ii) *sexo*; (iii) *faixa etária*. Nesse caso, além de uma variável linguística, foram selecionadas duas sociais.

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

Bagno (2011) menciona que, no período arcaico da língua portuguesa, ainda se registrava o uso de *estar* com o significado de ‘*estar de pé*’, como se vê em (4).

- (4) [...] muytos havia hi deles que no prendiam sono jazendo, mais *estando* [...] [muitos deles havia que não dormiam deitados, mas de pé] (MACHADO FILHO, 2009 *apud* BAGNO, 2011, p. 613).

Santos (2016) atesta, no português contemporâneo, apenas uma ocorrência desse emprego de *estar*, extraída de um *site* da internet (5), o que demonstra que esse uso não é tão comum nessa sincronia. Sobre essa questão, Castilho (2014 *apud* SANTOS, 2016, p. 229) afirma que as noções de *estar de pé* ou *estar parado* presentes no uso de *estar* como verbo intransitivo locativo posicional “não são mais percebidas no português brasileiro atual”.

- (5) E a minha leitura, penso, *está* no incompleto, no meu processo identitário. *Está* na minha vida. E como tal, não posso esgotá-la. Apenas, sei que, nesse exato momento, todos seguimos *estando*... Porque somos iguais, virtualmente <http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/ver.php?idtexto=27> (SANTOS, 2016, p. 229).

Nos dados de fala soteropolitana do século XX, não foi encontrado o emprego supracitado de *estar*. A seguir, será feita uma descrição dos usos de *está/tá* documentados na amostra examinada, correlacionando-os à mudança via gramaticalização.

Usos de *está/tá* na fala popular soteropolitana: instâncias de gramaticalização

Para a classificação dos usos de *está/tá* nos dados de fala popular soteropolitana, Silva (2021) se baseou nas categorizações propostas por Pinheiro (2019) e Santos (2016) e considerou a discussão apresentada por Bagno (2011) para verbos de ligação em estruturas atributivas e modais. Com base nas ocorrências documentadas na amostra, foram registrados os seguintes valores semântico-estruturais de *está/tá*: (i) verbo pleno em estrutura locativa; (ii) verbo de ligação; (iii) verbo auxiliar em estruturas atributivas e modais; (iv) advérbio de afirmação/concordância; (v) marcador discursivo.

Como verbo pleno em estrutura locativa (6), *estar* tem o significado de ‘ficar situado, localizar-se em um determinado lugar’, ou seja, indica o lugar em que um ser/entidade/objeto *está*: *aqui* (6a) e *em casa* (6b); sintaticamente, esse lugar é expresso por um sintagma adverbial (6a) ou sintagma preposicionado (6b).

(6) a. [...] hoje não, você aí, qualquer lugar você vai, *está* aqui agora, eu vou pra, pra não sei aonde, entro num beco desses aí e vai pro Rio Vermelho, vai pra Pituba, vai pra onde você quiser, então a Bahia progrediu muito. (PEPP, Inf. 34, p. 313).

b. Menina é porque, às vezes K... por exemplo estuda junto com o namorado engana a faculdade a manhã toda, vem junto no carro, quando chega aqui, meia hora que ela *tá* em casa quer levar uma hora no telefone, ah não, e tem celular ele, tem celular ele, digo não, aí eu dou cada grito. (PEPP, Inf. 17, p. 292).

Funcionando como verbo de ligação, os usos de *está/tá* são encontrados em estruturas atributivas (7) e modais (8). Em (7a) e (7b), *está/tá* relacionam uma dada característica (*menstruada, com as pernas inchadas*) atribuída aos sujeitos das sentenças (*ela, você* implícito); do ponto de vista sintático, essa característica se realiza como um sintagma adjetival (*menstruada*) e sintagma preposicionado (*com as pernas inchadas*). Em (7c), *estar* ocorre com SN (*um negócio sério*), que caracteriza o sujeito da sentença (*a nossa infração*). Em (8), diferentemente dos exemplos anteriores, *estar* é empregado, em uma estrutura modal, como verbo de ligação com sintagma adverbial (*muito bem*), quando a informante se refere ao modo como se encontra a relação com a irmã.

(7) a. eu tenho uma amiga mesmo que ela tem dois irmãos, ela não pode dizer em casa que ela *está* menstruada porque o pai não pode saber, os irmãos não podem ver, os irmãos, se ele estiver trocando de roupa ela tem que trancar a porta. (PEPP, Inf.12, p. 139).

b. [...] então hoje em dia pode estar acontecendo ainda por isso, pode estar acontecendo ainda por isso, que as crianças são muito rebeldes hoje, eu acho, os jovens muito rebeldes, e quando a gente fala, “menina não faça isso, *tá* com as pernas inchadas, não coma sal”, “ah! Sou vocês que tem pressão alta, sou jovem” [...] (PEPP, Inf. 17, p. 274).

c. Nós podemos ver por esses dias que estamos do século vinte, na virada do século vinte e um, onde qual a nossa infração *está* um negócio sério (PEPP, Inf. 40, p. 158).

(8) [...] não gosto muito do namorado dela, ela acha que, sabe né, quando a gente arranja às vezes um namorado eu acho que só tem olhos pra ele, aí hoje não *tá* muito bem não, eu sinto que não vai dar certo sabe [...] (PEPP, Inf.12, p.130).

Como auxiliar (9), *estar*, na sua forma plena (9a) e reduzida (9b), ocorre no presente do indicativo, na construção auxiliar + gerúndio (*está piorando, está melhorando, tá fazendo*); nesse caso, além de ser responsável por indicar o tempo, o modo, o número e a pessoa gramatical, expressa continuidade de algo (ação, situação, processo etc.) ainda em curso.

(9) a. DOC: [...] E... a respeito desse diálogo que você que os pais os pais devem ter com os filhos. Você acha que isso tem melhorado?

20: Aí, de alguns, alguns aspectos estão melhorados, não, não não *está* piorando mas estão melhorando, *está* melhorando, certo? (PEPP, Inf. 20, p. 116).

b. Minha diversão maior é ir pro, pra Fonte Nova quando tem o Bahia pra jogar, e quando eu tenho dinheiro pra pagar, pra ir ver que nada, não dá pra entrar de graça mesmo, a praia quando *tá* fazendo sol, o pagode, quando nada disso acontece o jeito é ficar com o meu filho em casa brincando, fazendo ele ri. (PEPP, Inf. 18, p. 85).

Estabelecendo-se uma associação entre os três primeiros empregos de *está/tá* atestados na fala popular soteropolitana e o processo de gramaticalização, vale destacar que os usos como verbos de ligação e auxiliar já constituem estágios de gramaticalização do verbo *estar* (MENDES, 1999; BAGNO, 2011), a partir da função fonte, verbo pleno em estrutura locativa.

Como advérbio de afirmação/concordância, há usos de *tá* (10) em contextos de interação em que os falantes concordam com os seus interlocutores; nesse caso, os falantes se valem da forma isolada *tá* (10a) e das construções *tá certo* (10b) e *tá bom* (10c). Nos excertos em (10a) e (10b), há concordância das informantes com as suas mães em relação a algo proferido por essas: a respeito de retornar a ligação e de cuidar da irmã, respectivamente. Em (10c), a aquiescência por parte do informante se dá no que diz respeito à finalização da conversa pelo documentador. Os três excertos ilustram, na fala soteropolitana, a gramaticalização do verbo *estar*, na sua forma reduzida, em advérbio de afirmação/concordância, tal como evidenciado por Santos (2016) na análise de dados de fala do português brasileiro contemporâneo.

(10) a. DOC: Oh, que bom!

17: e eu tenho que dizer, "*tá* minha mãe, minha mãe oh pelo amor de Deus, minha mãe. Olhe, minha mãe, depois eu ligo pra senhora, *tá*?" Porque, às vezes, eu estou assim sabe?, aí ela, *tá*, "oh, minha filha", amanhã, aí quando

for amanhã, “ontem eu liguei pra você, mas você é muito ocupada, não podia me dar assistência, mas eu só queria hoje ouvir a sua vozinha, uma saudade de sua vozinha rouca”. (PEPP, Inf. 17, p. 290).

b. Aí eu faço: “S. Você tem que ficar com... com K., porque o apelido dela é K., que é nome é Alessandra, tem que ficar com ela porque mamãe vai sair e Solange vai sair e quem vai te olhar? Então você não fique brigando com ela não, porque ela é sua irmã, ela gosta de você.” *Tá certo*, mainha, eu vou obedecer, olhe K, você vai ser minha babá hoje, viu? (risos).(PEPP, Inf. 36, p. 245).

c. Doc: É, eu acho que nós podemos encerrar a conversa que nosso tempo já foi o suficiente viu H... obrigada.

34: *Tá bom!* (PEPP, Inf. 34, p. 298).

A partir de Hopper (1991) e Heine (2003), considera-se que, no uso como advérbio de afirmação/concordância, há uma decategorização de *estar* em relação à pessoa gramatical (que passa a se restringir ao contexto da terceira pessoa do singular) e à não admissão de sujeito. Sobre essa questão, Santos (2016) explica que, com a função de advérbio de afirmação ou concordância, o verbo *estar* ocorre na terceira pessoa do singular, modificando-se para um verbo impessoal, e, frequentemente, aparece na forma de partícula *tá*, que, segundo a autora, é a redução da expressão afirmativa *está bem* e de suas variações que também podem ser empregadas como *está bom*, *está ótimo*, *está certo* etc., que indicam concordância.

Ao funcionar como marcador discursivo, *estar* é empregado não só na sua forma reduzida isolada – *tá?* (11a) – mas também em uma construção com auxiliar e gerúndio – *tá entendendo?* (11b). Esses dois marcadores discursivos atuam na função interpessoal (HALLIDAY; HASAN, 1976): na interação comunicativa, constituem uma estratégia do falante para checar a recepção do ouvinte (MARTELOTTA, 2009), operando, nos termos de Freitag (2009), como requisito de apoio discursivo em relação a algo enunciado: em (11a), há o uso de *tá?* depois de a informante enunciar que, na época de sua adolescência, as meninas/moças não podiam olhar diretamente nos olhos dos homens; em (11b), o emprego de *tá entendendo?* ocorre depois de a informante dizer que seus filhos sempre frequentavam festa.

(11) a. Olhe, namoro? Olhe, eu comecei a namorar tarde, quinze anos, primeiro namorado quinze anos, eh, por causa do pai que a gente não podia olhar nos olhos dos homens, não *tá?* Enquanto fomos criadas meninas, se chegasse um, um visitante, alguma coisa, sendo do sexo masculino era olhando do joelho

pra baixo, coisa assim que, então não olhava di, diretamente nos olhos dos homens. (PEPP, Inf. 23, p. 208).

b. Meus filhos, não, eles saíam, iam pra festa, *tá entendendo?* Queriam romper o ano fora, iam, dava meia noite em casa, depois eles saíam, voltavam de manhã. Sempre foram em festa, eu nunca preendi. (PEPP, Inf. 01, p. 323).

Em contexto como o de (11a), “tendo origem em uma forma de pergunta referencial, *tá?* passa a funcionar como pergunta retórica a fim de marcar para o ouvinte as informações dadas [...]” (MARTELOTTA, 2009, p. 104). Considera-se que essa mesma observação é válida para *tá entendendo?* em contexto como o de (11b). Sendo assim, à esteira de Freitag (2007) e Martelotta (2009), assume-se aqui que a emergência desses dois marcadores discursivos se dá a partir do *cline* de mudança pergunta plena ou referencial > pergunta retórica.

No entanto, os contextos morfossintáticos que permitiram, em (11a) e (11b), a gramaticalização de *estar* como marcadores discursivos são diferentes: (i) no primeiro caso, *estar* se gramaticalizou no contexto de terceira pessoa do singular, a partir da pergunta referencial *está bom?/está bem?*, conforme o *cline* proposto por Martelotta (2009, p. 89): *está bom?/está bem?* > *tá bom?/tá bem?* > *tá?*; (ii) no segundo caso, o contexto motivador foi o de segunda pessoa do singular, a partir da pergunta referencial *você está entendendo?*; desse modo, aventa-se o seguinte *cline* de emergência do marcador discursivo ilustrado em (11b): *você está entendendo?* > *você tá entendendo?* > *tá entendendo?* Com a gramaticalização, observa-se, então, uma decategorização (HOPPER, 1991; HEINE, 2003) de *estar* nesses dois usos como marcadores discursivos, no que diz respeito à pessoa gramatical.

Os usos de *está/tá* documentados na fala popular soteropolitana representam diferentes instâncias de gramaticalização do verbo *estar*: ocorre mudança categorial levando-se em conta apenas a classe de verbos (pleno > de ligação > auxiliar) e dessa classe para outra classe (advérbio) ou função (marcador discursivo). Pode-se observar a atuação do processo de gramaticalização não só em *estar* como item (*está/tá*), mas também em toda a construção de que ele faz parte, em ocorrências como *tá entendendo?*, *tá certo* e *tá bom*, o que serve de evidência empírica da afirmação de Hopper e Traugott (2003 [1993]) de que a gramaticalização pode incidir tanto em um item como em uma construção. Na próxima seção, será apresentada uma discussão, em viés quantitativo, dos dados no que concerne à correlação *está/tá* e valor semântico-estrutural.

Resultados quantitativos

Na amostra analisada por Silva (2021), foram atestadas 291 ocorrências empíricas de *está/tá*, das quais 167 (57,4%) foram da forma reduzida (*tá*) e 124 (42,6%), da forma plena (*está*). Das variáveis consideradas na pesquisa (citadas na seção de metodologia), o valor semântico-estrutural, como já mencionado, foi a primeira variável selecionada como relevante para a variação entre *está* e *tá*.

Na pesquisa, registraram-se os seguintes resultados referentes à frequência de *tá*¹¹ de acordo com o seu valor semântico-estrutural: verbo pleno (29/54 = 53,7%), verbo de ligação (58/102 = 56,9%), verbo auxiliar (48/102 = 47,1%), advérbio de concordância (6/6 = 100%), marcador discursivo (26/27 = 96,3%). Nota-se que há uma frequência bem alta de uso de *tá* com as seguintes funções: advérbio de afirmação/concordância (100%) e marcador discursivo (96,3%). Em relação a esses dois valores semântico-estruturais, ocorreram, respectivamente, usos categóricos e semi-categóricos de *tá*. Os resultados aqui expostos revelam, ainda, que, na fala popular soteropolitana, há variação entre *está* e *tá* apenas quando essas formas funcionam como verbos pleno, de ligação e auxiliar.

Como, na rodada inicial do GoldVarb X, no arquivo de células, houve o uso categórico de advérbio de afirmação/concordância com a forma reduzida *tá*, para eliminar o *knockout* dos resultados, foi feita uma rodada com amalgamação entre os usos de advérbio de afirmação/concordância e marcadores discursivos pelo fato de esses serem os usos mais gramaticalizados registrados na amostra. Ademais, como já mencionado, houve um emprego quase categórico de *tá* na função de marcador discursivo no *corpus*. Os resultados dessa rodada se encontram na Tabela 1.

Tabela 1. Condicionamento do valor semântico-estrutural na realização de *tá*

Valor semântico-estrutural	Ocor./Total	%	Peso relativo
Verbo pleno	29/54	53,7	0,409
Verbo de ligação	58/102	56,9	0,472
Verbo auxiliar	48/102	47,1	0,333
Advérbio de afirmação/ marcador discursivo	32/33	97,0	0,957

Significância 0.000

Fonte: Silva (2021, p. 118)

¹¹ Na rodada dos dados efetuada pelo GoldVarb X, a forma reduzida *tá* foi tomada como valor de aplicação.

O primeiro comentário a ser feito com base na Tabela 1 é que, tendo em vista o total de ocorrências de cada uso de *estar* na amostra, é possível perceber que, embora os usos como advérbio de afirmação/concordância e marcador discursivo sejam os mais gramaticalizados, não apresentam a maior frequência de uso (apenas 33 ocorrências), quando comparados com as outras funções de *estar* registradas nos dados: verbo pleno (54 ocorrências), verbo de ligação (102 ocorrências) e verbo auxiliar (102 ocorrências). Nesse caso, observa-se uma contraevidência do pressuposto funcionalista que estabelece uma correlação entre frequência de uso e formas mais gramaticalizadas.

Ainda conforme exibido pela Tabela 1, verifica-se que os usos como advérbio de afirmação/concordância (12) e marcador discursivo (13) se sobressaem com a forma reduzida *tá* (12), (13a), (13b), com um peso relativo maior (0.957) entre as outras funções encontradas na fala soteropolitana. Nos dados analisados, há apenas uma ocorrência de uso de marcador discursivo com a forma plena (13c).

(12) Ah minha filha, aí beleza, tudo gostoso, eu brigo pelo telefone, boto chave no telefone, saiu leve, deixo o outro sem fio trancado, êta, ela hoje tá atacada, estou mesmo, “estou atacada porque ninguém me ajuda a pagar, tererê, tererê, tererê”, “*tá certo*”, minha filha, se acalme quando você voltar você tá calminha. (PEPP, Inf. 17, p. 291).

(13)a. Dava, coisa que eu não faço hoje, não dou não, eu sei, eu acho que sou muito ele, sou de sentar também, agora eu não boto pra chorar não, já fiz muito isso, já parei, eu copieei dele isso, é incrível, de outras pessoas chegar pra mim, R... peraê, calma, que isso funde a cabeça da criança, não pode fazer isso, se vê, se não foi bom pra mim, como é que eu posso passar pra minhas filhas isso, aí eu parei de chegar assim e sentar e conversar, mas conversar mesmo, botar assim a realidade, *tá?* (PEPP, Inf. 23, p. 206).

b. Em ... em ... eu não sei se ... eh ... se negócio de deveres, *tá entendendo?* as professoras não são assim como as que eram de antigamente, que antigamente a gente ia pro quadro, não era, a professora fazia a gente responder, “Venha, agora é você, venha responder aqui” (PEPP, Inf. 01, p. 325).

c. Não é? Que emissora você vê traria alguma coisa positivo para a criança pela manhã, por exemplo? Isso aí que varia, porque de repente, pela manhã pode ter um programa infantil no onze e aí pela tarde não tiver, e se tiver um programa infantil, *está entendendo?* aí diversifica, porque pode estudar de manhã e pode estudar pela tarde, não é? (PEPP, In. 20, p. 125).

O emprego de *tá* com índices bem mais baixos de peso relativo é registrado nas outras funções: verbo de ligação (0.472), verbo pleno (0.409) e verbo auxiliar (0.333). Observa-se, então, que essas três funções de *estar* tendem a favorecer mais o uso da forma plena *está* na fala popular soteropolitana. Sendo assim, pode-se dizer que *está* tende a ocorrer com o uso não gramaticalizado de *estar* como verbo pleno em estrutura locativa (14) e usos que representam estágios iniciais de gramaticalização de *estar*, verbos de ligação (15) e auxiliar (16).

(14) Porque lá, eu às vezes deixo a televisão pra meu marido ficar vendo, distraindo a mente, não é?

DOC: Hum...

Porque ele *está* em casa e não sai pra lugar nenhum, então tem uma coisa pra ele ver, se distrair, então eu deixo a televisão (PEPP, Inf. 01, p. 328).

(15) [...] ela comprou, essa, até essa casa que ela tem em Castelo Branco que a minha filha *está* morando é dela, que quando ela veio com o dinheiro da indenização, ela comprou essa casa, ela agora voltou pensando que a Olivetti estava chamando ela pra trabalhar, né, mas era pra receber um dinheiro, agora ela *está* lá por São Paulo de novo, eu disse a ela “volta rapaz”, se lá ela *está* pior do que aqui na Bahia (PEPP, Inf. 34, p. 314).

(16) Ele *está* na escola, *está* aprendendo, ou pouco ou muito *está* aprendendo, mas a gente tem que verificar, na hora, algum erro, então os pais devem olhar (PEPP, Inf. 01, p. 328).

Entre os três usos elencados acima, uma observação que pode ser feita tem a ver com o verbo pleno, função fonte para os demais usos gramaticalizados de *estar*. Conforme estabelecido por um dos princípios de gramaticalização, o de divergência (HOPPER, 1991) e ilustrado em (14), essa função, mesmo com os deslizamentos funcionais em outros usos, ainda mantém-se na fala popular soteropolitana.

Os resultados quantitativos aqui obtidos permitem comprovar a hipótese levantada no que concerne à correlação entre o emprego de *tá* e o processo de gramaticalização. Assim, constata-se, com base em evidências empíricas da fala popular soteropolitana, que o verbo *estar*, no presente do indicativo, atrelado aos contextos de segunda e terceira pessoas do singular, tem passado pelo processo de mudança por gramaticalização sobretudo como marcador discursivo e advérbio de afirmação/concordância. Nesses usos, *estar* tende a ser realizado na forma reduzida *tá*. Em outras palavras, pode-se dizer que *está* havendo uma *especialização* (HOPPER, 1991) de *tá* no que concerne ao desempenho dessas duas funções.

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

Os resultados supracitados se assemelham aos achados por Pinheiro (2019) e Santos (2016) no que se refere a usos de *tá* como marcador discursivo e advérbio de afirmação/concordância, respectivamente. Pinheiro (2019) constatou que, na fala capixaba, a redução fonética do *estar* e sua mudança se relacionam diretamente com o seu processo de gramaticalização. Para o autor, o uso do marcador discursivo *tá*? demonstra o extremo do *continuum* de gramaticalização do verbo *estar*, com função bem mais abstrata. Santos (2016), analisando o verbo *estar*, verificou que esse verbo assume diferentes funções na língua a partir da sua mudança linguística por gramaticalização. Entre essas funções, a autora mostra usos de *tá* como advérbio de afirmação/concordância em expressões como *tá bem*, *tá joia*, *tá ótimo* etc.

Após terem sido discutidos os resultados quantitativos obtidos para os usos de *está/tá*, na próxima seção, será feita uma reflexão sobre tais usos e os processos de redução fonética, variação e mudança por gramaticalização.

***Está/tá*: redução fonética, variação e gramaticalização**

Os usos de *está/tá* – verbo pleno em estrutura locativa, verbo de ligação, verbo auxiliar, advérbio de concordância/afirmação e marcador discursivo – documentados nos dados de fala popular soteropolitana servem de evidência de que o verbo *estar* vem apresentando uma trajetória de mudança, com ampliação para novos contextos a partir do verbo pleno. De modo geral, evidenciam que a gramática das línguas naturais muda constantemente.

No que se refere aos usos supracitados, é possível estabelecer uma correlação entre o emprego de formas plenas e reduzidas e os processos de variação e gramaticalização. Quanto à variação, os resultados quantitativos obtidos no estudo de Silva (2021) revelam que há, nos dados analisados, uma alternância ou, nos termos de Hopper (1991), uma estratificação entre as formas *está/tá* em relação aos seguintes valores semântico-estruturais: verbos pleno, de ligação e auxiliar.

No entanto, não se observa uma variação entre *está* e *tá* como advérbio de concordância/afirmação e marcador discursivo, mas sim uma especialização (HOPPER, 1991) de *tá* no desempenho dessas funções. Sendo assim, tais resultados permitem comprovar, com base em evidências empíricas, a hipótese assumida de que o verbo *estar*, no presente do indicativo, atrelado aos contextos de segunda e terceira pessoas do singular, tem passado pelo processo de mudança por gramaticalização, funcionando, respectivamente, como marcador discursivo e advérbio de afirmação/concordância (usos que representam estágios de gramaticalização mais avançados). Nesse caso, parte-se do

pressuposto de que há, nos referidos contextos, uma correlação entre gramaticalização e a ocorrência da forma reduzida *tá*.

A redução fonética e a gramaticalização do verbo *estar* já foram alvo de investigação em trabalhos que partiram da análise de dados de fala e/ou escrita do português brasileiro (MENDES, 1999; SANTOS, 2016; PINHEIRO, 2019). Os autores também constataram que há um processo de mudança linguística do item *estar* associado à gramaticalização. Segundo Pinheiro (2019), é possível traçar o percurso em que se deu a gramaticalização de *estar* a partir da análise das funções que o item desempenha: verbo principal¹² > verbo de ligação > verbo auxiliar > expressão cristalizada > marcador discursivo. O autor explica que, ao migrar de sua função fonte para outras mais gramaticais, *estar* “[...] perde significação semântica e propriedades morfosintáticas e, conseqüentemente, sofre redução do seu material fônico, mas, em contrapartida, ganha em funcionalidade” (PINHEIRO, 2019, p. 19).

Neste trabalho, baseando-se parcialmente em Pinheiro (2019), alocam-se os usos encontrados nos dados de fala popular soteropolitana no seguinte *continuum* de gramaticalização do verbo *estar*: verbo pleno > verbo de ligação > verbo auxiliar > advérbio de concordância/afirmação > marcador discursivo. Nesse *continuum*, observa-se que: (i) há uma mudança categorial dentro da própria classe de verbos (pleno > de ligação > auxiliar); (ii) ocorre uma reanálise dessa classe para outra categoria gramatical (advérbio), o que difere da proposta de Pinheiro (2019), que não explicita essa categoria gramatical no *cline* apresentado; (iii) há uma migração de elementos que desempenhavam uma função representacional para função interpessoal (no caso dos marcadores discursivos).

Como já mencionado, em relação ao verbo pleno, função fonte para os demais usos gramaticalizados de *estar*, observa-se, conforme previsto pelo princípio de divergência (HOPPER, 1991), que essa função ainda permanece nos dados examinados. Como marcador discursivo e advérbio de concordância/afirmação, há uma decategorização (HOPPER, 1991; HEINE, 2003) de *estar*: nos dois usos, a pessoa gramatical se restringe justamente aos contextos – segunda e terceira pessoas do singular, respectivamente – em que se instanciou a gramaticalização; no segundo uso, perde-se ainda uma propriedade sintática de *estar*, a admissão de sujeito.

Assim, os dados empíricos aqui analisados confirmam uma imbricação entre a redução fonética de *estar*, a sua reanálise categorial e estágios de gramaticalização, o que não nos causa estranheza já que a erosão fonética – definida, nos termos de Martelotta (2011), como perda de substância fonética resultante de coalescência (fusão de formas adjacentes)

¹² Pinheiro (2019) usa o rótulo *verbo principal* como sinônimo de verbo pleno.

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

ou condensação (diminuição de forma) – tem sido considerada um mecanismo atuante no processo de gramaticalização.

Pode-se dizer que a análise aqui efetuada, baseada em dados de fala soteropolitana, constitui mais um indício de que está havendo, no português brasileiro, uma tendência na que diz respeito à imbricação supracitada. Nesse sentido, os resultados apresentados neste trabalho podem contribuir para o avanço de uma discussão mais ampla dos processos de redução fonética, variação e gramaticalização de *estar* em distintas variedades do português.

Considerações finais

Este trabalho investigou, na fala popular soteropolitana, o emprego do verbo *estar* no presente do indicativo, mais especificamente nas suas formas fonológicas plena (*está*) e reduzida (*tá*), sob a interface entre variação e mudança via gramaticalização. Para a discussão do objeto em tela, orientou-se pelo arcabouço teórico do funcionalismo linguístico na vertente norte-americana, na perspectiva da abordagem clássica da gramaticalização.

A análise das ocorrências empíricas de *está/tá* foi realizada em viés qualitativo e quantitativo. Os resultados da análise qualitativa mostraram que o verbo *estar* desempenha diferentes funções na fala popular soteropolitana: verbo pleno, verbo de ligação, verbo auxiliar, advérbio de concordância/afirmação e marcador discursivo. Tais usos podem ser alocados no seguinte *continuum* de gramaticalização: verbo (pleno > verbo de ligação > verbo auxiliar) > advérbio de concordância/afirmação > marcador discursivo. Sendo assim, confirma-se a hipótese aventada de que os usos de *está/tá*, na fala popular soteropolitana, no presente do indicativo, no contexto de segunda e terceira pessoas do singular, têm passado pelo processo de gramaticalização, sobretudo como marcador discursivo e advérbio de concordância.

Na análise quantitativa, os resultados da análise geral apontaram que, na fala de Salvador, a forma reduzida *tá* é mais utilizada do que a forma plena *está* pelos falantes soteropolitanos. Quanto ao valor semântico-estrutural de *estar*, verificou-se que há variação entre *está* e *tá* quando essas formas funcionam como verbos pleno, de ligação e auxiliar. Quanto aos usos como advérbio de afirmação/concordância e marcador discursivo, constatou-se que não há variação entre *está* e *tá* nesses usos, mas sim uma especialização (HOPPER, 1991) de *tá* no desempenho dessas funções, visto que essas funções ocorrem apenas com a forma reduzida.

Os resultados sintetizados neste texto corroboram a afirmação de que os usos de *está/tá*, na fala popular soteropolitana, vêm passando por processos de variação e mudança linguística por gramaticalização, no que concerne ao seu valor semântico-estrutural, à medida que *estar*, em suas formas plena e reduzida, apresenta deslizamentos funcionais, ampliando seus contextos de uso, com abstratização semântica e perda de alguns atributos morfossintáticos. Desse modo, os dados empíricos aqui examinados ratificam uma relação entre a redução fonética de *estar*, a sua reanálise categorial e estágios de gramaticalização.

Ressalta-se, ainda, que os resultados encontrados nesta pesquisa se aproximam dos achados por Mendes (1999), Santos (2016) e Pinheiro (2019), que também investigaram dados de *estar* em diferentes variedades do português brasileiro (paulistana, carioca e capixaba, por exemplo). Tais pesquisas também evidenciaram que há uma variação entre formas plenas e reduzidas de *estar* e que esse verbo tem apresentado uma trajetória de mudança por gramaticalização.

A discussão aqui desenvolvida, além de delimitar os contextos de variação de *está/tá*, demonstrou o espraiamento da mudança linguística via gramaticalização do verbo *estar* em mais uma variedade do português brasileiro (a soteropolitana). Espera-se que essa discussão possa contribuir para uma melhor compreensão acerca da interface entre variação linguística e mudança categorial via gramaticalização no português brasileiro.

Referências

- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.
- CARVALHO, C. S. Gramaticalização e contexto morfossintático: O que acham, olham e dizem os falantes soteropolitanos? In: LOPES, N. S.; OLIVEIRA, J. M.; PARCERO, L. M. J. (org.). **Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 83-106.
- CASTILHO, A. T. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. (org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-42.

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

FREITAG, R. M. K. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. **ReVEL**, v. 7, n. 13, p.1-15, 2009. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_estrategias_gramaticalizadas_de_interacao.pdf. Acesso em: 12 maio 2021.

FREITAG, R. M. K. Marcadores discursivos não são vícios de Linguagem! **Interdisciplinar**, Itabaiana, v. 4, n. 4, p. 22-43, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1091>. Acesso em: 10 maio 2020.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EdUFRN, 2016.

GONÇALVES, S. C. L.; CARVALHO, C. S. *In*: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C. L.; GALVÃO, V. C. C. (org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola, 2007. p. 67-90.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudos na interface variação-gramaticalização. *In*: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2017. p. 35-63.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976. p. 256-261.

HEINE, B. Grammaticalization. *In*: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. *In*: TRAUGOTT E. C.; HEINE, B. (ed.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 1991.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, n. 13, p. 139-157, 1987. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/1834/0>. Acesso em: 05 maio 2021.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University, 2003 [1993].

JUNQUEIRA, L. B. C. L. O caráter social do funcionalismo e do cognitivismo. **DLCV** – Língua, Linguística e Literatura, João Pessoa, v. esp., n. 2, p. 9-30, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/16084>. Acesso em: 03 fev. 2020.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOPES, N. S.; SOUZA, C. M. B.; SOUZA, E. H. P. M. **Um estudo da fala popular de Salvador – PEPP**. Salvador: Quarteto, 2009.

MACEDO, A. V. T. Funcionalismo. **Veredas**: revista de estudos linguísticos, Juiz de fora, v. 1, n. 2, p. 71-88, 1998. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/794>. Acesso em: 08 out. 2020.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem).

MARTELOTTA, M. E. Usos do marcador discursivo *tá*? **Veredas**: revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 1, p. 89-106, 2009. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/nova-digitaliza%3a7%3a3o-Usos-do-marcador-discursivo-t%3a1.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (org.). **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, 1996.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia*, 12, v. 6, n. 26, 1912. Reimpr. In: MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique général**, Paris: Champion, v. 1, p. 130-148, 1948.

MENDES, R. B. **A Gramaticalização de *estar* + gerúndio no Português Falado**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

PINHEIRO, F. P. **Tá mudando? Uma análise sociofuncionalista da redução fonética do item *estar* na fala de Vitória/ES**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

- | *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: 08 jun.2020.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 13 jul. 2021.

SANTOS, A. L. **Usos dos verbos *ser* e *estar* no português brasileiro**: uma abordagem funcional. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, V. M. **Usos de *está/tá* na fala popular soteropolitana**: variação e gramaticalização. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar**, Itabaiana, ed. esp. ABRALIN/SE, ano VIII, v. 17, p. 27-48, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1312>. Acesso em: 02 jun. 2020.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TRAUGOTT, E. C. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Paper presented at ICHL XII. Manchester, 1997 [1995]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228691469_The_role_of_discourse_markers_in_a_theory_of_grammaticalization. Acesso em: 06 ago.2021.

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n.2, p. 27-44, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/2408>. Acesso em: 04 ago. 2021.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SILVA, Viviane Marcelina da; CARVALHO, Cristina dos Santos. *Está/tá* na fala popular de Salvador: redução fonética, variação e gramaticalização. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 272-296, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 08/11/2022 | Aceito em: 15/05/2023.

ÍNDICE DE ASSUNTOS

[dar certo]	161
Abordagem construcional	28, 58
Adjetivos Adverbiais	161
Análise Diacrônica	161
Cartas oficiais	249
Cartas particulares	249
Composicionalidade	28
Conector [fora que]	85
Conectores condicionais	58
Construcionalização	85, 110, 176
Construções	161
Contextos de mudança	110
Convencionalização	136
Emergência	136
Espanhol peninsular	231
Esquematicidade	28, 58, 176
Funcionalismo	28, 110, 249
Gramática Discursivo-Funcional	231
Gramaticalização	231, 272
Iconicidade	203
Informatividade	176
Intensificação	28

Juntor “a pesar de”	231
Linguística Funcional Centrada no Uso	85, 136, 161, 176
Marcadores discursivos	110
Mesmo	249
Motivações em Competição	203
Mudança construcional	110
Mudança linguística	58, 110
Ordem de constituintes	249
Paradigmatização	110
Produtividade	28, 58
Redução fonética	272
Sujeito Gramatical	203
Sujeito Nulo	203
Usos de está/tá	272
Variação e Mudança	203
Variação linguística	272
Verbos leves	136, 161

SUBJECT INDEX

“A pesar de” connective	231
Adverbial Adjectives	161
Cognitive-Functional Linguistics	85
Competing Motivations	203
Compositionality	28
Conditional connectors	58
Connector [fora que]	85
Constituent order	249
Constructional approach	28, 58
Constructional change	110
Constructionalization	85, 110, 176
Constructions	161
Contexts of change	110
Conventionalization	136
Diachronic Analyses	161
Discourse markers	110
Emergence	136
Functional-Discourse Grammar	231
Functionalism	28, 249
Grammatical Subject	203
Grammaticalization	231, 272
Iconicity	203
Informativeness	176

Intensifying constructions	28
Light verbs	136, 161
Linguistic change	58
Linguistic variation	272
Null Subject	203
Official letters	249
Paradigmatization	110
Peninsular Spanish	231
Phonetic reduction	272
Private letters	249
Productivity	28, 58
Schematicity	28, 58, 176
Usage Based Linguistics	136, 176
Usage-based Functional Linguistics	
Used-Based Linguistics	161
Uses of <i>está/tá</i>	272
Variation and Change	203

ÍNDICE DE AUTORES

Alessandra Regina GUERRA	203
Ana Carolina Teixeira PERES	249
Beatriz Goaveia Garcia PARRA-ARAUJO	231
Bruna das Graças SOARES	176
Camila Gabriele da Cruz CLEMENTE	58
Cristina dos Santos CARVALHO	272
Edson Rosa Francisco de SOUZA	28
Erotilde Goreti PEZATTI	249
Letícia de Almeida BARBOSA	28
Letícia de Souza FERNANDES	231
Maria Angélica Furtado da CUNHA	136
Maria Maura CEZARIO	176
Mariangela Rios de OLIVEIRA	110
Monclar Guimarães LOPES	85
Priscilla Mouta MARQUES	161
Raissa Romeiro CUMÁN	161
Sandra Denise GASPARINI-BASTOS	231
Táisa Peres de OLIVEIRA	58
Viviane Marcelina da SILVA	272